

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ESTUDOS ÁRABES

SORAYA MISLEH DE MATOS

Uma história das mulheres palestinas:
dos *salons* aos primórdios da literatura de resistência

Versão corrigida

São Paulo – SP
2022

SORAYA MISLEH DE MATOS

Uma história das mulheres palestinas:
dos *salons* aos primórdios da literatura de resistência

Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São
Paulo para obtenção do título de Doutora em Estudos Árabes.

Orientador: Prof. Dr. Michel Sleiman

Versão corrigida

São Paulo – SP
2022

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

Mh Misleh, Soraya
Uma história das mulheres palestinas: dos salons aos primórdios da literatura de resistência / Soraya Misleh; orientador Michel Sleiman - São Paulo, 2022. 195 f.

Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Departamento de Letras Orientais. Área de concentração: Estudos Judaicos e Árabes.

1. Palestinos. 2. Mulheres. 3. Literatura palestina. 4. Feminismo. 5. Literatura de resistência. I. Sleiman, Michel, orient. II. Título.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: MISLEH, Soraya

Título: Uma história das mulheres palestinas: dos *salons* aos primórdios da literatura de resistência

Exemplar corrigido da Tese de Doutorado
apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São Paulo para obtenção do
título de Doutora em
Estudos Árabes

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

Prof. Dr. _____ Instituição _____

Julgamento _____ Assinatura _____

DEDICATÓRIA

A minha mãe, Sara.

A Shireen Abu Akleh, a “voz da Palestina”

A todas as heroínas palestinas, das letras aos campos de batalha.

AGRADECIMENTOS

Aos meus filhos Yasmin e Leo, por serem meu esteio e motivação. Ao Leo, ainda, pela ajuda na tradução de textos do inglês para o português.

Ao meu genro Gabriel Barbosa, pelo carinho dedicado.

A minha mãe, Sara, pelo modelo inspirador de mulher forte e corajosa.

Ao meu pai, Abder Raouf, grande responsável por eu ter me aventurado por esse caminho.

Ao meu tio Adnan, pelo incentivo, presença e atenção.

A toda a família, irmã Soad, cunhado Fabiano e sobrinhos, pelo apoio.

Ao meu orientador Michel Sleiman, por acreditar em mim, pela humanidade e valorosa dedicação.

Às integrantes da banca de qualificação, Isabelle Somma e Arlene Clemesha, pela orientação, críticas e gentileza.

Aos professores das disciplinas cursadas ao longo do doutoramento, por me ajudarem a pensar esta tese e pelos ensinamentos.

Aos contribuintes de São Paulo, pela oportunidade de desenvolver este trabalho em uma instituição pública.

A Salma Khadra Jayyusi, pelo trabalho fundamental em apresentar ao mundo a literatura palestina, que serviu de esteio à elaboração desta tese.

A todas as mulheres que desbravaram esse caminho para que eu pudesse verter esse conhecimento e desenvolvê-lo.

À especialista em estudos de gênero Faiha Abduhadi, pela contribuição fundamental e cessão de publicações à realização deste trabalho.

A Ruayda Rabah, Lina al Saafin, Lena Jayyusi, Sara Ajlyakin, Najla Kayed, Rawa al-Sagheer, ao The Palestinian Museum e ao projeto Visit Palestine, pela ajuda inestimável na busca por informações sobre mulheres palestinas e por preservarem essa rica memória.

A Muna Odeh e a Ashjan Sadique, pelas contribuições, reflexões, estudos conjuntos e colaborativos sobre gênero e questão palestina.

A Sonia Hamid, pelas preciosas sugestões, que enriqueceram este trabalho.

A Victorios Shams, pela tradução dedicada e voluntária de obras do árabe para o inglês.

A Clarice Lima, por verter também de forma colaborativa poemas do francês para o português.

A Wilson Honório da Silva, pela preciosa indicação de livros e disposição em ajudar.

A Jorge Breogan, pelo empréstimo de livros fundamentais.

A Fábio José Bosco, pela cessão de obras sobre feminismo anticolonial no Oriente Médio e Norte da África.

A Soraya Smaili, ao Instituto da Cultura Árabe e à Ciranda Internacional de Comunicação Compartilhada, fundamentais nessa trajetória.

A Rita Casaro e toda a equipe da Comunicação do Sindicato dos Engenheiros no Estado de São Paulo, pelo apoio cotidiano e fundamental em todos os momentos.

A Aline Baker, Rita Freire e Gal Souza, companheiras de todas as horas.

Aos muitos amigos, amigas e camaradas.

Ao Al Janiah, lugar de encontros, aprendizado, debates e afeto.

A Jeferson Luiz Choma, pela atenção e amor dedicados durante a fase de desenvolvimento deste trabalho, bem como pelas dicas e ajuda nas pesquisas.

Aos companheiros e companheiras de jornada, pelo interesse nas pesquisas e por acreditarem.

Às escritoras cujas obras refletem a alma palestina.

A todos e todas aquelas com quem divido sonhos, por lutarem para transformar a realidade.

Shukran iktir!

RESUMO

MISLEH, S. **Uma história das mulheres palestinas: dos *salons* aos primórdios da literatura de resistência**. 2022. 195 f. Tese (Doutoramento) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2022.

Este trabalho investigou a participação das mulheres palestinas na literatura e na política entre a segunda metade do século XIX até os anos 1960. O período, que abrange acontecimentos chave que transformaram a realidade na Palestina, abarca dos *salons* (círculos literários) aos primórdios da *adab al-mukawama* (literatura de resistência). Partindo da observação de que há uma lacuna na historiografia sobre o tema com enfoque de gênero, em que as mulheres ou encontram-se marginalizadas ou invisibilizadas, as pesquisas realizadas possibilitaram jogar luz sobre este capítulo abrangente. Ao longo dos estudos, evidenciou-se seu protagonismo histórico, refletido em sua produção literária no período. Seus escritos, sejam poesias, contos, romances ou autobiografias, mostraram-se ademais uma janela para se entenderem tanto influências internas ou externas ao seu desenvolvimento quanto a evolução dos acontecimentos na Palestina. Ao trilhar esse caminho, ficou evidenciado que não raro a produção literária de mulheres palestinas, seja ficcional ou autobiográfica, desde as primeiras décadas do século XX, se entrecruza com seu envolvimento na política e, em especial no pós-*Nakba*, na resistência à ocupação israelense. Também se revelaram suas demandas próprias, ao encontro do denominado feminismo anticolonial, que considera indissociável a emancipação das mulheres e a libertação nacional. Preencher tais páginas fundamentais visa contribuir para avançar na desconstrução de estereótipos orientalistas que servem à colonização e para transformar a realidade.

Palavras-chave: Mulheres; Palestina; feminismo; *salons*;
literatura de resistência; história; memória

ABSTRACT

MISLEH, S. **An account of the Palestinian women: from salons to the early days of resistance literature.** 2022. 195 f. Thesis (Doctorate) — Faculty of Philosophy, Languages and Human Sciences, University of São Paulo.

This study explored the participation of the Palestinian women in literature and politics from the second half of the 19th century to the 1960s. The period comprises key events that changed the Palestinian reality, from the salons (literary circles) to the early days of the *adab al-mukawama* (resistance literature). By realizing a loophole in the genre-focused historiography about the subject, in which the women are marginalized or utterly erased, this research enabled us to highlight this overarching chapter. Over the studies, their historical protagonism was demonstrated, reflected in their literary production over time. Their written works — whether poetry, short stories, novels, or memoirs — arose as quite a window to understanding the inner and outer influences to their development in tandem with the incidents in Palestine. By following this course, it was testified the frequent crossroads between the literary production by Palestinian women, whether fictional or autobiographical, since the first decades of the 20th century, and their involvement in politics and — especially post-*Nakba* — in the resistance to the Israeli occupation. Their demands were also unveiled, under the so-called anti-colonial feminism, regarding as inextricable the struggles for women's empowerment and national liberation. By filling these fundamental pages, this study aims to deconstruct orientalist stereotypes that embolden colonization and, therefore, to change the reality.

Keywords: Women; Palestine; Feminism; *Salons*; Literature of Resistance; History; Memory.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
Referencial teórico	20
Período inaugural.....	24
Síntese da cena político-econômica.....	24
Sionismo político moderno.....	26
Nacionalismos e feminismos	27
<i>Nakba</i> e literatura de resistência	31
Orientalismo e culturas	35
CAPÍTULO I	39
A face feminina da <i>Nahda</i> : entre o Iluminismo e o <i>Turath</i>	39
Kulthum Odeh (1892-1965)	46
Karimeh Abbud (1896-1955).....	51
Modo de vida.....	56
Os primeiros <i>salons</i>	58
May Ziadeh (1886-1941).....	59
CAPÍTULO 2	71
Mandato britânico: protagonismo das mulheres dá um salto	71
O 1º. Congresso de Mulheres Árabes	76
Participação ativa.....	79
Rumo à revolta popular.....	83
A revolução de 1936-1939.....	86
Sadhij Nassar (1900-1970)	95
Asma Tubi (1905-1983)	97
CAPÍTULO 3	105
Da <i>Nakba</i> à literatura de resistência: o lugar das mulheres	105
Da arte e educação para a luta armada	106
Trauma coletivo e silenciamento	109

O trabalho e o legado de Hind al-Husseini	111
As mulheres na região do Levante	117
<i>Adab al-mukawama</i> : os primórdios.....	119
Samira Azzam (1927?-1967)	122
“Princesa dos contos”	125
Três contos	127
O homem e seu despertador	127
Pão do sacrifício	129
Lágrimas à venda	131
A literatura sob ocupação	133
Najwa Kawar Farah (1923-2015)	136
Poesia: “cidadela da resistência”	141
Fadwa Tuqan (1917-2003)	144
Promessa de liberdade e testamento	151
CONCLUSÃO	155
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	165
ANEXO.....	181
Lista de escritoras palestinas: anos 1960 até os dias atuais	181

INTRODUÇÃO

O colono faz a história e sabe que a faz. E como se refere constantemente à história da metrópole, indica com clareza que está aqui como prolongamento dessa metrópole. A história que escreve não é, pois, a história do país que ele despoja, mas a história da sua nação onde ele rouba, viola e espalha a fome. A imobilidade a que está condenado o colonizado não pode ser impugnada, senão quando o colonizado decide pôr termo à história da colonização, à história da pilhagem, para fazer existir a história da nação, a história da descolonização.

Frantz Fanon¹

A pedra basilar da *Nakba* – a catástrofe palestina – é a formação do Estado de Israel em 15 de maio de 1948 em 78% do território histórico da Palestina, mediante limpeza étnica planejada. Em período de apenas seis meses, foram 800 mil nativos árabes expulsos violentamente de suas terras, 531 aldeias destruídas, 11 bairros esvaziados, além de 13 mil mortos – há registros de genocídio em pelo menos 31 vilarejos.²

Os estupros e ameaças de agressão sexual foram instrumentais para que a catástrofe passasse de uma sombra à espreita para, a partir de 1948, algo que transformaria definitivamente a paisagem e a vida daqueles cujos familiares cultivavam a terra desde tempos imemoriais: os palestinos e palestinianas.

Não obstante, como revela o historiador Rashid Khalidi³, a *Nakba* consolidada naquele momento teve início muito antes, a partir das primeiras ondas de imigração sionista com fins de colonização ainda em fins do século XIX e primeiros anos do século XX. O dia 5 de junho de 1967 marca a *Naksa* (revés), quando Israel ocupou militarmente os 22% restantes da Palestina: Gaza, Cisjordânia e Cidade Velha de Jerusalém, além das Colinas de Golã, na Síria, e da Península do Sinai, no Egito⁴.

¹ FANON, Frantz. *Los condenados de la tierra*. Tradução de Julieta Campos, 3ª. edição (México: FCE, 2001), p. 45.

² Ver KHALIDI, Walid (Ed.). *All That Remains – The Palestinian Villages Occupied and Depopulated by Israel in 1948* (Washington: Institute for Palestine Studies, 2006), pp. XXXI-XXXIII, e PAPPÉ, Ilan. *A limpeza étnica da Palestina*. Tradução: Luiz Gustavo Soares (São Paulo: Editora Sundermann, 2016), p. 15.

³ KHALIDI, Rashid. *The Hundred Years' War on Palestine: A History of Settler Colonial Conquest and Resistance* (Great Britain: Profile Books/USA: Metropolitan Books, 2020)

⁴ A Península do Sinai foi devolvida ao Egito nos acordos de Camp David, firmados entre o país árabe e Israel, sob intermediação dos Estados Unidos, em setembro de 1978. Como desdobramento, no ano seguinte, o Egito, então presidido por Anwar Sadat, tornou-se a primeira nação na região a normalizar as relações com o Estado sionista.

Mais 400 mil expulsos e 20 mil mortos.⁵ A expansão colonial sionista e a limpeza étnica seguem ainda hoje, em ritmo acelerado.

Um processo de mais de cem anos que transformou radicalmente a sociedade palestina, inteiramente fragmentada a partir de 1948, quando, do total da população, 2/3 se tornaram refugiados. Uma das maiores injustiças da era contemporânea ainda em curso.

Nas palavras do historiador Nur Masalha, a consolidação da *Nakba* em 1948 é a pedra angular da memória e história dos habitantes nativos da Palestina.⁶ As mulheres, filhas daquela terra, não estão alheias a tal processo, mas não raro suas vozes e narrativas encontram-se obliteradas.

Em sua obra *Palestinian Women: Narrative Histories and Gendered Memory*, Fatma Kassem, nascida na aldeia de Bi'aneh, na Alta Galileia, lembra que as narrativas feitas por seu pai sobre a resistência à limpeza étnica planejada para a criação do Estado de Israel em 15 de maio de 1948 –a *Nakba*⁷ – restringiam-na aos homens dos vilarejos palestinos.⁸ Tais memórias se justapunham às de sua vizinha, Umm Sliman, que elucidavam os efeitos dos acontecimentos de 1948 sobre sua vida e de sua mãe. A autora identifica nas histórias de Umm Sliman a “metáfora da mulher palestina”, enfrentando riscos bravamente para salvar, à época, seu filho mais velho.⁹

A partir das memórias contadas no seio de sua própria família, Fatma Kassem analisa as entrevistas feitas com 20 palestinas oriundas de al-Ramla e al-Lydd, duas das cidades esvaziadas em 1948 mediante limpeza étnica e radicalmente

⁵ MONITOR DO ORIENTE MÉDIO. Dia da *Naksa* marca a ocupação ilegal do restante da Palestina, em 1967. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200605-dia-da-naksa-marca-a-ocupacao-ilegal-do-restante-da-palestina-em-1967/>. Acesso em: 13 de junho de 2022.

⁶ MASALHA, Nur. El problema de los refugiados palestinos sesenta años después de la Nakba. Documento de Trabajo n. 8, febrero de 2011, p. 5. Casa Árabe e Instituto Internacional de Estudios Árabes y Del Mundo Musulman (Ieam). Traducción: Paloma Monleón Alonso. Disponível em: <https://www.nodo50.org/csca/agenda11/palestina/pdf/dtca008-masalha.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

⁷ Nesta tese de doutoramento, *Nakba* (em árabe, catástrofe ou desastre) será o termo utilizado, pelo entendimento de que sintetiza os acontecimentos no período e sua continuidade até os dias atuais. Como tal, é pedra basilar da história contemporânea da Palestina. Ver em MISLEH, Soraya. *Al Nakba* – um estudo sobre a catástrofe palestina (São Paulo: Editora Sundermann, 2017), pp. 19-22.

⁸ KASSEM, Fatma. *Palestinian Women: Narrative Histories and Gendered Memory* (London and New York: Zed Books, 2011), p. 23.

⁹ *Ibidem*, p. 23.

transformadas após a *Nakba*.¹⁰ Conforme ela, essas mulheres seriam “um corpo esquecido”, sofrendo “múltiplas formas de marginalização e exclusão”.¹¹

As vozes femininas são duplamente silenciadas – a partir do projeto colonial e pela opressão de gênero. Suas experiências, afirma Kassem, foram “removidas dos *slogans* políticos e nacionalistas”, e o ponto de vista expresso endereça “preocupações culturais, econômicas e sociais cotidianas”.¹²

Ela conclui que “na ausência de qualquer legitimação, por exemplo, suas histórias de vida indicam como elas apresentam e transferem memória e história através de linguagem popular (..).”¹³

Diante das especificidades da situação palestina, em que o passado não ficou para trás, a construção de uma narrativa inspirada na memória coletiva, seja escrita ou oral, via literatura ficcional ou autobiográfica, transmite vínculo possível com uma realidade que não existe mais; é o que a mantém viva. É a reivindicação de retorno a esse lugar do passado. É o contraponto a uma história oficial – a sionista –, escrita sobre os escombros de corpos e vilas inteiras.

Para as mulheres, a construção de narrativas nessa situação é um duplo desafio. Como enfatiza Kassem, “a história canônica tipicamente não considera” suas ações e vivências “como cabíveis ou desejáveis para integrá-la”.¹⁴ Consequentemente, as oportunidades e o acesso para escrever e publicar suas obras, bem como experiências sociais e pessoais são muito menores.

Esta tese parte da observação de que há um *gap* na historiografia palestina com enfoque de gênero. Especialista em estudos de gênero e escritora, a palestina Faiha Abdulhadi constata que na maioria dos relatos sobre acontecimentos chave na Palestina, os heróis apresentados são homens, e há poucas referências às mulheres.

¹⁰ Ibidem, p. 2.

¹¹ Ibidem, p. 3.

¹² Ibidem, p. 3.

¹³ Ibidem, pp. 3-4.

¹⁴ Ibidem, p. 4.

O período entre a segunda metade do século XIX até os anos 1960 abrange esses acontecimentos chave, que transformaram a realidade na Palestina. O trabalho que ora apresento traz este recorte temporal, que abarca dos *salons* (círculos literários) aos primórdios da *adab al-mukawama* (literatura de resistência).

Sua escrita parte da hipótese de que a invisibilidade ou marginalização não se deve ao fato de as mulheres terem desempenhado papel subalterno nesses processos, pelo contrário, tiveram protagonismo ao longo de todo o período.

Visando entender esse protagonismo, este trabalho ampara-se na busca por compreender o processo histórico e suas contradições para explicar os fenômenos econômicos, sociais e culturais que tocaram a ação dessa mulheres palestinas, nos termos de Friedrich Engels, isto é, “estudar toda a história”, “examinar-se (*sic*) em todos os detalhes as condições de existência das diversas formações sociais antes de procurar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que lhes correspondem”¹⁵.

Materialista, tal metodologia, como esse autor pontua, serve, portanto, como “um guia de estudo”¹⁶, no caso, para a investigação dos acontecimentos que transformaram a realidade na Palestina e moldaram em forma e conteúdo os escritos literários no período estudado.

A pesquisa qualitativa, a partir da revisão bibliográfica e fontes documentais, portanto, assenta-se na concepção materialista da história. Apresentada pelo filósofo e revolucionário alemão Karl Marx (1818-1883), esta não considera o pensamento e suas expressões, como a produção literária, uma abstração, a-histórica e atemporal. Tem suas bases materiais, ou seja, assentadas na vida real.

Nas palavras de Marx,

Na produção social de sua vida, os homens estabelecem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a uma dada fase de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. A totalidade dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue uma superestrutura jurídica e política e a que correspondem

¹⁵ ENGELS, Friedrich a Conrad Schmidt, 5 de agosto de 1890 (Em outra tradução: K. Marx-F. Engels, Obras escolhidas em três volumes, Ed. cit., 3, 1963, p. 283). Em: MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2ª. edição, 2012), p. 107.

¹⁶ Ibidem, p. 107.

determinadas formas de consciência social. O modo de produção da vida material condiciona o processo da vida social, política e espiritual em geral.¹⁷

Engels evidencia que interagem entre si os diversos elementos – “desenvolvimento político, jurídico, filosófico, literário, artístico”, como um “jogo de ações e reações à base da necessidade econômica, que, em última instância, sempre se impõe”¹⁸. Em outras palavras, a concepção materialista da história, que serve aqui como guia de estudo para a investigação da participação das mulheres palestinas na literatura e na política, refuta uma visão idealista, quase idílica, para explicar os acontecimentos no período e seu reflexo na literatura, mas concorda com este autor que o fator que “em última instância determina a história é a produção e a reprodução da vida real”.¹⁹

Os escritos da antropóloga e pesquisadora Rosemary Sayigh, baseados em suas pesquisas em campos de refugiados palestinos, são elucidativos das condições materiais para investigar a marginalização ou exclusão das mulheres.

Ela aponta que a opressão de gênero está subordinada ao poder colonial e à classe social. Os movimentos nacionalistas anticoloniais, explicados mais adiante, internalizam ao longo da história esse modo de dominação em relação às mulheres.²⁰

Seus discursos sobre as mulheres assumem ao longo dos acontecimentos caráter contraditório, numa tentativa de encontrar um caminho intermediário entre formas ativas e simbólicas de mobilizá-las, não obstante, isentando-as da

¹⁷ MARX, Karl. Concepção materialista da história da cultura: existência social e consciência social (Contribuição à crítica da economia política. Ed. cit., pp. 47-48). Em: MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2ª. edição, 2012), p. 97.

¹⁸ ENGELS, Friedrich a H. Starkenburg, 25 de janeiro de 1894 (Em outra tradução: K. Marx-F. Engels, Obras escolhidas em três volumes, Ed. cit., 3, 1963, p. 299). Em: MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2ª. edição, 2012), p. 104.

¹⁹ ENGELS, Friedrich a J. Bloch, 21-22 de setembro de 1890 (Em outra tradução: K. Marx-F. Engels, Obras escolhidas em três volumes, Ed. cit., 3, 1963, pp. 284-285). Em: MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. Cultura, arte e literatura: textos escolhidos (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2ª. edição, 2012), p. 103.

²⁰ SAYIGH, Rosemary. Gender, Sexuality, and Class in National Narrations: Palestinian Camp Women Tell Their Lives. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 19, n. 2, *Varieties of Women's Oral History*, 1998, p. 166.

responsabilidade por mudanças históricas e minimizando a emancipação de gênero, inclusive incorporando um discurso ideológico pragmático para convencer suas famílias de que sua participação na luta nacional não representaria ruptura com “tradições culturais”.²¹ Assim, embora sejam chamadas a tomar parte na luta ao lado dos homens, “são também simultaneamente compelidas a simbolizar um domínio interno a-histórico”.²²

Ao mesmo tempo, seu feminismo, que será conceitualizado mais à frente, ainda nesta introdução, se desenvolve no curso dessa luta anticolonial, portanto, numa direção distinta daquele denominado “ocidental”, que emerge no contexto histórico de formação dos estados nacionais.²³

Acredito que a metodologia materialista seja um bom caminho para descortinar tanto a elevação da consciência das mulheres e passos rumo ao seu próprio feminismo, que considera inseparável a libertação nacional e de gênero, quanto porque mesmo em narrativas sob a perspectiva anticolonial, no geral, reserve-se pouco ou nenhum espaço às mulheres.

O paradigma materialista serve igualmente para investigar a inserção da literatura feminina no processo histórico – ou seja, nos acontecimentos que marcam o período. A criação artística, contudo, não se submete ou é determinada pela consciência social da humanidade, outrossim depende da consciência do próprio homem enquanto “ser social”²⁴.

Segundo enfatiza o filósofo e historiador marxista György Lukács, “na criação artística típica, fundem-se o concreto e a lei, o elemento humano eterno e o historicamente determinado, o momento individual e o momento social universal”.²⁵

Assenta-se, portanto, o caráter tanto subjetivo quanto objetivo da produção literária, que, embora não esteja imune às ideologias predominantes numa sociedade, não pode ser reduzida a estas. Como ensina Terry Eagleton, o termo

²¹ Ibidem, p. 166.

²² Ibidem, p. 167.

²³ Ibidem, p. 166.

²⁴ MARX, Karl. Contribuição para a crítica da economia política (São Paulo: Expressão Popular, 2008), p. 47.

²⁵ LUKÁCS, György. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. Em MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura – Textos escolhidos. Ed. José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012), p. 17.

ideologia abarca amplo espectro de significados. Entre eles, o de que designa signos e valores que ajudam a reproduzir um “poder social dominante”. Também denota qualquer conjuntura significante entre discurso e interesses políticos.²⁶

Analisada a partir de método de pensamento dialético descrito por George Novack, pode-se apreender que, pelo contrário, a literatura não se atém a fórmulas fixas, mas toma “aspectos fundamentais da realidade” como pontos de partida²⁷. Como apontam Marx e Engels,

a produção das ideias e representações, da consciência, aparece a princípio diretamente entrelaçada à atividade material e ao intercâmbio material dos homens, como a linguagem da vida real. As representações, o modo de pensar, a comunicação espiritual entre os homens se apresentam aqui ainda como emanção direta da sua relação material, tal como se manifesta na linguagem da política, das leis, da moral, da religião, da metafísica etc. de um povo.²⁸

Representação compreende, desse ponto de vista, o modo de pensar e se comunicar a partir do processo histórico em que o ser humano se insere. Para Stuart Hall, seria a produção de significados por meio da linguagem.²⁹

Em outras palavras, o escritor se conecta a princípio com a realidade para extrair dela as características fundamentais à sua criação. O filósofo espanhol Adolfo Sánchez Vasquez ilustra: “Numa pintura ou poema, por exemplo, a árvore em si não é a que o botânico tenta apreender, mas uma árvore humanizada, isto é, uma árvore que testemunha a presença do humano.”³⁰

Nossa proposta é investigar a participação política feminina e seu espelhamento nos escritos literários a partir do período em que começa a se reviver, sobretudo pelas mulheres árabes da elite, tradição que data do século VII de promover *majalis* ou *salons* (salões literários), entre a segunda metade do século XIX e início do século XX, até os primórdios da *adab al-mukawama* (literatura de resistência), na esteira da *Nakba* de 1948.

²⁶ EAGLETON, Terry. Ideologia: uma introdução. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. (São Paulo: Editora Unesp/Boitempo, 1997), pp. 38-39.

²⁷ NOVACK, George. Introdução à lógica marxista. Tradução de Anderson R. Félix. (São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2005), p. 62.

²⁸ MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. A ideologia alemã (São Paulo: Boitempo, 2010), p. 99.

²⁹ HALL, Stuart. Cultura e representação. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda (Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016), p. 35.

³⁰ SÁNCHEZ Vasquez, Adolfo. Las ideas estéticas de Marx (México: Biblioteca Era, 1979), p. 33.

A literatura, como fenômeno da linguagem, muda de acordo com o contexto histórico.³¹ Vista também como arte, deve manter sua autonomia. Assim, não necessariamente tem que ser engajada. Preserva suas próprias leis e independência.

Lukács apresenta, nessa direção, a dialética materialista: ao tempo que refuta o que denomina “arte de tendência” – ou seja, aquela que serve como propaganda ideológica e, assim, ganha caráter panfletário e perde sua autonomia –, também recusa a neutralidade do escritor, uma vez que sua própria consciência sobre o processo histórico já embute uma tomada de posição.³²

A tendência, para Lukács, só deve “brotar organicamente da essência artística da obra, da representação artística”.³³ Ou seja, de sua reflexão dialética da realidade. A partir daí, criará seus personagens em relação ao desenvolvimento humano, os quais acabam por alcançar vida própria, podendo inclusive estar em contradição com sua “pseudopsicologia de classe”.³⁴

Essa concepção é afirmada por Antonio Candido, para quem a literatura, compreendida por ele em sentido amplo como toda forma de criação ficcional ou poética, expressa os distintos valores de uma sociedade e está inextricavelmente ligada à humanização, permitindo articular visão do mundo.³⁵

Utilizar a metodologia materialista para trazer uma história das mulheres palestinas ilumina o caminho, portanto, para se entender o porquê de sua produção literária seguir o caminho do realismo, a partir da evolução da consciência das próprias escritoras como seres sociais, numa relação dialética entre autonomia e heteronomia.

³¹ EAGLETON, Terry. Teoria da literatura: uma introdução. Tradução: Waltensir Dutra (São Paulo: Martins Fontes, 2006), p. 108.

³² LUKÁCS, György. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. Em MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura – Textos escolhidos. Ed. José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012), p. 30.

³³ Ibidem, p. 32.

³⁴ Ibidem, p. 34.

³⁵ CANDIDO, Antonio. O direito à literatura e outros ensaios. Ed. Abel Barros Baptista (Coimbra: Angelus Novus, 2005), pp. 178-179,

O caso palestino é característico disso: as obras coincidem com mudanças históricas significativas que formam um fluxo que as interliga aos acontecimentos, como sugere Lukács.³⁶

A opção por escrever uma tese que descortine essa presença vai ao encontro do que propõe Rosemary Sayigh: uma revisão no modelo de história que atente para as “desigualdades de poder ou *status* entre classes, grupos ou etnicidades, habitantes rurais ou urbanos, educados e não educados, mulheres e homens”.³⁷

Sua premissa é de que tal revisão assegurará uma história mais “completa e ‘real’ – não estritamente focada em homens, partidos políticos e a elite nacional, mas incluindo mulheres”, além de outros grupos excluídos.³⁸

Na busca por preencher essa lacuna no que concerne ao gênero feminino, historiadoras e antropólogas – a maioria árabe – têm se empenhado em pesquisas sobre a vida e produção intelectual de mulheres que, em geral, ou não constam nos livros que contam a história da Palestina ou há pouco espaço dedicado a este capítulo abrangente. Tais publicações encontram-se sobretudo em árabe e inglês, e serviram de referência para a escrita desta tese. Em português, há alguns trabalhos, mas não relativos ao entrecruzamento entre história e literatura de mulheres palestinas no período aqui estudado.

Mesmo sob a intenção de aprofundar tanto quanto possível os estudos no período, inéditos em língua portuguesa e, no geral, sob o enfoque adotado, as limitações que se mostraram não são triviais.

Uma delas, que se revelou um dos principais desafios ao longo da pesquisa, foi encontrar material e traduções para o espanhol ou inglês sobre a rica história das mulheres palestinas. No árabe, contei com a ajuda voluntária de acadêmicos e

³⁶ LUKÁCS, György. Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels. Em MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Cultura, arte e literatura – Textos escolhidos. Ed. José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012), pp. 27-28.

³⁷ SAYIGH, Rosemary. “Women’s Nakba Stories”, em SA’DI, Ahmad H. e ABU-LUGHOD, Lila (eds.). Nakba, Palestine 1948, and the Claims of Memory (New York: Columbia University Press, 2007), p. 136.

³⁸ Idem. “Palestinian Camp Women as Tellers of History”. Journal of Palestine Studies XXVII, n. 2, Winter 1998, p. 43. Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/attachments/jps-articles/Rosemary%20sayigh.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

intelectuais da comunidade, assim como na busca por documentos e cessão de obras.

Não obstante, inclusive nesse idioma, os desafios não se mostraram pequenos, em parte porque publicações da época se perderam na *Nakba* – a escritora e jornalista Asma Tubi, pioneira na radioliteratura nos anos 1930, por exemplo, teve que deixar para trás durante a *Nakba* em 1948 um manuscrito intitulado “A mulher árabe”. Outros materiais estão sob controle israelense, em seus arquivos, caso de jornais do período, cujo acesso se mostrou inviabilizado. Ao longo das pesquisas evidenciou-se, portanto, produção literária e acervos antigos também sob ocupação.

Por outro lado, também se revelou a preocupação em preservar a memória por parte de historiadores árabes, palestinos e mesmo israelenses. Estes têm reunido material e imagens que foram fundamentais para a produção deste trabalho.

Na produção e preservação do conhecimento, nos escritos, nas artes, na ação social e política, a história da Palestina moderna é marcada pela atuação das mulheres. Não obstante, somente nos últimos 20 anos, algumas, poucas ainda, pesquisas com enfoque sobre sua participação começam a ser publicadas, na esteira de uma nova historiografia que busca reexaminar os acontecimentos no local.

Referencial teórico

Ao encontro da revisão no modelo de história proposta por Rosemary Sayigh, recorri a diversas fontes que compõem o referencial teórico desta tese. Além do clássico *The Arab Woman and The Palestine Problem*, de autoria de Matiel Mogannam (1899-1992), as leituras abarcaram autobiografias da poeta palestina Fadwa Tuqan (1917-2003), ao estudo de sua vida e obras, e das feministas egípcia Huda Sha'rawi (1879-1947) e libanesa 'Anbara Salam Khalidi (1897-1986). A primeira das duas últimas inspirou mulheres na região a lutarem por sua emancipação e após os anos 1930, quando a situação na Palestina se acirrou, liderou a organização de união de mulheres árabes em ajuda às palestinas. A segunda participou do I Congresso de Mulheres Árabes em al-Quds (Jerusalém) no

ano de 1929 e traz também relato sobre a atuação feminina no período que antecedeu a *Nakba*, assim como Matiel Mogannam.

Para leitura dos contos, romances e poesias em inglês, o trabalho do Programa de Tradução do Árabe (Prota), idealizado e organizado por Salma Khadra Jayyusi, foi fundamental.

Também utilizei outros artigos e obras de referência, como os de Isla Jad, Ilan Pappé, Nur Masalha, Edward Said, Walid Khalidi, Ellen Fleischmann, Albert Hourani, Lila Abu-Lughod e Rochelle Davis, tanto para a compreensão dos acontecimentos chave na região e sobretudo na Palestina quanto para explicar conceitos como orientalismo e elucidar a participação das mulheres na política. E em especial material encontrado no The Palestinian Museum, Instituto de Estudos Palestinos e compilações de imagens e documentos de historiadores e historiadoras palestinos e árabes.

Para compreender o movimento feminista na região, recorri principalmente a autoras como Leila Ahmed, Lila Abu-Lughod, Fatima Mernissi e Nawal El-Saadawi, além de trabalhos de acadêmicas da Universidade de Birzeit, na Palestina ocupada.

Ahmed, em sua obra “Women and Gender in Islam”, parte de estudo do período da Antiguidade no Oriente Médio para desconstruir estereótipos sobre as mulheres árabes, desenvolver sua crítica à teoria política feminista e apresentar a vertente anticolonial, que, como se apresentará mais adiante, em suma considera indissociável a emancipação das mulheres e a libertação nacional. Resume ela:

Ao contrário das teorias androcêntricas que propõem que o *status* social inferior das mulheres é baseado na biologia e na ‘natureza’ e então existe desde a origem do ser humano, evidências arqueológicas sugerem que as mulheres eram estimadas antes da ascensão das sociedades urbanas e sofreram um declínio em seu *status* com a emergência dos centros urbanos e cidades-estados.³⁹

Nawal El-Saadawi frisa que a opressão de gênero não se assenta em padrões e valores religiosos, mas expressa a estrutura econômica, que “se baseia na propriedade privada, nos sistemas de hereditariedade e paternidade, e na família

³⁹ AHMED, Leila. Women and Gender in Islam – Historical Roots of a Modern Debate (New Haven & London: Yale University Press, 1992), p. 11.

patriarcal, constituindo uma unidade social”.⁴⁰ Contrariando a invisibilidade característica e caricaturas em relação às mulheres árabes em geral e palestinas em particular, ela aponta, na mesma obra, que as mulheres palestinas foram as primeiras a se levantarem contra os colonizadores sionistas ainda em fins do século XIX e que daria para preencher um capítulo de uma obra somente com o nome das “mártires” ao longo desse processo de resistência. Assim, descreve uma série de acontecimentos que evidenciam seu protagonismo histórico em diversas áreas, seja nos campos de batalha desde os tempos do profeta Mohammad, seja na literatura. Por fim, vaticina:

A emancipação das mulheres árabes jamais será alcançada a não ser que se erradiquem as causas e condições que levam à sua opressão. A verdadeira emancipação só pode implicar uma libertação de todas as formas de exploração, seja nos campos da economia, política, sexo ou cultura.⁴¹

Fatima Mernissi, em sua obra “Beyond the Veil – Male-Female Dynamics in Modern Muslim Society”, desenvolve seu pensamento ao encontro da conclusão apresentada por Nawal El-Saadawi. Para ela, não é suficiente garantir reformas, como nas “democracias burguesas”, que promovam alguma equidade entre homens e mulheres, como se tem apresentado em várias sociedades, mantendo, contudo, uma estrutura de exploração e privações em que, portanto, ambos sofrem.

Mernissi defende que é preciso uma “reorganização revolucionária de toda a sociedade, começando por sua estrutura econômica e finalizando com sua gramática”. Ela aborda aqui o predicamento de que a língua árabe já utiliza os dois gêneros, desde os primórdios do Islã, no século VII.⁴²

Assim como El-Saadawi e Mernissi, Ahmed não ignora diferenças de classe e mesmo culturais, ao tempo que refuta os discursos construídos sobre as mulheres árabes. Estes encontram na “obsessão pelo véu”, que homogeneiza todas elas e as enxerga errônea, mas intencionalmente, como aquelas que precisam ser salvas, nas palavras de Lila Abu-Lughod, um argumento para a dominação de toda uma região

⁴⁰ EL-SAADAWI, Nawal. A face oculta de Eva – As mulheres no mundo árabe. Tradução: Sarah Giersztel Rubin, Therezinha Ebert Gomes E Elisabeth Mara Pow (São Paulo: Global Editora, 2002), p. 20.

⁴¹ Ibidem, p. 22.

⁴² MERNISSI, Fatima. Beyond the Veil – Male-Female Dynamics in Modern Muslim Society. Revised Edition (Bloomington and Indianapolis: Indiana University Press, 1987), pp. 176-177.

de, na visão orientalista, bárbaros, não civilizados e atrasados, que não podem se autogovernar.

Lila Abu-Lughod, também engajando-se à vertente do feminismo anticolonial, refuta essa ideia de “salvamento”. Sugere, outrossim, contra um particularismo cego e um falso universalismo, que se partam das responsabilidades pela condição imposta àqueles considerados como “outros” e se apoiem os movimentos locais que lutam contra a opressão de gênero e pela libertação nacional.⁴³

Vale destacar que a opção nesta tese foi por utilizar os nomes árabes das cidades de origem das mulheres apresentadas ao longo dos capítulos e onde se desenrolaram os acontecimentos que compõem essa história. A escolha levou em conta dois fatores: o primeiro deles é que eram as denominações dos lugares de nascimento das escritoras cujas vidas e obras compõem o *corpus* deste trabalho. A transliteração e a mudança de nomes após a *Nakba* integraram plano de limpeza étnica, de modo a transformar radicalmente a paisagem e promover sua judaização, erradicando a presença palestina, como comprova o historiador israelense Ilan Pappé, que denomina esse processo de “memoricídio”⁴⁴. O segundo fator, vinculado à resistência a constante ameaça de apagamento, é que ainda hoje os palestinos e palestinianas utilizam o nome original de seus lugares para manter viva a identidade e memória de sua terra. Como no geral não são denominações conhecidas fora do Oriente Médio e Norte da África, optei por colocar, na primeira citação, entre parênteses o nome do local de acordo com a transliteração conhecida mundo afora. Esse mesmo recurso é usado no caso das traduções de terminologias ou títulos de obras em árabe para o português.

Ao término deste trabalho, encontra-se anexo uma relação de nomes de escritoras palestinianas que publicaram a partir dos anos 1960, inclusive da nova geração herdeira de longa tradição demonstrada nas páginas que seguem. A expectativa, com isso, é contribuir com referências para novas pesquisas que preencham capítulos subsequentes da história das mulheres palestinianas sob o olhar da literatura.

⁴³ ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?. Tradução: João Henrique Amorim. Revista Estudos Feministas, 20 (2), Florianópolis, maio-agosto de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>, p. 460. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

⁴⁴ PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina. Tradução: Luiz Gustavo Soares (São Paulo: Editora Sundermann, 2016), pp. 260-261.

Período inaugural

Do ponto de vista da história da literatura árabe, o momento de partida nesta tese é a *Nahda*, palavra árabe que significa “Renascimento” ou “Despertar”. O período é fundante do movimento cultural árabe moderno, que se origina no Egito em meados do século XIX e se espalha para todo o Oriente Médio e o Norte da África.

A história geral das mulheres durante a *Nahda* é apresentada no Capítulo 1. Seus primeiros *salons* e escritos refletem o emergente feminismo, que tinha como uma de suas bandeiras a educação para meninas. Essa questão era particularmente importante à época, mas o acesso e as oportunidades ainda limitados a mulheres da elite. Além de produzir uma geração de escritoras e inclusão em novas profissões, a educação foi vista pela poeta e jornalista palestina Kulthum Odeh (1892-1965) como a possibilidade de se livrar do destino que lhe era apresentado pela família por pertencer ao gênero feminino. Kulthum foi a primeira mulher da região a se graduar em Pedagogia. Sua rica trajetória e legado são destaque também nessa parte da tese.

A poeta palestino-libanesa May Ziadeh (1886-1941) é outra pioneira cuja história é contada no Capítulo 1. Seu *salon* no Cairo, capital do Egito, se notabilizou por abrir as portas a discussões que iam dos recitais e críticas literárias a questões econômicas e sociopolíticas, como a emancipação da mulher. Era frequentado pela nata da intelectualidade árabe, homens e mulheres, e marcado pela diversidade de opiniões e pensamentos. May Ziadeh trazia em seu *salon* uma terceira via, para além da ideia europeia de modernidade predominante no período ou da rejeição completa a ela. Buscava uma síntese e reavivamento da herança clássica árabe.

Síntese da cena político-econômica

O período em que se insere a *Nahda* reflete grandes transformações, com o declínio do Império Otomano, após quase 400 anos de domínio na região – iniciado em 1516 –, e a expansão colonial europeia, a partir da invasão francesa do Egito,

ainda em fins do século XVIII, comandada por Napoleão Bonaparte (1769-1821)⁴⁵. Autor de “Por uma história profana da Palestina”, Lotfallah Soliman situa essa invasão, entre 1798 e 1801, como consequência das rivalidades imperiais entre Grã-Bretanha e França, no que denomina início do “projeto estratégico”, ao que esses europeus chamariam “a questão do Oriente”, em que revestem suas ambições sob o manto de “proteção dos lugares santos e das minorias”⁴⁶

Como resposta, o momento é marcado por reformas no decadente Império Otomano, na busca por reorganização e modernização – conhecidas como *tanzimat* (1839-1876). Para manter o poder, governos nativos buscavam recriar estrutura própria, “dentro da qual a Europa defendesse seus interesses, mas com uma intervenção limitada, e os súditos, muçulmanos e não muçulmanos igualmente, continuassem a aceitar esses governos”.⁴⁷

As reformas ampliaram as oportunidades educacionais à elite, inclusive às mulheres a ela pertencentes, e isso vai se refletir na sua produção literária no período. Além disso, em meio a esse processo do *tanzimat*, por volta da década de 1870, as mulheres começam a aparecer nos registros populacionais, o que, segundo Pappé, não ocorria até então, dificultando a obtenção de informações sobre elas.⁴⁸

Por outro lado, como descreve a pesquisadora e acadêmica palestina Lena Meari, essas reformas impactaram negativamente a maioria da população na Palestina, que vivia na área rural, incluindo as mulheres. Contrariando o modelo comunal, com as reformas otomanas e o incremento da “penetração europeia dentro do Império”, a Palestina foi incorporada ao mercado capitalista mundial como uma exportadora agrícola de *commodities* para a Europa. Isso facilitou a acumulação de capital, como descreve a pesquisadora, “nas mãos de comerciantes

⁴⁵ Em meio à rivalidade imperial entre França e Grã-Bretanha, a ocupação comandada por Napoleão Bonaparte perdurou por três anos, até ser obrigada a recuar por intervenção britânica e otomana. Ver HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. Tradução: Marcos Santarrita (São Paulo: Companhia das Letras, 2006), p. 350.

⁴⁶ SOLIMAN, Lotfallah. Por uma história profana da Palestina. Tradução: Maria Lúcia Pereira (São Paulo: Editora Brasiliense, 1990), pp. 13-14.

⁴⁷ HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes, p. 358.

⁴⁸ PAPPÉ, Ilan. História da Palestina moderna – uma terra, dois povos. Tradução: Ana Saldanha (Lisboa: Ed. Caminho: 2007), p. 44.

ricos, aumentando a lacuna econômica entre grandes proprietários de terra e camponeses pobres”.⁴⁹

Meari revela que novas leis favoreceram essa desigualdade. Entre essas, o Código da Terra emitido em 1858, que visava fragmentar a terra para mais controle do Império e arrecadação de taxas, encorajando a propriedade privada.⁵⁰ A maioria dos camponeses estava excluída desse processo, ou por não conseguir apresentar documentação para registro de acordo com a nova legislação ou por medo de taxaço e serviços compulsórios por parte do Império Otomano.⁵¹

Nessa busca por reorganização, influenciada pela penetração europeia e aos seus moldes, em 1867, uma lei adicional abria a possibilidade a estrangeiros terem a propriedade privada da terra. Traziam consigo suas ideias de modernidade, que influenciaram a elite intelectual na região durante a *Nahda*, a qual se beneficiou desse movimento de deslocamento capitalista para a região. Não obstante, consciente das ambições coloniais que ganhariam amplitude a partir dos anos 1880 e se chocavam com seus próprios interesses enquanto classe, também viria a denunciá-los.

Sionismo político moderno

Essas mudanças se dão no contexto do “projeto estratégico” que fundamenta a expansão colonial europeia, como citado por Soliman, em aliança prioritária com o sionismo político moderno, fundado pelo jornalista judeu austro-húngaro Theodor Herzl (1860-1904) em fins do século XIX.

Em seu “O estado judeu” (*Der Jundestaat*), publicado em 1896, ele aponta as bases para a constituição do futuro estado hebreu pretendido em local em que houve experiências de colonização judaica “dignas de nota”⁵² e as diretrizes para a

⁴⁹ MEARI, Lena. The Roles of Palestinian Peasant Women: The case of al-Birweh village, 1930-1960. Em KANNANEH, Ann Rhoda and NUSAIR, Isis (eds.). *Displaced at Home – Ethnicity and Gender among Palestinians in Israel* (Albany: State of University of New York Press, 2010), p. 123.

⁵⁰ *Ibidem*, p. 123.

⁵¹ *Ibidem*, p. 123.

⁵² HERZL, Theodor. *O Estado judeu*. Tradução de David José Perez (Rio de Janeiro: Garamond, 1998), p. 65.

organização da sociedade a ser criada.⁵³ No Primeiro Congresso Sionista na Basileia, Suíça, em 1897, seus 200 delegados definem como destino a Palestina, em que a maioria da população nativa não era judia.⁵⁴

Segundo o historiador israelense Ilan Pappé, habitavam a Palestina no período cerca de meio milhão de pessoas, a maioria muçulmana. Sessenta mil eram cristãos e 20 mil, judeus. Além disso, havia 50 mil soldados e funcionários otomanos, bem como 10 mil europeus. Desses 500 mil, 400 mil viviam nas áreas rurais.⁵⁵

Ante essa realidade, a "transferência" populacional – um eufemismo para limpeza étnica planejada – habitava as ideias dos sionistas desde o início do projeto colonial, como demonstra o historiador palestino Nur Masalha.⁵⁶ Ou seja, transferência de judeus da Europa via imigração para a Palestina e da população nativa árabe não judia para fora de suas terras, compulsoriamente. Os métodos eram dois: conquista da terra, via assentamento dos imigrantes e limpeza étnica planejada de palestinos não judeus; e conquista do trabalho, via exclusão da mão de obra nativa, após estabelecimento de atividades pelos sionistas que chegavam.⁵⁷

A característica era de colonização de terras por povoamento, conforme definição dada pelo antropólogo Patrick Wolfe, segundo o qual a premissa era “a eliminação das sociedades nativas. Os colonizadores vêm para ficar – a invasão é uma estrutura, não um evento”.⁵⁸

Nacionalismos e feminismos

Em meio a esse quadro de profundas transformações, surgem as primeiras expressões dos nacionalismos árabes ao nascer do século XX.

⁵³ Idem, pp. 69-116.

⁵⁴ MISLEH, Soraya. *Al Nakba – Um estudo sobre a catástrofe palestina*, p. 28.

⁵⁵ PAPPÉ, Ilan. *História da Palestina moderna – uma terra, dois povos*, pp. 41-42.

⁵⁶ MASALHA, Nur. *Expulsão dos palestinos – O conceito de “transferência” no pensamento político sionista, 1882-1948*. Tradução: Leo Misleh e Teresa Bosco Ferreira (São Paulo: Editora Sundermann: 2021), pp. 17-22.

⁵⁷ MISLEH, Soraya. *Al Nakba – Um estudo sobre a catástrofe palestina*, p. 44.

⁵⁸ WOLFE, Patrick. *Settler Colonialism and the transformation of Anthropology – The Politics and Poets of Ethnographic Event* (London and New York: Cassel, 1999), p. 2.

Concordando com o historiador Eric Hobsbawm, o nacionalismo é um projeto político, resultado de um processo histórico. Sua premissa é de que “os grupos definidos como ‘nações’ têm o direito de formar e devem formar estados territoriais do tipo que se tornou padrão desde a Revolução Francesa”.⁵⁹ Nação aqui entendida como uma entidade social, não originária ou imutável, mas relacionada a “certa forma de Estado territorial moderno, o Estado-nação”.⁶⁰

Sob essa concepção, Hobsbawm é categórico:

As nações, postas como modos naturais ou divinos de classificar os homens, como destino político... inerente, são um mito; o nacionalismo, que às vezes toma culturas preexistentes e as transforma em nações, algumas vezes as inventa e frequentemente oblitera as culturas preexistentes: isto é uma realidade.⁶¹

O autor ensina que o nacionalismo liberal clássico do século XIX, em suas primeiras versões, não se define em termos etnolinguísticos (língua e etnia comuns) ou religiosos, “ainda que haja superposições”.⁶²

Utilizar o termo no singular seria reducionista e generalista ante sua diversidade e complexidade. Por exemplo, enquanto no Egito, Tunísia e Argélia o nacionalismo manifestava a resistência às colonizações britânica e francesa em curso, em outros locais ainda não se percebia essa demanda como prioritária. O foco central era o reavivamento da identidade cultural árabe, um olhar sobre o “passado glorioso” nos primórdios do Islã e mesmo a busca por unidade nacional no Império Otomano. Intelectuais e escritores, entre os quais mulheres, cumpriam papel preponderante na disseminação dessas ideias.⁶³

O feminismo árabe – embora ainda não se identificasse como tal – é “filho” desse processo. Na verdade, assim como o conceito de nacionalismos, mais correto é falar em feminismos, adotando a concepção de Lila Abu-Lughod⁶⁴, que leva em

⁵⁹ HOBBSAWM, Eric. “Etnia e nacionalismo na Europa de hoje” em BALAKRISHNAN, Gopal. Um mapa da questão nacional. Tradução: Vera Ribeiro (Rio de Janeiro: Contraponto, 2000), pp. 272-273. Cf. também HOBBSAWM, Nações e nacionalismo desde 1780. Tradução: Maria Célia Paoli e Ana Maria Quirino (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990), pp. 78-80.

⁶⁰ Idem. Nações e nacionalismo desde 1780, p. 19.

⁶¹ Ibidem, p. 19.

⁶² Idem. “Etnia e nacionalismo na Europa de hoje”, pp. 272-273.

⁶³ HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes, pp. 406-409.

⁶⁴ ABU-LUGHOD, Lila. Remaking Women: Feminism and Modernity in The Middle East (Cairo: American University in Cairo Press, 1998), pp. 22-23.

conta a diversidade que caracteriza o movimento no mundo como um todo e mesmo na região.

Paradoxalmente à forte influência europeia expressa nas primeiras reivindicações por emancipação de mulheres durante a *Nahda*, que adotava retórica liberal ou “colonial” – nas palavras de Leila Ahmed, especialista egípcia em estudos sobre a mulher⁶⁵ –, também são dados no período os primeiros passos do feminismo anticolonial, avançando mais tarde, conseqüentemente, para a reivindicação de libertação nacional.

O feminismo liberal clássico surge na Europa em fins de século XVIII como fruto indesejado da Revolução Francesa (1789-1799). A inglesa Mary Wollstonecraft (1759-1797) é considerada precursora. Em resposta à Constituição francesa promulgada pela Assembleia Nacional em 1791, que excluía as mulheres como cidadãs, no ano seguinte ela publica “Reivindicação dos direitos da mulher”, documento fundante do movimento e primeira elaboração sistemática das raízes da opressão de gênero. Não obstante sua inegável importância à época, revela, por outro lado, pensamento orientalista, ao se referir à ausência das mulheres enquanto cidadãs como “no verdadeiro estilo maometano”⁶⁶.

Ao longo da história, o feminismo liberal secundariza ou ignora as intersecções com raça e classe. A consciência crítica em relação a essa lacuna vai forjar rearranjos na teoria política feminista, com o surgimento de vertentes como a anticolonial.

Esta última de fato vai além: enxerga corretamente que a busca por confinar as mulheres no espaço privado, alienando metade da população, está diretamente vinculada à colonização e, portanto, manutenção do sistema de poder hegemônico. E, nesse sentido, que a emancipação das mulheres árabes é inseparável da luta por libertação nacional. Ao encontro disso, reiterando a afirmação da feminista egípcia Nawal el-Saadawi (1931-2021), a primeira jamais será alcançada até que “se erradiquem as causas e as condições que levam à sua opressão”. Ou seja, até que

⁶⁵ AHMED, Leila. *Women and Gender in Islam – Historical Roots of a Modern Debate* (New Haven & London: Yale University Press, 1992), p. 151.

⁶⁶ WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of The Rights of Women* (Buffalo, N.Y.: Prometheus Books: 1989), pp. 10 e 29.

haja “libertação de todas as formas de exploração” – não só de gênero, mas também econômica, política e cultural.⁶⁷

Como abordado também no Capítulo I, as primeiras expressões em prol da emancipação das mulheres árabes constam de artigos e elaborações de intelectuais, aí incluídas escritoras árabes, na segunda metade do século XIX e início do XX.

O Capítulo II abarca, como parte dessa história, período pós-Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando a Grã-Bretanha assume o mandato sobre a Palestina e ainda em 2 de novembro de 1917 afirma ser favorável à constituição de um lar nacional judeu naquelas terras, através da Declaração Balfour.

A constituição de mandatos na região é prevista no artigo 22 do Tratado de Versalhes, assinado em 28 de junho de 1919, após a Primeira Guerra Mundial.⁶⁸ Esse sistema é consolidado na Conferência de San Remo em abril de 1920 e ratificado no Tratado de Sévres, em agosto do mesmo ano, que põe fim oficialmente ao já derrotado Império Otomano. O controle britânico sobre a Palestina é desdobramento da divisão das províncias árabes em esferas de influência, como espólio de guerra, no acordo de Sykes-Picot – negociado secretamente pela Grã-Bretanha e França ainda em 16 de maio de 1916, por meio de seus respectivos diplomatas Georges Picot (1870-1951) e Mark Sykes (1879-1919). Ao final, na região do Oriente Médio, além da Palestina, o Iraque ficou sob controle britânico; Líbano e Síria, sob mandato francês.

A resistência à aliança entre o imperialismo britânico e o projeto colonial sionista representa salto na organização e protagonismo das mulheres palestinas. O agravamento da situação na Palestina nos anos subsequentes como consequência da colonização sionista/imperialista desagua na revolução de 1936-1939, em que as

⁶⁷ EL-SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva – As mulheres do mundo árabe*. Tradução: Sarah Giersztel Rubin, Therezinha Ebert Gomes e Elisabeth Mara Pow (São Paulo: Global Editora, 2002), p. 22.

⁶⁸ O Tratado de Versalhes foi assinado entre os aliados e a derrotada Alemanha. No artigo 22, estabelecia um pacto da Liga das Nações em relação a sistema de mandatos para as antigas colônias alemãs na África e do Império Otomano no Oriente Médio e Norte da África. Conforme Albert Hourani, ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), o Tratado de Versalhes, assim, estabeleceu que as antigas colônias otomanas poderiam ser “provisoriamente” reconhecidas como independentes, mas sujeitas a “assistência e aconselhamento por um Estado” encarregado do seu mandato. Para esse autor, tais documentos, e os interesses que refletiam, determinaram “o destino político” dos países árabes. HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*, p. 418.

mulheres aprofundam sua participação direta na resistência – o que se reflete também em seus escritos literários.

Além do avanço na consciência política, o momento é marcado pelas primeiras expressões da poesia popular de resistência nas aldeias e surgimento da radioliteratura, a qual tem como uma das pioneiras a escritora e jornalista palestina Asma Tubi (1905-1983). Ela também se dedicou a escrever peças ao emergente teatro árabe moderno. Sua história será objeto do Capítulo II, assim como de outra pioneira: a jornalista e escritora Sadiyah Nassar (1900-1970), liderança do movimento contra a colonização e pelos direitos das mulheres na época.

Contemplado nesta parte da tese, esse protagonismo no período pós-Declaração Balfour até os anos 1930 é retratado por outra integrante desse movimento, Matiel Mogannam, em sua já mencionada obra “The Arab Women and the Palestine Problem”, publicada em 1937 em Londres. Contudo, ela não aborda a atuação feminina nas áreas rurais, para além do movimento inaugurado, que consta dos arquivos disponíveis no The Palestinian Museum.

***Nakba* e literatura de resistência**

A derrota da revolução de 1936-1939 abriu caminho para a *Nakba* em 1948, que representa pedra basilar da história contemporânea da Palestina, em que se tem fragmentação e transformação radical de sua sociedade, o que afeta todas as áreas da vida dessa população. No campo das letras, o pós-*Nakba* marca os primórdios da *adab al-mukawama* (literatura de resistência), novo ponto de virada, em que as mulheres revelam uma vez mais seu protagonismo.

Segundo descreve o intelectual marxista palestino Ghasan Kanafani (1936-1972) em sua obra “Literatura de resistência na Palestina ocupada 1948-1966”, a *Nakba* – que teve como consequência a expulsão violenta de 2/3 dos palestinos de suas terras e o surgimento da questão dos refugiados – sacudiu a estrutura social na Palestina ocupada a partir de então:

Mais de três quartos dos 200 mil árabes remanescentes após a ocupação sionista eram residentes das aldeias. Quanto aos moradores das áreas urbanas, a esmagadora maioria deixou a Palestina durante ou logo após a guerra de 1948, e essa realidade causou um abalo tumultuoso no seio da comunidade árabe de lá, já que as cidades não eram apenas o centro da liderança política, mas também, como na maioria dos casos, o principal centro de liderança intelectual.

Assim [...], o ambiente estava totalmente preparado para não só atingir um perigoso processo de contenção de qualquer tendência política ou literária que surgisse apenas a partir daí, mas também para plantar sementes naquele solo.⁶⁹

Primeiro a trazer uma abordagem materialista para explicar a literatura inserida no processo histórico pós-*Nakba*, Kanafani descreve o que poderia ser apresentado simbolicamente como a figura mitológica grega da Fênix, a ave que ressurgue das cinzas após sua morte. Assimilada a catástrofe que se abatera sobre toda a sociedade palestina, dos escombros resultantes e cerco cultural, nasce a literatura de resistência nos anos 1950.

Esse movimento, que teve ativa participação feminina, foi seguido pelos palestinos nas áreas que viriam a ser ocupadas militarmente por Israel em 1967 – Cisjordânia, Gaza e Cidade Velha de Jerusalém. Entre as mulheres, a principal expressão da transformação na forma e conteúdo adotados pela poesia, que passa a estar comprometida com a resistência, é a trajetória da palestina Fadwa Tuqan (1917-2003), como apresentado no Capítulo III.

Como explica a pesquisadora e acadêmica Nahla Abdo, a literatura de resistência refere-se a uma produção cultural que se alia à consciência do oprimido e reconhece “o sofrimento e a provação do colonizado”. Conforme ela, “não tem limites geográficos, e nenhuma força pode impedi-la de viajar para além das fronteiras e penetrar os corações e mentes das pessoas”.⁷⁰ Abdo a descreve como um “combustível que mantém o espírito revolucionário vivo” e vaticina: não é só uma luta ideológica ou de ideias; é uma luta materialista contra a erradicação, ante a tentativa de “memoricídio” como parte da *Nakba*.⁷¹

⁶⁹ KANAFANI, Ghasan. Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966 (Cyprus: Rimal Publications, 23 de julho de 2013), n.p.. Disponível exclusivamente em árabe. Tradução da Introdução e do Capítulo 1 para esta tese (árabe-inglês): Victorios Shams.

⁷⁰ ABDO, Nahla. Captive Revolution – Palestinian Women’s Anti-Colonial Struggle Within the Israeli Prison System (London: Pluto Press, 2014), p. 100.

⁷¹ Idem, p. 101.

Ahmad H. Sa'idi e Lila Abu-Lughod corroboram a visão do que possivelmente seja a principal razão da particularidade e diferença da literatura moderna palestina: “a produção sob constante ameaça de apagamento e na sombra de uma narrativa e força política que a silenciam”.⁷²

Tais particularidades se inserem no contexto de fragmentação de sua própria sociedade e cultura a partir da *Nakba*, como descreve a poeta e crítica literária palestina Salma Khadra Jayyusi:

Há problemas de identidade, mesmo à simples aquisição de passaportes; escritores palestinos têm gasto suas vidas ou como exilados em outros países ou, se permaneceram em seu próprio lar ancestral, como cidadãos de segunda classe em Israel ou sem qualquer cidadania sob o controle militar israelense na Cisjordânia e em Gaza. [...] Significa que os escritores palestinos têm pouca margem à indulgência e ao escapismo; estão comprometidos pelos acontecimentos da história contemporânea mesmo antes de seu nascimento. [...] Mas sua grande luta e triunfo encontra-se na recusa em se tornarem vítimas chorosas da humanidade durante a segunda metade do século XX. Enquanto jamais cessam de ser conscientes do particular predicamento de seu povo, exibem resiliência que transcende a tragédia e as necessidades. Isso tem colorido a literatura palestina contemporânea e dirigido suas intenções e tom.⁷³

A produção cultural de resistência inclui, segundo Nahla Abdo, “várias formas de expressão criativa”, sendo a *adab al-sujoun* (literatura de prisão) uma das vertentes da *adab al-mukawama*⁷⁴. Os gêneros são embebidos na história, memória, geografia e política:

Para os palestinos, que depois da criação do Estado de Israel tornaram-se uma população de refugiados e exílio, literatura de resistência tem funcionado como uma força diretiva em seu compromisso para sobreviver e lutar por justiça e contra a colonização, bem como em sua esperança de retornar ao seu lar.⁷⁵

A literatura de resistência, assim, abrange contos, poesia, romances, crônicas e mesmo autobiografias. Entre os temas centrais, terra, oliveiras, laranjas de Yafa (Jaffa), retorno, resistência à injustiça e esperança, que povoam a memória da maioria da geração que viveu a *Nakba*. Nas obras escritas por mulheres, outro tema se entrecruza: a emancipação feminina como parte da luta anticolonial.

⁷² SA'IDI H. AHMAD e ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba – Palestine, 1948, and the Claims of Memory*. (New York: Columbia University Press), 2007, p. 13.

⁷³ JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). *Anthology of Modern Palestinian Literature* (New York: Columbia University Press, 1992), p.3.

⁷⁴ ABDON, Nahla. *Captive Revolution – Palestinian Women's Anti-Colonial Struggle Within the Israeli Prison System* (London: Pluto Press, 2014), p. 100.

⁷⁵ *Ibidem*, p. 100.

Adab al-sujoun, como explica Abdo, é expressa primariamente através da poesia, entre 1948 e 1967⁷⁶, que Kanafani considera “uma força pioneira no chamado à resistência”, por poder ser facilmente memorizada e transmitida boca a boca.⁷⁷ Com boa recepção em culturas orais como as dos palestinos, muitas poesias eram vertidas para canções populares ou recitadas e mesmo incluídas nos currículos escolares, sobretudo em campos de refugiados.

Assim, *adab al-mukawama* revela os impactos da *Nakba* em todos os setores da vida social palestina:

Isso afetou escritores e se refletiu no modo como eles se identificavam. “Escritores da Palestina ocupada” era um termo comum nos [anos] 1960 para escritores que ficaram em sua terra após a criação do Estado de Israel e se tornaram cidadãos israelenses.(...) Havia escritores vivendo na Jordânia, incluindo Cisjordânia, referidos comumente como jordanianos, ainda que algumas vezes fossem descritos como palestinos, particularmente após a ocupação da Cisjordânia em 1967. Finalmente, havia escritores vivendo na faixa de Gaza ou em diversos países estrangeiros e árabes que preservaram sua identidade como palestinos.⁷⁸

Para Bashir Abu-Manneh, autor de “The Palestinian Novel: from 1948 to the Present”, a *Nakba* – e a ocupação militar pelo Estado de Israel dos territórios palestinos remanescentes em 1967 – representou a construção de um novo renascimento cultural árabe, como resposta de toda uma geração de escritores e artistas “aos desafios da história árabe do século XX”.⁷⁹

Em países vizinhos à Palestina, continua ele, “o fim formal do colonialismo ocidental significou a liberdade para construir uma nova fundação árabe, nem imitativa do Ocidente nem devota aos antigos valores e tradições da ordem social”.⁸⁰

A literatura moderna palestina não ignora esse movimento, porém traz especificidades no trato do tempo e lugar, no tom e atitude, bem como grau superior

⁷⁶ Ibidem, pp. 109-110.

⁷⁷ KANAFANI, Ghasan. *Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966*, n.p..

⁷⁸ ASHOUR, Radwa; GHAZOU, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). *Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999* (Cairo and New York: The American University in Cairo Press, 2008), p. 206.

⁷⁹ ABU-MANNEH, Bashir. *The Palestinian Novel: from 1948 to the Present*. Tradução: Mus´ab Hayatli (Cambridge: Cambridge University Press, 2016), n.p., E-book (Kindle)

⁸⁰ Ibidem, n.p.

de envolvimento com a questão política e social em relação ao conjunto da região.⁸¹ A conclusão é apresentada por Salma Khadra Jayyusi, baseada em análise de obras de mais de 70 autores que compõem sua “Anthology of Modern Palestinian Literature”, desenvolvida por meio do Prota, que ela fundou em 1980.

A memória coletiva, a questão de identidade, o sentimento de pertencimento ao lugar de origem permeiam os escritos palestinos. “As narrativas de palestinos refugiados falam de exílio e imersão, despossessão colonial e entrelaçamento.”⁸²

O ano de 1948 pode ser considerado o ponto de virada na literatura moderna palestina. Além da mudança na forma e conteúdo da poesia, os gêneros predominantes passaram a ser contos ou romances.

Samira Azzam (1927?-1967) está entre as autoras de contos e romances que vão adotar narrativa realista. Entre as primeiras escritoras palestinas de ficção a alçarem-se à fama na região nos anos 1950, é, contudo, ainda pouco traduzida e praticamente desconhecida fora do mundo árabe. Seu conto “Bread of Sacrifice” (Pão do sacrifício), cujos excertos constam do Capítulo III, simboliza a determinação feminina na resistência palestina durante a *Nakba*. Outros contos de sua autoria também serão apresentados nesta parte da tese. Azzam sintetiza o protagonismo das mulheres através de suas personagens e de sua própria atuação político-cultural.

Orientalismo e culturas

Se no geral tem-se o desafio de fazer frente ao enorme desconhecimento em relação aos palestinos, isso se potencializa quando se fala das mulheres. No senso comum, são passivas, submissas por natureza ou exóticas – uma visão “orientalista”, conforme a definição dada pelo intelectual palestino Edward Said (1935-2003), que esta tese busca desconstruir ao jogar luz sobre os feitos e escritos das mulheres palestinas.

Orientalismo, nas palavras de Said, é “um estilo de pensamento baseado numa distinção ontológica e epistemológica feita entre o ‘Oriente’ e (na maior parte

⁸¹ JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). *Anthology of Modern Palestinian Literature* (New York: Columbia University Press, 1992), p. 2.

⁸² ABU-MANNEH, Bashir. *The Palestinian Novel from 1948 to the Present*, n.p., E-book (Kindle)

do tempo) o ‘Ocidente’⁸³. Uma ótica que contrapõe “Oriente” e “Ocidente” enquanto “entidades geográficas, culturais e históricas criadas pelo homem. Constitui, assim, uma ideia, um imaginário e um discurso”.⁸⁴

De acordo com essa visão, os “ocidentais” são apresentados como civilizados, com raciocínio lógico, pacíficos, capazes de valores reais; já os “orientais” equivaleriam a uma massa uniforme de povos atrasados, bárbaros, afeitos à violência por natureza, que não podem se autogovernar, devem ser temidos e, portanto, controlados.⁸⁵

O conceito “orientalismo” não é novo. Por ocasião do Concílio de Viena (1311-1312)⁸⁶, já haviam surgido várias cátedras de estudos sobre o “Oriente”.⁸⁷ Não obstante, o século XVIII é entendido por Said como um marco em sua fase moderna, em que houve uma espécie de “renascimento”, com a ampliação das representações sobre os povos “orientais”. Quatro elementos marcam essa fase: a expansão do que se considera “Oriente”, incluindo novas regiões e períodos; o reforço do confronto histórico com o “Ocidente”, numa busca por fortalecer a ideia de uma civilização europeia superior; uma identificação seletiva com o “Outro”; e sua classificação por *tipos*, amplamente fundamentada na teoria racial que teve seu auge ao final do século XIX. Simultaneamente, os padrões antigos do orientalismo – estruturados na visão religiosa da história e do destino humano – foram recriados e incorporados.⁸⁸

Anouar Abdel-Malek, um dos predecessores de Said na análise dessa abordagem em relação ao Oriente Médio, reitera que a história do orientalismo tradicional situa sua fundação durante o Concílio de Viena. Assim como Said, destaca, contudo, que na região em questão o “real ímpeto de estudos orientais” data essencialmente do período de domínio colonial europeu. O “Oriente” e “os orientais” eram vistos como objetos de estudo passivos, alienados, dotados de uma

⁸³ SAID, Edward. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg (São Paulo: Companhia das Letras, 2007), p. 29.

⁸⁴ *Ibidem*, p. 31.

⁸⁵ *Ibidem*, p. 85.

⁸⁶ 15º. Concílio Ecumênico da Igreja Católica, convocado pelo papa Clemente V (1305-1314), no contexto de um papado enfraquecido. Ver em: https://stringfixer.com/pt/Council_of_Vienne. Acesso em: 22 de maio de 2022.

⁸⁷ *Ibidem*, p. 85.

⁸⁸ *Ibidem*, pp. 174, 176 e 314 (grifo do autor).

subjetividade histórica, sem autonomia, que precisavam ser definidos por “outros”. Seriam caracterizados por sua “tipologia étnica”.⁸⁹

Para Abu-Lughod, no discurso antropológico, em geral, a ideia de cultura “opera para reforçar separações que, inevitavelmente, carregam sentidos hierárquicos”. Para distinguir o “eu” e o “outro”.⁹⁰

O antropólogo francês Claude Lévi-Strauss critica o etnocentrismo que repudia as formas culturais do “outro”, visto como “selvagem e bárbaro”. Uma visão que permeia a ideia de “civilização ocidental” e sua falaciosa universalidade, a qual floresce no século XVIII.⁹¹

Para ele, é preciso “não cair no particularismo cego que tenderia a reservar o privilégio da humanidade a uma raça, a uma cultura ou a uma sociedade”.⁹² A noção de cultura, assim, na sua concepção, não deve ser estática, mas deve ser pensada como diversidade e complemento. Portanto, menos em função do isolamento de grupos que das relações que os unem.

Embora defenda que o relativismo cultural – expresso por Lévi-Strauss – “é certamente uma melhora em relação ao etnocentrismo e ao racismo, ao imperialismo cultural e à imperiosidade intrínseca a ele”, Abu-Lughod, contudo, alerta para a “passividade” de “um relativismo que diz que a cultura é deles e que não é da minha conta julgar ou interferir, apenas tentar entender”.⁹³

Sua crítica é quanto a uma distorção do pensamento de Lévi-Strauss, que tem se verificado sobretudo no pós-modernismo – definido por Terry Eagleton como “uma forma de cultura contemporânea”.⁹⁴ Segundo ele, apesar “de toda a sua tão alardeada abertura para o Outro, o pós-modernismo pode se mostrar quase tão exclusivo e crítico quanto as ortodoxias a que se opõe”.⁹⁵ Em suma, Eagleton condena uma conceituação identitária que não se dispõe a lutar contra o sistema de exploração que instrumentaliza a opressão.

⁸⁹ ABDEL-MALEK, Anouar. Orientalism in Crisis. *Diógenes*, v. 11, n. 44, 1963, pp. 104 e 108.

⁹⁰ ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. Tradução: Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego e Leandro Durazzo. *Equatorial*, v. 5, n. 8, Natal, janeiro-junho de 2018, p. 194.

⁹¹ LÉVI-STRAUSS, Claude. A noção de estrutura em etnologia – Raça e história. *Totemismo hoje* (São Paulo: Ed. Victor Civita, 1984), p. 56.

⁹² *Ibidem*, p. 86.

⁹³ ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?. Tradução: João Henrique Amorim. *Revista Estudos Feministas*, 20 (2), Florianópolis, maio-agosto de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>, p. 460. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

⁹⁴ EAGLETON, Terry. As ilusões do pós-modernismo. Tradução: Elizabeth Barbosa (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998), p. 3.

⁹⁵ *Ibidem*, p. 24.

Ao encontro dessa concepção, a crítica de Lila Abu-Lughod fundamenta-se na ideia de que "as formas de vida que encontramos ao redor do mundo já são produtos de longas histórias de interações".⁹⁶

Abu-Lughod sugere, portanto, uma terceira via, contra uma visão particularista e um falso universalismo: que se parta da necessidade de se reconhecerem responsabilidades quanto à situação a que estão sujeitos aqueles que são vistos como "outros" – no caso, os orientais, entre os quais os palestinos. Assim, propõe reflexão sobre como contribuir para transformar o mundo para um não organizado em torno da "estratégia militar e de demandas econômicas"⁹⁷. E nessa direção apoiar as organizações e reivindicações locais; muito diferente da ideia colonizadora de salvar os classificados como "outros".

Sob tal ótica, propugna que deve se falar e pensar em culturas, no plural. Sua visão se baseia na observação da diversidade dos costumes, modos de vida, tradições.

Trazer uma história das mulheres palestinas da *Nahda* aos primórdios da *adab al-mukawama* vai ao encontro da ideia de "feminismos" e "culturas" apresentada por Abu-Lughod. Nas palavras de Rosemary Sayigh,

Nós precisamos conceitualizar o sujeito feminino nacionalista cujas narrativas subvertem o dominante ao revelar o que a narrativa nacional apagou, historicizando o lar, gênero e sexualidade, e registrando ações e experiências que, de outra forma, seriam esquecidas.⁹⁸

⁹⁶ ABU-LUGHOD, Lila. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?, p. 460.

⁹⁷ Ibidem, p. 467.

⁹⁸ SAYIGH, Rosemary. Gender, Sexuality, and Class in National Narrations: Palestinian Camp Women Tell Their Lives. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 19, n. 2, Varieties of Women's Oral History (1998), p. 167. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3347164>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

CAPÍTULO I

A face feminina da *Nahda*: entre o Iluminismo e o *Turath*

De acordo com Di-Capua⁹⁹, é provável que o termo *Nahda*, que identifica um momento histórico compreendido entre meados do século XIX e primeiras décadas do século XX, durante o qual ocorreu um primeiro movimento moderno de renovação cultural nos países árabes, tenha sido cunhado pelo educador egípcio Sheikh Husain al-Marsafi (1815-1890), professor da então escola de ensino médio Dar El-Uloom, fundada em 1872, e que desde 1946 se tornou uma Faculdade da Universidade do Cairo, que mescla estudos modernos e islâmicos.¹⁰⁰

Não obstante, Peter Hill aponta que quem popularizou o termo como renascimento intelectual e cultural árabe, em tempos modernos, foi o ensaísta e novelista Jurij Zaidan (1861-1914), que “deu ao volume final de seu *Tarikh adab al-lugha al-arabbiyya* (História das Letras Árabes) o título *Al-Nahda al-Akhira*, ‘o último despertar’”.¹⁰¹

Como já mencionado na Introdução deste estudo, o período é marcado por profundas transformações no Oriente Médio e Norte da África, ante o declínio do Império Otomano, após cerca de 400 anos de dominação da região, e início da expansão colonial europeia. Também ao fim do século XIX surgia o sionismo político moderno na Europa. Em resposta a esse quadro, surgem as primeiras expressões dos nacionalismos árabes ao início do século XX – e dos feminismos, nesse processo.

A *Nahda* tem seu ponto de partida no Egito, a partir de ideias de modernidade extraídas do Iluminismo¹⁰², trazidas por intelectuais reformistas de suas viagens para a Europa ou via traduções e adaptações sobretudo do francês e do inglês.

⁹⁹ DI-CAPUA, Yoav. *Nahda, The Arab Project of enlightenment*. Em REYNOLDS, F. Dwight (ed.). *The Cambridge Companion to Modern Arab Culture* (Cambridge:Cambridge University Press, 2015), p. 63.

¹⁰⁰ Sobre a Faculdade de Dar El-Uloom ver https://cu.edu.eg/userfiles/Dar_ELAloom_En.pdf, , p. 46. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

¹⁰¹ HILL, Peter. *Utopia and Civilisation in the Arab Nahda* (London: Cambridge University Press, 2020), p. 3.

¹⁰² Movimento filosófico e intelectual europeu do século XVIII em que, nas palavras de Eric Hobsbawn, “um “individualismo secular, racionalista e progressista dominava o pensamento esclarecido”. Seus *slogans* eram liberdade, igualdade e fraternidade, apropriados pela Revolução Francesa (1789-1799). Ver HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. (São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012), p. 48.

A invasão francesa comandada por Napoleão Bonaparte e as instituições que ele criou durante os três anos de ocupação do Egito (1798-1801) são ainda apresentadas como determinantes para a disseminação dessas ideias, contaminadas pelo pensamento orientalista.

Segundo Boutheina Khaldi, a fundação por Bonaparte do *L'Institute d'Egypte* durante a ocupação, com especializações em literatura, artes, economia e técnicas, foi um divisor de águas: “significava prover suficiente conhecimento de todos os aspectos do Egito dentro de uma visão francesa”. Ou seja, sob a representação orientalista de civilização e progresso “ocidentais” contra a barbárie “oriental”. As pesquisas de seus membros foram compiladas em *Description de l'Egypte*, publicado entre 1809 e 1828.

Não obstante, a *Nahda* enfrentava-se com a realidade no terreno, da ocupação francesa brutal, conseqüentemente também denunciada por intelectuais no período. Entre eles, o historiador islâmico Abd al-Rahman al-Jabarti (1753-1825), o qual também relata em suas “Crônicas dos primeiros sete meses da ocupação francesa do Egito – junho/dezembro de 1798”¹⁰³ a resistência da população local à invasão e a contradição que caracterizava o período, de, ao mesmo tempo, refutar a presença colonial europeia e admirar sua produção intelectual e científica. O primeiro romance árabe publicado em 1859, intitulado “Ai de mim que não sou europeu”, por Khalil al-Khuri, demonstra ainda essa relação dialética no ensejo.¹⁰⁴

A *Nahda* é marcada tanto pela forte influência europeia quanto pelo anseio de se reviver a herança cultural clássica, o árabe *Turath*. Fundavam-se editoras e jornais, inclusive literários, publicavam-se enciclopédias, instituía-se associações e círculos literários chamados *majalis* ou *salons*, emergiam novas profissões, gêneros literários, como o romance, mas também demandas por reformas islâmicas e mudanças sociopolíticas. A emancipação feminina passava a ser um tema.

¹⁰³ AL-JABARTI, Abd al-Rahman. Napoleon in Egypt: al-Jabarti's chronicle of the French occupation, 1798. Expanded Edition in Honor of Al-Jabarti's 250th Birthday. Tradução: Shmuel Moreh (Princeton NJ: Markus Wiener Publishers, 2004), p. 36.

¹⁰⁴ HAFEZ, Sabry. Cultural Journals and Modern Arabic Literature: A Historical Overview. *Alif: Journal of Comparative Poetics*, n. 37, Literature and Journalism, 2017, pp. 9-49. Published By: Department of English and Comparative Literature, American University in Cairo, p. 10. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26191813?read-now=1&refreqid=excelsior%3A576a17171bd4ee6f35764e1ce86722c4&seq=2#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

Tahrir al maraa (Libertação da mulher), escrito em 1899 pelo jurista islâmico egípcio Qasim Amin (1863-1908), é apresentado por muitos autores¹⁰⁵ como marco na história do feminismo no Oriente Médio e Norte da África. Muito embora sua influência nos debates sobre direitos da mulher que se seguiram na imprensa em toda a região no período seja reconhecida, a obra apontada como constituinte do feminismo árabe também tem sido contestada como tal por diversas estudiosas sobre o tema¹⁰⁶. Entre elas, a escritora egípcia Leila Ahmed, para quem o livro meramente conclama a substituição do “estilo masculino islâmico de dominação pelo estilo ocidental de dominação”.¹⁰⁷ Nesse sentido, reverbera o que Ahmed chama de busca por “europeização”, ou a necessidade de modernização rumo ao “progresso” e à “civilização”.¹⁰⁸

Embora Amin refletisse o pensamento e as contradições da maioria da elite intelectual da época, sua obra, na concepção da escritora egípcia, “marca a entrada da narrativa colonial da mulher e do Islã”: o véu como símbolo da opressão, uma ideia reducionista e generalista¹⁰⁹. De fato, ele propugna a abolição da vestimenta e apresenta como modelo a ser seguido no Egito o *status* alcançado por europeias e americanas. Oriundo de família que integrava a aristocracia egípcia e tendo vivido quatro anos na França após obter sua licença como advogado, seu pensamento esteve marcado por essa passagem.

A problemática dessa visão é enfatizada por Lila Abu-Lughod, segundo a qual “[...] devemos tomar cuidado para não reduzir as diversas situações e atitudes de milhões de mulheres muçulmanas a uma única peça de roupa”.¹¹⁰ Ela lembra que há diversos tipos de véus, com distintos significados nas comunidades em que são utilizados, seja como expressão da cultura ou *status* social, uma vez que historicamente o véu fora utilizado por mulheres da elite.

¹⁰⁵ Ver EL-SAADAWI, Nawal. A face oculta de Eva – As mulheres do mundo árabe, p. 244, e WALTHER, Wiebke. Women in Islam – From Medieval to Modern Times (Princeton & New York: Markus Wiener Publishing, 1992), pp. 223-224.

¹⁰⁶ Ver RUSSELL, Mona. Creating the New Egyptian Woman: Consumerism, Education, and National Identity, 1863-1922 (New York: Palgrave Macmillan, 2004), p. 130; SELIM, Samah, Popular Fiction, Translation and the Nahda in Egypt, p. 108; e AHMED, Leila. Women and Gender in Islam, pp. 144-145.

¹⁰⁷ AHMED, Leila. Women and Gender in Islam, p. 162.

¹⁰⁸ Ibidem, pp. 162-163.

¹⁰⁹ Ibidem, p. 163.

¹¹⁰ ABU-LUGHOD, Lila. Do Muslim Women Need Saving? (Cambridge, Massachusetts & London, England: Harvard University Press, 2015), p. 40.

Amin não poderia prever à época, mas a obsessão “ocidental” por salvar as mulheres árabes da opressão simbolizada pelo véu teria implicações. Em reação, como destaca Leila Ahmed, originou-se discurso islâmico religioso sobre as mulheres como a negação do discurso colonial e uma conseqüente rejeição de qualquer mobilização para as questões das mulheres.¹¹¹ Como indica a autora, o contraponto serviu como justificativa para secundarizar a luta contra a opressão de gênero. Isso se fez sentir já à época.

A ideia desenvolvida por Amin de que seria preciso transformar aquela sociedade à imagem e semelhança do Ocidente encontrou eco entre o que Ahmed denomina “feminismo colonial” – mas também marcou a resistência em oposição a essa narrativa. Estariam aí assentadas as bases para sua vertente anticolonial.

Em seu livro, Amin defende reformas como, pelo menos, educação primária para mulheres e mudanças como a inclusão na legislação do direito ao divórcio – permitido no Islã, bastando pronunciar a intenção por três vezes – e a proibição da poligamia masculina¹¹², para garantir “harmonia” entre marido e esposa. Não obstante pudessem representar avanços para as mulheres, o jurista não questionava o papel relegado a elas no seio da família ou na sociedade.

A despeito de reconhecer ser indissociável o avanço da sociedade sem que as mulheres também se desenvolvam, em sua obra, conseqüentemente, Amin atribui erroneamente o atraso a questões culturais, não sociais ou de classe. Para Samah Selim, a visão expressa “pensamento social produzido pelos intelectuais dos capitalistas agrários [...]”, em que a esposa é “apresentada como constituinte do ‘capital’ do marido”.¹¹³

Ademais, também na defesa de tais reformas, Leila Ahmed refuta seu pioneirismo. A obra foi escrita 30 anos após tais mudanças terem sido advogadas por outros intelectuais islâmicos, como Mohamad ‘Abdu, ‘Ali Mubarak e Rifa‘ah Rafi

¹¹¹ AHMED, Leila. *Women and Gender in Islam*, pp. 151-152.

¹¹² A poligamia masculina não é uma criação do Islã, que não obstante a manteve, limitando-a a quatro mulheres desde que a primeira esposa aceite e o marido ofereça igualdade de condições entre as cônjuges.

¹¹³ SELIM, Samah. *Popular Fiction, Translation and the Nahda in Egypt* (Switzerland: Palgrave Macmillan: 2019), p. 108.

al-Tahtawi. No Líbano, Butrus al-Bustani (1819-1883) propugnava a educação de meninas já em 1847.¹¹⁴

Para Joseph Zeidan, o movimento de mulheres cresceu, em grande parte, para além da visão masculina de como transformar o mundo árabe¹¹⁵, na verdade, visão da elite que, assim como Amin, predominantemente advogava por reformas, mas não por mudanças estruturais que de fato alterassem o papel destinado às mulheres na sociedade.

Leila Ahmed observa que em 1874 a poeta egípcia 'Aisha Taymour (1840-1902) publicou *Mi'rat al ta'amul* (Espelho da contemplação dos assuntos), trabalho em que critica a conduta dos homens da elite em relação a suas esposas. No mesmo ano, no Líbano, Madame Mansur Shakkur escreveu um artigo para o jornal *al-Jinan* (Os jardins) em que propugnava o conhecimento como preparação de uma nova geração educada, mas também à elevação de seu *status* na sociedade. Além delas, em toda a região, mulheres começaram a escrever em revistas e jornais para o público feminino em 1890.

A primeira revista editada por uma mulher – *Al-Fatat* (A jovem) –, a cristã síria Hind Nawfal oriunda de uma família de jornalistas, que trabalhava no Egito, foi publicada um ano antes da obra de Amin. Seu primeiro editorial foi dedicado a conclamar as mulheres egípcias a buscarem avanços, como foi feito pelas “europeias”, e invocava nomes como Joana D'Arc, Hypatia e a poeta pré-islâmica Al-Khansa, a qual, muito embora não tenha rompido com o papel destinado às mulheres de se dedicarem a elegias, alcançou proeminência em relação a outras poetisas do período.

A revista *Al-Fatat* colocava-se como porta-voz das mulheres e as convidava a publicarem artigos. Declarava que sua preocupação não era política ou religiosa. O foco era “ciência, literatura, boas maneiras, moral, educação, roupas, moda, costura, desenho, gestão doméstica, criação de filhos”. Guardadas as diferenças através dos séculos, algo muito parecido com revistas femininas que se encontram hoje nas bancas de jornais de muitos países no Ocidente. Mulheres como a escritora libanesa

¹¹⁴ ZEIDAN, Joseph T. Arab Women Novelists: The Formative Years and Beyond (Albany: State University of New York Press, 1995), p. 24.

¹¹⁵ Ibidem, p. 20.

cristã Zainab Fawwaz e a médica Labiba Habiqa estão entre as que atenderam o chamado, além de Maryam al-Nahhas. A primeira abordou a importância da educação para homens e mulheres; a segunda reforçou o chamado para que mulheres vislumbrassem o jornalismo como uma “responsabilidade devida a suas irmãs”.¹¹⁶

Um segundo jornal de mulheres começou a ser publicado em 1898, *Anis al-jalis* (De agradável companhia). “Citava estatísticas sobre alfabetização no Egito – 0,5% no caso das mulheres e 3,6%, homens – e urgia a administração britânica a resolver essa situação”.¹¹⁷ As vozes femininas e suas demandas começavam a ecoar e integrar a produção intelectual.

Uma das mais proeminentes escritoras sobre a condição das mulheres árabes no começo do século XX e sua ausência de liberdade foi a egípcia Malak Hefni Nasif (1885-1918), que assinava seus textos com o pseudônimo de *Bahithat al-Badiyah* (Pioneira no Deserto). Tendo estudado inicialmente em uma escola missionária francesa e depois no colégio público al-Saniyyat, defendia a educação de mulheres como fundamental, propondo reformas nas escolas públicas egípcias, mas ia além: propugnava o direito ao trabalho e condenava veementemente o casamento com jovens antes dos 16 anos. Diferentemente de Amin Qasim, com quem se envolveu em controvérsias, não advogava pela abolição do uso do véu e rejeitava a ideia de adotar “costumes e valores europeus”, preocupada com a infiltração dessas ideias a partir da expansão colonial.¹¹⁸

Durante a Conferência Islâmica realizada no Cairo em 1911, ela apresentou dez demandas sobre direitos da mulher. Entre elas, livre acesso às mesquitas, educação primária obrigatória para meninas e meninos, livre acesso à saúde, proteção à mulher, estabelecimento de escolas profissionalizantes, de economia e de medicina para mulheres nos mesmos padrões que para homens, a negação do divórcio sem que a esposa seja ouvida e restrição da poligamia masculina. Suas reivindicações foram rejeitadas veementemente, mas suas ideias ganharam a simpatia das mulheres árabes e serviram de inspiração, em toda a região.¹¹⁹

¹¹⁶ AHMED, Leila. *Women and Gender in Islam*, p. 141.

¹¹⁷ *Ibidem*, p. 141.

¹¹⁸ ZEIDAN, Joseph T. *Arab Women Novelists*, p. 21.

¹¹⁹ *Ibidem*, p. 22.

A questão da educação era particularmente importante e escancarava os efeitos da colonização, bem como a desigualdade de classe. Na Palestina, como escrevem os acadêmicos Ismael Abu-Saad e Champagne Duane¹²⁰, a educação pública foi introduzida pelo Império Otomano somente ao final do século XIX e, em sua maioria, limitada ao nível básico, com currículos traduzidos da língua francesa. Além disso, havia um número de escolas muçulmanas privadas, nas cidades e aldeias palestinas, que se ampliaram após a queda desse Império, pós-Primeira Guerra Mundial. Essas escolas usualmente consistiam em uma única sala em casas ou mesquitas em que um professor “ensinava garotos de cinco a 12 anos a ler o Alcorão e escrever. Mais tarde alguma aritmética foi adicionada”.¹²¹

Havia ainda escolas missionárias europeias frequentadas por crianças muçulmanas e cristãs. Judeus que vieram na primeira onda de imigração sionista (1882-1903) estabeleceram sua própria rede educacional.¹²²

Abu-Saad e Duane relatam que embora a população em idade escolar fosse de 38.053 meninos e 35.584 meninas, apenas 6.104 dos primeiros e 1.504 das últimas frequentavam escolas públicas. As privadas ou estrangeiras contavam 6.974 meninos e 2.673 meninas. Sob o Império Otomano, não havia escolas de nível médio na Palestina. Era preciso viajar para Damasco, na Síria, para poder continuar os estudos, o que limitava muito essa possibilidade à elite. Para acessar a universidade, era preciso ir a Istambul, capital do Império, ou viajar para a Europa.¹²³

Mais bem educadas, portanto, já ao início do século XX, mulheres palestinas de classes média e alta escreviam artigos para jornais, ensaios, cartas e estórias para rádio, além de discursos sobre distintos temas. Salma al-Nasr publicou um artigo sobre educação de meninas no jornal *al-Nafa'is al-'asriya* (Os valores

¹²⁰ ABU-SAAD, Ismael e CHAMPAGNE, Duane. A historical context of Palestinian Arab Education, 2006, p. 1.037. Disponível em:

https://www.researchgate.net/publication/263086093_A_Historical_Context_of_Palestinian_Arab_Education. Acesso em: 25 de fevereiro de 2021.

¹²¹ Ibidem, p. 1.037

¹²² Ibidem, p. 1.037.

¹²³ Ibidem, p. 1.037.

familiares) em 1909, e, no ano seguinte, no mesmo meio, Rose Hassun escreveu sobre a situação das mulheres indianas.¹²⁴

Kulthum Odeh (1892-1965)

A oportunidade de estudar foi vislumbrada ainda como a possibilidade de se livrar de um destino sombrio, marcado pela opressão de gênero, como mostra a trajetória de Kulthum Odeh, que merece destaque. Poeta, jornalista e tradutora, foi a primeira mulher na região a se graduar em Pedagogia.



125

Nascida em al-Nasra (Nazaré), na Palestina, era a quinta filha de uma conhecida família. O pai, Nasr, queria um menino que carregasse o nome da família, mas seu desejo não se realizou. Ela conta essa história, marcada pela opressão machista expressa pela própria mãe – que usava a expressão *Soudah* (preta) para diminuí-la, indicando também racismo –, em uma crônica intitulada “Como pode uma pessoa viver feliz?”, a qual foi vencedora em concurso promovido pela revista egípcia *Al Hilal* (A lua crescente) no ano de 1947:

Minha chegada ao mundo foi recebida com lágrimas, já que todo mundo sabe como será acolhido entre nós, os árabes, o nascimento de uma menina, especialmente se essa desafortunada menina casualmente é a quinta de suas irmãs, e a família não foi abençoada por Deus com um

¹²⁴ ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999 (Cairo and New York: The American University in Cairo Press, 2008), p. 208.

¹²⁵ Foto de Kulthum Odeh. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/9739/kulthum-odeh>. Acesso em: 12 de novembro de 2020.

varão. Esse sentimento de ódio me acompanhou desde tenra idade. Não me recordo que meus pais tenham alguma vez simpatizado comigo. Além disso, minha mãe me odiava porque achava que eu era feia. Assim, cresci com poucas palavras, esquivando-me das pessoas e centrando-me somente em minha educação. [...] O conhecimento surgiu a princípio em grande parte do que escutei de minha mãe: “Quem vai te querer, *Soudah* (preta)? Você ficará com a esposa de seu irmão, como uma serva, por toda a sua vida.” E havia um espectro aterrador dessa ameaça, porque minha tia não se casou, e em casa a tínhamos como serva. Então minha pequena mente se perdeu, e comecei a pensar em como poderia me desvencilhar desse futuro desafortunado. Só via o Papa do conhecimento, e só a profissão de docente nesse momento era permitida para as mulheres. E era costume antes da guerra que quem fosse o primeiro aluno nas escolas primárias russas poderia aprender no internato de forma gratuita e então obter o diploma de mestre. Assim, pus mãos à obra e consegui o que queria. O mérito é de meu pai, já que minha falecida mãe resistiu com todos os seus meios ao meu ingresso na escola.¹²⁶

Sob essa perspectiva, Kulthum Odeh concluiu a educação básica em al-Nasra e então foi estudar pedagogia no Al Seminar, instituto russo em Beit Jala, também na Palestina. Lá recebeu a influência do poeta nacionalista Khalil al-Sakakini (1878-1953), que era seu professor de língua árabe.

Após se formar, aos 17 anos, voltou à sua cidade natal e passou a lecionar na Sociedade Russo-Palestina. Também começou a escrever artigos para diversos periódicos, como *al-Nafa'is al-'asriya*, da cidade palestina de Haifa; *Al Hilal*, do Cairo; e *Al-Hasna'a* (A bela), de Beirute.

Em seu trabalho como professora conheceu um famoso arabista à época, o russo Raczkowski, em visita à Palestina entre 1908 e 1910. Ele a apresentou a seu conterrâneo, o médico Ivan Vasilev, que exercia a profissão no Hospital Geral de al-Nasra. Apaixonaram-se. Para driblar a forte oposição familiar, um parente, Najib Odeb, e sua esposa, levaram-nos para se casarem em al-Quds (Jerusalém). O ano era 1914. A família não teve outra saída senão aceitar o fato consumado.

Após o matrimônio, o casal viajou à Rússia com a intenção de ficar dois meses. Mas quando lá chegaram teve início a Primeira Guerra Mundial¹²⁷, o que os impediu de retornarem. Ela então foi estudar enfermagem e se alistou na Cruz

¹²⁶ KALEIDOSCOPE. About Kulthum Odeh. Disponível em: <https://nousha.wordpress.com/2011/12/05/about-kulthum-odeh/>. Acesso em: 13 de outubro de 2020. (Tradução nossa)

¹²⁷ A Primeira Guerra Mundial iniciou-se em 28 de julho de 1914 e durou até 11 de novembro de 1918.

Vermelha para ajudar os feridos e doentes, passando a atuar inicialmente em Sérvia e Montenegro. A foto a seguir retrata este momento:



128

A revolução russa de 1917 se avizinhava, e Odeh passou a ensinar os camponeses sobre seus direitos e a cuidar deles. Seu marido se alistou no Exército Vermelho e em meio à epidemia de febre tifoide o casal foi para a Ucrânia ajudar a cuidar dos doentes. Não obstante, Ivan Vasilev contraiu a doença e faleceu naquele mesmo ano. Ela escreve sobre esse período em sua crônica para a revista *Al Hilal*:

E nas horas vagas, visitava os arredores da cidade, onde viviam os camponeses, e inspecionava seus filhos pequenos, abandonados na colheita, e meu coração se partiu de dor quando vi seus olhos inflamados com conjuntivite, então os lavei com solução de ácido bórico, e depois de limpá-los, pinguei uma solução de zinco. Suspeito que alguns médicos que não foram feitos por deuses do tempo, mas seguiram sendo humanos, se deram conta da felicidade que sentia quando, dias depois, pude ver esses olhos claros e sãos e aquelas mãozinhas em volta do meu pescoço. Esse sentimento muitas vezes me fez esquecer o cansaço, quando estava no campo de batalha nos Balcãs e na Rússia. Não estava feliz de cada soldado que se recuperara ou de aliviar sua dor? Não bailou de alegria meu coração quando visitei o paciente e vi sua recuperação e sua família feliz? Sim,

¹²⁸ The Palestinian Museum, foto encontrada na Coleção Tawfiq Ziyad. Disponível em: <https://palarchive.org/item/112513/from-the-archive-of-palestinian-writer-kalthoum-odeh/>. Acesso em: 3 de março de 2021.

amava a todos, assim, sofri a dor de todos e me regozizei com sua alegria. Por isso minha alma não sentiu que fosse estranha, embora estivesse no exílio por muito tempo.¹²⁹

Após a morte do marido e longe de sua terra, Odeh se viu sozinha, como estrangeira, tendo que trabalhar para sustentar três filhas pequenas – a mais velha com apenas cinco anos. Apesar das dificuldades, seguiu com seus estudos e chegou a lecionar língua árabe na Universidade de Leningrado, em São Petersburgo, para onde se mudou após voltar da Ucrânia. Lá obteve um doutorado em 1928 ao defender tese sobre dialetos árabes.

No mesmo ano, voltou à Palestina. o líder nacionalista Haj Amin al-Husseini, grão-mufti de Al Quds (Jerusalém)¹³⁰, pediu que ela não retornasse à União Soviética e viesse a trabalhar no Departamento da Educação daquela cidade. Ela então lhe perguntou se poderia garantir sua segurança, já que era marxista, e a Palestina estava sob mandato britânico. Ao que al-Husseini respondeu: “Minha filha, não posso garantir nada, nem sequer a segurança da minha própria barba.”¹³¹

Ela decidiu voltar à União Soviética e se estabeleceu na capital, onde integrou o Departamento Árabe do Instituto de Filosofia, Artes e História e fundou o Instituto de Dialetos Árabes na Universidade de Moscou, tornando-se ainda um membro ativo da Associação de Relações Culturais Soviéticas com os Países Árabes.

Dedicou sua vida ao estudo da cultura árabe clássica e traduziu várias obras literárias árabes para o russo, como “Terra, trabalho e água”, do escritor iraquiano Dhu’l Nun Ayub, e vice-versa, como “A vida do Sheikh Muhammad Ayyad al-Tantawi” (1810-1865), de Raczkowski. Entre suas publicações estão ainda “Árabe para russos” e “Antologia da literatura árabe moderna”. Odeh acreditava na capacidade da literatura de alcançar os corações humanos e buscou construir pontes entre o mundo árabe e a União Soviética. Também escreveu contos e artigos para jornais locais, muitos dos quais em defesa dos direitos das mulheres.

¹²⁹ KALEIDOSCOPE. About Kulthum Odeh. Disponível em: <https://nousha.wordpress.com/2011/12/05/about-kulthum-odeh/>. Acesso em: 3 de março de 2021 (Tradução nossa)

¹³⁰ Autoridade religiosa suprema no Islã.

¹³¹ TAMIMI, Iqbal. La Palestina Kulthum Odeh (1892-1965), la primera mujer profesora universitaria del mundo árabe, 8 de outubro de 2008. Tradução do inglês para o Rebelión: Beatriz Morales Bastos. Disponível em: <https://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=10146>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

Em 1948, sua família tornou-se refugiada e passou a viver em Damasco, Síria, e nos Estados Unidos. Ela não pôde voltar à Palestina. Opôs-se firmemente a Stalin, pelo reconhecimento ao então criado Estado de Israel – a União Soviética foi a primeira a fazê-lo, de fato e de direito, em 17 de maio daquele ano. Conforme a Sociedade Acadêmica Palestina para Estudos de Assuntos Internacionais, Odeh enviou uma carta ao dirigente soviético contra essa iniciativa¹³². Isso a levou à última de suas muitas prisões na União Soviética, por protestar contra as políticas de Stalin, que antes da *Nakba* enviara armas às paramilícias sionistas via Tchecoslováquia. Sua libertação somente ocorreu por influência de diversos intelectuais russos, favorecida por seu reconhecimento no campo acadêmico e literário.

Na crônica para *Al Hilal* um ano antes, ela relata:

Fui feliz em minha vida? Sim. Encontrei em mim duas qualidades que estão entre os fatores mais importantes da minha felicidade: embarcar no trabalho com firmeza e amar, amar tudo, as pessoas, a natureza e o trabalho. Esta segunda qualidade é a que sempre me ajuda nas situações mais difíceis da minha vida. Superar as dificuldades para atingir a meta é o principal fator de felicidade. Se estes se combinam também com a felicidade de quem nos rodeia, então existe uma vida verdadeiramente feliz. [...] ¹³³

Como se escrevesse um balanço de sua vida e sentença em um memorial, ela continua:

se pudermos narrar todos os aspectos da nossa vida, a nossa vida tornar-se-á uma flor que desabrocha com o seu aroma perfumado e beleza sobre os tantos espinhos no nosso caminho. Esses espinhos não nos machucam como se estivéssemos sozinhos. Aquele que não rega deve permanecer sedento, e sua vida secará e se tornará um deserto, e a felicidade será como uma miragem que corre atrás dele e não o alcança, mesmo que tenha milhões. Aprendi a encontrar beleza em tudo o que me rodeia, seja natural ou artificial, porque a beleza da natureza sempre acalmou minha turbulência psicológica, pois é um símbolo de eternidade, e quanto à criação humana, renovou minhas forças. E venceu. [...] Eu, sem exagero, fui, em todas as fases da minha vida, uma pessoa feliz, disposta, desapegada.¹³⁴

¹³² PALESTINIAN ACADEMIC SOCIETY FOR THE STUDY OF INTERNATIONAL AFFAIRS (Passia). Personalities – Odeh, Kulthum (1892-1962). Disponível em: <http://passia.org/personalities/607>. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

¹³³ KALEIDOSCOPE. About Kulthum Odeh. Disponível em: <https://nousha.wordpress.com/2011/12/05/about-kulthum-odeh/>. Acesso em: 12 de novembro de 2020. (Tradução nossa)

¹³⁴ Ibidem. (Tradução nossa)

O pioneirismo feminino expresso por jornalistas e escritoras como Kulthum Odeh refletia as mudanças em todo o mundo árabe ao longo desta década e da seguinte. As mulheres ocupavam ainda outros espaços.

Karimeh Abbud (1896-1955)

É o caso da fotógrafa Karimeh Abbud, que mereceu menção especial no portal *Palestinian Journeys*, projeto desenvolvido em parceria do Instituto de Estudos Palestinos e *The Palestinian Museum*.



135

Nascida em Bethlehem (Belém), na Palestina, e formada em Literatura Árabe pela Universidade Americana de Beirute, no Líbano, ela teria aprendido o ofício com um fotógrafo armênio em al-Quds e seu pai, o reverendo As'ad Abbud, então lhe deu uma câmera para registrar imagens de cidades, natureza e monumentos históricos.

¹³⁵ Karimeh Abbud, foto feita em um estúdio em Haifa, Palestina, por C. Swaid. Disponível em: <https://universes.art/en/nafas/articles/2017/karimeh-abbud/photos/photo-1> (Cortesia de Darat al Funun e coleção de Ahmad Mrowat). Acesso em: 3 de março de 2021.

O ano era 1913. O pesquisador e diretor do Projeto Arquivo de al-Nasra, Ahmad Mrowat, afirma que a primeira foto assinada de Karimeh Abbud que encontrou data de outubro de 1919.¹³⁶ No início dos anos 1930, ela se tornou fotógrafa profissional e abriu um estúdio em que mulheres posavam “sem constrangimentos”, inclusive as oriundas de famílias conservadoras. A seguir, à esquerda, a foto de sua prima Lydia Abbud; à direita, de uma mulher desconhecida:



137



138

¹³⁶ MROWAT, Ahmad. Karimeh Abbud – Early Woman Photographer (1896-1955). Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/31_abbud_1_0.pdf, p. 73. Acesso em: 4 de março de 2021.

¹³⁷ Foto de Lydia Abbud, Betlehem, 1931. Disponível em: https://oldwebsite.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/31_abbud_1.pdf (Cortesia de Darat al Funun e coleção de Ahmad Mrowat). Acesso em: 3 de março de 2021.

¹³⁸ Foto de mulher desconhecida, 1924 (?). Idem.

Na sequência, à esquerda, foto de uma enfermeira no Hospital Público de Akka (Acre) e, à direita, de uma camponesa em al-Nasra:



139



140

Segundo o portal *Palestinian Journeys*, seu trabalho se tornou tão conhecido que “mulheres de Gaza, Jerusalém, Yafa e Haifa começaram a procurá-la para tirar fotos”. Ela trabalhou em várias outras cidades da Palestina, incluindo Ṭabarīyā (Tiberias) e Qisarya (Cesareia), além de Haifa.¹⁴¹



¹³⁹ Enfermeira no Hospital Público de Akka, s.d. Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/31_abbud_1_0.pdf. Acesso em: 3 de março de 2021.

¹⁴⁰ Camponesa de al-Nasra, s.d. Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/31_abbud_1_0.pdf. Acesso em: 3 de março de 2021.

¹⁴¹ THE PALESTINIAN MUSEUM. *Palestinian Photographers before 1948 – Documenting Life in a Time of Change*. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/timeline/highlight/10522/palestinian-photographers-1948>. Acesso em: 12 de dezembro de 2020. Foto à direita: a ancestral ponte de pedra Jisr Majamie, sobre o Rio Jordão, Haifa e Ṭabarīyā (Tiberias). Domínio público.



Para se deslocar livremente, sem depender de ninguém, aprendeu a dirigir – fontes árabes informam que Karimeh foi a primeira mulher a conduzir um automóvel na região. Casou-se com um libanês, Youssef Taya, no início dos anos 1930, com quem teve um filho, Samir, mas se separou em 1936.

Reportagem especial publicada na *Al Jazeera* menciona que ela chegou a viver no Brasil, pelo curto período de dois anos, retornando então para sua terra natal, a Palestina.¹⁴²



Antes dela, a profissão não só na Palestina como em todo o Oriente Médio era exercida por “estrangeiros”.

¹⁴² AL JAZEERA. Karimeh Abbud: um carro e uma câmera documentando a vida diária da Palestina durante o mandato britânico. Disponível em: <https://doc.aljazeera.net/%D8%AA%D9%82%D8%A7%D8%B1%D9%8A%D8%B1/%D8%B9%D8%A7%D8%B4%D9%82%D8%A9-%D8%A7%D9%84%D8%B6%D9%88%D8%A1-%D9%83%D8%B1%D9%8A%D9%85%D8%A9-%D8%B9%D8%A8%D9%88%D8%AF-%D8%B3%D9%8A%D8%A7%D8%B1%D8%A9-%D9%88%D9%83%D8%A7%D9%85%D9%8A%D8%B1%D8%A7/>. Acesso em: 22 de maio de 2022. Não encontrei documentos, contudo, que comprovem sua passagem pelo Brasil, mas Ahmad Mrowat também cita a relação da fotógrafa com este país, afirmando inclusive que seu filho teria vivido aqui.

Seu papel foi importante não apenas para a aceitação dessas famílias da “estranha invenção”, mas sobretudo pelo registro de centenas de imagens que refletem estilo de vida à época, além de lugares e belas paisagens que viriam a ser destruídos e radicalmente transformados com a *Nakba*, cujas imagens aqui dispostas são uma mostra.¹⁴³



¹⁴³ De cima para baixo: na página 54, acima à esquerda, foto de Haifa, e abaixo, à direita, de Ṭabariyā. Nesta página, a primeira foto é da aldeia de Cana, na Galileia. As demais são imagens de al-Nasra (Nazaré). Domínio público.

Karimeh faleceu em al-Nasra, no ano de 1955, e ficou esquecida por muito tempo. Somente em 2000 seu trabalho foi redescoberto. Como descreve Mrowat, no ano de 2006, um colecionador de antiguidades israelense chamado Boki Boazz colocou um anúncio nos jornais árabes locais perguntando sobre a coleção de Karimeh Abbud.¹⁴⁴

Descobriu-se que ele havia obtido várias fotos dela em uma casa no bairro de Qatamon, em al-Quds, cujos proprietários foram obrigados a abandonar durante a *Nakba*.¹⁴⁵ O pesquisador presume que Karimeh Abbud tenha morado nessa casa de 1930 a 1948. Boazz tinha em mãos cerca de 400 fotografias, muitas delas assinadas por Abbud. Incluíam retratos de estúdio de mulheres, crianças e famílias, bem como fotos de paisagens de localidades palestinas e jordanianas. Mrowat comprou a coleção, agora preservada em seu projeto. Ele acredita, contudo, que deva haver ainda milhares de fotos dessa pioneira perdidas.¹⁴⁶

Karimeh Abbud não poderia prever que seu trabalho seria fundamental para resgatar a memória da Palestina.

Modo de vida

O pioneirismo dessas mulheres ganha importância ainda maior quando se observa que havia uma série de normas e costumes na sociedade tradicional que encaixava as mulheres em papéis predefinidos. A vida centrava-se na família e no clã, e o casamento dentro dessas estruturas era um costume generalizado tanto entre os muçulmanos como entre os cristãos, no campo e na cidade.

A despeito das divisões sexuais do trabalho bem definidas, nas áreas rurais da Palestina, contudo, as mulheres gozavam de mais liberdade: os homens eram os principais responsáveis pelo cuidado da terra e dos animais, as mulheres, pelas tarefas domésticas, cozinha e criação das crianças, mas também “ajudavam nos

¹⁴⁴ MROWAT, Ahmad. Karimeh Abbud – Early Woman Photographer (1896-1955). Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/31_abbud_1_0.pdf, p. 77. Acesso em: 4 de março de 2021.

¹⁴⁵ A limpeza étnica no bairro de Qatamon teve início com a explosão e ataque pela Haganá do Hotel Semiramis em 5 de janeiro de 1948, que resultou na morte de 18 pessoas e dezenas de feridos palestinos, e se seguiu por vários meses, não sem resistência dos moradores. RADAI, Itamar. Qatamon, 1948: The Fall of a Neighborhood. *Jerusalem Quarterly*, Issue 46, Summer 2011. Disponível em: Institute for Palestine Studies (<https://www.palestine-studies.org/en/node/78418>). Acesso em: 26 de maio de 2022.

¹⁴⁶ MROWAT, Ahmad. Karimeh Abbud – Early Woman Photographer (1896-1955), p. 78.

campos ou com os rebanhos”.¹⁴⁷ Em casa, como descreve Rosemary Sayigh, não havia espaços separados para homens e mulheres.¹⁴⁸ As muçulmanas não usavam *niqab* (véu que deixa apenas os olhos à mostra) ou *hijab* (véu que cobre os cabelos) como as que viviam na cidade. Esses tipos de véus se tornaram sinal de *status*, uma vez que as mulheres de classe baixa também não o utilizavam, como relata Pappé.¹⁴⁹

A estação de colheita de azeitonas era uma ocasião especial, que envolvia toda a família coletivamente. Canções eram entoadas por homens e mulheres para proteger e festejar a safra ou estimular os que nela trabalhavam, como essa: “Minha oliveira e suas olivas são como tâmaras / Ela enche uma xícara, que Deus a proteja / Minha oliva é como uma Rocha / Que Deus a proteja de descamar.”¹⁵⁰ Esse costume integrava a tradição oral de centenas de anos e revela a herança cultural palestina e árabe como um todo. Hoje essa tradição se mantém sob ocupação e ganhou o novo significado de manter viva a herança cultural, sob constante ameaça.

A figura do *hakawati*, o contador de estórias fantásticas sobre figuras lendárias, que fascinava as crianças – costume oral de tempos imemoriais –, também prevalecia entre as comunidades palestinas. Em cafés e festivais religiosos, esses contadores de histórias brindavam as pessoas com narrativas folclóricas de forma dramática e aventuras de heróis míticos. Nas aldeias palestinas, cenas como essas foram uma parte da vida diária por centenas de anos – e muitas mulheres se dedicavam a contar estórias para as crianças.¹⁵¹

Nas cidades, a condição feminina era mais restrita. Ficavam em casa até os 16 anos sendo preparadas para o casamento com um marido que em geral tinha

¹⁴⁷ HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. p. 147.

¹⁴⁸ SAYIGH, Rosemary. *Palestinians, from Peasants to Revolutionaries: A People’s History* (London: Zed Press, 1979), p. 21.

¹⁴⁹ PAPPÉ, Ilan. *História da Palestina moderna – Uma terra, dois povos*, p. 45.

¹⁵⁰ “My olive tree its olives are like dates May God protect it, it fills up the cup My olive is like Rocca May God protect it from peeling (or from breaking according to others)”. Em ODEH, Huda and LABAN, Peter. *Folklore Tales and Other Oral Expressions in Palestine*, 2019. European Union Funded Project “My Heritage! My Identity”. Disponível em:

https://www.myheritage.ps/cached_uploads/download/2019/07/12/report-orality-final-version-1562956235.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021. (Tradução nossa)

¹⁵¹ THE PALESTINIAN MUSEUM. *Death of the Storyteller, birth of the Theater – The Dramatic Arts in Palestine, 1900 to 1948*. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/9561/death-storyteller-birth-theater>. Acesso em: 4 de abril de 2021.

outras esposas.¹⁵² No entanto, aparentemente nas áreas urbanas havia um grupo de mulheres pertencentes aos notáveis que tinha mais liberdade por exemplo em assuntos como matrimônio e educação dos filhos. Esse grupo se organiza nas primeiras associações e sociedades de mulheres árabes ao início do século XX. Constituídas por aquelas que pertenciam à elite nas áreas urbanas, tinham, contudo, papel limitado, destinado à caridade, educação e saúde de meninas. Os encontros eram realizados nas casas das participantes, salões de escolas ou igrejas.¹⁵³

Fundada na cidade de Akka, em 1903, a Sociedade de Ajuda Ortodoxa inaugura as organizações com essa característica na Palestina. Em 1910 associação afim foi constituída em Yafa e em 1921, em Nablus.¹⁵⁴ Mas sem qualquer pretensão ainda de ruptura com os papéis femininos predestinados.

Os primeiros *salons*

É ainda esse grupo que, ao início do século XX, inaugura os primeiros *salons*. A palavra francesa era utilizada pelos intelectuais para se referir a salões literários, assim como as árabes *majlis*, *muḥāḍara*, *nadwah*, *muntadā*, *sālūn* e *nāḍī*¹⁵⁵, mostrando mais uma vez a síntese entre a herança cultural árabe e a influência europeia.

Embora historiadores apontem que os *salons* da época moderna no Oriente Médio e Norte da África sejam fruto da passagem da expedição colonial napoleônica, reviviam uma tradição que data de centenas de anos antes. Esta foi inaugurada no século VII com a dinastia omíada (661-750), um dos califados muçulmanos a governarem após a morte do profeta Mohammad (771-632).¹⁵⁶ A pioneira é Sukayna bint Husayn (d. 735 ou 743), que abria sua casa para convidados homens e mulheres em eventos musicais, de crítica literária e poesia

¹⁵² JAD, Islad. From Salons to the Popular Committees: Palestinian Woman, 1919-89. Em PAPPÉ, Ilan (ed.). The Israel/Palestine Question (London and New York: Routledge, 1999), p. 218.

¹⁵³ Ibidem, p. 218.

¹⁵⁴ FLEISCHMANN, Ellen. The Nation and its New Woman: The Palestinian Women's Movement, 1920-1948 (Berkeley and Los Angeles, Califórnia/London: University of California Press, 2003), p. 104.

¹⁵⁵ KHALDI, BOUTHEINA. Microcosming the Nahdah: May Ziyadah's Salon as Hybrid Space. Journal of Arabic Literature 41, 2010, pp. 263-264.

¹⁵⁶ Ibidem, pp. 48-49.

que ela organizava. Além dela, na dinastia abássida, Walladah Bint al-Mustakfi (d. 1087 ou 1091) também organizou *majalis* (plural de *majlis*).¹⁵⁷

A síria Maryana Marrash (1849-1913) é apontada como a primeira a reviver a tradição dos *salons* durante a *Nahda*. Assim como outras árabes no período, começou a se envolver nas discussões sobre a situação da mulher na sociedade e no universo literário ao publicar poemas e artigos em jornais. O *salon* mais influente, contudo, era o da princesa egípcia Nazil Fazil (1884-1913), a primeira mulher a estabelecer em seu palácio um *majlis* multilíngue. A partir de 1892, com o apoio da iniciativa, escritoras feministas começam a publicar seus escritos, poesias, cartas em jornais e revistas.¹⁵⁸

May Ziadeh (1886-1941)

Em qualquer pesquisa sobre os *salons* à época, um lugar especial é reservado a outra dessas pioneiras: a escritora e poeta palestino-libanesa Mary Elias Ziadeh – conhecida como May Ziadeh –, nascida na cidade de al-Nasra.



159

Ela estabeleceu seu *majlis* em sua casa, no Cairo, no ano de 1913, seis anos após mudar-se para a capital egípcia com sua família, onde estudou história, filosofia e ciências modernas na Universidade do Egito entre 1914 e 1917. Nessa instituição, encontrou-se com a feminista egípcia Huda Sha'rawi, que inspirou suas

¹⁵⁷ ZEIDAN, Joseph. Arab Novelists Women: The Formative Years and Beyond (Albany: State University of New York Press, 1995), p. 50.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 50.

¹⁵⁹ INSIDE ARABIA. May Ziadeh: Arab Romantic Poet and Feminist Pioneer. Disponível em: <https://insidearabia.com/may-ziade-arab-romantic-poet-feminist/>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

ideias sobre classe e gênero, levando-a à consciência de que a igualdade social não poderia ser alcançada sem igualdade de gênero.¹⁶⁰

Oriunda de uma família cristã em que poesia, literatura e educação eram parte do cotidiano e crescendo cercada por adultos – seu único irmão havia falecido ainda pequeno –, May Ziadeh descreveu uma memória de infância que demonstrava esse ambiente: uma cena de mulheres cantando poesia embaladas pelo som do alaúde. Dizia ainda, em uma das cartas que escreveu, que fora influenciada por um tio.¹⁶¹

Ela recebeu educação básica em uma escola missionária francesa que priorizava o idioma europeu e terminou os estudos em uma instituição pública no Líbano, no ano de 1904, quando então retornou a al-Nasra.

Tendo sido alfabetizada principalmente em francês, fazia questão de explicar que por essa razão escrevia no idioma, mas defendia que escritores nascidos na região deveriam publicar textos em árabe, sem abrir mão de também publicarem em outras línguas, para ampliar o alcance de suas ideias ao público. Em carta a um dos intelectuais que frequentava seu *salon*, Ya'qub Sarruf, conhecido como “imperador dos imperadores”, datada de 14 de julho de 1918, ela destacou: “A *Nahda* do sangue árabe fluindo em minhas veias chama minha atenção para o amor da linguagem e o desejo de usá-la para expressar ideias abarrotadas em minha mente.”¹⁶²

Sob essa ótica, realizou dois movimentos: estudou o Alcorão para aprimorar a caligrafia e o idioma árabes¹⁶³ e tornou-se poliglota – dominava também o italiano, o alemão, o espanhol, o inglês, o latim e o grego moderno. Assim, não só escrevia em várias línguas como traduziu para o árabe livros e artigos escritos em francês, alemão e italiano. Amante de música, também tocava piano.

¹⁶⁰ AL JAZEERA. The Life of an Arab Feminist Writer. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/program/al-jazeera-world/2018/3/21/may-ziade-the-life-of-an-arab-feminist-writer>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021..

¹⁶¹ Ibidem.

¹⁶² KHALDI, BOUTHEINA. Egypt Awakening in the Early Twentieth Century: Mayy Ziadah Intellectual Circles (Middle East Today). English Edition (USA: Palgrave Macmillan, 2012), n.p. E-book / Kindle.

¹⁶³ PALESTINIAN ACADEMIC SOCIETY FOR THE STUDY OF INTERNATIONAL AFFAIRS (Passia). Personalities Ziadeh, May (1886-1941). Disponível em: <http://www.passia.org/personalities/848>. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

Começou a publicar artigos no jornal *Al-Mahrouseh* (A protegida), em que seu pai era editor-chefe, em 1909.¹⁶⁴ Escreveu ainda para diversos outros periódicos, como *Al-Ahram* (As pirâmides), tanto poemas e críticas literárias quanto textos a respeito de emancipação feminina, igualdade de gênero e educação para meninas. Segundo o crítico literário e escritor Hossam Aql, Ziadeh foi a primeira a usar o termo “a causa das mulheres”.¹⁶⁵ Escreveu sobre algumas precursoras árabes que a inspiravam, como ‘Aisha Taymour, Warda al-Yasiji e Malak Hefni Nasser – a qual passou a frequentar seu *salon* e com quem trocava correspondências.

Em uma dessas cartas, escrita no ano de 1913, Ziadeh comenta um artigo que havia lido dessa feminista egípcia, a quem apresenta suas ideias: “Queremos ser iguais em funções e responsabilidades. Nós temos mais funções e responsabilidades que eles. Imagino se o homem admite essa realidade.”¹⁶⁶ A troca de correspondências com os frequentadores de seu *salon* era intensa. Para Zeidan, a autora inaugurou um novo gênero: a literatura de correspondência.¹⁶⁷

Ainda bem jovem, May Ziadeh cultivou o gosto pela literatura francesa, especialmente a poesia romântica. Seu primeiro livro, *Fleurs de Rêve*, escrito em francês no ano de 1911 sob o pseudônimo de Isis Copia, é dedicado à “grande alma triste e doce de Lamartine”, em referência ao poeta francês Alphonse de Lamartine (1790-1869), a quem escreve um longo poema em três partes intitulado “Elle Poète?”¹⁶⁸, denotando a influência que esse escritor exercera sobre ela, cuja primeira parte segue:

Ela poeta?
 Mas como assim, ela poeta?
 Ela organiza seus charmosos versos
 Para o delicioso epíteto
 Aos ecos que vão morrendo
 Esses versos de poesia pura
 De tão doce impulso, de uma mente tão clara
 De sons brilhantes como um relâmpago
 No estilo de um nobre torneio?

¹⁶⁴ JADALIYYA. May Ziada, a Profile from the Archives. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/30793>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021.

¹⁶⁵ AL JAZEERA. The Life of an Arab Feminist Writer. Disponível em: <https://www.aljazeera.com/program/al-jazeera-world/2018/3/21/may-ziade-the-life-of-an-arab-feminist-writer>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021.

¹⁶⁶ KHALDI, BOUTHEINA. Egypt Awakening in the Early Twentieth Century: Mayy Ziadah Intellectual Circles (Middle East Today), n.p. E-book / Kindle.

¹⁶⁷ ZEIDAN, Joseph. Arab Women Novelists, p. 54.

¹⁶⁸ COPIA, Isis. *Fleurs de Rêve*, Bibliothèque Sainte-Genevieve, 1911, pp. 29-31.

Ela é síria, dizem
 E como ela não é francesa
 Onde ela poderia desenhar seu tom
 Onde a alma é derramada e se acalma?
 ...Mas ela teve que pegá-los emprestados,
 Essas rimas vastas e sonoras
 Que, como jovens auroras
 Vêm sob sua pena para estourar

Teria de Lamartine
 Imitado os divinos encantos
 Ou ainda, ouvido uma voz carinhosa
 Quem em seu coração falava baixinho?
 Suas canções estão manchadas de tristeza
 De um amor tocante, amor sem fel
 Ela poeta, ó céu poderoso!
 De onde vem essa sabedoria?

E então esta rima ondulada
 Onde sentimentos requintados nadam
 Que roçam o belo, o sublime
 Isso, então, onde ela o conseguiu?
 Já que nós amamos crê-lo
 Creiamos que ela deve ter consultado,
 E sem nunca nos parar
 Digamos “ela rouba a glória”¹⁶⁹

Na obra, ela apresenta também poemas em que retrata o ambiente natural no Egito, como “Os pássaros do Nilo”, cujo excerto segue:

Nas ondas do Nilo,
 Sorrindo, azul,
 Eles ficam por aí, sem perigo,
 Um voo de asas douradas.
 Caras cabeças de pássaro,
 Pequenos seres fantásticos
 Você que turva as águas
 Em torno dos barcos,
 Me ensine seus nomes.¹⁷⁰

Expressa em seus versos, a visão romântica e idealista de May Ziadeh é reconhecida por historiadores e críticos literários que se debruçaram sobre sua vida e obra em depoimentos para o documentário “May Ziade: The Life of An Arab

¹⁶⁹ ELLE POÈTE? I - “Mais comment donc, elle poète?” / Elle arrangea ces vers charmants / A la délicate épithète, / Aux échos qui s’en vounts mourants; / Ces vers de poésie pure, / D’elan si doux, d’esprit si clair, / De sons brillant come l’éclair, / Dun style à la noble tournure? / “Elle est syrienne, dit-on, / Et puisqu’elle n’est pas française, / Où put-elle puiser se ton / Où l’âme s’épanche et s’apaise? / ... Mais ele a dû les emprunter, / Ces rimes vastes et sonores / Qui, comme de jeunes aurores, / Viennent sous sa plume éclater. / “Aurait-elle de Lamartine / Imité les divins appas, / Ou bien ouï la voix câline / Qui dans son coeur parlait tout bas? / Ses chants sont eduits de tristesse, / D’amour touchant, d’amour sans fiel; / Elle poète, O puissant ciel! / D’ou lui vient donc cette sagesse? / “Et puis cette onduleuse rime / Où nagente sentiments exquis / Qui frôlent le beau, le sublime, / Cela donc, où l’a-t-elle acquis? / Puisque nous aimons mieux le croire, / Croyons qu’elle a dû consulter, / Et sans jamais nous arrêter / Disons: “Elle vole la gloire”. COPIA, Isis. Fleurs de Rêve, pp. 29-31.

¹⁷⁰ Ibidem, pp. 11-14.

Feminist Writer”, da *Al-Jazeera*¹⁷¹. Ao mesmo tempo, há preocupação em observar a realidade e transformá-la, como demonstrado tanto no seu posicionamento em discussões públicas quanto na própria estrutura de seu *salon* e nas concepções sobre temas culturais e sociopolíticos, revelando sua complexidade.¹⁷² Uma de suas provocações, apresentada no documentário, é reveladora nesse sentido:

Cantamos belas palavras em vão, palavras de liberdade e liberdade. Se vocês, homens do Oriente, mantiverem o cerne da escravidão em suas casas, representado por suas esposas e filhas, os filhos dos escravos serão livres?¹⁷³

May Ziadeh nunca se casou, mas desenvolveu um amor platônico pelo poeta libanês Gibran Khalil Gibran (1883-1931), com quem se correspondeu por quase 20 anos, até a morte dele em 10 de abril de 1931, sem nunca tê-lo encontrado. Essa relação começou a partir do momento em que seus caminhos se cruzaram, quando May leu o livro de Gibran intitulado *Al Ajniha Al-Mutakassira* (Asas partidas¹⁷⁴) e ficou fascinada. Ela escreveu um artigo sobre um de seus poemas, intitulado *Al Mawakib* (Procissões), e a primeira das muitas cartas que se seguiriam. O ano era 1912. Em resposta, Gibran lhe mandou um poema que foi lido no tributo ao poeta libanês Khalil Moutran (1872-1949). A desenvoltura de May Ziadeh surpreendeu o público, não acostumado a ver mulheres falando para uma plateia – com firmeza e sem nervosismo.¹⁷⁵

Esse acontecimento foi fundante para que colocasse em prática a ideia de abrir seu *salon*, o qual perdurou de 1913 a 1933. Era frequentado por muitas personalidades à época, homens e mulheres da elite do Cairo e da região. Atraía poetas, escritores, pensadores e mesmo religiosos. Pesquisadores como Zeidan identificam mais de 30 intelectuais assíduos, entre os quais, além de Yaq’ub Sarruf e Malak Hefni Nasser, Taha Husein, Ahmad Shawki, a feminista Huda Sha’rawi e Salama Musa. As sessões eram semanais, às terças-feiras à tarde, e abrangiam

¹⁷¹ AL-JAZEERA, “May Ziade: The Life of An Arab Feminist Writer”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4oAf7HivKg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

¹⁷² Ibidem.

¹⁷³ Ibidem. (Tradução nossa)

¹⁷⁴ GIBRAN, Kalil. *Asas partidas*. Tradução: Emil Farhat, Tárík de Souza Farhat, 1ª. edição (Rio de Janeiro: Editora Record, 2021)

¹⁷⁵ AL-JAZEERA, “May Ziade: The Life of An Arab Feminist Writer”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4oAf7HivKg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

leituras de poemas e discussões literárias, culturais, sociais e políticas. Ao final, era comum May Ziadeh tocar piano.



176

Para o crítico literário e acadêmico Mahmoud Al-Dabaar, ela tinha a sensibilidade, a determinação e a firmeza de hospedar visões contrárias e “moderar todas as paixões”.¹⁷⁷ Também abria as portas de seu *salon* a jovens escritores e artistas anônimos, que podiam apresentar seus trabalhos.

Despertava admiração e suspiros entre os homens. “Embora geralmente não houvesse reciprocidade, os sentimentos que inspirava produziram as mais belas poesias e prosas em árabe”.¹⁷⁸

Boutheina Khaldi resgatou a única reconstrução ficcional de uma sessão de *salon* deixada por May Ziadeh, sob o título *Yatanaqashun* (Eles falam), revelando uma intensa troca de ideias, que enriqueceu a produção literária à época. Os personagens se assemelham a participantes do *salon* de May Ziadeh: 'Awni (“o torcedor”), como descreve Khaldi, é um socialista em busca de justiça e igualdade. “Pode ser o ensaísta egípcio Salama Musa, conhecido como um socialista e intelectual com fortes convicções. Lady Jalilah (“a reverenciada e honorável”) pode ser a ativista egípcia Malak Hefni Nassif ou Huda Sha'rawi. [...]”¹⁷⁹ Segue excerto de *Yatanaqashun*:

¹⁷⁶ May Ziadeh ao piano. Disponível em Arablit & Arablit Quarterly. Disponível em: <https://arablit.org/2012/02/11/a-google-doodle-for-may-ziadeh/>. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

¹⁷⁷ AL-JAZEERA, “May Ziade: The Life of An Arab Feminist Writer”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4oAf7HivKg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

¹⁷⁸ ZEIDAN, Joseph. Arab Women Novelists, p. 54.

¹⁷⁹ KHALDI, Boutheina, Egypt Awakening in the Early Twentieth Century: Mayy Ziadah Intellectual Circles (Middle East Today), p. 80. E-book / Kindle

Tempo e lugar

Por volta das 18h, no *salon* dos pais de Mayy.

Lady Jalilah (adentrou o *salon* um momento atrás, com seu filho 'Awni. Encontrou um assento como se estivesse em busca de uma palavra para abordar uma conversa. Quando ela chegou, os participantes do *salon* pararam de conversar por respeito, esperando ela conduzir a sessão. A mostra de cortesia não escondeu sua ânsia de retomar a conversa. Lady Jalilah sorriu para Mayy, então olhou para os participantes e disse): Minha entrada interrompeu sua discussão. Que problema mundial vocês estavam resolvendo? (Eles sorriram decorosamente enquanto esperavam retomar a discussão).

Mayy: “Senhora, você chegou no momento certo. Preciso de você para me defender. Estes cavalheiros estavam justamente tentando resolver a questão da diferença e preferência, o que é dificilmente solucionável, porque justiça e injustiça coexistem nos homens; estes cavalheiros me trataram injustamente.”

Zaki Efendi (feliz por aproveitar a oportunidade para falar): “Deus, o Elevado, é minha testemunha, você é a única que nos tratou injustamente.”

Lady Jalilah: “Então vocês estão discutindo diferença e preferência. Eu li seu artigo sobre ‘Igualdade’ cuidadosamente e estou esperando para entender o principal impulso de seu argumento. Até agora você nos proveu com o problema e os meios para conduzir o debate e seguir a argumentação.”

Mayy: “O impulso do meu argumento! Se minha discussão preliminar demonstra a direção de meu livro, parece que não consegui até agora mostrar a razão por trás do meu engajamento nesse assunto difícil e desafiador.”¹⁸⁰

Os debates seguem entre os participantes sobre o tema da igualdade, a partir dos escritos da personagem Mayy, que diz “abrir perspectivas de pensamento e raciocínio”. Após alguns interlocutores, entra 'Awni:

“Você quer ver o traço de igualdade, senhora Mayy? Quer escutar as vozes que clamam por isso insistentemente? Então abra a porta de seu escritório (isto é, torre de marfim) e esqueça o que escreveu sobre e o que outros estão escrevendo. Não é suficiente olhar os transeuntes por trás das cortinas das janelas. O lado visível da vida é somente uma margem em uma página. Deixe tudo para trás e desça às ruas, para a vida difícil onde corações sangram, olhos lamentam e energias são desperdiçadas. Misture-se com os homens em trapos, passe fome com os famintos, seja carente com os carentes e escute as queixas e súplicas do pobre, do doente, dos privados. Você escutará gritos explodindo de suas bocas como a explosão de sangue de profundas feridas. Examine mentes procurando conhecimento e iluminismo com seu alimento, mas miséria e miséria golpearam em suas faces as portas das escolas e os privaram dos livros, artes e todos os aspectos de beleza e progresso que a mente humana criou. (com algum entusiasmo) Compare isso ao que tiranos preguiçosos acumulam e aproveitam, quem compra saúde, felicidade e conforto para eles. Compare isso à luta da classe trabalhadora, sua inteligência e feitos nobres, quem vive em privação, então não pergunte: ‘Como estudar e focar em igualdade?’ Você saberia que a natureza a criou para ser uma socialista e a nomeou para devotar seus esforços à causa da humanidade que começa a reivindicar seus próprios direitos.”¹⁸¹

¹⁸⁰ Ibidem, p. 84. (Tradução nossa)

¹⁸¹ Ibidem, p. 86.

Intervém na discussão outro personagem, ‘Arif, que aplaude, rindo:

[...] Seu talento retórico emana de sua cabeça, que lembra em sua curvatura a cabeça dos líderes da escola de pensamento Batiniyyah [Ocultista], na Idade Média. Eu te garanto que com essa capacidade você poderia ser um poderoso pregador religioso que é capaz de se elevar com sermões sobre o assunto mais trivial possível.¹⁸²

O debate entre os dois, expressando visões opostas, segue e entram outros participantes, até que ‘Arif diz que ‘Awni está certo, mas seus argumentos não são convincentes. E participantes confrontam seus próprios privilégios e ações.

‘Arif prossegue, desta vez desviando-se para a questão da caridade:

Eu me curvo à necessidade e ao sofrimento sincero. E a esse respeito eu valorizo as atividades de associações filantrópicas e vejo que é um passo preliminar em direção a uma associação futura maior que abrace aqueles por quem a sociedade tem uma obrigação. Mas (de repente ele se move como se tivesse sido açoitado). Mas o que eu não suporto é o sem-vergonha, com sua baixeza, que macula o conceito de grande sofrimento. Eles fazem uso das palavras de implorar e nomes de órfãos e crianças com fome como eficiente publicidade para preguiça e vício. [...] Eu tenho visto falsas lágrimas em olhos suplicantes. Eu tenho escutado como uma pessoa que aproveita a beneficência de um homem generoso o amaldiçoa. [...]¹⁸³

Após mais algumas falas, ‘Awni intervém:

Com meu devido respeito às associações filantrópicas, devo dizer que nessa era nos recusamos a ouvir as palavras caridade e caridoso. O povo já está cansado de graça e graciosidade de outras pessoas. A raça humana que sacrificou sua própria vida para produzir não estende sua mão para implorar por ajuda, porque sabe que a responsabilidade lhe dá direitos, os quais usa como meios para fortalecer a igualdade. ‘Arif mencionou a pretensão de sofrendores e súplica da necessidade. A razão por trás disso é nada mais que esse sistema que enriquece alguns e empobrece outros. [...]

A sessão continua. Às despedidas, Lady Jalilah se diz satisfeita com tais encontros, que “revigoram a mente” e inspiram os escritores e oradores.¹⁸⁴

A peça ficcional de May Ziadeh reproduz, assim, o ambiente em seu *salon*, sua diversidade e complexidade.

¹⁸² Ibidem, p. 87.

¹⁸³ Ibidem, p. 88.

¹⁸⁴ Ibidem, p. 93.

O tema central em “*Yatanaqashun*”, a igualdade, era frequente nas sessões semanais, cujas discussões inspiraram May Ziadeh a escrever em 1923 o livro *A-Musawa* (Igualdade). No trecho a seguir, extraído da Introdução dessa obra, ela revela consciência quanto às diferenças entre as classes sociais:

Você não viu o homem rico? A terra saqueou seu carro, como se o leão tivesse criado uma aura entre ele e os outros, e ali no canto o homem empobrecido se esgueirou e suspirou, como se estivesse se revolvendo em um inseto malicioso que a terra gostaria de tocar e abomina o reflexo de sua sombra?

Ou você viu a bela mulher vestindo roupas luxuosas em sua última moda, e em seu pescoço e pulsos havia joias equivalentes à riqueza e representando a felicidade; você não a viu passando graciosamente perfumada na frente de uma mulher maltrapilha carregando uma criança que é um sinal de sua humilhação amanhã, pois é a causa de sua humilhação hoje, e as moscas comem por seus lados e bochechas que não podem remover, porque são pobres mesmo com água pura?

As manifestações de miséria podem ocultar dinheiro e bens imóveis, e os sinais de glória podem não ser nada além de despreocupação e arrogância. No entanto, os dois cenários representam os níveis mais altos da escala de subsistência e os níveis mais baixos, e entre eles as diferentes categorias estão alinhadas com o que acompanha suas famílias de vários desejos e necessidades.¹⁸⁵

No próximo excerto, May Ziadeh expressa a influência das ideias advindas do Iluminismo:

Eles perguntam o que causou essa injustiça exaustiva e choram com a força de suas emoções e de suas necessidades: igualdade! Pedimos igualdade!

Se os escravos não se rebelaram com essa palavra e seu significado moderno, foi o vago anseio por ela que os forçou a quebrarem as correntes e irromperem contra seus senhores repetidas vezes na sucessão da Antiguidade, até que Atenas e Roma estivessem entre essas revoluções em grande perigo. [...]

Com sua inspiração, o espartano trácio [...] lutou em sua cabeça contra os exércitos do Estado regular liderado pelos nobres, e não interrompeu a luta até que caiu fortemente com uma facada enviada pela mão de Crasso, um dos membros do governo supremo tripartido. [...]

Por sua vez, a Revolução Francesa ressuscitou e declarou ao ser humano seus direitos civis baseados nos direitos naturais. No início de sua declaração, ela afirmou uma primeira cláusula compartilhada hoje pelo mundo civilizado, que é: "As pessoas nascem e permanecem iguais e livres perante a lei." Com essa cláusula, eliminou o sistema feudal com base nas diferenças entre direitos e deveres.¹⁸⁶

¹⁸⁵ ZIADEH, May. *Extraits de A-Musawa* (Igualdade), 1926. Disponível em: <https://tradmonde.hypotheses.org/tag/%d9%85%d9%8a-%d8%b2%d9%8a%d8%a7%d8%af%d8%a9>. Tradução (árabe-inglês): Victorios Shams.

¹⁸⁶ *Ibidem*.

A referência às revoltas na Antiguidade e sobretudo à que teria sido liderada pelo gladiador Spartacus (109 a.C.-71 a.C.), nascido na Trácia (hoje Bulgária), contra a escravidão em Roma no ano 73 a.C. – a quem os precursores da Revolução Francesa assinalavam como representante de “tradição revolucionária vital”¹⁸⁷ –, é simbólica da influência desse processo junto aos intelectuais árabes que levantavam a bandeira da igualdade. Na Introdução da obra em que discorre sobre o tema, May Ziadeh conclui:

Os problemas internacionais são quase truques quando se deparam com problemas econômicos que chamam de sociais. O problema da "igualdade" é agora a mãe dos problemas, e seu nome está ecoando em todas as direções. [...] ¹⁸⁸

May dedica o Capítulo I a aprofundar o tema “Classes sociais” e apresenta pensamento dialético para, ao final, concluir pelo caminho do “progresso”, denotando aqui novamente a influência das ideias iluministas disseminadas pela Revolução Francesa:

Atrás de nós está uma força que ignoramos, é a força do movimento perpétuo em todas as áreas da vida, que sempre nos empurra para a frente [...]. A suposta ascensão pode ser uma regressão em vários pontos, desde que o inevitável seja o curso compulsivo de ação, é o movimento contínuo, que é a continuação do qual não há descanso diante ou atrás do túmulo. É impossível compreendermos o que é "para trás" e o que é "para frente" nos significados de espaço, tempo e mente. No entanto, pode-se dizer que a direção da história humana está no sentido de progresso e aperfeiçoamento, inclusive se seus movimentos para trás e em espiral abundam. [...] ¹⁸⁹

A elaboração de obras como essa explica por que o *salon* de May Ziadeh é reconhecido pelo pesquisador Joseph Zeidan como “marcadamente o mais produtivo na história das letras árabes, do ponto de vista estritamente literário”.¹⁹⁰ Ele é, em si, uma produção social que reflete as condições históricas em que está inserido, assim como suas contradições. O principal mérito desse *salon* foi ter germinado uma prolífica produção literária árabe moderna, além da disseminação de ideias que extrapolaram suas paredes, como a questão da emancipação da mulher.

¹⁸⁷ RIDLEY, Ambrose Francis. Spartacus: o líder dos escravos romanos. Capítulo XII: Tradição espartaquista na história revolucionária. Disponível em: <https://www.marxists.org/history/etol/writers/ridley/1962/spartacus/ch12.htm>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

¹⁸⁸ Ibidem.

¹⁸⁹ Ibidem.

¹⁹⁰ ZEIDAN, Joseph T. Arab Women Novelists, p. 53.

O *salon* pereceu ao ritmo das perdas pessoais de May Ziadeh: primeiro a morte de seu pai em 1930, após longa e dolorosa doença; depois, a morte de seu amor platônico, Gibran Khalil Gibran; e por fim, em 1932, a morte de sua mãe. Isso levou May a um quadro de profunda depressão. A família paterna a levou para o Líbano, onde a internou em um hospital psiquiátrico em 1935.¹⁹¹

No documentário da *Al Jazeera* sobre sua vida, os críticos literários e pesquisadores são unânimes em afirmar que May Ziadeh foi “vítima de uma conspiração” para que sua família ficasse com suas propriedades, a qual afastava quem tentasse obter notícias a respeito dela, dizendo que sofria de esquizofrenia.

Em função das barreiras impostas pela família, houve demora para que o círculo literário que tanto usufruiu das discussões em seu *salon* percebesse o que de fato acontecia e começasse a circular notícias como parte de uma campanha para “libertar ‘o gênio do Oriente’”. A escritora libanesa Ameen al-Rihani (1876-1940) teve atuação central nesse movimento, que chegou ao Parlamento libanês. Como consequência, em 27 de janeiro de 1938, May Ziadeh foi transferida para o Hospital da Universidade Americana de Beirute. Quinze dias depois pôde deixar o hospital, sendo abrigada por al-Rihani em sua casa, antes de voltar para o Egito.

No Cairo, seu círculo literário encontrou May Ziadeh mudada, após anos de total isolamento, “vivendo em um mundo paralelo”, em severa depressão e agressiva. Morreu em outubro de 1941, sozinha, e seu funeral não fez jus a sua vida – tinha apenas três pessoas.¹⁹²

May Ziadeh deixou como legado para a humanidade 13 obras publicadas, entre as quais livros de poesia, romances, contos, além das biografias de feministas. Segundo Zeidan, pesquisadores acreditam que haja trabalhos de sua autoria não publicados, os quais podem estar nas mãos de sua família. Entre eles, um intitulado “As noites de hospício”, que teria escrito em fins dos anos 1930, quando estava internada.¹⁹³

¹⁹¹ AL-JAZEERA. “May Ziade: The Life of An Arab Feminist Writer”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4oAf7HivKg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

¹⁹² Ibidem.

¹⁹³ ZEIDAN, Joseph T. Arab Women Novelists, p. 295.

A vida de May Ziadeh é sintetizada em suas próprias palavras:

Sou uma mulher que passou a vida entre canetas, papéis, livros e pesquisas. Todos meus pensamentos estão centrados em ideais. Essa vida idealista me fez esquecer o quanto as pessoas podem ser maliciosas. Ignorei a malícia e o veneno mortal de certas pessoas, disfarçados de gentileza.¹⁹⁴

¹⁹⁴ AL-JAZEERA. “May Ziade: The Life of An Arab Feminist Writer”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4oAf7HivKg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

CAPÍTULO II

Mandato britânico: protagonismo das mulheres dá um salto

Após a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) e em meio à expansão colonial sionista que encontra seu aval na Declaração Balfour, a organização de mulheres se transforma. Alia-se ao emergente movimento nacional palestino e dá um salto. Não abandona o trabalho humanitário, mas eleva seu protagonismo político.

Os anos 1920 são marcados tanto por tentativas de negociação com os britânicos por parte das elites palestinas quanto por expressões de resistência popular contra os colonizadores sionistas, que culminavam em mortos e feridos. O primeiro deles ocorre em abril de 1920 – mesmo mês em que a Conferência de San Remo consolida o sistema de mandatos na região –, na cidade de Yafa.¹⁹⁵ As mulheres se somam às mobilizações.

Salons e clubes literários como o de May Ziadeh tiveram papel importante para o avanço da consciência feminina, uma vez que intelectuais promoviam debates sobre temas diversos, conectados com os acontecimentos locais, regionais e internacionais. Sessões de leitura traziam demandas anticoloniais e nacionalistas, incorporadas à prolífica produção literária.

Nos anos subsequentes ao início do domínio britânico, em al-Quds, surgiram ainda jornais críticos ao mandato, que faziam um chamado contra a Declaração Balfour e a imigração sionista com fins coloniais – o que também contribuiu para elevar a consciência sobre as implicações socioeconômicas e políticas. Também tinham início colunas sobre questões de gênero.¹⁹⁶

Em 1919, o jornalista e poeta palestino Boulos Shehadeh inaugurou o jornal *Miraat al-Sharq* (Espelho do leste), publicado em árabe e inglês, que em 1921 passou a ter uma coluna denominada “As canetas das senhoras”. Esta reunia artigos de pioneiras tanto no jornalismo como no movimento de mulheres na

¹⁹⁵ THE PALESTINIAN MUSEUM. Early Mandate Period, 2 November 1917 to 15 April 1936. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/timeline/overallchronology?>. Acesso em 22 de julho de 2021.

¹⁹⁶ DAVIS, Rochelle. The Grown of The Western Communities, 1917-1948. In TAMARI, Salim (ed.), Jerusalem 1948 – *The Arab Neighbourhoods and their Fate in the War*. Jerusalem: The Institute of Jerusalem Studies; Bethlehem: Badil Resource Center, 2002, p. 44.

Palestina, como Mary Sarrouf Shehadeh, a esposa do jornalista, Kudsiyyeh Kursheed e a poeta e escritora Asma Tubi.¹⁹⁷

Merece destaque também Sadjij Nassar, outra pioneira do movimento. Em 1926, ela inaugurou uma editoria no jornal *Al Karmel* intitulada “Papel feminino”, que reunia artigos sobre temas sociais e de gênero, escritos por homens e mulheres. Desde 1923, Sadjij já escrevia para o periódico, fundado por seu marido, Najib Nassar, em 1908.

Como expressão do salto no protagonismo feminino que marca o período, em 1921 é criada a União Geral de Mulheres Palestinas em al-Quds e, na sequência, surge uma série de associações em diversas cidades, como Haifa, Nablus, Akka e Yafa.

Em 1924 foi fundada em Ramallah a Sociedade para o Progresso das Mulheres. A entidade formou uma equipe de enfermeiras e coletava fundos para a compra de armas a combatentes e ajuda a famílias de vítimas. Quatro anos depois foi constituída a Associação de Mulheres Árabes, que realizava reuniões em várias cidades palestinas. Em seu estatuto, essa entidade incluía como um de seus objetivos garantir “o direito de as mulheres participarem de atividades políticas”.¹⁹⁸

No período, elas se posicionaram ao lado dos homens contra a venda de terras aos sionistas, o aumento da imigração judaica impulsionada pelo projeto de colonização que, como consequência, acarretou a expulsão de camponeses nativos. Entre as pioneiras, estavam Zulaykha al-Shihabi (1903-1992) e Melia al-Sakakini (1890-1966), esta última professora e irmã do poeta, educador e líder nacionalista Khalil al-Sakakini (1878-1953). Ambas eram de famílias cristãs de elite de al-Quds (Jerusalém), então centro da atividade intelectual, política e social, um ambiente propício ao florescimento do movimento de mulheres palestinas durante o mandato britânico, não obstante suas vidas ainda fossem limitadas pela tradição.¹⁹⁹

¹⁹⁷ Em 1939, o jornal foi fechado pelo mandato britânico indefinidamente por publicar um poema que incitava a revolta. *Ibidem*, p. 44.

¹⁹⁸ ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). *Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999* (Cairo and New York: The American University in Cairo Press, 2008), p. 224.

¹⁹⁹ DAVIS, Rochelle. *The Grown of The Western Communities, 1917-1948*. In TAMARI, Salim (ed.), *Jerusalem 1948 – The Arab Neighbourhoods and their Fate in the War*. Jerusalem: The Institute of Jerusalem Studies; Bethlehem: Badil Resource Center, 2002, pp. 44-45.

A vida cultural e social em al-Quds, na primeira metade do século XX, refletia seu caráter cosmopolita, como descreve a antropóloga Rochelle Davis²⁰⁰. Era uma cidade em franco desenvolvimento, que atraía pessoas de outros locais em busca de ofertas de trabalho e oportunidades educacionais. Tinha uma mídia ativa e diferentes tipos de atividades, que incluíam clubes literários, teatros, concertos. Al-Quds torna-se, assim, um polo importante do movimento nacionalista durante o mandato britânico, incluindo sua vertente cultural, além de estimular a organização de mulheres nesse contexto.

O nacionalismo árabe cultural é descrito pelo historiador Adnan Abu-Ghazaleh. Segundo ele, dessa corrente participavam escritores palestinos. Estes não eram acadêmicos ou especialistas, e poucos ocupavam altos cargos na administração do mandato: “Alguns eram educadores, outros servidores públicos. Os escritos refletiam seu papel como líderes em suas comunidades e porta-vozes.”²⁰¹ A maioria integrava clubes literários estabelecidos em Yafa, Nablus, além de al-Quds. Embora nenhuma mulher seja mencionada por Abu-Ghazaleh, o nacionalismo cultural árabe já incluía algumas, como as citadas Asma Tubi e Sadjij Nassar.

Os poetas que integravam essa corrente procuravam disseminar suas ideias junto à população e levar informação sobre os acontecimentos que afetavam a sociedade.²⁰² A partir dos anos 1920, passaram a recitar seus versos nos mais distintos ambientes e ocasiões, em reuniões públicas ou religiosas. Os versos se transformaram em *slogans* nacionalistas nos protestos e funerais de manifestantes palestinos mortos por soldados britânicos.²⁰³

A acadêmica Barbara M. Parmenter revela que aqueles poetas utilizavam termos comuns como *bilad* (país), *watan* (terra natal), *mawtin* (utilizado não como lugar de moradia, mas como terra natal, num contexto poético “enriquecido pelo sangue dos filhos martirizados e espoliação de inimigos implacáveis”), *ard* (terra) e *turab* (pó) para inspirar um sentimento de pertencimento nacional. Nesse sentido, ainda, a partir dos anos 1930 passariam a eludir em suas poesias conquistas

²⁰⁰ Ibidem, pp. 44-45.

²⁰¹ ABU-GHAZALEH, Adnan. Arab Cultural Nationalism during the British Mandate. *Journal of Palestine Studies*, vol. 1, n° 3, Spring 1972, p. 18.

²⁰² Ibidem, pp. 37-41.

²⁰³ PARMENTER, Barbara M. Giving voice to stones: place and identity in Palestine literature (Austin: University of Texas), 1994, p. 36.

históricas, como a vitória de Salah al-Din (Saladino) contra os Cruzados no ano de 1137, e lugares sagrados em al-Quds, carregados de simbolismo para cristãos e muçulmanos, como a Igreja do Santo Sepulcro e a Mesquita de Al-Aqsa, respectivamente.²⁰⁴ Temas nacionalistas e anticoloniais também aparecem nos primeiros contos à época.

Essa orientação se dá em face dos desafios impostos pela colonização sionista favorecida pelo mandato britânico pós-Primeira Guerra Mundial. Embora minoritária, a vertente cultural exercia, assim, significativa influência no desenvolvimento do movimento nacional em geral.

A maioria dos habitantes, contudo, vivia nos campos, numa Palestina ainda eminentemente agrária, em que uma maioria iletrada se concentrava em garantir a subsistência de suas famílias. As informações demoravam a chegar, e as transformações em suas vidas, a partir da colonização sionista, ocorreriam pouco a pouco. Nesse contexto, para os poetas, recitar versos nos mais distintos ambientes era premente para incorporar a maioria dos habitantes ao movimento nacionalista palestino que dava seus primeiros passos com os jovens de elite nas cidades.

O movimento de mulheres que surgia também era eminentemente urbano. Reunia tanto as oriundas de famílias cristãs quanto muçulmanas, numa época em que normalmente as jovens eram enviadas à escola para aprender línguas e ciência.²⁰⁵

A emergência da participação feminina foi acelerada ao final da década de 1920, no bojo de um acontecimento que detonou revolta popular em al-Quds, em local sagrado, o Muro Ocidental, para os judeus, ou *Waqf Abu Madiyan*, para os muçulmanos. Os árabes passaram a nomear o local como o Muro de al-Buraq, em referência ao cavalo que, na tradição muçulmana, levou o profeta Mohammad aos céus. A revolta de al-Buraq começou em 15 de agosto de 1929, após um grupo de colonos sionistas, estimulado pelo apoio britânico, dirigir-se ao local sagrado de forma provocativa, portando bandeiras sionistas, entoando o hino *Hatikva* (A Esperança) e reivindicando o dia como aniversário da destruição do Templo de

²⁰⁴ Ibidem, pp. 38-39.

²⁰⁵ FLEISCHMANN, Ellen. The Emergence of the Palestinian Women's Movement, 1929-39, p. 20. Disponível em: <http://www.palestine-studies.org/ps/fulltext/40801>. Acesso em: 2 de dezembro de 2020

Salomão naquele lugar, na busca por construir uma origem étnica e religiosa a partir de representação bíblica. Assim, o sionismo forjava a ideologia de reavivamento da futura “nação judaica”.²⁰⁶

Os protestos de palestinos contra aquela manifestação se espalharam para outras cidades palestinas, dando início à revolta de al-Buraq. A repressão britânica foi violenta, como conta a ativista pioneira e jornalista Matiel Mogannam (1899-1992) em “The Arab Women and The Palestine Problem”, ela própria uma testemunha ocular e protagonista do movimento de mulheres que se expandiu a partir de então. Segundo escreve, centenas de homens foram presos e dezenas deles condenados à morte, além das centenas de casas destruídas e as crianças que se tornaram órfãs.²⁰⁷

Na maioria dos livros que abordam a história da Palestina durante os anos 1920 e 1930, as referências às mulheres são marginais ou mesmo inexistentes. Autobiografias escritas por algumas das protagonistas no período, nas quais relatam a participação feminina, são importantes registros de que seu papel está longe de ser secundário. O livro de Mogannam é uma dessas publicações, em que ela afirma que a revolta de al-Buraq rompeu com a passividade feminina, imposta pela tradição:

durante 12 anos ou mais as mulheres árabes na Palestina, especialmente nos distritos urbanos, tiveram uma atitude passiva seguindo a situação peculiar em que o país se encontrava. Por razões óbvias, uma mulher árabe, especialmente uma muçulmana, não poderia então atuar direta e abertamente no movimento nacional. Embora plenamente consciente, como era, de o futuro de suas crianças em seu próprio país estar ameaçado por um estrangeiro, assim como o destino da futura geração, ela não considerava que o tempo estava maduro ainda para intervir. Ela preferiu – talvez sob pressão de circunstâncias incontroláveis – confiar nos esforços do homem no campo nacional e restringir suas atividades ao que pode ser chamado de lado social do problema.²⁰⁸

A “força das circunstâncias”, nos termos de Mogannam, compeliu-as e a todos os palestinos a seguirem “sem qualquer determinação prévia um curso sobre o qual não tiveram escolha”.²⁰⁹ Assim, “as mulheres sentiram a responsabilidade

²⁰⁶ SAND, Shlomo. A invenção do povo judeu. Tradução: Eveline Boutelier. (São Paulo: Benvirá, 2011), p. 193.

²⁰⁷ MOGANNAM, Matiel. The Arab Women and The Palestine Problem (London: Herbert Joseph Limited., 1937), p. 69.

²⁰⁸ Ibidem, p. 67. (Tradução nossa)

²⁰⁹ Ibidem, pp. 68-69.

pesar sobre seus ombros”.²¹⁰ Mogannam aqui revela que o protagonismo feminino se consolida não por opção, mas empurrado pela realidade.

Na revolta de al-Buraq 120 palestinos foram mortos pelos britânicos, dos quais nove mulheres: Aisha Abu Hasan, da aldeia de Attara; Izziya Muhammad Ali Salama, do vilarejo de Qalunya; Jamila Muhammad Ahmad Alaz'ar, de Sur Bahir; Nashaweek Hasan, de Beit Safafa; Halima Yousef al-Ghandour e Mariam Ali Abu Mahmoud, da cidade de Yafa; Fatima Muhammad Ali Haj Muhammad, de Beit Daras; e duas outras cujos nomes permanecem desconhecidos.²¹¹

O 1º. Congresso de Mulheres Árabes

Em 26 de outubro de 1929 ocorreu o 1º. Congresso de Mulheres Árabes em al-Quds, presidido pela senhora Kazim Pasha al-Husseini²¹², esposa do chefe do Comitê Executivo Árabe, Musa Kazim al-Husseini. O congresso contou com a presença de 200 delegadas, muçulmanas e cristãs, de várias cidades e aldeias maiores.²¹³ A maioria delas compunha a elite palestina e era esposa de lideranças políticas e notáveis – caso da própria Matiel Mogannam, cujo marido, Mogannam Ilyas Mogannam, era do Partido da Defesa²¹⁴.

A conferência elegeu o Comitê Executivo de Mulheres Árabes, formado por 14 mulheres. A presidente era Wahida al-Khalidi, cujo cônjuge era Hussein Fakhri al-Khalidi, que seria eleito prefeito de al-Quds em 1934 e, dois anos depois, viria a integrar o Alto Comissariado Árabe à sua criação. Cinco delas eram esposas de membros do Comitê Executivo Árabe: Tarab Abd al-Hadi (senhora Ouni), Na'imati al-Husseini (senhora Jamal), Anisa al-Kadra (senhora Subhi), Mary Sarrouf Shehadeh

²¹⁰ Ibidem, pp. 68-69.

²¹¹ THE PALESTINIAN MUSEUM. The Road to the 1936 Revolt. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/14321/road-1936-revolt>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

²¹² As lideranças são identificadas dessa forma no livro “The Arab Women and The Palestine Problem”, de Matiel Mogannam, denotando a forma como as mulheres eram referidas, a partir do nome de seus cônjuges.

²¹³ MOGANNAM, Matiel. The Arab Women and The Palestine Problem, p. 70.

²¹⁴ Assim o revolucionário palestino Ghasan Kanafani se refere ao Partido da Defesa, liderado por Raghieb Nashashibi: “consistia num pequeno grupo de *effendis* urbanos que representava sobretudo os interesses da burguesia compradora e começava a descobrir que sua existência e seu crescimento dependiam de essa burguesia estar ligada não apenas ao colonialismo britânico, mas também ao movimento sionista que controlava a transformação industrial da economia palestina”. A burguesia, pelo que indica Kanafani, foi empurrada para o movimento nacionalista por vislumbrar sua substituição pelo capital sionista na aliança com o mandato britânico. Por sua “situação de classe”, nas palavras de Kanafani, contudo, também se via ameaçada pelas revoltas populares. Assim, atuaria como força contrarrevolucionária no período de 1936-1939 na Palestina. KANAFANI, Ghasan. A revolta de 1936-1939 na Palestina (São Paulo: Editora Sundermann, 2016), p. 97.

(senhora Boulos), além da própria Mogannam, que assumiu o cargo de secretária-geral. E ainda Shahinda Duzdar (tesoureira), senhoras Mousa Alami e Shukry Deeb, Melia Sakakini, Zahia Nashashibi, Fatma Husseini, Khadijeh Husseini e Zulaykha al-Shihabi.²¹⁵

Segundo a historiadora Ellen Fleischmann, certamente essas mulheres discutiam política com seus cônjuges e familiares. Não obstante, ela considera equivocado dizer que sua organização funcionava como um mero apêndice do movimento nacionalista liderado por eles, a despeito de “certo grau de cooperação”. Na sua análise, “o movimento de mulheres permaneceu claramente dissociado, com seus próprios encontros, manifestações e instituições”. E algumas vezes “lutou para preservar sua identidade distinta”.

Um exemplo dado pela autora é o caso da Associação de Mulheres de Nablus que, depois do congresso de 1929, defrontou-se com os homens tentando intervir e tomar o controle dos fundos que elas haviam coletado. As mulheres refutaram e decidiram pela independência de sua organização, dizendo que aceitariam somente suas “sugestões úteis e valiosos adendos, assim como eles deveriam aceitar o mesmo das senhoras”.²¹⁶

Do congresso de 1929, extraíram-se resoluções que exigiam a rejeição da Declaração Balfour, o fim da imigração judaica com fins de colonização, das punições coletivas pelo mandato e dos maus tratos aos prisioneiros árabes, bem como a constituição de um centro de informação para o mundo sobre a situação na Palestina. A resolução sobre a Declaração Balfour trazia o seguinte conteúdo:

Considerando ser a Declaração Balfour em detrimento dos direitos e posições dos árabes na Palestina e um ato sem precedentes na história.

Acreditando que tal Declaração é uma violação deliberada de todas as promessas dadas aos árabes antes e depois do armistício, e que contém duas contraditórias e irreconciliáveis partes, como a experiência tem revelado durante os últimos 12 anos.

Considerando, além disso, que a Declaração significa, em carta e espírito, a destruição da nacionalidade árabe na Palestina com uma visão para reviver a nacionalidade judaica.

O Congresso de Mulheres Árabes na Palestina chama seus membros para resolver em juramento, de forma solidária e coletivamente, fazer todo esforço possível, com plena força e determinação, para assegurar a

²¹⁵ FLEISCHMANN, Ellen. The Emergence of the Palestinian Women's Movement, 1929-39. Disponível em: <http://www.palestine-studies.org/ps/fulltext/40801>. Acesso em: 2 de dezembro de 2020, p. 19.

²¹⁶ Ibidem, p. 19.

revogação daquela Declaração e cuidar para que seus filhos e familiares adotem caminhos e meios para impedir sua realização. O Congresso, adicionalmente, considera que todo árabe que não cumpra com essa resolução deve ser considerado um traidor de seu país e nação.²¹⁷

Essas resoluções foram compiladas num documento entregue ao Alto Comissariado Britânico, demandando a constituição de um governo nacional democrático e o desenvolvimento de sua economia e indústria. O congresso aprovou, ainda, apoiar o Comitê Executivo Árabe em todas as suas decisões.

Após o evento, as delegadas saíram em passeata pelas ruas de al-Quds, com paradas em frente a consulados estrangeiros e à sede do mandato britânico. Diante da proibição de seguirem em marcha, formaram carreata que reuniu 120 veículos²¹⁸. As atividades do grupo foram cuidadosamente planejadas, garantindo cobertura midiática.

Do congresso nasceram diversas associações, nos principais centros urbanos da Palestina, instituídas em conformidade com as resoluções aprovadas. Uma delas foi a Sociedade de Mulheres Árabes em al-Quds, estabelecida em 1929 por um grupo de jovens mulheres liderado por Zulaykha al-Shihabi²¹⁹. O artigo 2º. de seu Estatuto evidenciava, ainda nas palavras de Mogannam, a “tendência desse movimento”:

Artigo 2º. – Os objetivos da Sociedade devem ser trabalhar para o desenvolvimento dos assuntos econômicos e sociais das mulheres árabes na Palestina, esforçar-se para garantir a extensão das atividades educacionais para as meninas, usar todos os meios legais e possíveis para elevar a posição das mulheres, promover as indústrias nacionais, assistir as instituições nacionais e apoiar qualquer corpo nacional em qualquer empreitada que possa ser benéfica ao país, seja econômica, política ou socialmente.²²⁰

Como resume documento relativo à Assembleia da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) realizada em Beirute, Líbano, em setembro de 1975, diante dos acontecimentos, “nos anos 1920, as mulheres transcendem as barreiras

²¹⁷ MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 71. (Tradução nossa)

²¹⁸ *Ibidem*, p. 76.

²¹⁹ Ver no site da Sociedade de Mulheres Árabes em al-Quds. Disponível em: <http://www.awu-je.org/en/aboutus.shtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

²²⁰ MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 77. (Tradução nossa)

da tradição para trabalhar nas organizações nacionais de resistência”, inclusive “na luta armada”.²²¹

Participação ativa

O Comitê Executivo de Mulheres Árabes encaminhou, no período subsequente, diversos memorandos ao Alto Comissariado Britânico, por exemplo apelando, enquanto mães, filhas e esposas, contra a execução de presos políticos palestinos sentenciados à morte pelo mandato por sua participação na revolta de 1929, o que, em suas palavras, teria como resultado o “aumento do ódio racial”²²². Não houve qualquer resposta.

Um último esforço para salvar suas vidas foi o envio pelas mulheres de um telegrama ao Arcebispo de Canterbury, William Lang, em 14 de junho de 1930, pedindo que intercedesse junto ao Rei da Inglaterra, George V, o que não teve o resultado esperado. Três palestinos foram executados.

As mulheres palestinas seguiram em sua apelação para evitar que outros prisioneiros tivessem o mesmo destino. Em junho de 1935, portanto menos de um ano antes de eclodir a revolução de 1936-1939, finalmente arrancaram uma vitória: o Alto Comissariado Britânico concedeu perdão aos sentenciados à morte.²²³ Na foto a seguir elas protestam em frente ao escritório do Comissariado. A segunda à esquerda é Matiel Mogannam:

²²¹ PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION, *The Struggle of Palestinian Women*. Palestine National Assembly, Research Center, Beirut, September 1975. Disponível em: <http://www.palestinianconference.org/wp-content/uploads/2013/02/PLO-PalestinianWomen.pdf>.

Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

²²² MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 78.

²²³ *Ibidem*, p. 79.



Uma prolífica atividade marcou o período que antecedeu a revolução palestina na segunda metade da década de 1930. Correspondências denunciavam a importação de armas para a formação de organizações paramilitares sionistas e extrapolaram os limites nacionais. Segundo conta Mogannam, essas iniciativas garantiram apoio na “América, Europa e mesmo Índia”.²²⁵

A década de 1930 e a seguinte registram, ainda, intensa atividade jornalística por parte de mulheres. Em seus artigos se destacavam as demandas anticoloniais, nacionalistas e de gênero. Entre as autoras, as já citadas Mary Sarrouf Shehadeh (nascida em Yafa em 1901), Asma Tubi (nascida em al-Nasra em 1905), Sadhij Nassar e Kudsiyyeh Kursheed, Shuhra Tawfiq al-Misri, Nimra Tannus, além da romancista Najwa Kawar Farah e da poeta Fadwa Tuqan, de cuja produção literária trataremos no próximo capítulo. Elas assinavam seus próprios nomes ou usavam pseudônimos.²²⁶

As mulheres do Comitê Executivo reclamavam ainda promessas do mandato em relação à situação dos *fellahin* (camponeses), submetidos a elevadas taxas, nenhuma assistência e, em menos de dois anos, vivenciando a transferência de mais de um milhão de *dunams*²²⁷ de terras árabes para judeus. Em 22 de março de

²²⁴ Foto disponível em KHALIDI, Walidi. Antes de su diáspora – Uma historia de los palestinos através de la fotografia, 1876-1948. Tradução para o espanhol: Esther Benítez. (Washington: Institute for Palestine Studies, 1984), p. 101.

²²⁵ MOGANNAM, Matiel. The Arab Women and The Palestine Problem, p. 82.

²²⁶ ASHOUR, Radwa; GHAZOU, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999, p. 208.

²²⁷ *Dunam* é uma unidade de área e cada um equivale a mil metros quadrados.

1930 arrancaram o compromisso de estabelecimento de um banco agrícola para facilitar o crédito aos camponeses – o que, contudo, Mogannam afirma que ainda não havia sido cumprido. As medidas ficaram apenas no papel.²²⁸ Sua obra, vale lembrar, é de 1937.

Outra queixa ao início dos anos 1930 era quanto à substituição de palestinos por britânicos e inclusão de imigrantes judeus recém-chegados nos postos do governo. O mandato justificava com um argumento orientalista: na atual circunstância, era necessário confiar a chefia a oficiais britânicos, na expectativa de que, “conforme a educação progrida e os sentimentos sejam pacificados na Palestina, seja possível empregar no serviço civil um sempre crescente número de nativos”.²²⁹ Na busca pela cooperação, sobretudo de famílias influentes, ou pelo menos de seu silêncio, não obstante, o mandato recrutaria um número de palestinos, como descreve ainda Mogannam.²³⁰

Ela revela que embora houvesse a determinação de “nunca aceitar o sistema de mandatos”, que tinha a Liga das Nações como responsável por sua administração, “por força das circunstâncias, de tempo em tempo, foram compelidas a depositar esperanças na Comissão Permanente de Mandatos”.²³¹ No entanto, nesta predominavam os “interesses judeus”.²³² Como consequência, nenhum palestino era escutado pessoalmente, “embora o direito de audiência fosse garantido pelo mandatário”.²³³ Daí a razão por que escreviam petições, memorandos e se dedicavam a correspondências, enquanto participavam de manifestações contra o mandato britânico e as forças sionistas. Até que as mulheres, em suas próprias palavras, perderam a fé.

Se o movimento até então era de elite e urbano, a década seguinte marcará a entrada das mulheres da classe trabalhadora e camponesa. Para o historiador Salim Tamari, as associações de caridade e a busca por garantir educação para meninas ainda ao início do século XX iluminam esse caminho e são indissociáveis. Ele chega a essa conclusão ao analisar o diário de Adele Shamat Azar (1886-1968), conhecida

²²⁸ MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 83.

²²⁹ *Ibidem*, p. 99. (Tradução nossa)

²³⁰ *Ibidem*, p. 89.

²³¹ *Ibidem*, p. 89.

²³² *Ibidem*, p. 89.

²³³ *Ibidem*, p. 89.

à época como “Mãe dos pobres”, escrito sob a forma de uma extensa carta a sua neta. Nascida em Yafa, ela foi uma das fundadoras da Associação de Mulheres Ortodoxas nessa cidade, em 1910, portanto, ainda antes do mandato.

Tamari afirma que nos anos pós-Primeira Guerra Mundial todas as organizações como essa se dedicaram, como parte do trabalho assistencial a órfãos e pobres, a ensinar as “meninas destituídas”. Em seus escritos, Adele Azar conta que após o estabelecimento da escola para meninas na associação, o passo seguinte era convencer os pais de que não era vergonhoso prepará-las para o trabalho. E assegura que foi bem-sucedida: para jovens que passaram por suas salas de aula ela conseguiu trabalho nos serviços públicos, correios, departamentos de telefonia, comércio e hospitais, como enfermeiras: “Por esse trabalho eu me tornei conhecida como *al-za’ima* (a chefe).”²³⁴ Ela entendia que educação e emprego eram importantes para retirá-las da pobreza.

Diante da situação na Palestina, passou a ganhar importância também nessas salas de aula elevar a consciência nacional e o conhecimento sobre a herança cultural árabe, para que fosse preservada: Em decorrência, estudantes viriam a participar das greves nos anos 1929, 1933 e 1936 e do movimento de desobediência civil chamado pelo Alto Comissariado Árabe a partir deste último ano.

O trabalho de caridade não cessou com a transição das associações de mulheres para o ativismo político também durante os anos 1930, mas o principal foco de suas atividades começa a adotar os objetivos e *slogans* que subordinaram seus trabalhos ao movimento nacional.²³⁵

Adele Azar é um exemplo. Começa a se envolver na década com a agitação nacionalista e em 1931 é eleita presidente do Congresso das Mulheres Palestinas realizado em Yafa. Na reunião, faz um chamado a que as participantes “ajudem a nação, dando suas joias”.²³⁶ E terá participação ativa no movimento nacionalista de mulheres nos anos subsequentes.

²³⁴ TAMARI, Salim. Adele Azar: Public Charity and Early Feminism. https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/Pages_from_JQ_74_-_Tamari_0.pdf, p. 75.

²³⁵ Ibidem, p. 74.

²³⁶ Ibidem, p. 75.

Em 1931, ainda, aconteceu um protesto massivo em Nablus, em resposta à colonização sionista. As mulheres se posicionaram na manifestação entre homens de meia-idade e jovens. Quando a polícia britânica tentou separar as primeiras dos segundos, estes atiraram pedras. A repressão disparou sobre a multidão. Onze pessoas ficaram feridas, quatro delas atingidas por tiros e as demais, por cassetetes. O serviço de inteligência sionista propagandeou que uma das mulheres que participavam do protesto matou um policial. Esse incidente e a repressão galvanizaram protestos entre a comunidade árabe-palestina e expressões de solidariedade com os manifestantes de Nablus, que deram o tom do movimento de mulheres a partir de então.²³⁷

Rumo à revolta popular

Matiel Mogannam considera o ano de 1932 como “um dos mais impressionantes do movimento nacional, na longa e variada história da Palestina sob administração britânica”.²³⁸ Em 27 de março daquele ano se realiza em Yafa a Conferência Geral dos Árabes da qual se extrai a resolução de “não cooperação” com a administração do mandato, como forma de pressão para que as demandas dos palestinos por independência fossem atendidas e, ao encontro disso, contra a imigração judaica “absurdamente” elevada.²³⁹

Em meio a esse ambiente, o general britânico Lorde Allenby (1861-1936), comandante-chefe das Forças Aliadas da Palestina durante a Primeira Guerra Mundial, aceitou em 1933 um convite da Y.M.C.A., a Associação Cristã de Jovens Moços, para inaugurar seu novo edifício em al-Quds, que seria dedicado a ele. Conforme relata Mogannam, a visita, acompanhada de outro britânico – Lorde Swinton, então secretário de Estado para as Colônias –, reacendeu velhos ressentimentos, uma vez que Lorde Allenby havia prometido a independência aos palestinos quando entrou na Palestina em 1917.

²³⁷ FLEISCHMANN, Ellen. *The Nation and its New Woman: The Palestinian Women's Movement, 1920-1948*, p. 121.

²³⁸ MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 93. (Tradução nossa)

²³⁹ *Ibidem*, p. 93.

Na ocasião, ele proferiu as seguintes palavras:

Os objetivos do governo da Grã-Bretanha e seus aliados em levar a cabo a guerra são garantir a libertação completa e final do povo por tanto tempo oprimido pelos turcos e o estabelecimento de governos e administrações cuja autoridade derive da iniciativa e livre escolha da população nativa.²⁴⁰

As organizações palestinas então decidiram boicotar a iniciativa da Y.M.C.A., em face de promessas não cumpridas e da ação do mandato britânico em prol da imigração sionista, que se intensificava substancialmente, com profundos impactos sobre a vida dos palestinos. Entre 1933 e 1935, como descreve Kanafani, 150 mil judeus imigraram para a Palestina, uma média anual de 42.985, “elevando a parcela dessa população no país a 443 mil, ou seja, 29,6% do total”. Três quartos se estabeleceram nas cidades. Segundo esse autor, entre 1926 e 1932, a média anual era de 7.201. A imigração, explica ele,

destinava-se não apenas a assegurar uma concentração de capital judaico-europeu na Palestina que viria a dominar o processo de industrialização, mas também a viabilizar esse esforço com um proletariado judeu. A política de ‘trabalho exclusivo para judeus’ teve graves consequências, pois levou ao rápido surgimento de padrões fascistas na sociedade de colonos judeus.²⁴¹

Os impactos dessa política acirraram a divisão e disputas entre os palestinos e esses imigrantes. Diante desse cenário, a recepção ao Lorde Allenby por parte dos primeiros não poderia ser outra. Para além do boicote à iniciativa da Y.M.C.A., as mulheres realizaram, no dia 15 de abril de 1933, uma passeata contra a visita a al-Quds do general britânico. A ação incluiu iniciativa histórica que demonstrava que não cabia sectarismo no movimento de mulheres: paradas em dois importantes centros religiosos de al-Quds, a Igreja do Santo Sepulcro, em que discursou a muçulmana Tarab Abd al-Hadi, e a Mesquita de Omar (Domo da Rocha), na qual falou a cristã Matiel Mogannam. Esta última conta que chovia intensamente, e “os olhos da polícia falharam em deter essas senhoras” e interromper o planejado. “Às 10h da manhã, a procissão deixou o escritório do Comitê Executivo de Mulheres e seguiu pelas ruas de Jerusalém.”

²⁴⁰ MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 94.

²⁴¹ KANAFANI, Ghasan. *A revolta de 1936-1939 na Palestina*. São Paulo: Editora Sundermann, 2015, p. 32.

No púlpito da Mesquita de Omar, Mogannam proferiu as seguintes palavras:

Essa é a segunda vez na história do nosso movimento que realizamos manifestação como esta. Ao fazer isso, nós queremos trazer para casa, para o mundo em geral, a posição desesperada em que chegamos devido à política opressiva e injusta dispensada a nós sob a administração colonial que tem sido configurada no país sob o disfarce de mandato. É a segunda vez que nós proclamamos através de tal silente manifestação que a nação árabe que vive ao redor desses dois *Harams*, a Mesquita de Al-Aqsa e o Santo Sepulcro, mantidos em veneração e sagrados para ambos os mundos – Oriente e Ocidente –, não tolerará qualquer tal injustiça ou se submeterá a tamanha humilhação. Desejamos fazer conhecer a todas as nações no Oriente e no Ocidente que, a despeito dessa administração imperialista, continuamos a trabalhar, plenamente unidas até alcançarmos nossas promessas nacionais.²⁴²

Na Igreja do Santo Sepulcro, a muçulmana al-Hadi protestou:

Ontem Lorde Allenby, o comandante-em-chefe dos exércitos britânicos na Palestina durante a Grande Guerra, chegou a Jerusalém. Será lembrado que 15 anos atrás esse grande soldado fez sua entrada oficial em Jerusalém depois de sua captura por suas tropas, a quem os árabes renderam pronta assistência. As mulheres árabes ainda lembram a proclamação feita por Lorde Allenby e seu apelo aos árabes para juntarem suas forças contra os turcos a sua libertação e independência, mas os árabes têm visto com que extensão a Grã-Bretanha tem violado suas promessas, dividido o país e aplicado uma política sobre o povo durante os últimos 15 anos, a qual inevitavelmente resultará na aniquilação e sua suplantação por judeus através da admissão de imigrantes de todas as partes do mundo. Hoje ficamos no Santo Sepulcro e denunciemos perante Deus e o homem, na ocasião da visita de Lorde Allenby, as calamidades que se abateram sobre os árabes nesse país e seu sofrimento em consequência da injusta política britânica. Nós desejamos lembrar a esse grande soldado da Grã-Bretanha as promessas e o sangue derramado dos árabes em resposta a seus apelos.²⁴³

Em outubro do mesmo ano, o Alto Comissariado Árabe chamou uma greve geral e protestos irromperam em várias cidades palestinas, como Yafa, Haifa, Nablus e al-Quds – na qual, segundo noticiado à época, 500 mulheres se somaram ao protesto.²⁴⁴ A repressão foi violenta. Em Yafa, 26 palestinos perderam a vida. Muitos foram presos pelo mandato britânico, entre eles dois membros do Alto Comissariado Árabe, cujas esposas eram Tarab Abd al-Hadi (senhora Ouni) e Na'imati al Husseini (senhora Jamal). Consequentemente, de acordo com Fleischmann, as mulheres do Comitê Executivo intensificaram seu engajamento,

²⁴² MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem*, p. 98. (Tradução nossa)

²⁴³ *Ibidem*, p. 99. (Tradução nossa)

²⁴⁴ FLEISCHMANN, Ellen. *The Nation and its New Woman: The Palestinian Women's Movement, 1920-1948*, p. 123.

realizando várias reuniões com o Alto Comissariado Britânico para exigir a libertação dos presos palestinos e o fim da repressão.²⁴⁵

A revolução de 1936-1939

As tensões cresciam a passos largos, motivadas pela crise socioeconômica instalada com a colonização sionista acelerada. Kanafani traz dados que revelam os antecedentes que culminaram na explosão popular em 1936. Conforme ele, em 1935, 90% das concessões do governo do mandato estavam nas mãos dos sionistas, que “controlavam 1.212 estabelecimentos industriais na Palestina, empregando 13.678 trabalhadores, enquanto os demais eram controlados por palestinos e empregavam 4 mil”. A remuneração dos primeiros se elevava em 10%, e a dos árabes-palestinos caía na mesma proporção, conforme censo de 1937. A desigualdade salarial era assombrosa: na indústria têxtil, “a diferença entre trabalhadoras judias e árabes-palestinas atingia 433%, e na indústria do tabaco, 233%”. Empresas árabes fechavam, e o desemprego aumentava. Somente em Yafa, chegou a 4 mil pessoas que perderam seus postos de trabalho – a população total à época somava 71 mil.²⁴⁶

Ao mesmo tempo, camponeses, que constituíam a maioria da população à época, eram expulsos de suas terras, como resultado da colonização sionista. Segundo Kanafani, em 1931, 59% dos árabes-palestinos viviam da agricultura de subsistência, contra 19,1% judeus. Os primeiros enfrentaram-se com a perda de quase um terço de sua área agricultável, o que os jogou na pobreza. Sem outra opção, migravam para as áreas urbanas e passavam a compor a massa de mão de obra precária e de desempregados, que se acentuava. As condições de vida se deterioravam rapidamente.²⁴⁷

A explosão social era iminente. Nesse cenário, as mulheres palestinas tiveram papel fundamental para elevar a consciência popular e incitar os habitantes à revolta.

²⁴⁵ Ibidem, p. 122.

²⁴⁶ KANAFANI, G. A revolta de 1936-1939 na Palestina, p. 34.

²⁴⁷ Ibidem, pp. 33-35 e 44.

Quem demonstra é a especialista em estudos de gênero, acadêmica e poeta palestina Faiha Abdulhadi, através de pesquisa que incluiu entrevistas com 155 palestinos, dos quais 10% homens e o restante mulheres, tanto de áreas ocupadas quanto em situação de refúgio, no Líbano, Síria, Jordânia e Egito. O trabalho culminou na publicação de seu livro “The Political Role of Palestinian Women in the 1930s”²⁴⁸. Conforme Abdulhadi, entre os entrevistados, 75 mulheres e 14 homens (um total de 89 narradores) responderam à questão sobre o papel da mulher na revolta de 1936: 98,8% confirmaram sua participação, enquanto somente um disse que não sabia (perfazendo 1,12% dos narradores). Ninguém negou.²⁴⁹

Do conjunto, ainda, 32 mulheres e três homens destacaram seu protagonismo em instigar a população ao levante. Em sua obra, Abdulhadi revela que as palestinas tanto em áreas rurais quanto urbanas entoavam canções populares de caráter nacionalista para incitar a revolta. Isso é enfatizado também em artigo encontrado no The Palestinian Museum, que afirma seu protagonismo e informa que a canção *Ululate* – Mãe do Mártir – “imbuía o sacrifício em prol da dignidade, da justiça e da liberdade”. As mulheres cantavam para avisar sobre ameaças aos rebeldes, mas também para incentivá-los, como no caso das mulheres da aldeia palestina de Ya'bad, no distrito de Jenin, que entoavam:

Aqueles são de Ya'bad, e quem poderia sitiá-los.
Aqueles que carregam armas e punhais na cintura.
Eu pedi a Deus todo-poderoso para lhes conceder a vitória.
Uma doce vitória que é digna deles.²⁵⁰

O líder nacionalista palestino Fawzi al-Qawuqji (1890-1977) chegou a considerar “a pólvora e as canções femininas igualmente importantes”.²⁵¹ A memória popular tem um estoque considerável de canções folclóricas (*mejanah*) associadas à revolta.

²⁴⁸ ABDULHADI, Faiha. The Political Role of Palestinian Women in the 1930s (Ramallah: The Palestinian Women's Research & Documentation Center, fevereiro de 2015). Tradução (árabe-ínglês): Nitham Sais

²⁴⁹ ABDULHADI, Faiha. The Political Role of Palestinian Women in the 1930s, p. 29.

²⁵⁰ THE PALESTINIAN MUSEUM. A purse, a song, and a gun – The Struggle of Palestinian Women in the 1920s and 1930s. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/13812/purse-song-and-gun>. Acesso em: 3 de março de 2021. (Tradução nossa)

²⁵¹ Ibidem.

As que viviam nas cidades desempenharam ainda papel importante para conscientizar meninas e jovens estudantes sobre a situação política na Palestina e envolvê-las no processo que culminaria na revolução de 1936-1939, como foi o caso de Adele Azar, já citada.

Organizavam simpósios para tanto e criavam comitês sob o guarda-chuva das sociedades de mulheres existentes. Também visitavam as aldeias rurais com o mesmo objetivo. A poesia popular, como já mencionado, era instrumental nesse sentido, assim como seus artigos e livros. A jornalista e escritora Sadiyah Nassar, nascida em Haifa, é reconhecida no The Palestinian Museum como uma das primeiras a enxergarem a importância de organizar as mulheres das áreas rurais e envolvê-las na luta nacional.²⁵² Sua história será contada ainda neste capítulo.

A revolta foi detonada a partir de uma greve geral em abril de 1936 que durou seis meses – quando a elite palestina chamou ao seu encerramento. O trabalho das mulheres em conscientizar estudantes deu frutos: relatos dão conta de sua participação ativa.

²⁵² THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Sadiyah Nassar. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadiyah-nassar>. Acesso em: 24 de julho de 2021.



253

A paralisação das atividades durante seis meses no ano de 1936 foi suportada por um senso de solidariedade. Vizinhas cultivavam seus vegetais, compartilhavam pães, leite e outros itens básicos para garantir alimentação. As associações também garantiam ajuda humanitária e assistência às famílias de presos.²⁵⁴

Não obstante, a maioria das descrições sobre esse processo, como observa Abdulhadi, reserva às mulheres um papel marginal. O próprio Kanafani não as destaca em sua obra “A revolta de 1936-1939 na Palestina”, na qual traz um capítulo sobre a atuação importante dos poetas durante esse processo. Segundo ele, seus versos eram entoados durante as manifestações e lideravam palavras de ordem. Entre estes, Kanafani não menciona nenhuma mulher, não obstante em seus contos haja a representação feminina, sobretudo através da personagem Umm Saad, simbolizando a “mãe terra”²⁵⁵.

²⁵³ Meninas participam das manifestações nos anos 1930. Em THE PALESTINIAN MUSEUM. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/13812/purse-and-gun>. Acesso em: 25 de julho de 2021.

²⁵⁴ ABDULHADI, Faiha. The Political Role of Palestinian Women in the 1930s, p. 58.

²⁵⁵ Kanafani, Ghassan. Men in the Sun and other Palestinian Stories, Umm Saad (1963: London : Lynne Reiner, 1999). O estudo da representação feminina na sua obra literária e de outros escritores do gênero masculino não é proposto nesta tese. Vale apenas destacar que enquanto o simbolismo da “mãe terra” na personagem Umm Saad não escapa em si aos papéis reservados às mulheres

Na pesquisa realizada por Abdulhadi, narrativas incorporam a esse conjunto, durante a revolta de 1936-1939 na Palestina, a voz feminina.²⁵⁶

A repressão violenta por parte da Grã-Bretanha, com o apoio de gangues sionistas e regimes árabes que fechavam as fronteiras impedindo que os rebeldes pudessem receber suprimentos e entregavam as lideranças aos britânicos, levou ao aprofundamento da revolta. Papel também cumprido pela liderança “feudal e clerical palestina”, nas palavras de Kanafani, que sentia seus interesses ameaçados pelo capital sionista, mas também pela ascensão das “massas pobres árabes que já não sabiam a quem seguir”. Na verdade, essa elite estava mais preocupada em negociar com o mandato britânico para ser a substituta do capital sionista. A revolta popular, para a qual essa liderança fora empurrada, era vista por ela como um elemento de pressão nessa direção. Contudo, aprofunda-se e essa elite perde o controle, então passa a atuar como uma força contrarrevolucionária, como indica Kanafani.²⁵⁷

Mães, esposas e outras familiares de mortos tradicionalmente cantavam durante os funerais, e seu lamento também se transformava em atos de protesto e incitamento ao levante. Elas se uniam, ainda, às mobilizações após o assassinato ou prisão de seus entes queridos.²⁵⁸

Abdulhadi traz entrevistas com algumas das que participaram ativamente nesse incitamento e encorajamento à revolta, que se conectava à realização na sequência de manifestações contra o mandato britânico e a imigração sionista. Entre essas mulheres, Issam Al-Huseini, Izdihar Al-Shurafa, Widad Al-Ayyoubi e Samiha Khaleel. Esta última conta que discursou em frente à Mesquita pela primeira vez: “Eu estava muito feliz aquela noite, pensando sobre como fui capaz de servir minha nação por falar contra a Declaração Balfour e a venda de terras [aos sionistas].”²⁵⁹ Maymanah Ezzedin Al-Qassam foi outra palestina a participar desse movimento e discursar, na Mesquita Al-Istiqlal, em Haifa. Assim como Rabab Al-Huseini, em Gaza, que, de acordo com relatos, teve papel preponderante em inflamar as massas

palestinas na resistência, Kanafani dá mostras de avanço na consciência da personagem camponesa, enquanto agente da mudança.

²⁵⁶ ABDULHADI, Faiha. *The Political Role of Palestinian Women in the 1930s*, p. 42.

²⁵⁷ KANAFANI, G. *A revolta de 1936-1939 na Palestina*, pp. 95-96.

²⁵⁸ ABDULHADI, Faiha. *The Political Role of Palestinian Women in the 1930s*, p. 44.

²⁵⁹ *Ibidem*, p. 39. (Tradução nossa)

em 1936 e liderou as manifestações na localidade, que também traziam reivindicações por liberdade às mulheres.²⁶⁰

Além desses e muitos outros nomes, em várias obras encontram-se referências sobre a formação de um grupo denominado “As Companheiras de Al-Qassam”, que atuava sobretudo em al-Quds. Este seria parte de organização militar denominada *al-Kaf al-Aswad* (ou Mão Negra), fundada em 1930 pelo Sheikh Izzeddin al-Qassam – revolucionário sírio que atuava na Palestina desde 1921, contra o movimento sionista e o mandato britânico. Ele morreu em combate em novembro de 1935, e seu assassinato é considerado como um dos fatores que levaram à revolta meses depois.²⁶¹ No ano de sua morte, o número de membros treinados que seriam seguidores de Al-Qassam variava entre 200 e 800 combatentes. Altos níveis de sigilo caracterizavam seu trabalho, consistindo de grupos em que apenas um quarto se conhecia.

Análise quantitativa junto a 43 narradores (37 mulheres e seis homens), como parte do estudo organizado por Abdulhadi, mostra que 39,5% deles (15 mulheres e dois homens) tinham escutado sobre um grupo de mulheres chamado “As Companheiras de Al-Qassam” ou “Companheiras Al-Qassam”, e 60,5% (12 mulheres e quatro homens), não.²⁶²

A autora, todavia, revela inconsistências sobre a existência de fato de um grupo organizado. Os testemunhos indicam que essas mulheres simples dos vilarejos atuavam com Sheikh Al-Qassam, mas não formavam grupo particular.²⁶³

Entre os nomes citados durante a pesquisa de campo desenvolvida por Abdulhadi estão Um Ali, de Al-Falouja; Fatima Ghazal, Ruqayya Al-Houri, Khazneh Al-Khateeb, Nayefa Al-Zaben e Suad, do distrito de Akka; Gharibah Ak Sheikhan, de Safad, na Alta Galileia; e Alhajjeh Aisha Abu Gheida’ Al Shoukaneyyah.²⁶⁴

Durante a revolução de 1936-1939 (*al-Thawra al-Kubra*), ainda, as mais ativas enviavam cartas com ameaças à repressão britânica. E as que trabalhavam no

²⁶⁰ Ibidem, pp. 40-43.

²⁶¹ Ibidem, p. 71.

²⁶² Ibidem, p. 24.

²⁶³ Ibidem, p. 27.

²⁶⁴ Ibidem, p. 28.

serviço postal interceptavam mensagens para informar os revolucionários. Várias foram detidas, julgadas em tribunais militares e enviadas à prisão.²⁶⁵

Desde provimento de alimentos aos rebeldes, transmissão de informações, auxílio aos feridos, comando de locais de armazenamento de armas, incitação à ação, atirar pedras em soldados britânicos e contribuir militarmente, os testemunhos indicam variedade de trabalhos desenvolvidos pelas mulheres palestinas no período.²⁶⁶ A seguir, registro de sua atuação na coleta de fundos em al-Quds para garantir mantimentos e assistência a famílias palestinas em 1936:



Fundraising for Palestinian families, Jerusalem, 1936

267

O documento relativo à Assembleia da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) realizada em Beirute, em 1975, abrange tanto a participação feminina na greve geral que deu início à revolta de 1936-1939 contra o mandato britânico e a imigração sionista quanto em brigadas armadas. Entre as mulheres protagonistas, Fatima Khalil Ghazal, que faleceu em 26 de junho de 1936 durante a Batalha de Wadi 'Azzun²⁶⁸ entre o Exército britânico e a resistência palestina. Na foto a seguir, ela é uma das combatentes na trincheira mista, formada por homens e mulheres:

²⁶⁵ THE PALESTINIAN MUSEUM. The Road to the 1936 Revolt. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/14321/road-1936-revolt>. Acesso em: 15 de julho de 2021.

²⁶⁶ ABDULHADI, Faiha. The Political Role of Palestinian Women in the 1930s, p. 32.

²⁶⁷ WORLD HISTORY COMMONS. Fundraising for Palestinian Families in Jerusalem. Disponível em: <https://worldhistorycommons.org/fundraising-palestinian-families-jerusalem>. Acesso em: 7 de dezembro de 2021.

²⁶⁸ Batalha que ocorreu na estrada que ligava 'Azzun a Qalqilya.



269

Em meio à revolta, entre 15 e 18 de outubro de 1938, delegação de mulheres palestinas, que reunia 40 membros, dirigiu-se ao Cairo para participar de conferência organizada pela líder feminista egípcia Huda Sha'rawi, após ter sido contatada pelas suas compatriotas palestinas para ajudar em meio à difícil situação que enfrentavam.²⁷⁰



271

²⁶⁹ Coleção da OLP / Instituto de Estudos Palestinos.

²⁷⁰ SHA'RAWI, Huda. *The Harem Years – The Memoirs of an Egyptian Feminist*. Tradução para inglês: Margot Badran (New York: Feminist Press at the City University of New York, 1987) p. 135.

²⁷¹ Foto disponível em ARANGUREN, Teresa; BARRILARO, Sandra; MANSOUR, Johnny; KHADER, Bichara. *Contra el olvido – Una memoria fotográfica de Palestina antes de la Nakba, 1889-1948*, 2ª. edição (Guadarrama/Madrid: Ediciones del Oriente y del Mediterraneo: 2016), p. 133.

Entre suas resoluções, a responsabilização da Europa, sobretudo de estados aliados, pelos acontecimentos na Palestina; o chamado aos regimes árabes para que se envolvessem em busca de solução; um tributo aos combatentes palestinos; o apoio à revolta; o desarmamento dos sionistas (os árabes tinham suas armas confiscadas pelos britânicos, que secretamente as entregavam a judeus); a exigência de que o Crescente Vermelho estabelecesse unidade médica para atender os feridos; e a garantia à educação de filhos e filhas dos mártires pelo Ministério da Educação do Egito e por todas as instituições religiosas.²⁷²

Maymanah Ezzedin Al-Qassam falou em nome da delegação palestina. De acordo com as narrativas constantes do estudo de Abdulhadi, ela fez um discurso emocionante e revolucionário em que denunciou a situação política, o qual foi repercutido em jornais da época: “Senhoras e senhores, sabem quem sou? Sou a filha daquele que bateu na porta da liberdade com as mãos nuas manchadas de sangue [...]”

A revolução, contudo, foi derrotada no ano de 1939. Conforme Kanafani, a melhor estimativa, ainda conservadora, aponta o saldo de 5.032 mortos e 14.760 feridos palestinos – incluindo as baixas causadas pelas gangues sionistas –, além de cerca de 9 mil presos pela Grã-Bretanha:

Em relação ao número de habitantes, as perdas palestinas em 1936-1939 equivaleriam às perdas pelos britânicos de 200 mil mortos, 600 mil feridos e 1,224 milhão de presos. Em relação à América, as perdas significariam 1 milhão de mortos, 3 milhões de feridos e 6,120 milhões de presos.²⁷³

A vulnerabilidade a que foram jogados os palestinos desde então, totalmente desarmados – nas palavras de um refugiado palestino, “não podiam sequer portar uma faca de cozinha” –, assentaria as bases para a catástrofe de 1948, como se verá no próximo capítulo. E na sequência, à literatura de resistência.

²⁷² ABDULHADI, Faiha. *The Political Role of Palestinian Women in the 1930s*, p. 70.

²⁷³ KANAFANI, G. *A revolta de 1936-1939 na Palestina*, p. 100.

Sadhij Nassar (1900-1970)

A jornalista e escritora Sadhij Nassar, nascida em Haifa, foi a primeira mulher a ser enviada a um “campo de detenção” pelo mandato britânico por “atividades nacionalistas”, quando a derrota da revolução batia às portas, ao final de 1938. Ela integrara a delegação palestina à conferência de mulheres no Cairo, no mesmo ano²⁷⁴, e sua prisão se deu pouco depois de retornar à Palestina, sob a acusação pelo mandato britânico de fornecer armas aos rebeldes, o qual a descrevia como líder agitadora, “uma ameaça à segurança pública”.²⁷⁵

Ela foi mantida no cárcere em Bethlehem por 11 meses, o que motivou ampla campanha local e internacional pela sua libertação. Seu cônjuge, Najib Nassar, escreveu-lhe uma carta em que afirmava: “A história não lembrará de mim por causa do *Al Karmel*, mas por causa da minha esposa, a primeira mulher palestina a ser presa nas celas das forças de ocupação por defender a Palestina.”²⁷⁶



277

Como já citado, seu envolvimento político se inicia ainda nos anos 1920, quando começa a escrever no jornal *Al Karmel*, de propriedade de seu cônjuge, e na sequência cria seção que aborda temas sociais e de gênero. Em 1932, ela a subdivide em duas, incluindo uma específica sobre cada tema. Além de jornalista, era editora-chefe do *Al Karmel* e o administrava juntamente com seu marido, Najib Nassar, com quem teve um único filho, Farouk. Proficiente em quatro idiomas, também traduzia artigos de publicações estrangeiras para o jornal.

²⁷⁴ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Sadhij Nassar. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadhij-nassar>. Acesso em: 10 de agosto de 2021.

²⁷⁵ Ibidem.

²⁷⁶ Ibidem.

²⁷⁷ Ibidem.

Segundo Ellen Fleischmann, entre 1926 e 1933 ela teve uma atividade prolífica, escrevendo sobre ampla gama de tópicos e reportando as atividades das mulheres na Palestina e em toda a região, bem como internacionalmente. Seus artigos eram enérgicos: ela tanto condenava quanto elogiava e encorajava iniciativas do movimento e, por vezes, conclamava as mulheres a se envolverem politicamente, para garantirem igualdade para si e seus filhos – criando-os com base na equidade de gênero –, unificando-se de modo a libertar-se para, entre outros aspectos, se tornarem independentes economicamente, através do trabalho.²⁷⁸

Além disso, incentivava-as a atuarem contra a colonização sionista e o mandato britânico.²⁷⁹ Nessa linha, escreveu

Vocês são responsáveis. Sim, vocês, mulheres palestinas, cristãs e muçulmanas, são responsáveis pela integridade nacional (sua *watan*) e por manter a Palestina árabe. Toda mulher propagará o espírito de cooperação entre os filhos dos árabes nas almas de suas crianças.²⁸⁰

Em 1930, em colaboração com Mariam al-Khalil, ela cofundou a União das Mulheres Árabes em Haifa, que teve papel de destaque na greve geral de 1936. Sadjij Nassar, de acordo com o The Palestinian Museum, “trabalhou duro para tentar organizar as mulheres agricultoras do distrito de Baysan (com as quais viveu por algum tempo). Seus esforços nesse sentido, entretanto, não tiveram sucesso”.

Após ser libertada da prisão em 1939, Sadjij seguiu com a militância e com o trabalho jornalístico – o *Al Karmel* foi fechado várias vezes pelo mandato britânico e em 1944, suas instalações foram seladas permanentemente. Nesse mesmo ano, participou do Congresso Geral das Mulheres Árabes convocado pela União Feminista Egípcia e realizado na Cairo Opera House, quando discursou instando os árabes a trabalharem ativamente para salvar a Palestina, “antes que seja tarde demais”.²⁸¹

²⁷⁸ FLEISCHMANN, Ellen. *The Nation and Its New Women: The Palestinian Women's Movement, 1920-1948*, p. 81.

²⁷⁹ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Sadjij Nassar. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadjij-nassar>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁸⁰ FLEISCHMANN, Ellen. *The Nation and Its New Women...*, p. 81.

²⁸¹ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Sadjij Nassar. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadjij-nassar>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

Com a *Nakba* de 1948, todo o distrito de Haifa – sob cerco e intimidação desde dezembro de 1947 – foi objeto de limpeza étnica e genocídio, como amplamente descrito pelo historiador palestino Walid Khalidi, e caiu nas mãos dos sionistas.²⁸²

Sadhij Nassar está entre os 61 mil palestinos expulsos na ocupação violenta de Haifa em 23 de abril de 1948²⁸³ – do total de habitantes, apenas 3.566 conseguiram permanecer na região. Ela se refugiou inicialmente no Líbano, onde publicou uma série de artigos no jornal *al-Yawm* sobre a tragédia da Palestina e a deterioração das condições de vida de sua população. Depois mudou-se para a Síria e passou a escrever para jornais do país, como o *al-Qabas*. Como tantas outras mulheres que dedicaram sua vida à luta por libertação, faleceu em Damasco.²⁸⁴

Asma Tubi (1905-1983)

Encerrar sua vida no exílio foi também o destino de Asma Tubi (1905-1983), cujos restos mortais repousam em Beirute, Líbano. Nascida em al-Nasra, seu protagonismo se inicia ainda nos anos 1920, quando a Palestina testemunha o renascimento cultural e ela se engaja a esse movimento. Asma Tubi é considerada uma das principais vozes literárias na Palestina pré-*Nakba*, assim como da libertação social e intelectual das mulheres.

Tendo iniciado os estudos na escola britânica em sua cidade, segundo o The Palestinian Museum, ela mostrou logo aptidão para línguas, aprendendo inglês e grego em escola privada. Após se casar com Ilyas Nicola Khuri, mudou-se para Akka, onde estudou o Alcorão para aperfeiçoar o árabe. Desde cedo, revelou inclinação para a literatura. Seu pai, Rizk Tubi, era poeta e com ele, Asma Tubi aprendeu as odes clássicas *mu'allaqat* e outras, as regras da prosódia e

²⁸² KHALIDI, Walidi, *All That Remains – The Palestinian Villages Occupied and Depopulated by Israel in 1948* (Washington: Institute for Palestine Studies: 2006), pp. 141-204.

²⁸³ Dados do portal PALESTINE REMEMBERED. Disponível em:

<https://www.palestineremembered.com/Haifa/Haifa/index.html>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁸⁴ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Sadhij Nassar. Disponível em:

<https://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadhij-nassar>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

declamação pública. “A poesia se tornou seu alimento espiritual, como era para seu pai.”²⁸⁵



286

Não obstante, Asma Tubi revela em sua produção uma amplitude de gêneros literários incomum. Além do gosto pela poesia, com apenas 20 anos de idade, à emergência do teatro na Palestina, ela passou a escrever peças e já à primeira – “A execução do czar russo e sua família”, apresentada no ano de 1925 em Akka – é amplamente aclamada pela crítica regional.²⁸⁷ A peça em cinco atos foca a queda do czar Nicolau II e de toda a família imperial Romanov durante a revolução russa de outubro de 1917, revelando seu conhecimento do que ocorria internacionalmente e a influência desse processo junto a jovens palestinos num período em que sua própria luta por libertação nacional dava um salto.

Outras peças se seguiram, a maioria em três ou quatro atos, exibida em locais públicos ou escolas de teatro.²⁸⁸ Entre elas, algumas traziam temas que revelavam a conexão com o momento histórico, como “Paciência e libertação” e “Mártires pela lealdade” (esta última em um ato), assim como “Mulheres e segredos”.

²⁸⁵ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Asma Tubi. Disponível em:

<https://www.paljourneys.org/en/biography/6583/asma-tubi>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁸⁶ PALESTINIAN ACADEMIC SOCIETY FOR THE STUDY OF INTERNATIONAL AFFAIRS (Passia). Personalities Tubi, Asma (1905-1983). Disponível em: <http://passia.org/personalities/807>. Acesso em 3 de fevereiro de 2021.

²⁸⁷ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Asma Tubi. Disponível em:

<https://www.paljourneys.org/en/biography/6583/asma-tubi>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁸⁸ Ibidem.

Outras peças de teatro de sua autoria são “Olho por olho, e jogatina”, também em um único ato, e “Origens da árvore de Natal”.



289

Em 1930 surge na Palestina a “radioliteratura”, e ela se torna a primeira mulher a trabalhar como apresentadora. Também criou uma seção na Rádio Palestina intitulada “Para a mãe árabe”, em que enfatizava três princípios à educação das crianças: honestidade, senso de dever e honra.²⁹⁰ Asma Tubi foi ainda locutora da rádio Oriente Próximo, inaugurada em Yafa, e escrevia artigos para jornais à época, sendo editora da página feminina do periódico *Filastin Paper*, em cujo index de textos literários constam quase 40 nomes de mulheres entre 1910 e 1948.²⁹¹

Essa prolífica atividade jornalística e cultural era combinada com sua atuação no movimento de mulheres. Na esteira da formação de organizações após o 1º Congresso de 1929, Asma Tubi teve papel proeminente em estabelecer um comitê de mulheres em Akka e durante a revolução de 1936-1939 atuou na coleta de fundos e suprimentos aos rebeldes, bem como na supervisão e treinamento de

²⁸⁹ Asma Tubi trabalhando em rádio. Foto disponível em: <https://www.alsh3r.com/poets/view/4070>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2021.

²⁹⁰ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Asma Tubi. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/6583/asma-tubi>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁹¹ HARHASH, Nadia Issam. The Growth and Development of The Palestinian Women’s Movement in Jerusalem during the British Mandate (1920-1940). Tese de doutoramento defendida na Universidade de Al Quds, sob a orientação de Salim Tamari, 2016, pp. 94-96.

enfermeiras e hospitais de campanha. Visitava feridos e famílias dos mártires, provendo-lhes alimentos e medicamentos.²⁹²

Nos anos 1940, ela publicou livros em Akka. Considerado o mais importante de seus escritos, contudo, o manuscrito “A Mulher Árabe Palestina” nunca foi publicado. Ficou na prensa quando ela foi expulsa na *Nakba* em 1948 juntamente com outros 13 mil habitantes da região – do total da população, apenas 3 mil conseguiram permanecer em suas terras. À ocupação em Akka, em 18 de maio daquele ano, 79 palestinos foram massacrados.²⁹³

Asma Tubi se refugiou em Beirute, onde permaneceu ativa junto às principais associações e movimentos de mulheres árabes. Também escreveu artigos para vários jornais sobre questões humanitárias e de gênero e se tornou editora de páginas femininas nas revistas *Al Ahad* e *Kull Shay*.

Em artigo intitulado “Literatura de desenlace e aflição”, publicado no jornal *Al-Arabi* em 1961, escreveu: “*Adab* [literatura] é a mensagem de liberdade intelectual, nacionalismo e ousadia. Sim, a literatura é força e inspiração, porque um canto destruiu a Bastilha. [...]”²⁹⁴

No texto, Asma Tubi denota a influência das ideias iluministas que ganharam o mundo a partir da Revolução Francesa, ao citar a queda da Bastilha, em 1789. Para destacar a importância da literatura à libertação nacional, ela ilustra com a derrubada do símbolo da opressão do regime monárquico francês, acompanhada de canções entoadas por camponeses.

O objeto de seu manuscrito perdido com a *Nakba* foi retomado e atualizado em sua obra *’Abir wa majd*. Publicada em Beirute no ano de 1966, é considerada uma das mais importantes sobre a mulher palestina à época. Inclui entrevistas com várias delas – obtidas pessoalmente no Líbano ou via troca de correspondências com aquelas que se encontravam na diáspora em outros países – e pode ser

²⁹² THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Asma Tubi. Disponível em:

<https://www.paljourneys.org/en/biography/6583/asma-tubi>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁹³ Dados do portal PALESTINE REMEMBERED. Disponível em:

<https://www.palestineremembered.com/Acre/Acre/index.html>. Acesso em: 5 de julho de 2021.

²⁹⁴ HAJJ, Samir. Asma Tubi e o poema “Meu grande amor”. Disponível em <https://bit.ly/3Bv6U6w>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021. Tradução (árabe-ínglês): Victorios Shams.

entendida como a primeira tentativa de escrever uma história oral com foco no gênero feminino. Além disso, o livro abrange biografias de mulheres mártires.²⁹⁵

Na introdução, ela destaca:

Este livro é dedicado a uma nação querida – ao meu país cuja alma constitui todo átomo em meu corpo [...] É escrito tanto para que as pessoas conheçam melhor essas mulheres como para que o mundo não continue a acreditar que a Palestina era vazia [...]. Sim, por tudo isso..., e pela verdade e para a história, este livro é escrito.²⁹⁶

Uma das histórias encontradas em sua obra é da poeta e jornalista palestina Kalthoum Maalik Arabi, cujo primeiro livro, publicado em 1963 na capital libanesa de Beirute, recebeu o título de *Musharrada* (Deslocada).²⁹⁷ Nascida em 1936 na Galileia, Kalthoum descreve o sentimento enquanto refugiada no Líbano após a *Nakba*: “Não caí em desgraça pela pobreza estéril e negra em minha tenda, nem pelo meu vestido esfarrapado e tapete como assento, mas somente pelo passar dos anos sem qualquer mudança.”²⁹⁸ Em outro trecho, revela em tom lírico a nostalgia que norteia as narrativas comuns aos refugiados em relação a sua terra, como se esta fosse “sua avó”.²⁹⁹

O interesse de Asma Tubi em jogar luz sobre a situação dos palestinos na diáspora está presente ainda em seu livro de contos “Conversas do coração”, de 1955, como se vê em “Uma festa de refugiados”:

Hoje é festa.
Num quarto próximo pobre, está uma família de seis pessoas, representando três gerações, um casal idoso, um casal jovem e dois filhos, uma menina de oito anos e um menino de quatro anos. O mais novo sai para brincar, mas logo volta a chorar. Ele quer um bolo em forma de anel e um ovo colorido, como todas as outras crianças que andam pela rua mastigando bolo e ovos. A menina de oito anos está calada; mas alguns minutos antes ela estava olhando dolorosamente para seus sapatos rasgados. Ela nada diz, porque parece que, embora seja jovem, entende que os pais não têm dinheiro e que é inútil pedir-lhes um sapato novo. Mas o bolo e os ovos? A jovem mãe vira o rosto para esconder as lágrimas em seus olhos. Ela pensa em tudo o que leu em livros e revistas sobre a desgraça da humanidade.

²⁹⁵ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Asma Tubi. Disponível em:

<https://www.paljourneys.org/en/biography/6583/asma-tubi>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

²⁹⁶ Citado em ABDU, Janan. National Self in the Work of Palestinian Female Arts. Disponível em: <http://www.alraidajournal.com/index.php/ALRJ/article/view/115/114>, pp. 7 e 9. Acesso em: 12 de fevereiro de 2021. (Tradução nossa)

²⁹⁷ Ibidem, pp. 7 e 9.

²⁹⁸ Ibidem, p. 50, apud TUBI, Asma, p. 244. (Tradução nossa)

²⁹⁹ Ibidem, p. 244.

De repente, uma ideia vem à sua mente como um lampejo celestial.
Oh! E se ela vendesse o próprio cabelo? Seria fácil encontrar um comprador, nesta cidade grande e barulhenta, que desejasse comprar esse tipo de pérola?³⁰⁰

Asma Tubi continua a retratar o quadro da família pobre naquele dia de festa e então conclui: “Aquilo foi mesmo uma festa? [...] Provavelmente foi a festa da angústia ou talvez um novo tipo de festa invertida. Foi a festa da miséria ou da esperança perdida!”³⁰¹

Ela publicou outros dois livros de contos – *Perfume e glória* (1966) e *Sopros de aroma* (1975). Ao todo, foram cerca de dez obras literárias, além de sete peças de teatro.³⁰²

Asma Tubi também traduziu e publicou passagens literárias em seu trabalho *al-Dunia hikayat*, que reúne histórias de vida, coletadas em revistas, escritas por mulheres. Em 1973 ela foi agraciada com a Medalha do Grande Constantino, classe oficial – uma das primeiras mulheres no mundo a obter a premiação. Em janeiro de 1990, foi homenageada postumamente com a Medalha Jerusalém em Literatura, Arte e Cultura pela OLP.

Em sua produção literária, consta um único livro de poesia, intitulado “Meu Grande Amor”, publicado em 1972, no qual adota versos livres. Além do amor romântico, expressa na coletânea questões sociais, como a infância roubada pelo sofrimento e dor:

Em seus olhos a idade da infância e na testa, a rusga da masculinidade.
Suas roupas estão rasgadas e contam a longa história de dor.
Miséria e privação e lágrimas que varrem a noite.
Qual é o fardo da miséria dos jovens que provou sua desgraça?³⁰³

³⁰⁰ NAOURI, Issa I. *The Arab Contemporary Literature in the Hashemite Kingdom in Jordan*, pp. 170-171. Disponível em:

https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/39410/1/JFA%2C_3%283%29_-_A1.pdf.

Acesso em: 15 de fevereiro de 2021. (Tradução nossa)

³⁰¹ Ibidem, p. 171. (Tradução nossa)

³⁰² PALESTINIAN ACADEMIC SOCIETY FOR THE STUDY OF INTERNATIONAL AFFAIRS (Passia). *Personalities Tubi, Asma (1905-1983)*. Disponível em: <http://passia.org/personalities/807>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2021.

³⁰³ HAJJ, Samir. *Asma Tubi e o poema “Meu grande amor”*. Disponível em <https://bit.ly/3Bv6U6w>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021. Tradução (árabe-inglês): Victorios Shams.

No poema "Noite de Natal", um salmo triste e indignado, Asma Tubi recorre ao emprego da paródia: "[...] E onde está a paz / E onde está o prazer? / E seu berço nas noites tristes / Show de lágrimas / Sinos cantam através dos mares / E levantar em al-Quds / Em Bethlehem / Que farsa."³⁰⁴

O mesmo tom é adotado no poema "Domingo de Ramos", em que sublinha: "Você não virá este ano, pela triste al-Quds."³⁰⁵

Nesses poemas, Asma Tubi utiliza versos livres para expressar a atmosfera de infelicidade. Outros foram escritos no estilo de salmos e orações contidas na Bíblia, adotando o recurso de utilizar personagens retratados no livro sagrado cristão em analogia aos acontecimentos na Palestina, como se encontra comumente na produção literária moderna. Um exemplo é a história de Judá [Judas] em seu poema "Mil Judas":

[...]
 Oh, Judá!
 Você não está sozinho
 Entre nós estão mil Judas
 Eles abrigam ódio... eles mostram afeto
 No silêncio de suas almas
 A astúcia de Judá.³⁰⁶

A figura de Judas Iscariotes, que na representação bíblica deu um beijo traidor em Jesus Cristo em troca de 30 moedas de prata, passou a simbolizar, entre poetas nacionalistas, a traição sobretudo de regimes árabes aos palestinos. Asma Tubi se inclui, portanto, nesse grupo.³⁰⁷

A obsessão pelo retorno à Palestina perturba Asma Tubi, como se vê em seu poema "Para Yafa". Neste, ela imagina o retorno da população da cidade após 20 anos de exílio, que afaga suas casas, beija suas soleiras e encobre a sujeira, em "um amor que experimenta tormento".³⁰⁸

³⁰⁴ Ibidem.

³⁰⁵ Ibidem.

³⁰⁶ Ibidem.

³⁰⁷ Ibidem.

³⁰⁸ Ibidem.

A sinfonia do retorno também se repete no poema “Amal”, em “Meu grande amor”, e assume dimensão lírica mais profunda em “Meu país”, em que expressa a sacralização de uma terra da qual foi arrancada violentamente, mas que eterniza em seus versos, até o amanhã por vir:

[...] E mais preciosa que a mãe, oh, nossa terra!
Amanhã estaremos de volta.
A pátria é o brilho poético radiante no divã,
é o segundo Deus em santidade
e é a grande canção e amor:
Continua sendo meu país.
Meu Deus depois do meu Deus.
Continua sendo meu país.
Para sempre minha música.
Meu grande amor.³⁰⁹

³⁰⁹ Ibidem.

CAPÍTULO III

Da *Nakba* à literatura de resistência: o lugar das mulheres

A “pedra angular” da memória coletiva dos habitantes nativos da Palestina é a *Nakba*.³¹⁰ Como resultado, 531 aldeias foram destruídas e cerca de 800 mil palestinos foram expulsos de suas terras violentamente. Há registros também de dezenas de aldeias em que houve genocídio. Dois terços da população se tornaram refugiados com a ocupação de 78% de seu território. Imposta sua fragmentação, a sociedade palestina foi radicalmente transformada em todos os aspectos de sua vida.³¹¹

A *Nakba* também é cultural, como se verá neste capítulo. Em reação à destruição e cerco que se seguiu também nessa seara, nasce a literatura de resistência (*adab al-mukawama*). Conseqüentemente, as narrativas antes e depois de 1948 giram em torno desse ponto de inflexão, muito embora a história aponte que a *Nakba* tenha se dado em um processo inaugurado muito antes, o qual não cessou até os dias atuais.

Durante a década de 1940 são traçados quatro planos militares de limpeza étnica, sendo o Dalet o derradeiro, que selou o destino da maioria do povo palestino. À sua constituição foram preparados os chamados arquivos dos vilarejos, em que as aldeias foram mapeadas pelos sionistas. A tarefa coube ao Fundo Nacional Judeu (FNJ)³¹², ao que especialistas como topógrafos e fotógrafos profissionais foram recrutados.³¹³ Nesses arquivos, constavam dados de cada vilarejo, indicando, entre muitas outras informações, “vias de acesso, a qualidade da terra, fontes d’água, principais fontes de renda, sua composição sociopolítica, afiliações religiosas, nomes de seus chefes *mukhtars*³¹⁴, relação com outros vilarejos, idade de cada

³¹⁰ MASALHA, Nur. El problema de los refugiados palestinos sesenta años después de la *Nakba*. Casa Árabe, Documento de Trabajo n. 8, febrero de 2011, pp. 5-6. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/read/14121532/el-problema-de-los-refugiados-palestinos-sesenta-anos-nodo-50>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

³¹¹ PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina. Tradução: Luiz Gustavo Soares (São Paulo: Editora Sundermann: 2016), pp. 15, 110-111.

³¹² O Fundo Nacional Judeu (FNJ) foi fundado em 1901 pelo movimento sionista como ferramenta fundamental à colonização, projetado para “deter a custódia da terra” obtida. Ver em PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina. Tradução: Luiz Gustavo Soares. (São Paulo: Editora Sundermann, dezembro de 2016), p. 37.

³¹³ PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina, p. 37.

³¹⁴ Chefes da aldeia ou bairro, encarregados de assuntos civis.

homem”³¹⁵. A limpeza étnica se iniciou pelas aldeias situadas em áreas planas e com as terras mais férteis. Dado importante ainda era o grau de participação na revolução de 1936-1939, com uma lista de todos os envolvidos e familiares. Nessas aldeias foram registrados os piores massacres.³¹⁶

O sinal verde para a execução dos planos de limpeza étnica veio da recomendação de partilha da Palestina em um estado judeu e um árabe, com al-Quds sob administração internacional, pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 29 de novembro de 1947, presidida pelo diplomata brasileiro Osvaldo Aranha – a questão palestina havia sido entregue em fevereiro daquele ano pela Grã-Bretanha à recém-criada ONU, oriunda do pós-Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Doze dias depois começaram as ofensivas paramilitares sionistas nos vilarejos, que culminaram na *Nakba*.³¹⁷

Da arte e educação para a luta armada

No mesmo mês em que o mandato britânico decide por encaminhar a questão à ONU é criada em Yafa a primeira brigada armada feminina palestina por Nariman Khorsheed (1927-2014), juntamente com sua irmã Moheeba (1921-2000), denominada *Zahrat al-Uqhuwan* (Flores de Crisântemo).³¹⁸

A organização existia desde 1933, com o objetivo de garantir educação a meninas e promover ações de caridade, ilustrando o argumento de Salim Tamari de que tais iniciativas iluminam essa trajetória e não podem ser dissociadas do protagonismo experimentado pelas mulheres para além das ações humanitárias. Nariman Khorsheed era graduada em Literatura Inglesa e Moheeba, professora de Matemática. Além disso, esta última dedicava-se às artes, como escultura e pintura de quadros.

O ponto de virada teria sido o fato de Moheeba testemunhar a morte de um menino de não mais que seis anos de idade, nos braços da mãe, atingido na

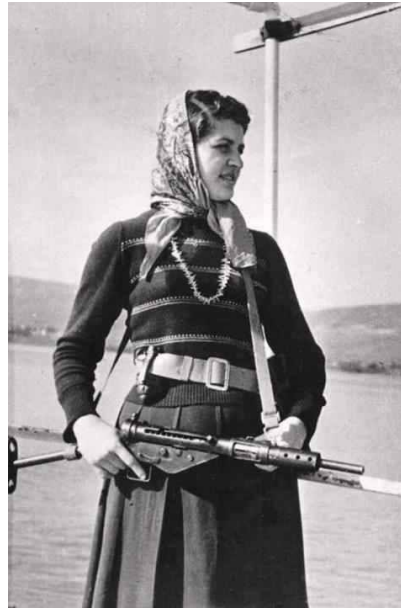
³¹⁵ PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina, p. 39.

³¹⁶ Ibidem, p. 39.

³¹⁷ MISLEH, Soraya. Al Nakba – Um estudo sobre a catástrofe palestina, pp. 55-56.

³¹⁸ Informações confirmadas em conversa por WhatsApp com seu filho, Hasaan, que atualmente vive no Egito.

cabeça, à porta de sua casa em Yafa. A partir daí, Nariman e a irmã decidem pegar em armas para defender sua terra contra as paramilícias sionistas. *Zahrat al-Uqhuwan* contava 12 jovens mulheres, entre elas Subhiya Awad, Khadija Kilani, Madiha Al-Batta, Najma Okasha, Maysar Daher, Sunni Irani, Faiza Shloun e Mabara Khaled.³¹⁹



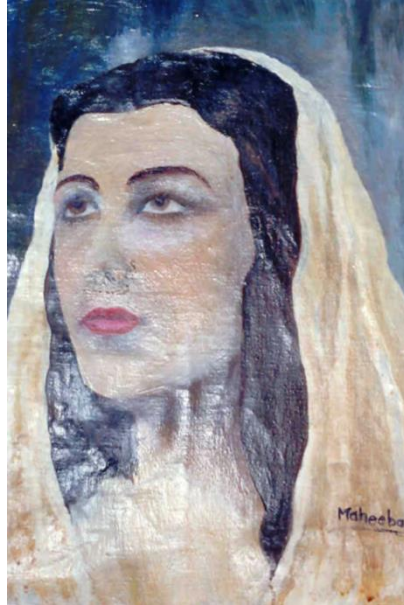
320

A brigada, contudo, teve vida curta. Em 1948, elas seriam expulsas na *Nakba*, juntamente com os mais de 70 mil habitantes de Yafa. Como limpeza étnica, a maioria – pelo menos 50 mil – foi empurrada ao mar pelas paramilícias sionistas e obrigada a deixar sua terra via barcos, rumando para o Líbano, para Gaza e para o Egito. Foi o caso da família Khorsheed, que se estabeleceu neste último país. Do total, apenas 3.650 conseguiram permanecer em Yafa.³²¹

³¹⁹ SADIQ, Mervat. الذكبة في بيل سرية ن سووية منظمة..ال فلاسط يذية "الأق حوان زهرة". من عما 50 ب عد. Al Jazeera. Disponível em: <https://bit.ly/3hOn0ks>. Acesso em: 18 de setembro de 2021. (Tradução nossa)

³²⁰ Nariman Khorsheed. Imagem pública, confirmada por seu filho Hasaan, que vive ainda hoje no Egito, em conversa por WhatsApp.

³²¹ PALESTINE REMEMBERED. Yafa. Disponível em: <https://www.palestineremembered.com/Jaffa/Jaffa/index.html>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.



322

A cidade de origem das irmãs Khorsheed era a mais avançada no desenvolvimento da agricultura, comércio e indústria, com diversas fábricas. Também ali se concentrava a produção editorial. Contava com um dos principais portos da Palestina, para escoamento de sua produção agrícola.³²³ As laranjas de Yafa passaram a compor as memórias e escritos literários no pós-*Nakba*.

Outras brigadas femininas também se formaram em 1948 e inclusive um grupo misto, de 100 combatentes, liderado por Fatma Khaskiyyeh Abu Dayyeh – que esteve no comando do local de armazenagem de armas dos combatentes durante a revolução de 1936-1939. Além disso, mulheres palestinas se voluntariaram no Crescente Vermelho para ajudar a cuidar de feridos. Uma delas é a poeta Samira Abu-Ghazaleh (1928-2017), nascida em Nablus. Esse engajamento revela salto na consciência das mulheres palestinas, fruto dos acontecimentos dramáticos com que se enfrentavam, portanto, inseparável do processo histórico.

A libanesa 'Anbara Salam al-Khalidi (1897-1986), que se mudou para al-Quds em 9 de agosto de 1929, após se casar, e é autora da autobiografia "Memoirs of an Early Arab Feminist"³²⁴, foi expulsa na *Nakba* juntamente com sua família. Além de

³²² Tela pintada por Moheeba Khorsheed em 1955, já no refúgio no Egito. Disponível em: <https://bit.ly/3hOn0ks>. Acesso em: 18 de setembro de 2021.

³²³ Ibidem.

³²⁴ KHALIDI, 'Anbara Salam. *Memoirs of an Early Arab Feminist*. Tradução (árabe-ínglês): Tarif Khalidi (London: Pluto Press, 2013)

ter contribuído com artigos para jornais à época³²⁵, ela relata em sua obra a participação no movimento de mulheres desde sua chegada e sua intensa atividade desde então. E resume sua percepção, destacando a bravura e o senso de solidariedade que teria testemunhado:

Quando a Palestina caiu, [...] elas atuaram com grande honra. [...] Eu preciso confessar minha grande admiração por elas, como indivíduos e grupos, por sua coragem e compromisso com a luta. Ofereceriam seus filhos como mártires sem hesitação e sem medo. Além disso, trabalharam incansavelmente para socorrer os mais necessitados, aliviar as dificuldades das famílias de mártires e fazer tudo ao seu alcance para minimizar a dor e a injustiça com a queda de seu país.³²⁶

Trauma coletivo e silenciamento

Para as mulheres palestinas, as experiências vivenciadas nesse período constitutivo da história moderna da Palestina servem como uma “janela para se examinar as complexas intersecções de gênero, história, memória, nacionalismo e cidadania em uma situação de contínua colonização”³²⁷.

A narrativa das mulheres diante do trauma coletivo se enfrenta com a história proibida de suas experiências³²⁸. Envolve “questões de honra”, uma vez que estupros foram armas usadas pelas forças sionistas, como destacam as pesquisadoras Isabelle Humphries e Laleh Khalili:

Na Palestina, como em outro lugar, a honra dos homens estava ligada à “posse da terra e à preservação da virgindade das mulheres (quando solteiras) ou disponibilidade sexual exclusiva (quando casadas)” (HASSO: 2000: 495). Essa noção de honra – e medo de sua perda – silenciou narrativas sobre estupro por um grande número de vítimas. (...) Para muitas mulheres e suas famílias, ter sido estuprada significa vergonha que pode dificultar suas chances de casamento. (...) Estupro reflete tão poderosamente sobre a honra dos homens que nem homens nem mulheres sentem-se autorizados a falar de, aberta ou diretamente, muito embora isso seja tão central para a narrativa sobre a *Nakba* que é aludido quase universalmente.³²⁹

³²⁵ Anbara Salam Khalidi relata que todos os papéis privados que acumulou em 20 anos de vida na Palestina se perderam na *Nakba*, quando a família foi expulsa de al-Quds. Ibidem, p. 220.

³²⁶ Ibidem, pp. 233-234.

³²⁷ KASSEM, FATMA. *Palestinian Women: Narrative Histories and Gendered Memory*, p. 1.

³²⁸ HUMPHRIES, Isabelle & KHALILI, Laleh. *Gender of Nakba Memory*. Em SA’DI, Ahmad H. & ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba – Palestine, 1948, and The Claims of Memory* (New York: Columbia University Press, 2007), p. 212.

³²⁹ Ibidem, p. 212.

Conforme a acadêmica Susan Slyomovics, paradoxalmente, metáforas do estupro são usadas pelos palestinos sobretudo para designar a perda da terra natal e “mascarar a experiência do estupro”.³³⁰ Ela observa que a “alegoria da Palestina, a noiva virgem estuprada violentamente por um inimigo invasivo”, é usada “para descrever a desapropriação e destruição dos vilarejos palestinos por Israel”.³³¹ Geralmente a Palestina é identificada pelo gênero feminino nos escritos literários e nas narrativas de refugiados, que se orgulham dessa associação, sempre talhada pela força e a coragem da mulher palestina.

Nas palavras do fundador da psicologia analítica suíço Carl Jung (1875-1961), essa relação com a terra é “qualidade inalienável do arquétipo materno”. Arquétipo, conforme sua definição, como representação de um conteúdo inconsciente, enquanto “imagens universais que existiram desde os tempos mais remotos”. Segundo sua definição, “aparecem sob uma forma que revela seguramente a influência da elaboração consciente, a qual julga e avalia”.³³² Essas imagens universais, como observa Joseph Campbell, não são inatas, mas dizem respeito a experiências comuns, coletivas a “povos inteiros ou a períodos da história”.³³³

O arquétipo expresso na literatura e memória palestina – da terra estuprada – reflete o trauma coletivo, as narrativas silenciadas, cujo papel nesse processo ressignifica a identidade palestina – a qual, contudo, não se origina a partir do movimento nacionalista, mas tem herança cultural no período pré-moderno.

Segundo escreve Nur Masalha, o nome Palestina aparece há pelo menos 3.200 anos, e nos séculos IV a VII, durante o Império Bizantino, já existia a noção entre seus habitantes de unidade geopolítica. Escritores árabes medievais utilizavam termos como *Ahl Filastin* e *Ard Filastin* (respectivamente, pessoas e terra da Palestina) nos séculos X a XVIII.³³⁴

³³⁰ SLYOMOVIC, Susan. The Rape of Qula, a Destroyed Palestinian Village. Em SA’DI, Ahmad H. & ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba – Palestine, 1948, and The Claims of Memory* (New York: Columbia University Press, 2007), p. 37.

³³¹ *Ibidem*, pp. 37-38.

³³² JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução: Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva (Petrópolis: Vozes, 2000), pp. 16-18.

³³³ CAMPBELL, Joseph. *As máscaras de Deus – Mitologia primitiva*. Tradução: Carmen Fischer (São Paulo: Palas Athena, 1992), pp. 39 e 53.

³³⁴ MASALHA, Nur. *Palestine – Four Thousand year of History*, 1ª edição (London: Zed Books, 2018), posições 46 e 197. E-book / Kindle

Não obstante, a identidade reconstruída e forjada a partir do movimento nacionalista nos anos 1920 ganha, a partir da *Nakba*, nova dimensão. Para Ahmad Sa’di, a catástrofe de 1948 representa de fato “um elemento constitutivo da identidade palestina”, um lugar da memória coletiva que “conecta todos os palestinos a um ponto específico no tempo que o torna um ‘eterno presente’”.³³⁵ A despeito disso, Rosemary Sayigh observa que se por um lado há coesão, uma vez que a *Nakba* tornou todos os árabes palestinos apátridas, por outro, a experiência foi distinta, a depender de fatores como classe, gênero e região.³³⁶ A literatura espelha esse movimento.

O trabalho e o legado de Hind al-Husseini

Ainda em 1948, diante da expulsão e conseqüente refúgio, segundo o documento da OLP, “mulheres palestinas, em muitos casos pela primeira vez, se viram frente à necessidade de conseguir emprego para auxiliar financeiramente suas famílias”.³³⁷

Nos anos subsequentes, elas formaram inúmeras organizações e instituições para ajudar os problemas emergentes da sociedade palestina refugiada. Entre elas, “orfanatos”, “casas de bem-estar” para crianças árabes e para adultos jovens, bem como associações diversas, para assistência a feridos e a mulheres.³³⁸

Um dos orfanatos foi criado pela educadora Hind al-Husseini (1916-1994). Nascida em al-Quds em família tradicional de elite, ela já atuava em organizações de mulheres desde os anos 1930.³³⁹

³³⁵ SA’DI, Ahmad. Catastrophe, Memory and Identity: Al-Nakbah as a component of a Palestinian Identity. *Israel Studies*, Bloomington, vol. 7, n. 2, Summer 2002, pp. 176-177. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30245590>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

³³⁶ SAYIGH, Rosemary. Women’s Nakba Stories – Between Being and Knowing. Em SA’DI, Ahmad H. & ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba – Palestine, 1948, and The Claims of Memory* (New York: Columbia University Press, 2007), p. 136.

³³⁷ PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION, *The Struggle of Palestinian Women*. Palestine National Assembly, Research Center, Beirut, September 1975, p. 7. Disponível em: <http://www.palestinianconference.org/wp-content/uploads/2013/02/PLO-PalestinianWomen.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

³³⁸ Idibem, p. 7

³³⁹ VISIT PALESTINE. Palestinian Personalities – Hind al-Husseini. Disponível no portal Visit Palestine: <http://visitpalestine.ps/palestinian-personalities/hind-al-husseini/>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.



340

Na manhã de 10 de abril de 1948 – um dia após o massacre no vilarejo rural de Deir Yassin, a um raio de cinco a dez quilômetros de sua cidade natal –, a caminho de uma reunião, Hind al-Husseini deparou-se com cerca de 55 crianças abandonadas, exaustas, sujas, famintas, apavoradas e descalças, perto da Igreja do Santo Sepulcro. As crianças eram sobreviventes desse genocídio, em que refugiados relatam que mulheres e meninas foram estupradas.

A pequena aldeia abrigava pouco mais de 700 habitantes e há números contraditórios sobre os que perderam a vida em 9 de abril de 1948, que variam de cerca de 100 a mais de 250 – entre os quais 30 bebês. Deir Yassin foi cercada pelas paramilícias sionistas, e os requintes da crueldade ao genocídio serviram como propaganda para a limpeza étnica em outras aldeias da Palestina durante a *Nakba*, através do terrorismo psicológico. Esse acontecimento é sempre citado nas narrativas e compõe a memória coletiva.³⁴¹

Ao se deparar com as crianças cujos pais e familiares haviam sido brutalmente assassinados, Hind al-Husseini as acolheu e levou para sua casa. A mais velha parecia ter não mais que 12 anos de idade.³⁴² Com a ajuda de uma

³⁴⁰ Ibidem.

³⁴¹ MISLEH, Soraya. *Al Nakba – Um estudo sobre a catástrofe palestina* (São Paulo: Editora Sundermann, março de 2017), pp. 86-88.

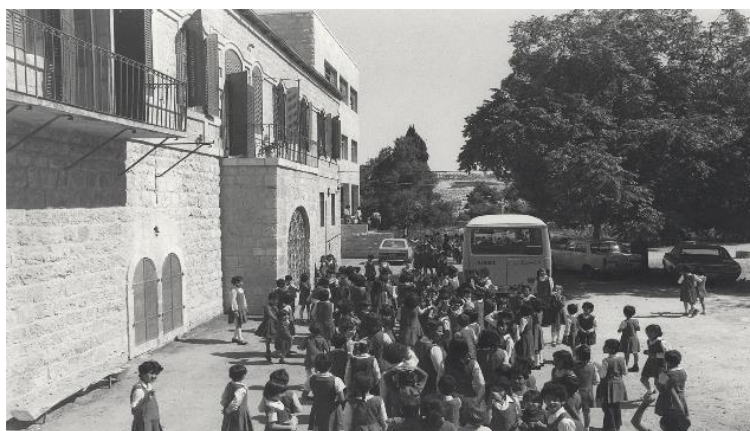
³⁴² JEBREAL, Rula. *A estrada das flores de Miral*. Tradução: Fabiana Colasanti (Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Record, 2013), pp. 24-25.

professora de escola primária, Basima Faris, constituiu um jardim de infância e saía em busca de doações junto aos comerciantes palestinos.³⁴³



344

Contudo, o local foi atacado por paramilícias sionistas. Hind al-Husseini então mudou-se com as crianças para um casarão de seu avô em Sheikh Jarrah, o qual transformou em orfanato e escola para meninas (*Dar El-Tifel Al-Arabi*, ou Casa das Crianças Árabes).³⁴⁵



346

³⁴³ Ibidem, p. 25.

³⁴⁴ Dar al-Tifel Al-Arabi ao início. Acervo: Dar al-Tifel Al-Arabi. Disponível em: <http://www.dartifl.org/en/en>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

³⁴⁵ Ibidem, p. 27.

³⁴⁶ Acervo Dar al-Tifel Al-Arabi. Disponível em: <http://www.dartifl.org/en/en>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

Segundo o The Palestinian Museum, o orfanato tinha seu próprio ônibus e Hind al-Husseini costumava usá-lo para ir às aldeias recolher os órfãos e levá-los a sua instituição. Em seis meses, contava cerca de 2 mil crianças, advindas de outras aldeias destruídas na *Nakba*.³⁴⁷



348

Em 1960, ela fundou no *Dar El-Tifel* um museu de cultura popular palestina, “que incluía antiguidades valiosas, instrumentos artesanais tradicionais e vestidos bordados populares de várias regiões da Palestina”.³⁴⁹



350

Com a *Naksa* (revés, em árabe), como é denominada a ocupação militar israelense de 1967 – dos territórios de Gaza e Cisjordânia/Jerusalém Oriental, até

³⁴⁷ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Hind al-Husseini. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14219/hind-al-husseini>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

³⁴⁸ Hind al-Husseini em manifestação com colegas de Dar El-Tifel. Acervo: Palestinian Journeys.

³⁴⁹ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Hind al-Husseini. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14219/hind-al-husseini>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

³⁵⁰ Coleção de vestidos com bordados típicos no museu de Dar El-Tifel. Acervo: Dar El-Tifel Al-Arabi. Disponível em: <http://www.dartifl.org/en/en>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

então sob administração respectivamente do Egito e da Jordânia –, Hind al-Husseini transformou o local em uma clínica para tratar os feridos, a qual, contudo, foi bombardeada e metade foi totalmente destruída. O espaço foi reconstruído com a ajuda da Cruz Vermelha.³⁵¹

Em 1982, a antiga casa de um renomado homem das letras, Is'af al-Nashashibi (1882-1948) foi comprada e transformada no Centro de Cultura, Artes e Literatura Is'af al-Nashashibi. Com a ajuda de Ishaq Musa al-Husseini (1904-1990), pioneiro em estudos literários na Palestina, Hind al-Husseini fundou uma biblioteca no centro que inclui milhares de livros que tratam da herança árabe e islâmica.³⁵²



353

A história de Hind al-Husseini e *Dal El-Tifel Al-Arabi* inspirou a obra de ficção “A estrada das flores de Miral”, que, contudo, mescla autobiografia. Entre os personagens da vida real, Hind al-Husseini. A autora Rula Jebreal nasceu em 1973 em Haifa. Viveu no orfanato a partir dos cinco anos de idade, quando sua mãe se suicidou, e o pai, Othman Jebreal, decidiu que seria melhor para as duas filhas serem educadas por Hind al-Husseini.

Rula, que hoje é jornalista e reside em Nova York, devota agradecimento especial a Hind e ao pai, “cuja humanidade e amor à educação salvaram minha vida e me botaram no caminho”.³⁵⁴ Ela atuou como roteirista na adaptação de sua obra

³⁵¹ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Hind al-Husseini. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14219/hind-al-husseini>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

³⁵² Ibidem.

³⁵³ Fachada do Centro de Cultura, Artes e Literatura Is'af al-Nashashibi. Acervo: Dar El-Tifel Al-Arabi. Disponível em: <http://www.dartifl.org/en/en>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

³⁵⁴ JEBREAL, Rula. A estrada das flores de Miral, p. 7.

para o cinema, que resultou no filme “Miral”, dirigido por Julian Schnabel. Publicou ainda dois livros: “A noiva de Aswan” (2005), também obra de ficção, e Rejeitado (2007), escrito a partir de entrevistas com imigrantes que viviam na Itália.

A personagem Miral baseia-se em sua história de vida, como uma das jovens acolhidas no orfanato aberto por Hind al-Husseini. Na obra ficcional, a educadora busca proteger a adolescente Miral e tenta convencê-la a não se envolver na luta armada durante a Primeira Intifada (1987-1991).

A história de Hind al-Husseini é contada ainda em documentário dirigido pela cineasta palestina Sahera Dirbas intitulado “138 Pounds in My Pocket: The Story of Hind al-Husseini – Women, War and Welfare in Jerusalem” (138 libras em meu bolso: A história de Hind al-Husseini – Mulheres, guerra e bem-estar em Jerusalém).³⁵⁵ Seu legado foi lembrado pela Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados Palestinos no Oriente Próximo (UNRWA, na sigla em inglês) em release à imprensa divulgado no ano de 2008 por ocasião do Dia Internacional das Mulheres – 8 de março.³⁵⁶

Hind al-Husseini atuava pelo caminho da conscientização e conhecimento da própria história como passos para a libertação nacional. Ao que considerava que a educação era fundamental. Valorizava a cultura, artes e memória. Atuou em *Dar El-Tifel* até sua morte, buscando trabalho e inserção na sociedade às suas meninas.

Ela faleceu no dia 13 de setembro de 1994, em Jerusalém, um ano depois de os acordos de Oslo terem sido assinados entre a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e Israel, sob intermediação dos Estados Unidos. A história de Miral termina nesse momento, com palestinos comemorando a paz. Paz que nunca veio, mas que de fato à época levou muitos às ruas dos territórios ocupados, que imaginavam que finalmente poderiam escapar do suplício imposto pela contínua colonização.

³⁵⁵ DIRBAS, Sahera (diretor). 138 Pounds in My Pocket: The Story of Hind al-Husseini – Women, War and Welfare in Jerusalem, 2009. Disponível em: <https://www.cultureunplugged.com/documentary/watch-online/play/9861/138-Pounds-in-My-Pocket--The-Story-of-Hind-Al-Husseini---Women--War-and-Welfare-in-Jerusalem>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

³⁵⁶ UNITED NATIONS – The Question of Palestine. UNRWA Celebrates International Women’s Day. The Legacy of Hind al-Husseini – UNRWA Press Release. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-206217/>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

Dar El-Tifel e todo o seu conjunto seguem em pé, no pequeno bairro palestino de Sheikh Jarrah, que em maio de 2021 motivou levante popular contra a expulsão de famílias para dar lugar a colonos sionistas. Os moradores palestinos seguem a enfrentar ameaça de limpeza étnica e lutam para permanecer em suas casas.

Uma delas é Huda Fareed Jamal Imam, que nasceu em Sheikh Jarrah, após sua família ter sido expulsa na *Nakba* da aldeia de Baqa'a³⁵⁷. Ela é fundadora do Centro Universitário Al Quds para Estudos de Jerusalém, atriz e atua na preservação da herança cultural e identidade palestina na região. Em artigo de sua autoria, Huda Imam lembra os encontros de poetas palestinos como Ibrahim Tuqan, Khalil al-Sakakini e outros intelectuais árabes nos *salons* literários realizados no antigo palácio de Isa'af al-Nashashibi, transformado posteriormente no Centro de Cultura, Artes e Literatura. Assim ela descreve a relação com o lugar e suas memórias:

O passado colorido do bairro de Sheikh Jarrah e de Baqa'a evoca nostalgia para muitos de nós – família e amigos que relembram sua história e povo. “*La Belle Epoque*”, esta é a nossa herança, e nós, palestinos, continuaremos a pertencer à nossa paisagem, cultura, árvores, pássaros e brisa fresca. Permaneceremos em nossas casas e receberemos nossa força e esperança do honorável *shabab al-Quds* (jovem de Jerusalém), a quem saúdo e que atualmente se levanta e resiste à marginalização e à limpeza étnica com um espírito de unidade, determinação e dignidade, lutando pelos nossos direitos em Jerusalém, até o fim da ocupação.³⁵⁸

As mulheres na região do Levante

Enquanto os países do Oriente Médio, incluindo os demais do Levante (Síria, Jordânia e Líbano), haviam conquistado independência formal ao apagar das luzes da Segunda Guerra Mundial ou logo após, a Palestina vivenciava a *Nakba*. Na região, os anos 1950 e 1960 sinalizam, assim, nova etapa, marcada pelo nacionalismo pan-árabe, que aspirava a união desses países e trazia o discurso predominante de libertação do jugo do imperialismo que emergira ao final da guerra,

³⁵⁷ Localizada no distrito de Tulqarm, Baqa'a foi dividida em 1948, sendo que as terras a leste encontram-se na Cisjordânia e as terras a oeste, no então criado Estado de Israel, cuja separação foi reforçada com a construção do denominado Muro do *Apartheid* iniciada em 2002. Ver MONITORING ISRAELI COLONIZATION ACTIVITIES IN THE PALESTINIAN TERRITORIES. Disponível em: <http://poica.org/2003/08/baqa-al-shargia-a-palestinian-village-isolated-by-the-segregation-wall/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

³⁵⁸ IMAM, Huda. A Journey through Sheikh Jarrah. This Week in Palestine, junho de 2021. Disponível em: <https://thisweekinpalestine.com/a-journey-through-sheikh-jarrah/>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

os Estados Unidos, e a implementação de reformas sociais. A demanda por emancipação das mulheres ganhava proeminência em sociedades em transformação, em que as populações cresciam ao ritmo das cidades. A questão palestina estava na ordem do dia de seus líderes populistas. Essas ideias ganhavam corações e mentes.

Milhares de refugiados palestinos acorriam para os países vizinhos e eram colocados em campos nos quais eram armadas tendas pelas Nações Unidas – cuja Assembleia Geral, através da Resolução 302 (IV), de 8 de dezembro de 1949³⁵⁹, diante do problema, estabeleceu a UNRWA. Além das perdas e violência, as condições eram precárias, e os itens fornecidos por essa agência eram limitados. Mulheres então se mobilizaram para garantir assistência ao povo desterrado.

Em Damasco, na Síria, foi criada uma organização voltada ao suporte para obtenção de emprego a refugiados palestinos, e no Líbano formou-se a União de Mulheres Árabes, que em 1950 convocou uma conferência na capital Beirute. No ensejo, Zulaykha al-Shihabi, de al-Quds, reivindicou o estabelecimento de uma filial da Palestina, uma vez que não pôde representar sua terra natal no evento, tendo que se apresentar como delegada pela Jordânia.³⁶⁰

O documento da OLP descreve ainda a proibição de as mulheres sob ocupação formarem suas próprias organizações políticas independentes no período de 1948 a 1967. Podiam somente atuar em partidos israelenses já existentes. “A maioria agregou-se ao Partido Comunista Israelense.” Outras, contudo, recusaram-se a participar de tais partidos e optaram por atuar junto à organização clandestina *Al-Ard* (A Terra), posteriormente suprimida pelas forças israelenses.³⁶¹

Na diáspora, atuavam em partidos pan-arabistas e, sob o guarda-chuva da OLP, criada em 1964, se organizaram na União Geral das Mulheres Palestinas, formada no ano seguinte. Uma das fundadoras foi a já citada poeta Samira Abu-

³⁵⁹ UNITED NATIONS – General Assembly. Resolução 302 (IV). Assistance to Palestine Refugees, 8 December 1949. Disponível em: <https://unispal.un.org/unispal.nsf/0/AF5F909791DE7FB0852560E500687282>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

³⁶⁰ PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION, *The Struggle of Palestinian Women*. Palestine National Assembly, Research Center, Beirut, September 1975, p. 8. Disponível em: <http://www.palestinianconference.org/wp-content/uploads/2013/02/PLO-PalestinianWomen.pdf>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

³⁶¹ *Ibidem*, p. 8.

Ghazaleh, que presidiu a seção egípcia da entidade e reúne entre suas obras a autobiografia *Mudhakkirat Fatah ʿArabiya* (Memórias de uma jovem mulher, 1962).³⁶²

***Adab al-mukawama*: os primórdios**

Dos escombros da *Nakba* surge a *adab al-mukawama*, ou literatura de resistência. O termo foi cunhado pelo escritor e ativista marxista palestino Ghasan Kanafani (1936-1972). Em sua obra “Literatura de resistência na Palestina ocupada 1948-1966”, ele conta que quase não restou qualquer “eixo cultural” após a *Nakba*, e escritores tributários da *Nahda* também se tornaram refugiados.³⁶³

Ao silêncio imediato resultante do “espanto”, inauguraram a “literatura do exílio”, sobretudo por intermédio da poesia, já em novas bases, que transformaram forma e conteúdo. Quanto a este último, refletiam a profunda consciência social e política e “um tipo único de tristeza”.

Em relação à forma, passaram a adotar versos livres, cujo pioneirismo feminino é creditado em alguns estudos à poeta Thurayya Abdel-Fattah Muhammad ibn Abd al-Rahman Malhas (1925?-2013), a qual publicou sua coleção inaugural, *al-Nashid al-ta ʿib* (O hino rebelde), em 1949.³⁶⁴

³⁶² PALESTINIAN ACADEMIC SOCIETY FOR THE STUDY OF INTERNATIONAL AFFAIRS (Passia). Personalities Abu Ghazaleh, Samira (1928-2017). Disponível em: <http://passia.org/personalities/74>. Acesso em: 20 de setembro de 2021.

³⁶³ KANAFANI, Ghasan. Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966, n.p.. Tradução da Introdução e do Capítulo 1 para esta tese (árabe-inglês): Victorios Shams.

³⁶⁴ ASHOUR, Radwa; GHAZOU, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999, p. 212.



365

Há informações distintas quanto ao seu local de nascimento, ora referido como Nablus, ora como Amman, sob o recém-criado Emirado da Transjordânia, estabelecido em março de 1921 pela Grã-Bretanha como parte do mandato da Palestina.³⁶⁶ Viveu a infância e adolescência neste último destino e depois em al-Quds, onde completou o ensino secundário. Em 1947 ingressou na Universidade Americana de Beirute, onde se formou em Literatura e Língua Árabe, realizou mestrado e depois obteve o doutorado com honra.

Sua obra reúne 13 livros, entre os quais estudos sobre literatura árabe, a era omíada e um intitulado “A mulher árabe e seu espírito de luta”, além de sete coletâneas de poesia.³⁶⁷ Uma delas, “Prisoners of Time”, foi escrita em inglês, no ano de 1956.³⁶⁸

³⁶⁵ Foto de Thurayya Malhas. Disponível em: Tweeting Historians (<https://mobile.twitter.com/Tweetistorian/status/1336247439259529218>). Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

³⁶⁶ Ver ASHOUR, GHAZOU, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). Arab Women Writers, p. 212, e nos *sites* árabes Nablus City e Enciclopedia de Poetas. Disponíveis em: <http://www.nablus-city.net/?ID=2230> e <https://web.archive.org/web/20160306184554/http://www.alsh3r.com/encyclopedia/view/1760>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

³⁶⁷ NABLUS CITY. Disponível em: <http://www.nablus-city.net/?ID=2230>. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

³⁶⁸ MALHAS, Thuraya. Prisoners of Time (Beirut: Rihani Printing and Publishing House, 1956), indisponível.

Segue trecho de um de seus poemas, intitulado “Um órfão”:

Eu sou um órfão
 se eu caminho,
 eu tropeço em pedras.
 Eu sou um órfão
 se eu digo,
 eu engasgo com letras.
 Eu sou um órfão
 se meus dedos movem as cordas.
 As nuvens choram
 e cercam a paixão da minha guitarra.
 É você, lua, meu guia?
 Ou são vocês, estrelas?
 Você, céu?
 Ou você, universo?
 Onde está meu caminho?
 Onde está meu poema?
 Onde está minha guitarra?
 [...] ³⁶⁹

O sentimento de tristeza e perda expresso no poema acima, que caracteriza os escritos aos primórdios da literatura de resistência, soma-se à percepção da hipocrisia e abandono, como em “Falso... Falso”, cujo excerto segue:

Falso... Falso
 tudo é falso
 abaixo do sol,
 sobre o sol
 e ao redor
 tudo é falso.

[...]
 Ajoelhei sobre minha terra
 e rezei
 falso... falso
 tudo é falso
 abaixo do sol,
 sobre o sol
 e ao redor.

[...]
 Caminhei meus caminhos
 Eu rolei
 procurei nas profundezas,
 tropecei.
 Meu irmão tropeçou comigo
 e desaparecemos.
 Não importa o que nós éramos,
 o que era nossa existência.
 [...] ³⁷⁰

³⁶⁹ HANDAL, Nathalie. The Poetry of Arab Women: a Contemporary Anthology. Tradução do poema An Orphan do árabe para o inglês: Nasser Faghaly (New York: Interlink Books, 2001), p. 188. (Tradução nossa)

³⁷⁰ Ibidem, pp. 189-190. (Tradução nossa)

Samira Azzam (1927?-1967)

Nesse ambiente desenvolveram-se as obras inaugurais de Samira Azzam, precursora da chamada *adab al-Manfa* (literatura do exílio) – à qual Kanafani, que nasceu na mesma cidade que ela, Akka, teria denominado “minha professora e instrutora” no obituário dessa autora.³⁷¹



372

Oriunda de lar cristão ortodoxo, Samira Azzam tinha quatro irmãos, sendo três mulheres e um homem. Estudou em escola pública em sua cidade e completou o ensino médio numa instituição cristã, o Colégio Nun’s, em Haifa. Também realizou um curso de inglês por correspondência e se tornou fluente no idioma.³⁷³

Aos 16 anos de idade, começou a lecionar na Escola Grega Ortodoxa em Akka, na qual permaneceu entre 1943 e 1945, alcançando o posto de diretora. Ela já contribuía com artigos ao jornal *Filastin*, publicados sob o pseudônimo *Fatat al-Sahil* (A garota da costa) – referência ao seu local de origem, histórica cidade palestina

³⁷¹ ARABLIT & ARABLIT QUARTERLY. Sunday Classics: Samira Azzam, whose “Relative Obscurity today is a Grave Injustice”, August 23 2020. Disponível em: <https://arablit.org/2020/08/23/sunday-classics-samira-azzam-whose-relative-obscurity-today-is-a-grave-injustice/>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

³⁷² THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Samira Azzam. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/6567/samira-azzam>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

³⁷³ Ibidem.

costeira. Assim se deu sua inserção no meio jornalístico, no qual atuou a maior parte de sua vida, inclusive como apresentadora de programas de rádio.³⁷⁴

A visão que permeia sua atuação política e obra – de que a libertação nacional é inseparável da emancipação feminina – é expressa em artigo publicado no dia 31 de janeiro de 1947 na revista palestina *Al Muntada*³⁷⁵, intitulado “A mulher entre duas eras”, como se observa no trecho a seguir:

Ela vivia dentro das paredes do *harém*³⁷⁶, acorrentada pelas restrições de concepções e tradições absurdas, uma atmosfera de ignorância e superstição prevalecia sobre ela. O mundo ao seu redor girava ruidoso e pleno de atividade e luta, enquanto ela era forçada a viver em completo ócio [...]. Um dos sinais do renascimento, e neste caso, ela não tinha nada além de introversão e isolamento, tentando se convencer daquela vida com desejos limitados, se é que é certo chamá-la de vida. Ao seu nível, ela é educada como ele e se iguala em todos os direitos, embora o homem na sua perspectiva, em nosso país, ainda esteja privado dos direitos mais conscientes. A mulher ainda está na metade, mas a forte crença em sua mensagem e seu entusiasmo são suficientes para alcançar a liberdade que é a base da liberdade do povo.³⁷⁷

Juntamente com sua família, Samira Azzam foi expulsa na *Nakba* e se tornou refugiada no Líbano. De lá, dirigiu-se ao Iraque, onde lecionou por dois anos em escola de meninas na cidade de Hilla. Em 1952, ingressou na *Shark al-Adna* ou Near East Arab Broadcasting Station (Neabs) – Estação de Radiodifusão do Oriente Próximo Árabe –, então baseada no Chipre³⁷⁸, onde era responsável pelo programa

³⁷⁴ Ibidem e PISELLI, KATHYANNE. Samira Azzam: Author's Work and Vision. International Journal of Middle East Studies, vol. 20, n. 1, Cambridge University Press, 1988, pp. 93-108. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163587>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

³⁷⁵ A revista *Al Muntada* circulou entre abril de 1943 e novembro de 1947, quando cessou suas atividades. Exemplares até março do último ano encontram-se na Livraria Nacional de Israel. Disponível em: <https://jrayed.org/en/newspapers/almuntada?e=-----en-20--1--img-txIN%7ctxTI-----1>. Acesso em: 22 de outubro de 2021. Trecho de “A mulher entre duas eras” é citado em HAJJ, SAMIR, portal *Al Quds Al Arabi*. “Sobre seu aniversário de 92 anos: Samira Azzam, uma das pioneiras do iluminismo na Palestina”, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3tjZ52W>. Acesso em: 16 de outubro de 2021. (Tradução árabe-ínglês: Victorios Shams)

³⁷⁶ As escritoras utilizam a palavra *harém* como um local de confinamento. Diferentemente do imaginário orientalista, de um ambiente exótico, como explica Margot Badran na Introdução da autobiografia de Huda Sha'rawi, de fato, nos séculos XIX e XX, na área urbana, era o lugar da casa onde mulheres da elite e crianças conduziam suas vidas diárias, num ambiente separado que lhes era reservado. SHA'RAWI, HUDA. *Harem Years: The Memoirs of an Egyptian Feminist*. Tradução (árabe-ínglês): Margot Badran (City University of New York: Feminist Press, 1987), p. 7.

³⁷⁷ HAJJ, SAMIR, portal *Al Quds Al Arabi*. “Sobre seu aniversário de 92 anos: Samira Azzam, uma das pioneiras do iluminismo na Palestina”, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3tjZ52W>. Acesso em: 16 de outubro de 2021. (Tradução árabe-ínglês: Victorios Shams)

³⁷⁸ A *Shark al-Adna* foi fundada na Palestina em 1941, sob o mandato britânico, e em 1948 moveu-se para o Chipre. Em 1956, durante a crise de Suez, quando Israel, com apoio da França e Reino Unido, declara guerra ao Egito após este nacionalizar o canal, a estação de rádio foi fechada definitivamente. Ver em: Mc NICHOLAS, A. *Shark al-Adna: British Covert Radio and the*

“Esquina das Mulheres”. Dois anos depois, essa rádio mudou-se para Beirute, onde ela passou a comandar um programa diário intitulado “Quando as manhãs vêm” e publicou seu primeiro livro, *‘Ashya’ Zagharid* [Pequenas coisas]. Samira Azzam trabalhou na *Shark al-Adna* até esta fechar suas portas, em 1956.³⁷⁹

No ano seguinte, ela voltou ao Iraque, onde conheceu o futuro marido, o palestino Adib Yusuf al-Hisn. Também em 1957, publicou “A longa sombra”, seu segundo livro de contos. Em meio aos escritos, trabalhou ainda em estações de rádio nesse país e no Kuwait, assumindo o comando e a produção de programas literários.³⁸⁰

Além dessa atividade, Samira Azzam era membro do Conselho Editorial do jornal *al-Sha'b*. No ano de 1959, foi forçada a nova mudança: juntamente com seu marido, foi expulsa do Iraque pelo regime republicano recém-instalado, sob a acusação de que o casal era hostil a este. De volta a Beirute, passou a trabalhar como tradutora de produções literárias do árabe ao inglês para o Instituto Franklin, além de escrever para as revistas *Sawt Al-Mar`a* (Vozes das Mulheres) e *Dunia Al-Mar`a* (Mundo das Mulheres) e assumir uma coluna regular na revista *al-Hawadith*.³⁸¹ Também publicou seu terceiro livro, intitulado *Qisas Ukbra* (Outras estórias). Sua quarta obra é *al-‘s’a wal-insan* (O relógio e o homem), de 1963, que inclui o conto “O homem e seu despertador”, adaptado pelo diretor Gazi Abu Baker para curta-metragem do ano de 2010.³⁸² Após a *Naksa* e sob esse impacto, ela faleceu em 1967, a caminho de campo de refugiados na Jordânia, de ataque cardíaco. Deixou inacabado seu romance *Sina bila Hudud* (Sinai sem fronteiras).³⁸³

Development of Arab Broadcasting. University of Forward Thinking Westminster, 2020, 33 páginas. Disponível em:

<https://westminsterresearch.westminster.ac.uk/download/89ac921fd0ca9335e96e04b42031abda4e7b9e0564203b808fe1d9df0befbcb/159487/Sharq%20al-Adna%20for%20MJCC.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

³⁷⁹ THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Samira Azzam. Disponível em:

<https://www.paljourneys.org/en/biography/6567/samira-azzam>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

³⁸⁰ Ibidem.

³⁸¹ Ibidem e PISELLI, Kathyanne. Samira Azzam: Author’s Work and Vision. *International Journal of Middle East Studies*, vol. 20, n. 1, Cambridge University Press, 1988, pp. 93-108. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163587>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

³⁸² ABU BAKER, Gazi (Director). *The Man and The Clock – Story by Samira Azzam*, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ah1Xuz7SIOA>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

³⁸³ PISELLI, Kathyanne. Samira Azzam: Author’s Work and Vision. *International Journal of Middle East Studies*, vol. 20, n. 1, Cambridge University Press, 1988, p. 105. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163587>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

Dois outros livros de sua autoria foram publicados postumamente: *al-ʿId la yaʿti min al-nafidha al-gharbiya* (A festa não vem da janela ocidental), no ano de 1971; e *ʿAsdaʿ* (Ecos), em 1997. A maioria de seus escritos não foi traduzida para o inglês; poucos no idioma compõem antologias. Não há nenhum vertido para o português.

“Princesa dos contos”

Samira Azzam é considerada pioneira na escrita de contos palestinos, cuja produção literária evolui em complexidade no uso das narrativas e simbolismo. “As histórias decorrem de uma experiência realista moderna no mundo árabe, retratadas com habilidade e compaixão, e giram em torno de um único ponto de ação ou ideia”, analisa Salma Khadra Jayyusi.³⁸⁴ A importância de seu trabalho é revelada na influência declarada que exerce sobre muitas jovens escritoras, despertando-lhes ainda a consciência sobre a questão palestina.³⁸⁵

O crítico literário Rajaʿ al Naqqash (1934-2008) a denominou “princesa dos contos” e considerava sua literatura como revolucionária:

A verdade social, humana e nacional é esmagadoramente clara nos escritos de Samira Azzam. Ela pôde ler seus modelos, e melhorá-los, e carregava no coração a tragédia da Palestina, quer a expressasse direta ou indiretamente.³⁸⁶

Al Naqqash corrobora que as obras de Samira Azzam refletem sua visão de que a emancipação feminina é inseparável da libertação de toda a sociedade.³⁸⁷ Seus contos revolvem tanto aspectos da sociedade palestina e impactos com a *Nakba* quanto temas universais, como a exploração econômica e a pobreza ante estrutura de classes, a opressão social ou nacional e aflições humanas.

³⁸⁴ JAYYUSI, Salma Khadra (ed.). *Anthology of Modern Palestinian Literature*. p. 389.

³⁸⁵ ARABLIT & ARABLIT QUARTERLY. *Sunday Classics: Samira Azzam, whose “Relative Obscurity today is a Grave Injustice”*, August 23 2020. Disponível em: <https://arablit.org/2020/08/23/sunday-classics-samira-azzam-whose-relative-obscurity-today-is-a-grave-injustice/>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

³⁸⁶ KITABAT. “عزيم سميرة”. *المخيمات من تك تب وكأذها الفلسطينية المدنة وصورتي أدبي أه تمام بلا عاشت ..* Disponível em: <https://bit.ly/3ngYk6G>. Acesso em: 20 de outubro de 2021. (Tradução nossa)

³⁸⁷ PISELLI, Kathyanne. *Samira Azzam: Author’s Work and Vision*. *International Journal of Middle East Studies*, vol. 20, n. 1, Cambridge University Press, 1988, p. 94. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163587>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

Os personagens são inspirados em pessoas comuns, trabalhadores, pobres, refugiados.³⁸⁸

Na maioria dos seus escritos, não há citação explícita à Palestina, sequer identitária – esta aparece em especial nas suas últimas obras. Nas demais, a referência é sutil, na descrição dos lugares e modos de vida, em histórias de vida cotidiana. Recorte de classe também pode ser verificado em sua produção literária: ricos raramente aparecem, a não ser para ridicularizá-los.³⁸⁹

Em pouco mais da metade de sua produção literária, que reúne no total 69 contos, as mulheres são protagonistas. Embora a opressão sexista esteja presente, suas personagens não se centram diretamente na luta individual contra o machismo ou mesmo o percebem como a fonte de seus problemas. Este é desafiado através de mulheres fortes e independentes, que transpõem o olhar feminino da autora sobre os dilemas e tragédia enfrentados pela sociedade que busca retratar.

A metáfora da mãe como a terra palestina aparece em muitos de seus escritos. Em seus contos inaugurais, entre os personagens centrais encontram-se mulheres em busca de sua própria identidade, privadas de maternidade simbólica ao serem tragicamente separadas de seus filhos, refletindo a fragmentação da sociedade e o abatimento que se seguiu à *Nakba*.³⁹⁰

No conto “Pequenas coisas”, essa divisão é evidenciada na protagonista, que já não se reconhece em sua mãe, “tia solteirona” e pai, mas como um ser humano renovado, entretanto estranho naquele mundo, solitário e rejeitado. Destaque para a relação com o irmão, marcada pela atração e repulsa, como se refletisse a situação enfrentada pelos palestinos nos campos de refugiados em países vizinhos.

Já nas suas últimas produções, a partir dos anos 1960, mulheres passam a ser aquelas a transmitirem a herança cultural de seu povo. Essa transformação

³⁸⁸ Ibidem e THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Samira Azzam. Disponíveis em: <https://www.jstor.org/stable/163587> e <https://www.paljourneys.org/en/biography/6567/samira-azzam>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

³⁸⁹ PISELLI, Kathyanne. Samira Azzam: Author's Work and Vision. International Journal of Middle East Studies, vol. 20, n. 1, Cambridge University Press, 1988, p. 94. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163587>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

³⁹⁰ Ibidem, p. 97.

acompanha o entusiasmo que deu lugar ao desespero e choque, com o surgimento das primeiras expressões organizadas da resistência palestina nos anos 1960.³⁹¹

Nesse âmbito também Samira Azzam é pioneira. Ela foi a única mulher a participar de núcleo secreto que deu origem à *Tariq al-´awda* (Frente de Libertação Palestina) em 1961, com papel proeminente para sua fundação. Na organização, assumiu a responsabilidade pela seção de mulheres. E em maio de 1964 esteve presente ao I Congresso Nacional Palestino, do qual emergiu a OLP. Era uma das apenas oito mulheres representadas nesse evento histórico. Um ano depois participou da conferência fundacional da União Geral de Mulheres Palestinas em al-Quds.

Três contos

Na descrição e estudo de três contos a seguir, mostra-se a diversidade de temas apontada previamente que caracteriza a produção literária de Samira Azzam e a evolução de sua obra realista.

O homem e seu despertador

Inserido no livro *al-sa´a wal-insan* (O relógio e o homem), de 1963, o conto “O homem e seu despertador”³⁹² inicia-se com o primeiro dia de trabalho de um jovem, um grande acontecimento para toda a família. A partir de então, o rapaz é despertado religiosamente às quatro horas da manhã, dia após dia, por um ancião, Abu Fuad, que bate à porta de todos na aldeia que, como ele, precisam pegar o trem para chegar ao emprego.

A descrição do local pelo protagonista é de um vilarejo palestino. Ele narra o percurso até a estação, localizada “do outro lado da cidade”, que representou

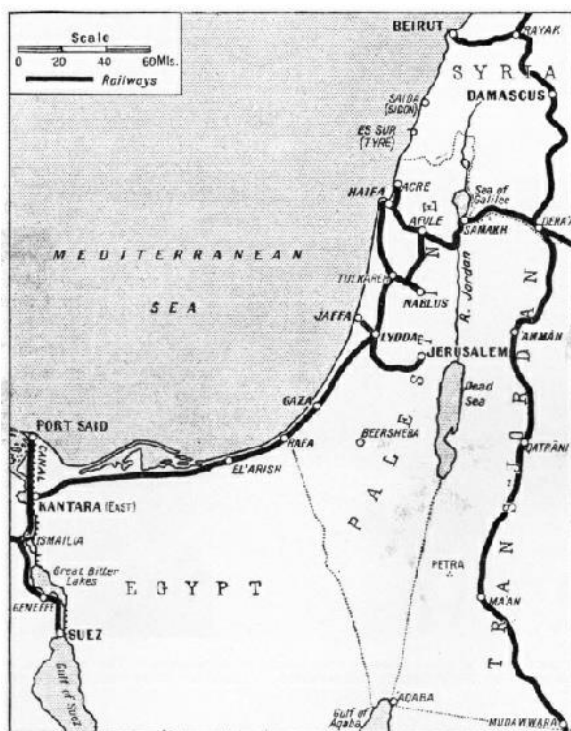
³⁹¹ Ibidem, p. 98.

³⁹² AZZAM, Samira. Man and his Alarm Clock. Tradução: Wen-Chin Ouyang, Michael Beard e Nora E. Parr. Em *Middle Eastern Literatures*, vol. 18, n. 1, pp. 86-92. Taylor & Francis, SOAS Research Online, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1475262X.2015.1067011>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

“reviravolta” quando construída, “uma estrutura em desacordo com as muralhas históricas da cidade, a cerca de dois quilômetros do portão sul”:

Para chegar ao portão, temos que passar por um antigo mercado, um centro agitado durante o dia, com pessoas vendendo e comprando grãos e tudo o mais que possa ser pesado. Comerciantes, corretores e bestas de carga circulam, enquanto o burro enfia o focinho em qualquer saco aberto de grãos à espera de que seu mestre conclua sua negociação com um comerciante ou outro. Estava, todavia, silenciosa, vazia de qualquer pedestre e desolada quando passei de madrugada.³⁹³

A indicação é de que a aldeia se situe no entorno da cidade de origem de Samira Azzam. Em Akka, persistem muralhas históricas do tempo dos Cruzados sob fortificações que datam dos séculos XVIII e XIX.³⁹⁴ Havia no local ainda uma ferrovia construída durante o Império Otomano³⁹⁵ por onde passava trem que conectava a região a cidades palestinas e países vizinhos, como Jordânia, Líbano e Síria, como mostra o mapa a seguir³⁹⁶:



³⁹³ Ibidem, p. 2.

³⁹⁴ UNESCO – United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization. Old City of Acre. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1042/>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

³⁹⁵ FARSOON, Samih K.; ARURI, Naseer H. Palestine and Palestinians: A Social and Political History, 2ª edição (London: Routledge, 2006), p. 40.

³⁹⁶ Mapa disponível em: <https://www.railwaywondersoftheworld.com/palestine.html>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

Ao desenrolar da estória, a tragédia que leva o ancião a assumir a tarefa de despertar os jovens trabalhadores da aldeia é elucidada: seu filho estava atrasado para o trabalho e tentou pegar o trem em movimento para não perder o dia. Foi trucidado ao cair nos trilhos. Um descompasso entre o homem e seu tempo.

Desde então, Abu Fuad busca evitar que outros jovens tenham o mesmo destino. É como se o despertar da juventude adormecida, que significaria sua vida ou morte, fosse depositado nas mãos de uma liderança, a quem se confiaria essa responsabilidade. Mas o conto segue outro destino: o ancião um dia para de bater às portas, e o jovem protagonista da estória tenta descobrir a razão. Depara-se com ele morto em sua casa, sozinho. Uma metáfora da missão de cada um numa engrenagem coletiva, como em um relógio com que o homem se funde. Chama atenção que esse conto tenha sido escrito no período de fundação das organizações de libertação nacional palestina.

O personagem do ancião lembra ainda tradição naquelas terras, típica de modo de vida comunal: os cristãos baterem às portas dos muçulmanos para despertá-los ao jejum durante o período sagrado do Ramadan, como ainda hoje ocorre na Palestina sob ocupação. A morte do homem que tenta evitar que sua tragédia pessoal se repita em outras famílias simboliza também essa ruptura, à fragmentação da sociedade com a *Nakba*.

Pão do sacrifício

Em *Khuzb al-fida* (Pão do sacrifício)³⁹⁷, escrito em 1960, o pano de fundo é a limpeza étnica em 1948, sobre o qual ganham vida os personagens protagonistas Ramez e Suad. O primeiro é um combatente e a segunda, enfermeira em um pequeno hospital da Legião Árabe³⁹⁸. As apenas oito camas estão ocupadas após a

³⁹⁷ AZZAM, Samira. Bread of Sacrifice. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Anthology of Modern Palestinian Literature, pp. 389-399.

³⁹⁸ Os hospitais da Legião Árabe foram abertos na Palestina em abril de 1948. Em maio do mesmo ano, suas condições precárias de funcionamento, ausência de pessoal especializado para atender os feridos, de equipamentos e mesmo medicamentos são descritas pelo diretor de serviços médicos da Legião Árabe, Farid Talié, em artigo em inglês intitulado "The Medical Services of The Arab Legion" (Os serviços médicos da Legião Árabe), publicado pela primeira vez em 1º de agosto de 1953 na *Revista Médica de Pós-Graduação*. No texto, ele relata que, ao sair da Palestina em 14 de maio de 1948, um dia antes da proclamação do Estado de Israel, a Grã-Bretanha fechou todos os seus hospitais. TALIÉ, Farid. The Medical Services of The Arab Legion. Disponível em:

batalha entre os colonos de um assentamento sionista em Nahariya e as aldeias árabes no entorno de Akka.

Esse é o local onde os jovens se encontram. Ramez, que durante o dia treina combatentes – homens e mulheres –, está montando guarda ali em uma noite gélida, e Suad lhe oferece uma xícara de chá. O primeiro contato é formal. Na segunda noite, o combatente resolve “ser menos rígido” e pergunta à enfermeira: “Você não acha o trabalho aqui difícil?” Ao que Suad responde: “Você acha que não sou boa o bastante para tarefas como essa?” Ele fica sem palavras. Quando a jovem começa a se afastar, Ramez a chama: “Desculpe-me, poderia saber seu nome?” Ela sorri: “E por que não? Somos todos companheiros aqui. Meu nome é Suad.”

Sua personalidade como uma mulher forte e independente é evidenciada. Ao desenrolar da estória, Ramez descobre que a jovem enfermeira, por quem se apaixona, tricotou a camisa que lhe foi entregue como presente aos combatentes dado pelo Comitê de Mulheres Árabes de Akka. No bolso havia um cartão com o nome “Suad Wahbi” e o recado “Possa essa camisa ser desgastada por um herói”.

Em outro momento, Ramez visita um ferido, Hassan, que lhe diz que Suad é “melhor que minha velha mãe”. Uma simbologia da mãe terra, que protege e coloca sua vida a serviço de seus filhos, a qual é reforçada mais adiante.

A limpeza étnica avança, e o narrador menciona os locais da “batalha” entre a resistência palestina e as paramilícias sionistas – Al Qastal³⁹⁹, Haifa, Monte Carmelo⁴⁰⁰, o contra-ataque palestino aos “assentamentos inimigos no Triângulo do Terror”⁴⁰¹ –, além do “heroísmo de seu povo” em cada cidade e vilarejo.

<https://pmj.bmj.com/content/postgradmedj/29/334/400.full.pdf>, pp. 400-401. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

³⁹⁹ Al Qastal era uma aldeia palestina situada, segundo Ilan Pappé, no “último pico ocidental antes do aclive final para Jerusalém” e foi a primeira de muitas objeto da limpeza étnica em 9 de abril de 1948. Na tentativa de resistir, o líder das forças palestinas ‘Abd al-Qadir al-Husaini foi morto. Ver em PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina, p. 109.

⁴⁰⁰ Monte Carmelo é a montanha com vista para o Mediterrâneo em que parte de Haifa está edificada. Ver em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Anthology of Modern Palestinian Literature, p. 394.

⁴⁰¹ O Triângulo do Terror é referência a cidades e aldeias em Tulkarm-Qalqilya-Distrito de Tireh, perto de Nablus, em que os palestinos, conforme descreve Salma Khadra Jayyusi, “corajosamente resistiram aos ataques das forças sionistas da Haganah. Tanto Tireh quanto Qalqilya repeliram seus ataques em 13 de maio de 1948”. Ibidem, p. 394.

A família de Suad vive a tragédia e segue rumo ao refúgio; ela se recusa a deixar sua terra com a família e diz que será a última a sair da Palestina. Ramez lhe pergunta se é por ele, ao que Suad retruca: “Não, não é por sua causa. Sim, eu o amo, é verdade. Ainda assim, você não é tudo.”⁴⁰²

A partir daí, ela passa a levar cestas de pães para alimentar os combatentes nas trincheiras. A personagem sintetiza as múltiplas frentes assumidas pelas mulheres durante a *Nakba*, exceto como combatente. Embora retrate algumas das tarefas assumidas exclusivamente por mulheres, não há qualquer minimização no conto de Samira Azzam. Pelo contrário, ela revela o heroísmo desse protagonismo, sem excluir o fato de que também se deu nos campos de batalha, quando Ramez revela que treinava homens e mulheres.

Esse heroísmo, que já se mostra quando Suad se recusa a deixar sua terra, atinge seu auge quando ela leva um tiro no peito e morre. Um sacrifício pela libertação nacional. Os pães ficam mergulhados em sangue.

A jovem é reconhecida como heroína pelo grupo de combatentes, os quais, a partir de então, enfrentam o dilema de morrer de fome ou se alimentar com os pães encharcados pelo sangue de Suad. Ao final, a decisão é que sua morte seria em vão se a opção fosse perecerem e dividem os pães. O conto traz, assim, referência ao rito cristão da eucaristia, em que pão e vinho se misturam na hóstia servida aos fiéis simbolizando o corpo e sangue de Jesus, cuja crucificação, na representação bíblica, é o sacrifício para salvar a humanidade.

Lágrimas à venda

A estória em *Tears for Sale* (Lágrimas à venda)⁴⁰³ é narrada a partir dos olhos de uma criança de uma pequena aldeia e tem como protagonista a personagem feminina Khazna, uma profissional do luto e do casamento, um simbolismo de que à

⁴⁰² AZZAM, Samira. Bread of Sacrifice. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Tradução (árabe-ínglês): Kathie Piselli and Dick Davies. Anthology of Modern Palestinian Literature, p. 395.

⁴⁰³ AZZAM, Samira. Tears for Sale. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Modern Arab Fiction – An Anthology. Tradução (árabe-ínglês): Lena Jayyusi e Elisabeth Fernea. (New York: Columbia University Press, 2005), pp. 210-214.

mulher pertenceriam a preservação de ritos tradicionais e seria ela o pivô do ciclo da vida.⁴⁰⁴

Como em outros contos de Samira Azzam, não há qualquer menção direta quanto a sua origem ou ao local onde se desenvolve a trama, mas o simbolismo que a permeia aponta para o mesmo referencial: a catástrofe palestina. Assim, ao exercer seu ofício como carpideira durante o velório de um vizinho da aldeia, Khazna, que liderava os cânticos e as demonstrações de desespero e sofrimento, na observação do narrador, parecia

que não se lamentava por um homem morto, nosso vizinho, mas antes chorava por todos os mortos da cidade, despertando na angústia de uma mulher a tristeza pela perda do marido e em outra, de um filho morto ou irmão que partiu.⁴⁰⁵

Em “Etnografia da morte na Palestina”, o pesquisador Hamdan Taha afirma que não há qualquer evidência etnográfica da prática remunerada de carpideiras durante o funeral nos vilarejos palestinos, diferentemente de em alguns lugares do Egito. Não obstante, ele afirma que diz-se metaforicamente que “tudo é dívida, incluindo as lágrimas nos olhos”.⁴⁰⁶ Também menciona que estudiosos como Mohamad Canaan dão a entender que no passado mulheres eram contratadas para chorar pelos mortos na Palestina. Indicação é que Samira Azzam faça nesse conto mais uma referência bíblica, em que aparecem em várias passagens as profissionais do luto na Terra Santa.

Outro simbolismo da mulher como aquela responsável por preservar os ritos tradicionais encontra-se na observação do papel de Khazna como profissional do casamento: ela prepara a noiva e lhe dá conselhos, inclusive sexuais, assim como aguarda do lado de fora da tenda, durante a noite de núpcias, para estender o lençol com o sangue que expõe a virgindade da recém-casada aos familiares e convidados.

Ao final, Khazna vive seu próprio luto. A filha Mas’ouda, para a qual sonhava tal casamento, morre em função de uma epidemia de febre tifoide. Mais uma

⁴⁰⁴ COHEN-MOR, Dalva (ed.). Arab Women Writers – An Anthology of Short Stories (Albany: State University of New York Press), pp. 16-17.

⁴⁰⁵ AZZAM, Samira. Tears for Sale. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Modern Arab Fiction – An Anthology, p. 211.

⁴⁰⁶ TAHA, Hamdan. Ethnography of Death in Palestine. Journal of Historical Archaeology & Anthropological Sciences, vol. 3, Issue I, 2018. Disponível em: DOI: [10.15406/jhaas.2018.03.00076](https://doi.org/10.15406/jhaas.2018.03.00076). Acesso em: 24 de outubro de 2021.

indicação de que a autora se referencia na história da Palestina, em que esta é relatada como uma das graves doenças infecciosas em 1925, tendo inclusive sido formada uma comissão especial para realizar um estudo epidemiológico a respeito.⁴⁰⁷

Com a morte de Mas'ouda, contudo, chama a atenção dos aldeões que, ao invés do desespero, choro histérico e cânticos enquanto carpideira, a tristeza pessoal de Khazna é expressa silenciosamente:

Quando os homens vieram para levar a única criatura que já tinha dado a ela a oportunidade de expressar suas emoções honestamente, Khazna não gritou ou rasgou seu vestido. Ela simplesmente olhou para os carregadores [do caixão] com olhos atordoados e, como um ser perdido, seguiu-os rua abaixo em direção à Mesquita. No cemitério ela deitou a cabeça na terra fresca que abrigava o pequeno corpo de Mas'ouda e descansou sobre a sepultura por muitas horas. Só Deus sabe exatamente quanto tempo ficou lá. As pessoas voltaram do velório dizendo muitas coisas sobre Khazna. Alguns disseram que tinha ficado tão louca que parecia ser racional; alguns disseram que ela não tinha lágrimas depois de uma vida inteira de vigílias; e, claro, alguém disse que Khazna não chorou porque não recebeu nenhum dinheiro. Alguns, muito poucos, optaram por não dizer nada, deixando Khazna em seu silêncio dizer tudo.⁴⁰⁸

A literatura sob ocupação

Sob o que Kanafani denomina “cerco cultural”, os escritores que permaneceram nas áreas de 1948 se viram impedidos de publicar suas obras, realizar intercâmbio com correntes modernas na região e com as novas influências no refúgio. As restrições visavam ainda impedir a formação das novas gerações, restringindo-lhes sobremaneira o acesso à educação.⁴⁰⁹

O resultado, conforme Kanafani, é que no pós-*Nakba*, entre os 200 mil palestinos remanescentes no Estado de Israel, o percentual de estudantes árabes em relação a judeus era de pelo menos 12%. No ensino médio os primeiros representavam apenas cerca de 3% do total. Nos institutos superiores, eram menos de 1%, sendo apenas 100 estudantes árabes. E mesmo nas escolas secundárias, os árabes, conforme sua descrição, recebiam “aulas de línguas estrangeiras abaixo do

⁴⁰⁷ KLIGLER, I. J. Study on The Epidemiology of Typhoid Fever. The Journal of Hygiene, vol. 27, n. 1, November 1927, p. 14, Published by: Cambridge University Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4626724>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

⁴⁰⁸ AZZAM, Samira. Tears for Sale. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Modern Arab Fiction – An Anthology. Tradução (árabe-inglês): Lena Jayyusi e Elisabeth Fernea, p. 214.

⁴⁰⁹ KANAFANI, Ghasan. Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966, n.p.. Tradução (árabe-inglês): Victorios Shams.

padrão, o que leva à incapacidade de muitos deles de obterem o diploma do ensino médio e concluir seus estudos superiores”.⁴¹⁰

As estatísticas oficiais à época, como continua Kanafani na mesma obra, indicavam que a maioria dos estudantes árabes era obrigada a deixar as escolas na faixa etária entre 14 e 15 anos para trabalhar e garantir subsistência. Ele informa ainda que, conseqüentemente, apenas 10% do já pequeno número de estudantes árabes obtinha sucesso a cada ano no ensino médio, e aqueles cujo *status* econômico e social poderia qualificá-los a entrarem na universidade estavam sujeitos a uma série de condições que os impedia de estudar em certas faculdades – como as dedicadas a estudos literários orientais. “É uma deficiência deliberada. Após esses poucos graduados, eles são submetidos a outra série de perseguições políticas e administrativas e constantes tentativas de destruir seu moral e qualificações.” Frequentemente, destaca Kanafani, “o desemprego é o destino, ou emprego, na melhor das hipóteses, em áreas diferentes das áreas de especialização do graduado”. Essa situação “tem levado à destruição contínua de todas as gerações da cultura árabe que estavam prestes a cumprir seu papel pioneiro [...]”.⁴¹¹

Ademais, apenas jornais árabes sob a tutela dos sionistas podiam ser publicados, que determinavam também quais livros que circulavam nas capitais de países vizinhos poderiam ou não ser reimpressos internamente. Assim, nenhum que tratasse da questão do nacionalismo árabe era permitido.⁴¹²

Na tentativa de dotar o recém-criado Estado de Israel de um verniz democrático, as autoridades sionistas, como aponta ainda Kanafani em sua obra, incentivavam ainda os judeus vindos de países árabes a publicarem sua produção no idioma: Três dos 16 jornais que circulavam em árabe eram editados por estes; um diário era governamental e os outros (oito semanais e sete mensais) atrelados a partidos sionistas, expressando pontos de vista que davam a aparência de diversidade na sociedade colonial.⁴¹³

Ainda de acordo com Kanafani, da mesma forma na literatura, o primeiro romance impresso em Israel na língua árabe era de autoria de Ibrahim Musa

⁴¹⁰ Ibidem, n.p.

⁴¹¹ Ibidem, n.p.

⁴¹² Ibidem, n.p.

⁴¹³ Ibidem, n.p.

Ibrahim, um judeu iraquiano. Ele seria parte dos 28 autores, entre os quais poetas – oito deles judeus orientais –, que escreviam no idioma nos territórios ocupados em 1948, com base em estimativas das próprias autoridades sionistas.⁴¹⁴

O que foi publicado e impresso em árabe a partir de 1948 não ultrapassa 15 coletâneas de poesia e cerca de cinco romances. Não há necessidade de julgar aqui a maioria deles – desde que antes de ir ao mercado tenham tido a permissão da censura.⁴¹⁵

Kanafani revela que muito do que foi publicado era “insignificante e trivial em forma e conteúdo”. Dada sua condição, muitos poetas palestinos se aproximavam do marxismo e suas ideias revolucionárias. Passaram a escrever para o jornal *Al Ittihad*, fundado pelo Partido Comunista em 1944, e sua revista literária mensal *Al Jadid*, lançada em 1951 – os únicos que aceitavam publicar seus textos no período. Não obstante, os palestinos enfrentavam-se tanto com a pesada censura por parte do Estado sionista quanto com a recusa dos israelenses de publicarem escritos com forte conteúdo nacionalista e mesmo expulsão das fileiras da organização vinculada a Moscou se ameaçassem “a segurança” de Israel.⁴¹⁶

O advento da revolução no Egito em 1952, que derrubou a Monarquia do Rei Farouk e instalou a República, abalou essa estrutura. Após esse acontecimento, descreve Kanafani, “os jornais judeus [...] foram surpreendidos por uma mudança qualitativa decisiva nas cartas que começaram a receber à sequência do anúncio de sua disposição de publicar qualquer produção de poesia em árabe”.⁴¹⁷

Na verdade, não tinham essa intenção, se isso significasse avançar nos limites impostos à expressão cultural. O resultado é que começaram a se realizar *diwans* nas aldeias que “estavam sempre se transformando em manifestações nacionais devido à intensidade do comparecimento e entusiasmo”.⁴¹⁸ A maioria dos poetas árabes participantes nessas noites, contudo, foi levado muitas vezes aos

⁴¹⁴ Ibidem, n.p.

⁴¹⁵ Ibidem, n.p.

⁴¹⁶ MIR, Salim. Palestinian Literature: Occupation and Exile. Arab Studies Quarterly, vol. 35, n. 2, Spring 2013, p. 120. Published by: Pluto Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/10.13169/arabstudquar.35.2.0110.pdf>. Acesso em: 26 de outubro de 2021.

⁴¹⁷ KANAFANI, Ghasan. Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966, n.p.. Tradução (árabe-inglês): Victorios Shams.

⁴¹⁸ Ibidem, n.p.

governantes militares de seus vilarejos para interrogatórios, e proibiu-se a realização dessas atividades.⁴¹⁹

A resistência a essa ordem preparou o terreno para a *adab al-mukawama* se firmar enquanto um movimento cultural em cinco anos. Para Kanafani, o outro lado do que se dava também no exílio, guardadas as circunstâncias. Ele cita que em território ocupado essa literatura foi formulada com a participação de mulheres e carregava no estilo “persuasivo, profundo, poderoso e mais próximo da terra”.⁴²⁰

Emoções fluíram através da produção literária a partir da percepção de que passaram a ser uma minoria indefesa remanescente em meio a uma estranha multidão e de amargo sentimento de perda, solidão e alienação. E se transformaram em sua força e existência.⁴²¹

Najwa Kavar Farah (1923-2015)

Nascida em al-Nasra, Najwa Kavar Farah⁴²² é uma dessas vozes internas. Formou-se em Pedagogia no Colégio de Treinamento de Mulheres em al-Quds e lecionou em várias escolas. Sua prolífica produção artística e literária inclui pinturas, fábulas, contos, poemas, autobiografia e romance.⁴²³ Escreveu ainda artigos para os jornais árabes *al-Adib*, *Sawt al-Mar’á*, *al-Muntada*, *al-Qafila* e *al-Ghad* e também atuou em rádio, além de proferir palestras sobre a questão palestina nos Estados Unidos, Austrália e Suécia, juntamente com seu marido, reverendo Rafiq Farah, com quem se casou em Haifa no ano de 1950 e teve quatro filhos.⁴²⁴

⁴¹⁹ Ibidem, n.p.

⁴²⁰ Ibidem, n.p.

⁴²¹ Ibidem, n.p.

⁴²² Em alguns estudos, o sobrenome é grafado Kavar, em outros Qa’war.

⁴²³ PALESTINIAN ACADEMIC SOCIETY FOR THE STUDY OF INTERNATIONAL AFFAIRS.

Personalities Farah, Najwa Qa’war (1923-2015). Disponível em: <http://passia.org/personalities/427>.

Acesso em: 27 de outubro de 2021.

⁴²⁴ NAJWA KAWAR FARAH – A Personal Voyage. Disponível em:

<http://www.najwafarah.com/intro.htm>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.



Ela foi uma das palestinas remanescentes após a *Nakba*. No distrito onde vivia, Walid Khalidi descreve a destruição de quatro aldeias, a um raio de seis a 10,5km da cidade entre maio e julho de 1948, que reuniam 7.540 habitantes (dados de 1944-1945).⁴²⁶

Embora os árabes de al-Nasra não tenham sido expulsos violentamente como ocorreu em seu entorno, foram subjugados e passaram a viver sob controle militar em sua antiga cidade. Primeiro-ministro de Israel e um dos arquitetos da limpeza étnica levada a cabo, David Ben-Gurion nomeou também um governador sionista para a região, Elisha Soltz, na política de judaização sob fachada de “democracia” que garantiria cidadania à minoria remanescente.⁴²⁷ Porém, esses não gozavam os mesmos direitos.⁴²⁸ Todos os seus movimentos, organizações e mesmo produção literária, como aponta Kanafani, encontravam-se sob cerco.

A escrita de Najwa Kawar Farah é caracterizada pela simplicidade e linguagem popular, forma que se reveste de conteúdo profundo e arquétipos que dão vida a seus personagens. Estes são baseados em pessoas comuns, que “buscam respostas para sua situação histórica individual e coletiva” – muitos dos quais mulheres resilientes que enfrentam dupla opressão: colonial e machista.

⁴²⁵ Imagem editada, publicada em material do Museum Palestine US.

⁴²⁶ KHALIDI, Walid. *All That Remains*, pp. 344-353.

⁴²⁷ THE PALESTINIAN MUSEUM. *Palestinians under Military Rule in Israel* Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/timeline/highlight/14340/palestinians-under-military-rule-israel>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

⁴²⁸ Os “palestinos de 1948”, que têm cidadania árabe-israelense, somam hoje 1,9 milhão de habitantes e seguem a enfrentar discriminação. Estão submetidos a cerca de 60 leis racistas. Ver em ADALAH – The Legal Center for Arab Minority Rights in Israel. Disponível em: <https://www.adalah.org/en/law/index>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

Através, portanto, da literatura, Najwa joga luz tanto sobre a ocupação israelense quanto sobre a discriminação contra mulheres em sua sociedade, denotando sua percepção de que ambas são indissociáveis à libertação palestina.⁴²⁹

O controle militar foi de fato abolido somente ao final de 1968, portanto após a *Naksa*. Em meio a essa realidade, Najwa Kawar Farah mudou-se, juntamente com sua família, para al-Quds em 1965 e, três anos depois, para Ramallah, na Cisjordânia, Palestina ocupada militarmente em 1967. Essa peregrinação é expressa em sua arte, como se vê em pinturas que retratam alguns desses locais:



1



2



3



4

430

⁴²⁹ NAJWA KAWAR FARAH – A Personal Voyage. Disponível em: <http://www.najwafarah.com/intro.htm>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

No ano de 1977, passou a viver em Beirute, Líbano, em meio à guerra civil no país, e em 1985, mudou-se para Londres, até finalmente se estabelecer em Toronto, no Canadá, onde permaneceu até o fim de sua vida – a qual, segundo Salma Khadra Jayyusi, foi “dedicada a servir à causa de seu povo”.⁴³¹

A primeira de suas coletâneas, sob o título “*Abiru al-sabil*” [Um transeunte], data de 1954. A edição inaugural foi publicada pela Dar Rihani, em Beirute. Reúne 15 contos publicados em colunas de jornais ou apresentados nos programas de rádio nos anos 1940, inspirados na cena palestina antes da *Nakba*.⁴³²

“For Whom Does Spring Come” (Para quem vem a primavera), coletânea do ano de 1963, teve um de seus contos – “The Worst of Two Choices; or, The Forsaken Olive Trees” (A pior das duas escolhas; ou as oliveiras abandonadas) – vertido ao inglês pelo Projeto de Tradução do Árabe (Prota) e incluído na obra “Anthology of Modern Palestinian Literature”.⁴³³ A estória gira em torno de um dos símbolos da conexão com a terra pelos palestinos: as milenares oliveiras.

A partir daí, traz aspecto da tragédia vivida por seu povo com a *Nakba*, através do dilema apresentado ao personagem Salim Abu Ibrahim e sua família. Um dos remanescentes em sua aldeia após a limpeza étnica de 1948, este camponês e sua esposa, Imm Ibrahim, contudo, veem-se separados de seus jovens filhos Ibrahim, ‘Abla, Jamil e Sami, que passaram a viver fora da Palestina. Imm Ibrahim chora a ausência e implora para que sigam ao encontro dos filhos, o que implicaria forçosamente deixar a terra. A partir daí, desenvolve-se o drama da “pior das duas escolhas” – que se origina da total falta de escolha. Sob o peso de tamanha decisão, Abu Ibrahim ralha com a esposa: “Você é mãe, mas é a única mãe aqui cujos filhos cruzaram a fronteira? O homem que escuta uma mulher choramingar é um tolo – e eu mais que qualquer outro.”⁴³⁴

⁴³⁰ Pinturas de Najwa Kawar Farah que retratam a Palestina, editadas. 1) Igreja da Anunciação, em Nazaré; 2) Pastoreio; 3) Oliveiras; 4) Ramallah. Disponíveis em: <http://www.najwafarah.com/pics.htm>. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

⁴³¹ JAYYUSI, Khadra Salma (ed.), *Anthology of Modern Palestinian Literature*, p. 434.

⁴³² NAJWA KAWAR FARAH – *A Personal Voyage*. Disponível em:

<http://www.najwafarah.com/intro.htm>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

⁴³³ FARAH, Qa’war Najwa. *The Worst of Two Choices; or, The Forsaken Olive Trees*. JAYYUSI, Khadra Salma (ed.), *Anthology of Modern Palestinian Literature*. Tradução: Ruth Lenox and Thomas G. Ezzy, pp. 434-441.

⁴³⁴ *Ibidem*, p. 435.

Ela insiste e argumenta – “eles não são nossos filhos, uma parte de nós?”. O marido diz “basta” e deixa a casa em direção ao seu refúgio, as oliveiras. Imm Ibrahim começa a ansiar por esse momento para chorar por sua maternidade perdida, longe de sua vista.⁴³⁵

Abu Ibrahim é um homem de seu tempo. Mas por trás da rispidez – através da qual Najwa Kawar Farah aborda drama potencializado à dupla opressão feminina, sob jugo colonial e machista –, o personagem masculino também derrama suas lágrimas e corrói a saudade secretamente, enquanto questiona se seria justo culpar Imm Ibrahim por expressar sua dor. Para unir a família, seria preciso cruzar a fronteira e deixar para trás as oliveiras que o acompanharam desde tenra infância e todo um modo de vida comunal, marcado pelo seu cultivo. As oliveiras milenares eram sua herança, “um lugar sagrado para ele”, “seu pertencimento à terra de seus ancestrais”.⁴³⁶ Representavam a resistência e a recusa a deixar a terra para os ocupantes, como expresso em seu conflito interno:

Essas oliveiras tinham testemunhado a era dos sultões turcos. Tinham sobrevivido ao mandato britânico. Permaneciam agora, imperturbáveis e fortes, combatendo o próprio tempo com sua resistência silenciosa e devoção. Por que ele não poderia ser como elas? Por que precisava abandoná-las? Por que ele não suportava com firmeza, como elas? A vida tinha lhe reservado lugar aqui. Por que ele deveria sair?⁴³⁷

Najwa Kawar Farah, aparentemente, faz analogia com representação religiosa do sacrifício supremo. Na obra, Abu Ibrahim tem que escolher entre o reencontro com seus filhos e seu “lugar sagrado”: as oliveiras que “falavam com ele sobre a terra”, “consolavam-no”, eram-lhe generosas e leais. Como abandoná-las a desconhecidos, estranhos?

Abu Ibrahim enxerga a humanidade em suas árvores, numa indissociabilidade entre natureza e homem. Najwa Kawar Farah, assim, traz a simbologia jungiana dessa união do que seriam opostos ao “homem moderno, desenraizado e alienado de uma natureza desprovida de alma”. A árvore, para Jung, é “como o caminho e o crescimento para o imutável e eterno [...]”. Ou seja, “como se o homem, que procura

⁴³⁵ Ibidem, p. 435.

⁴³⁶ Ibidem, p. 438.

⁴³⁷ Ibidem, p. 438.

em vão sua existência, [...] só encontrasse o caminho de volta àquele mundo no qual não se sente estranho, através da vivência da realidade simbólica”.⁴³⁸

Ao fim, ao lado da esposa, Abu Ibrahim cruza a fronteira. Essa é sua primeira morte. A segunda é o sentimento de não pertencimento que acompanha os palestinos na diáspora – de estar, como escreve o intelectual palestino Edward Said, “fora de lugar”. A terceira morte é a de seu corpo: “O doutor disse que seu coração falhou enquanto ele dormia. Mas seu filho disse que viu a sombra da morte em sua face no dia em que ele cruzou a fronteira.”⁴³⁹

Ao todo, a obra de Najwa Kawar Farah conta 11 livros em árabe, incluindo ainda fábulas com personagens folclóricos da cultura palestina para o público infantil, contos populares e a autobiografia “A Continent Called Palestine” (Um continente chamado Palestina). Além desta última, também foram traduzidos para o inglês seus livros “To Palestine with Love” (Para a Palestina com amor) e “Rose Stones of Jerusalem” (Pedras rosas de Jerusalém), que reúnem contos, poemas e pinturas.

Poesia: “cidadela da resistência”

Em função das condições objetivas impostas aos palestinos submetidos à ocupação, a poesia inspirada na tradição popular oral passou ao *status* de “cidadela da resistência que não seria destruída”, pela facilidade de “se espalhar sem ser impressa e ser transmitida boca a boca”. Os versos, diz Kanafani, eram cantados pela resistência, que não raro era assassinada pelos sionistas. Mas “a palavra supera o ato de fogo e pode penetrar seu cerco”: Não há como silenciá-la, quando a eloquência dessa produção literária alcança milhares de vozes.⁴⁴⁰

O que não significa que essa escolha tenha sido tranquila. Para além da brutalidade da repressão, o governo militar utilizou outra arma, a ideológica. Buscava orientar suas publicações e programas educacionais para atrair escritores palestinos a uma oposição legitimada pelo sionismo – e assim dividir e esvaziar

⁴³⁸ JUNG, C. G. Os arquétipos e o inconsciente coletivo, p. 115.

⁴³⁹ JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Anthology of Modern Palestinian Literature, p. 441.

⁴⁴⁰ KANAFANI, Ghasan. Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966, n.p. Tradução (árabe-inglês): Victorios Shams

aqueles que integravam a vertente da literatura de resistência. “Em 1958, o Partido Mapam⁴⁴¹, muito interessado em obter votos árabes nas eleições por qualquer meio, criou uma empresa para a edição de livros árabes produzidos em países vizinhos”.⁴⁴² O objetivo seria tanto atender leitores de língua árabe quanto “imprimir livros de uma determinada cor que não refletissem um espírito patriótico ou progressista”: De fato, chegou a publicar alguns livros com esse tom.

Kanafani aponta que dez anos depois surge a poesia de Mahmud Darwich (1941-2008) como marco do que viria a ser denominada poesia nacional. Darwich nasceu em Al-Birwa, no distrito de Akka, região da Galileia. Aos sete anos de idade, tornou-se refugiado, juntamente com sua família e os cerca de 1.500 habitantes da aldeia, em decorrência da limpeza étnica iniciada em 11 de junho e completada no dia 18 de julho de 1948⁴⁴³. O vilarejo foi completamente esvaziado. Sua poesia reflete a memória e identidade coletivas, o exílio, a nostalgia, a resistência. Como escreve Kanafani, juntamente com o poeta palestino Samih al-Qasim (1939-2014), Mahmud Darwich conduz gradualmente o movimento *adab al-mukawama* “para fora da coluna tradicional, alcançando o estilo moderno sem perder seu calor”.⁴⁴⁴ E traz a imagem feminina da terra como “única e indissolúvel questão do amor”.

O estilo moderno a que se refere Kanafani será a adoção de versos livres, em consonância com correntes literárias que alcançavam a região do Oriente Médio e Norte da África, em meio a período de grandes transformações, marcado tanto por revoluções como no Egito e também no Iraque no ano de 1958 – que derrubou a

⁴⁴¹ O israelense Mapam (Partido Unido dos Trabalhadores, em hebraico) foi fundado em 1948 como fusão de outros dois – HaShomer HaTzair e Ahdut HaAvoda-Poalei Tzion. Apresentava-se inicialmente como ala do chamado “sionismo socialista”. Representava o Movimento Nacional Kibbutz e trabalhadores urbanos e se alinhava com o bloco comunista. Entre 1955 e 1967, passou a moderar o discurso. O Mapam dará origem em 1992 ao único partido que se afirma “esquerda sionista” na atualidade, o Meretz. Disponível em: <https://en.idi.org.il/israeli-elections-and-parties/parties/mapam/>. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

⁴⁴² KANAFANI, Ghasan. *Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966*, n.p. Tradução (árabe-inglês): Victorious Shams

⁴⁴³ KHALIDI, Walid. *All That Remains*, p. 9.

⁴⁴⁴ KANAFANI, Ghasan. *Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966*, n.p. Tradução (árabe-inglês): Victorious Shams. Tanto Mahmud Darwich quanto Samih al-Qasim passam a atuar dentro do Partido Comunista e enfrentam uma série de prisões por parte de Israel nos anos 1960, tanto por seus escritos quanto por sua atividade política. THE PALESTINIAN MUSEUM. *Biography Samih al-Qasim*. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14239/samih-al-qasim>. Acesso em: 23 de setembro de 2021.

Monarquia hashemita e inaugurou a República – quanto por golpes de Estado e pela luta anticolonial, a exemplo da Argélia, que se livra do jugo francês em 1962.⁴⁴⁵

Como ensina Salma Khadra Jayyusi, os primeiros a experimentarem versos livres na região foram Badr Shakir al-Sayyab e Nazik al-Mala'ika, no ano de 1947, em Bagdá, Iraque. Eles publicaram diversos poemas adotando esse estilo, sem a rima e a métrica das preceptivas clássicas, portanto, rompendo com a clássica *qasida*. Não obstante, a receptividade foi alcançada após 1948, “desmantelando-se a tradicionalmente venerada forma de monorrima e dois hemistíquios [versos divididos em dois]” que haviam dominado as formas poéticas árabes desde os tempos pré-islâmicos.⁴⁴⁶

Para Jayyusi, deu-se, assim, revolução sem precedentes na história da poesia árabe, que incluiu por parte de jovens escritores não só os versos livres, mas também o que ela denomina “poesia em prosa”, com salto em sofisticação e criatividade. O período marca ainda o desenvolvimento de outros gêneros literários, como contos e romances. Todas essas mudanças abarcam a ênfase no comprometimento social e político pós-*Nakba*.⁴⁴⁷ Tributária dessas profundas transformações no seio da *adab al-mukawama* é a poeta palestina Fadwa Tuqan (1917-2013), cuja história e obras serão destacadas neste capítulo.

Embora não houvesse sido assim nomeada antes de Kanafani, a literatura de resistência não é uma novidade na história, como indica Barbara Harlow.⁴⁴⁸ Em seus estudos, ela demonstra mais uma vez a importância do processo histórico ao engajamento dos escritores nas lutas anticoloniais e por libertação nacional, da África e América Latina ao Oriente Médio e Norte da África, desde fins do século XIX.

Características que culminaram na consciência do ser social para que se constituísse a literatura de resistência palestina estão presentes nos escritos de outros povos historicamente colonizados. Entre elas, a luta por sua cultura nacional, uma vez que submetida a ameaça de destruição, e uma busca pela sua herança, por manter viva a memória e identidade coletivas. Não obstante, Barbara Harlow

⁴⁴⁵ JAYYUSI, Khadra Salma. *Anthology of Modern Palestinian Literature*, p. 17.

⁴⁴⁶ *Ibidem*, p. 17.

⁴⁴⁷ *Ibidem*, p. 18.

⁴⁴⁸ HARLOW, Barbara. *Resistance Literature* (Great Britain: Methuen & Co., 1987), pp. 3-6.

chama atenção para o perigo de uma visão idealista e monolítica, comumente utilizada na política às escusas de uma unidade que ignora diferenças, como classe e gênero, e contradições no seio da própria sociedade.

Frantz Fanon problematiza ainda essa busca por uma cultura nacional ao longo da história, que para ele deve não só evitar o isolacionismo em relação ao mundo, mas ir além de suas fronteiras literárias – ou o destino será sua alienação. Assim, defende que o “homem colonizado que escreve para o seu povo, quando utiliza o passado, deve fazê-lo com a intenção de abrir o futuro, de convidar à ação, de criar a esperança”.⁴⁴⁹ Para ele, também, a *práxis* é uma necessidade, ou seja, participar da luta nacional, o que necessariamente elevará sua consciência para além de suas fronteiras:

A responsabilidade do homem de cultura colonizado não é uma responsabilidade frente à cultura nacional, mas uma responsabilidade global perante a nação como um todo, de que a cultura não é, em definitivo, senão um aspecto. O homem de cultura colonizado não deve preocupar-se em escolher o nível da sua luta, o setor onde decide travar o combate nacional. Lutar pela cultura nacional é, em primeiro lugar, lutar pela libertação nacional, matriz material a partir da qual resulta possível a cultura. Não existe um combate cultural que se desenvolva paralelamente à luta popular.⁴⁵⁰

A *adab al-mukawama*, como proposto por Kanafani, vai ao encontro do que Fanon propugna. Movimento literário ao qual aderem inclusive as mulheres palestinas.

Fadwa Tuqan (1917-2003)

Principal expressão feminina da mudança que acompanhava os jovens poetas e uma das pioneiras nesse campo, Fadwa Abdel Fatah Agha Tuqan nasceu em Nablus em 1º de março de 1917 – meses antes, portanto, de a Grã-Bretanha emitir a Declaração Balfour. Em suas próprias palavras, sua chegada à vida se deu “entre um mundo que morria e outro prestes a nascer”, com o Império Otomano

⁴⁴⁹ FANON, Frantz, *Los condenados de la tierra*. Traducción: Julieta Campos, 3ª. edição (México: FCE, 2001), p. 213.

⁴⁵⁰ *Ibidem*, pp. 213-214.

dando “seus últimos suspiros e as tropas dos aliados abrindo os caminhos a uma nova ocupação ocidental”.⁴⁵¹

Oriunda de uma família de elite, culta e bastante conservadora, teve uma infância e adolescência marcadas pela opressão de gênero. Vivia praticamente reclusa em casa – em suas próprias palavras, expressas em sua autobiografia “A Mountainous Journey”, “isolada do mundo”, “como um animal ferido em uma jaula”. Viu-se, assim, obrigada a deixar a escola aos 13 anos de idade, por pressão de um de seus irmãos, Yousef, após lhe contarem que um adolescente de 16 anos havia dado uma rosa a Fadwa Tuqan. Deprimida, como conta, pensou em suicídio várias vezes, como uma forma de demonstrar sua revolta, vingar-se de sua família e encontrar sua roubada liberdade.⁴⁵²



453

Ela era a caçula de sete irmãos, dos quais cinco meninos. Um deles era o renomado poeta palestino nacionalista Ibrahim Tuqan (1905-1941), que a influenciou fortemente. Após ele retornar da Universidade Americana de Beirute, tornou-se seu guardião e a ajudou a dar continuidade a sua educação. Também a introduziu na poesia nos anos 1930, mas a reservada tradicionalmente às mulheres. Seus versos foram publicados nos jornais *al-Amali*, de Beirute, e *al-Risala*, do Cairo, sob o

⁴⁵¹ TUQAN, Fadwa. *A mountainous Journey – A Poet’s Autobiography*. Translated: Olive Kenny (London: The Women’s Press, 1990), p. 15.

⁴⁵² *Ibidem*, pp. 57-58.

⁴⁵³ Foto de Fadwa Tuqan. Disponível em: <https://arablit.org/2020/03/01/born-on-this-day-7-poems-by-fadwa-tuqan/>. Acesso em: 28 de setembro de 2021.

emblemático pseudônimo Dananir, em referência a famosa escrava cantora e poeta no período da dinastia abássida (749-1258)⁴⁵⁴ durante a expansão islâmica, conhecida por sua castidade.⁴⁵⁵

Segundo escreve Malti-Douglas em sua introdução à autobiografia de Fadwa Tuqan traduzida para o inglês, “Ibrahim, imbuído da tradição literária árabe clássica, escolhe um poema da coleção medieval do poeta neoclássico do século IX, Abu Tammam”.⁴⁵⁶ Trata-se, como continua, de “uma elegia (*rithā*) de uma poeta a seu irmão”, algo considerado mais apropriado à voz poética feminina desde a era pré-islâmica. “Esse poema crucial é também uma antecipação literária de uma atividade posterior de Fadwa, quando escreve uma elegia a seu irmão”.⁴⁵⁷

A referência é à coletânea intitulada “Meu irmão Ibrahim”, publicada no ano de 1946. Uma homenagem ao poeta que falecera em 1941, aos 36 anos de idade, em decorrência de uma úlcera, morte que foi devastadora para Fadwa. Em suas próprias palavras, algo se quebrou em seu interior e ela se sentiu órfã.⁴⁵⁸ Pelo irmão poeta, nutria amor que se expressava em um conjunto de emoções pueris.⁴⁵⁹

Fadwa descreve Ibrahim praticamente como um pai, que lhe dera o primeiro presente na infância e com quem realizou a primeira das viagens de sua vida, para al-Quds, quando ele trabalhava na Rádio Palestina – quando pôde, em suas palavras, respirar “pela primeira vez”.⁴⁶⁰ Em poema escrito em homenagem a Ibrahim, Fadwa conclui: “Talvez o tempo mude em breve para curar a ferida e as dores da saudade.”⁴⁶¹

⁴⁵⁴ Um dos quatro califados após a morte do Profeta Mohammad em 634, a dinastia abássida sucede a omíada, iniciada em 644. O primeiro governante foi Abu’l Abbas (749-754). Esta transfere a capital do Império Islâmico de Damasco para Bagdá. Durante o período abássida é desenvolvida pelos poetas a *qasida*, cujos versos eram valorizados pelos soberanos para louvá-los. HOURANI, Albert. Uma história dos povos árabes. São Paulo: Companhia de Bolso), pp. 57-58 e 258.

⁴⁵⁵ ASHOUR, Radwa; GHAZOU, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999, p. 210, e MOORE, Lindsey. Arab, Muslim, Woman: Voice and Vision in Postcolonial Literature and Film (London and New York: Routledge, 2008), p. 109.

⁴⁵⁶ MALTI-DOUGLAS, Fedwa. Introduction – A Palestinian Female Voice against Tradition. Em: TUQAN, Fadwa. A Mountainous Journey, p. 7.

⁴⁵⁷ Ibidem, p. 7.

⁴⁵⁸ TUQAN, Fadwa. A Mountainous Journey, p. 103.

⁴⁵⁹ Ibidem, p. 104.

⁴⁶⁰ Ibidem, p. 99.

⁴⁶¹ ABU-HEJLEH, NORMA Ismail. **Fadwa Tuqan: A poetisa palestina**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Língua, Literatura e Cultura Árabes da USP, 2014, apud TUQAN, Fadwa, 2009, p. 25. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-14032014-102737/publico/2013_NormalsmailAbuHejleh.pdf. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

Para preencher o vazio deixado com tal perda, o pai de Fadwa, Abdel Fatah Tuqan, passou a pedir a ela que compusesse poesias de caráter político-nacionalista, ao que ela comenta em sua autobiografia que uma voz interior manifestava protesto silencioso:

Como e com que direito meu pai me pedia para compor poesia política, se estou em silêncio e cercada por muros? Não me sentava entre os homens, não escutava suas discussões acaloradas, nem participava da rebelião da vida lá fora. Não tinha o conhecimento de como é meu país por não ter a permissão para viajar.⁴⁶²

Para ela, era indissociável para um poeta conhecer o mundo que revelaria em versos. “De onde eu obteria a matéria-prima adequada?” Ler os jornais diários de seu pai não lhe bastava – embora considerasse importante.

Fadwa Tuqan relata que sua mãe, Fawziyya Amin Asqalan, era membro da Sociedade para o Bem-estar das Mulheres em Nablus, fundada em 1921 pela professora Mariam Hashim (1889-1947), o que, contudo, não mudou sua vida. Raramente ia às reuniões, não podia viajar para participar de convenções, como ocorria com outras integrantes, e, sobretudo, “era absolutamente proibida de participar das manifestações de mulheres”.⁴⁶³

Em sua autobiografia, Fadwa lembra que essa organização se transformou em 1929, quando as mulheres passam à atuação política, como apresentado ao capítulo II desta tese. Na sua família, contudo, predominava a tradição: elas saíam “somente em raras ocasiões, tais como celebrações em casas de parentes e amigos próximos”. Nesses encontros, diz Fadwa, “eu não podia respirar livremente”.

Eram como “aves domesticadas”. Uma vida, como avalia a poeta, desprovida de significado. Não podia sair de casa sozinha. Sua mãe, uma tia, irmã ou prima tinham que acompanhá-la. A consciência da opressão fez com que se alienasse da política, apesar de conhecedora de seu talento. Esse potencial reprimido a atormentava.

⁴⁶² TUQAN, Fadwa. *A Mountainous Journey*, p. 107.

⁴⁶³ *Ibidem*, p. 109.

Seu pai, assim, não veria o desejo realizado. Ele faleceu em 1948, ano da *Nakba*. A transformação que a levaria a ser conhecida como “poeta da Palestina” teve início na sequência, a partir do impacto da catástrofe vivenciada por seu povo:

Na primeira metade dos anos 1950, eu escapei da prisão do harém. Quando o teto desabou na Palestina em 1948, o véu caiu da face da mulher de Nablus. Ela tinha lutado por um longo tempo para libertar-se do tradicional envoltório e espesso véu preto.⁴⁶⁴

Fadwa utiliza o véu no sentido metafórico mais amplo, representando a emancipação feminina da opressão. E associa sua própria libertação à de um movimento de mulheres palestinas que avançava na ruptura das amarras que lhe eram impostas pela tradição. Em suas palavras, “o tempo chegou para essa filha da vida falar e quando uma mulher verdadeira fala, é a vida que está falando”.⁴⁶⁵

Nos anos 1950, ela participa de conferências internacionais e amplia sua consciência. Em 1952, publica “Sozinha com os dias”, cujo foco de seus poemas são os desafios enfrentados pelas mulheres ante a dominação masculina no mundo árabe. Em 1956, começa a trabalhar em um clube cultural em Nablus, quando ingressa profissionalmente na literatura e ganha relevância. No ano seguinte escreve seus primeiros versos políticos em “Encontrei-a”, publicado em Beirute, que reúne 26 poemas.

Em 1962 vai a Londres estudar Língua e Literatura Inglesa na Universidade de Oxford e quando volta à Palestina, após a morte de seu irmão Nemr num trágico acidente de carro em Beirute no ano de 1963, constrói uma casa em sua cidade de origem, onde passa a viver só. Fadwa nunca se casou, mas nutria um amor secreto, identificado em seus textos como A.G.. Também teve outros amores platônicos, como pelo poeta Ibrahim Nagaa, com quem trocava correspondências, e depois com o escritor e crítico egípcio Anwar Al-Maadawi. Estes serviram de inspiração para sua poesia.

A luta por liberdade política, contudo, apenas passou a fazer sentido após conseguir compreender que esta não se dissociava da própria emancipação

⁴⁶⁴ TUQAN, Fadwa. *The Mountainous Journey*, p. 113.

⁴⁶⁵ *Ibidem*, p. 114.

feminina. Esse entendimento foi alcançado em meio ao movimento da literatura de resistência, gradualmente. Mas o empurrão definitivo viria somente com a *Naksa*.

Sem desprezar a *qasida*, Fadwa Tuqan passa, todavia, a privilegiar a adoção de versos livres com forte tom político, abandonando a poesia intimista e descompromissada que norteava seus escritos até então e, portanto, rompendo com a tradição que lhe reservava apenas elegias. “Diante da porta fechada”, publicado em Beirute em 1967, com 16 poesias, dedicado a seu irmão Nemr, é visto como o ponto de virada. Seu engajamento é consolidado e servirá de referência a outras mulheres, que passaram a reconhecer seu direito de ocupar espaços tradicionalmente reservados aos homens.

Fadwa participa do primeiro encontro de poetisas da resistência em Haifa, no dia 4 de março de 1968, quando conhece grandes nomes como Samih al-Qasim e Mahmud Darwish. Fruto de encontro com este último, no mesmo ano publica “Nunca vou chorar”, cujo trecho inicial segue:

Perante as portas de Yafa, meus amores
E no caos das casas destruídas,
Entre os escombros e os espinhos,
Levantei e disse para os olhos:
Vamos chorar!⁴⁶⁶

O poema fala da dor da ausência em lares abandonados pelos moradores às pressas, em meio à limpeza étnica de 1948. A partir do encontro com poetisas da resistência e expressão de sua força, a chama se acende e constringe suas lágrimas:

[...]
E aqui estão vocês como as rochas das nossas fortes montanhas,
como as flores da nossa linda pátria.
Mas como a ferida vem a me esmagar?
E como o desespero a me estragar?
E como na frente de vocês posso chorar?
Juro, após esse dia, nunca vou chorar!
Meus queridos, o cavalo do povo excedeu o tropeço de ontem,
e vibrou o valente, sacudindo por trás do rio,
ouça, o cavalo do povo aqui está relinchando,
confiante no seu desejo
e escapando do cerco do azar e da escuridão,
e correndo para seu lugar ao sol,
abençoando-o e redimindo-o.
[...]⁴⁶⁷

⁴⁶⁶ ABU-HEJLEH, NORMA Ismail. Fadwa Tuqan: A poetisa palestina, p. 106.

⁴⁶⁷ ABU-HEJLEH, NORMA Ismail. Idem, p. 45.

“Nunca vou chorar” levará Mahmud Darwich a afirmar que os poetas da resistência estariam em dívida com Fadwa Tuqan. Mais tarde lhe dedicaria a antologia *Yawmiyyat Jorh Falastinie* (Diário de uma palestina ferida).⁴⁶⁸ Para ele, Fadwa Tuqan era a “mãe da poesia palestina”.

Ele também lhe ofereceu uma seção – “Páginas de um diário” – na revista literária *Al Jadid* e várias edições passaram a contar com os escritos de Fadwa Tuqan.⁴⁶⁹ Sobre esse período, ela descreve as barreiras impostas pelas autoridades militares israelenses e ação para impedir qualquer surgimento de movimento literário ou pensamento culto “entre os filhos da mesma nação” dividida a partir da *Nakba*. A ponte que unia essa sociedade fraturada era repleta de desafios, como descreve Fadwa Tuqan:

Por quantas vezes, ao ser convidada a participar de eventos de literatura nacional em Nazaré ou Jerusalém, por exemplo, eu recebi e continuo recebendo ordens militares para não sair de Nablus naquele dia especificamente.⁴⁷⁰

A despeito disso, o momento marca prolífica produção literária e o início de “interação dinâmica” entre os escritores divididos em sua própria terra, a qual seria continuada à formação da União dos Escritores e Poetas Palestinos que viviam “na parte ocupada” desde 1948, sob a liderança de Samih al-Qasim. Na foto abaixo, ao lado deste último (à esquerda), Fadwa Tuqan e Mahmud Darwich:

⁴⁶⁸ Ibidem, p. 35.

⁴⁶⁹ Ibidem, p. 35.

⁴⁷⁰ Ibidem, p. 23.



Promessa de liberdade e testamento

Em 1969, Fadwa Tuqan publica a coletânea “A noite e os cavaleiros”, também em Beirute, que reúne 25 poemas. Entre eles, “O dilúvio e a árvore”, uma resposta às notícias enviesadas nos meios de comunicação de massa estrangeiros sobre a *Naksa*:

O dia terrível do furacão satânico
 desbordou, transbordou
 dia sombrio do dilúvio
 anunciado pela costa brava à terra verde
 Aclamaram... a notícia se espalhou
 cruzando alegre os céus ocidentais:
 Tombou a Árvore!
 O poderoso tronco está em pedaços!
 O dilúvio não deixou nada,
 nenhum resto de vida para a Árvore!
 Caiu a Árvore?
 Desculpem nossos rios vermelhos.
 Desculpem as raízes irrigadas
 pelo vinho vertido
 dos membros decepados.
 Desculpem nossas raízes árabes

⁴⁷¹ Foto disponível em TUQAN, Fadwa. *A mountainous journey*, p. 224.

fincadas como rochas
 estendidas nas profundezas.
 A Árvore vai se erguer.
 Vão se erguer tronco e galhos
 diante do sol.
 Vão crescer e verdejar diante do sol.
 As folhas vão brotar como risos
 e os pássaros vão voltar
 vão voltar, vão voltar.⁴⁷²

Em seus versos sarcásticos e furiosos, denomina a ocupação como “furacão satânico” – na mesma coletânea, aparece também o poema “A peste”, outra representação de Fadwa da colonização sionista. O poder mobilizador ao seu engajamento à *adab al-mukawama* é evidenciado nas palavras de Moshe Dayan, ministro da Defesa de Israel entre 1967 e 1974: “cada poema seu faz dez guerrilheiros”.⁴⁷³

Em “O dilúvio e a árvore”, o anúncio de que da resistência – raízes irrigadas pelo “vinho vertido” (o sangue) “dos membros decepados” em “raízes árabes fincadas como rochas” – brotará a “Árvore” golpeada, metáfora para a liberdade da Palestina. E os pássaros voltarão – alusão ao retorno dos refugiados.

Também nessa coletânea, seu poema-testamento “Basta-me”:

Basta-me morrer em sua terra
 sepultarem-me nela
 para dissolver e desaparecer em seu solo
 e então brotar como uma flor
 que uma mão de criança brinca em minha terra.
 Basta-me permanecer
 no abraço da minha terra
 estar perto dela como um punhado de pó
 uma fonte de grama
 uma flor.⁴⁷⁴

Fadwa Tuqan tem, ao todo, nove livros publicados, sendo oito coletâneas que reúnem 40 poemas tradicionais e 92 em versos livres, além de sua autobiografia, dividida em duas partes. Recitados oralmente por seu povo, na diáspora e sob regime de *apartheid*, e integrando livros escolares na Palestina ocupada, seus

⁴⁷² COSTA, Parpolov Renata. A poesia de resistência das mulheres palestinas. Da poesia de Fadwa Tuqan e Salma Jayyusi. Revista Criação e Crítica Especial, 4 de setembro de 2020, pp. 53-54. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0ispep51-68>. Acesso em: 3 de novembro de 2021.

⁴⁷³ ABU-HEJLEH, NORMA Ismail. Fadwa Tuqan: A poetisa palestina, p. 45.

⁴⁷⁴ TUQAN, Fadwa. A Mountainous Journey. Tradução dos poemas (árabe-inglês): Naomi Shihab Nye. (Tradução nossa)

versos lhe garantiram o Prêmio Al Owais por Poesia, da Associação de Escritores dos Emirados Árabes Unidos, em 1988-1989⁴⁷⁵, e a Medalha Jerusalém por Conquista Literária em 1990, concedida pela OLP. Para além, compõem a memória coletiva de seu povo.

Seu poema-testamento se cumpriu parcialmente: está enterrada em sua cidade natal, Nablus, contudo, sem ter a oportunidade de vislumbrar a libertação, ao que dedicou seus escritos até o fim de sua vida. Já acamada, em meio à Segunda Intifada (2000-2005), quando Nablus encontrava-se sob cerco sionista, ela escreveu um de seus poemas derradeiros, intitulado “Saudade inspirada na lei da gravidade”, em que reflete sua espera pelo fim de sua jornada em meio a nostalgia embebida em desilusão e tristeza pelas perdas familiares e da terra:

O tempo acabou e estou sozinha em casa com a sombra que lancei
 Foi-se a lei do universo, espalhada pelo destino frívolo
 Nada para segurar meus objetos
 Nada para pesá-los até o chão
 Meus bens voaram, eles pertencem a outros
 Minha cadeira, meu armário, o banquinho giratório
 Sozinha com a sombra que lancei
 Sem pai, sem mãe
 Sem irmãos, sem irmãs, para inflar
 A casa cheia de risos
 Nada além de solidão e tristeza
 E os escombros de meses, anos,
 Dobre minhas costas, diminua meus passos, me cegue para o horizonte.
 Tenho saudades do cheiro de café, do cheiro no ar
 Sua ausência, um êxtase onde me afogo de manhã e à noite
 Acabou o tempo e estou sozinha em casa
 Com a sombra que lanço
 Sinto falta da companhia dos livros
 Seu consolo através de problemas e alegria
 Eu sinto falta, como eu sinto falta do relógio antigo da minha mãe,
 fotos de família emolduradas na parede
 Sinto falta do meu *oud*
 Apesar de todas as suas cordas cortadas e silenciosas
 Acabou o tempo e estou sozinha em casa
 O toque de recolher dói
 Isso me machuca, não me mata,
 a matança de crianças perto da minha casa
 Tenho medo do amanhã
 Tenho medo dos recursos desconhecidos do destino
 Ó Deus, não me deixe ser um fardo, evitado por jovens e velhos
 Espero chegar onde a terra está em silêncio, estou esperando a morte
 Longa tem sido minha jornada, ó Deus.
 Faça o caminho mais curto, e a jornada termine.⁴⁷⁶

⁴⁷⁵ SOULTAN BIN ALI AL OWAIS CULTURAL FOUNDATION. Disponível em: <https://www.alowais.com/en/winner/>. Acesso em: 6 de novembro de 2021.

⁴⁷⁶ WORDS WITHOUT BORDERS. Longing Inspired by the Law of Gravity. Tradução (árabe-ínglês): Chris Millis e Tania Tamari Nasir. Disponível em: <https://www.wordswithoutborders.org/article/longing-inspired-by-the-law-of-gravity>. Acesso em: 6 de novembro de 2021.

Sua história de vida e simbolismo são objeto do documentário “Fadwa: A Tale of a Palestine Poetess” (Fadwa: um conto de uma poeta palestina, 1999, 56 minutos), dirigido pela escritora, romancista e cineasta Liyana Badr (1950-), que assim descreve sua intenção com o filme:

Procurei o reflexo das cores do arco-íris, que iluminavam sua infância dentro de sua casa ancestral e do *hamaam*⁴⁷⁷. Eu queria que a fonte de sua casa refletisse as sombras da água e a turbulência de sua vida. Não busquei apenas a história dela, busco a minha própria identidade e a identidade de mulheres criativas que pensam que criação são as asas para voar no espaço da liberdade.⁴⁷⁸

⁴⁷⁷ Referência ao chamado banho turco e seus espaços femininos.

⁴⁷⁸ A declaração de Liyana Badr encontra-se no site da ONG Shashat, organização independente de cinema feminino na Palestina. Disponível em: <http://www.shashat.org/en/article/339/Fadwa-A-Tale-of-a-Palestinian-Poetess>. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

CONCLUSÃO

Ensinamos vida, senhor.
Nós, palestinos, ensinamos a vida depois que eles ocuparam o último céu.
Ensinamos a vida depois que eles construíram seus assentamentos
e muros do apartheid, depois dos últimos céus.
Ensinamos vida, senhor.
Mas hoje, meu corpo era um massacre na TV,
feito para caber em frases de efeito e limites de palavras.
 [...]

E cem mortos, duzentos mortos, mil mortos.
E entre isso, crime de guerra e massacre,
despejo palavras e sorriso: "nem exótico", "nem terrorista".
 [...]

Rafeef Ziadeh⁴⁷⁹

Não quero ser seu exótico
como algum pássaro lúgubre, frágil e colorido,
preso, enjaulado,
em uma terra estranha ao esticar de suas asas.
Não quero ser seu exótico.
Mulheres em todos os lugares são como eu –
algumas mais altas, mais escuras, mais agradáveis do que eu,
mas como eu.
Suheir Hammad⁴⁸⁰

A história moderna da Palestina enfrenta-se com uma anti-história, plena de falsificações, distorções, apagamentos e representações ideológicas. Contá-la ganha sentido de urgência, ante a premência de se ampliar conhecimento voltado à transformação da realidade.

Esse caminho tem sido percorrido sobretudo pelos historiadores árabes e palestinos e mais recentemente, a partir dos anos 1980, pelos chamados novos historiadores israelenses, por meio do exame de arquivos oficiais sionistas e embasados nos estudos realizados por seus antecessores, com o auxílio do recurso da história oral.

⁴⁷⁹ Rafeef Ziadeh é uma poeta palestina nascida em campo de refugiados no Líbano no ano de 1979, após seus pais terem sido expulsos na *Nakba*. Trecho do poema “Nós ensinamos vida”, declamado em Londres no mês de novembro de 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=asOFQqaMiHw>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

⁴⁸⁰ Suheir Hammad é uma poeta palestino-americana nascida em campo de refugiados em Amman, na Jordânia, em 1973. Sua família, oriunda de Al Lydd, cidade destruída em 1948, mudou-se para o Brooklyn quando ela ainda era criança. Trecho do poema “Nem seu erótico, nem seu exótico”, declamado no ano de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xarc5PFknfw>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

Não obstante, uma investigação sobre os livros que se aventuram por esse caminho permite observar lacuna importante, a despeito de sua relevância, que este trabalho buscou investigar e demonstrou: o protagonismo das mulheres palestinas. Em geral, nas obras sobre a história moderna da Palestina, estas se encontram marginalizadas, quando não invisibilizadas.

Seriam necessários muitos volumes para resgatar essa história esquecida. Este trabalho não tem a pretensão de completude, mas ao preencher páginas fundamentais não escritas acredito avançar na desconstrução de estereótipos orientalistas que servem à colonização e espero animar a realização de novos estudos sobre a questão palestina com enfoque de gênero.

Nas pesquisas feitas para o desenvolvimento deste trabalho, evidenciou-se que há ainda poucas obras específicas sobre as palestinas, em geral de autoria de mulheres. Não há qualquer uma delas traduzida para o português. Também não encontrei qualquer produção que discorresse sobre uma história das mulheres palestinas a partir do entrecruzamento com a literatura e abarcando o corte temporal aqui escolhido.

Compreendo a literatura como fenômeno da linguagem, inserida no processo histórico e, enquanto tal, tem se revelado um profícuo instrumento para se compreender o mundo.

Os escritos das mulheres palestinas, sejam poesias, contos, romances ou autobiografias, mostraram-se uma janela para se entenderem tanto influências internas ou externas ao seu desenvolvimento quanto a evolução dos acontecimentos na Palestina.

Ao trilhar esse caminho, ficou evidenciado, além disso, que não raro a produção literária de mulheres palestinas, seja ficcional ou autobiográfica, desde as primeiras décadas do século XX, se entrecruza com seu envolvimento na política e, em especial no pós-*Nakba*, na resistência à ocupação israelense.

A marginalização ou exclusão verificada nas pesquisas não tem se limitado aos estudos sobre Palestina, mas se observa ao longo da história dos povos no mundo. Explica-se por uma lente inebriada pela opressão machista, que reflete poder hegemônico nas mãos de poucos e serve para perpetuar o *status quo*. Os

movimentos nacionalistas anticoloniais incorporaram nos distintos períodos uma visão que alienou as mulheres de um protagonismo histórico e lhes reservou um papel subalterno no curso dos acontecimentos, inclusive para convencer suas famílias a permitirem seu engajamento, por meio de um discurso ideológico que assegurava que sua participação na luta não significaria ruptura de tradições culturais.

Sobretudo quando o sujeito são povos colonizados, como é o caso dos palestinos, a importância de recuperar sua presença numa ausência que vai além das mulheres se torna um ato político. Ainda, se essa omissão não é exclusiva, no caso palestino tem a agravante de ser decisiva à manutenção de uma das maiores injustiças da era contemporânea, a contínua *Nakba*.

As mulheres palestinas, enquanto árabes, têm sido apresentadas ao mundo como exóticas, submissas e excluídas do espaço público, inclusive do universo literário, sujeitas a bárbaros, não civilizados, afeitos à violência por natureza. Predomina a obsessão pelo véu, que homogeneiza todas as mulheres do Oriente Médio e Norte da África como aquelas que se vestem e se comportam igualmente; não há qualquer identificação por suas congêneres no dito “Ocidente” com elas. Quando mulheres palestinas romperam esses grilhões, passaram a ser apresentadas como “terroristas”, como têm sido nomeados também os homens que atuam na resistência à ocupação.

Portanto, sob olhos maculados por ideologia orientalista, como poderiam ser aquelas cujas palavras são legítimas e merecem crédito? Como poderiam ser aquelas que preencheram páginas inteiras de uma obra para expressar livremente seus sonhos, ideias, criatividade, talento e colocar suas penas a serviço de transformar a realidade? Elas simplesmente inexistem, são exceção surpreendente, sob essa ótica.

As pesquisas realizadas demonstram o contrário. São muitas mulheres, cujo pioneirismo e relevância em distintos momentos históricos desnudam a face feminina da sociedade a que pertencem e revelam os acontecimentos centrais em sua vida. Conhecê-las é também compreender a história moderna da Palestina.

Para investigar seu protagonismo na literatura e política, parti do período fundante ao movimento cultural árabe moderno – a *Nahda* –, atravessado por transformações decisivas para se compreenderem os acontecimentos na atualidade. Embora ali tenham se alicerçado as bases dos feminismos árabes – inclusive sua vertente anticolonial –, as análises não permitem afirmar que as mulheres palestinas tenham assegurado a ruptura de papéis tradicionalmente reservados a elas. As poucas que se inseriam no movimento inaugurado no Egito eram parte da elite minoritária urbana em uma sociedade eminentemente agrária e iletrada. Com base na elaboração do teórico marxista libanês Mahdi Amel, pode-se afirmar que a *Nahda* se desenvolve, com todas as suas contradições, em meio a um “modo de produção colonial”.⁴⁸¹

Em outras palavras, tem-se uma produção cultural alicerçada por uma classe aristocrática fortemente influenciada pelas suas observações em viagens à Europa, fundada na ideia de “modernidade” e “progresso”. Não obstante, também há resistência interna, seja por aqueles que negam essas influências, seja pelos que buscam uma terceira via.

Nome de destaque entre estes últimos é o de May Ziadeh, palestina-libanesa cujo *salon* no Cairo é considerado um dos mais prolíficos do ponto de vista da produção literária. Os *salons* não eram sinal necessariamente de uma emancipação feminina, mas aceitáveis para mulheres da elite, que abriam as portas de suas casas para a nata da intelectualidade. Alguns eram mistos, como o de May, que recebia homens e mulheres, outros não. O de Ziadeh buscava não apenas modernidade fortemente influenciada pelo ideário iluminista, em que a igualdade entre homens e mulheres era objeto de debates, mas uma combinação entre esta e o reavivamento do *Turath*.

A ousadia de ser alçada à fama na região à época lhe custou caro: aos sinais de depressão que Ziadeh manifestou após perdas dolorosas, a família a internou num hospital psiquiátrico e interditou suas propriedades. Aliou-se a ganância impiedosa à crueldade da opressão de gênero. Reviver brevemente sua vida e obra é não apenas jogar luz sobre a presença feminina e a Palestina durante o período

⁴⁸¹ SAFFIEDINI, Hisham (ed.). Arab Marxism and National Liberation – Select Writings of Mahdi Amel. Tradução: Angela Giordani (Leiden: Brill, 2021). E-Book, p. 4.

inaugural da *Nahda*, mas, sob essa intenção, sobretudo um esforço para não perpetuar sua morte simbólica.

O período de grandes transformações marcou ainda a abertura de oportunidades à educação para as mulheres da elite na Palestina sob o Império Otomano, e Kulthum Odeh vislumbrará os estudos como a possibilidade de escapar de um destino manifesto, em função da opressão de gênero.

Foi interessante notar, ao longo das pesquisas, que o ensaio autobiográfico de Odeh, assim como o livro em que Fadwa Tuqan, anos depois, conta sua história de vida, pode ser entendido como um grito travado na garganta contra a opressão a que estava submetida por ser mulher. Sua história é permeada por uma necessidade vital de respirar o ar da liberdade, ao que o casamento se torna uma saída, mas também por acontecimentos que marcaram a história do século XX, como a Primeira Guerra Mundial e a revolução russa de outubro de 1917, que expandem sua percepção do mundo, para além do seu drama pessoal.

O primeiro capítulo reúne tais histórias, assim como de outra pioneira: a fotógrafa Karimeh Abbud, cujas imagens registradas por sua câmera ficaram obscuras por muito tempo e são cruciais ao revelarem paisagens e modos de vida na Palestina que foram erradicados durante a *Nakba*. São registros que comprovam aspectos da vida de uma sociedade que segue submetida a apagamento histórico e cultural.

As histórias dessas mulheres no período da *Nahda* demonstram, por fim, uma batalha feminina entre tradição e emancipação em meio a um mundo em transformação, que vai moldar os passos seguintes.

O segundo momento no corte temporal para este trabalho – as décadas de 1920 e 1930 – revela que o salto no protagonismo feminino não se deu naturalmente, contudo. Foi empurrado pelo avanço da colonização sionista em meio ao mandato britânico. A pedra angular é o aval a esse projeto político assegurado pela Declaração Balfour, em que a Grã-Bretanha se declara favorável à constituição de um lar nacional judeu na Palestina, um divisor de águas. As mulheres assumem a linha de frente, ao lado dos homens, contra a colonização. Sua luta se conjuga com a pela própria emancipação e independência do jugo masculino. Ainda era uma elite

à frente do movimento, na esteira do emergente nacionalismo palestino. As mulheres avançam na política, na produção cultural e literária, e ganham proeminência durante a revolução de 1936-1939. Entram em cena as trabalhadoras e camponesas.

Asma Tubi é uma referência, pioneira na radioliteratura e com rica produção que vai de peças de teatro a poesia. Sadhij Nasser é outro nome lembrado: além das colunas femininas e textos literários, teve participação efetiva durante a revolta palestina e em 1938 tornou-se a primeira mulher a ser levada a um campo de detenção pelos britânicos. Ambas, como as pesquisas demonstraram, aliam a produção literária à luta contra a colonização e o mandato britânico, bem como à batalha contra a opressão das mulheres.

A *Nakba* também é cultural, como se demonstra no capítulo final deste trabalho. Ali é evidenciado o que Salma Khadra Jayyusi afirma: a literatura palestina, que inicialmente seguia alinhada à produção e tendências no Oriente Médio e Norte da África, vê-se obrigada a uma trajetória própria, sem espaço para o “escapismo”, de acordo com as esquinas da história.⁴⁸²

Superado o assombro e desalento num primeiro momento com a *Nakba*, nasce a *adab al mukawama* (literatura de resistência) nos anos 1950, a partir da diáspora, e que depois contagia os escritores sob ocupação, aos quais a censura é um duro desafio a ser sobreposto.

Neste trabalho, a vida e a obra de pioneiras como Samira Azzam e Najwa Kawar Farah desvelam que seu protagonismo e talento, apesar de serem relegados à marginalidade, nada deixam a desejar ao de grandes nomes masculinos da literatura palestina.

A poeta Fadwa Tuqan é a mais conhecida entre elas e ao escapar do harém no qual era confinada, em suas próprias palavras, talvez seja a principal expressão da mudança que acompanhou os escritores após a *Nakba*, na forma e conteúdo, convertendo seus versos em um instrumento pela libertação de sua terra.

⁴⁸² JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). *Anthology of Modern Palestinian Literature*, p. 3.

Um dos aspectos dessa literatura de resistência e de sua face feminina é que ela se insere no *sumud* (firmeza ou persistência), o que é inclusive citado por Ghasan Kanafani ao conceituar e explicar a *adab al-mukawama*.

O *sumud* integra uma consciência coletiva de luta que remonta aos tempos do mandato britânico.⁴⁸³ Contudo, como símbolo nacional, que alia resiliência a resistência como sinônimo de existência, começou a ser usado frequentemente nos anos 1960⁴⁸⁴ – período que marca os primeiros passos da literatura de resistência. Os refugiados em campos passaram a ser identificados como *samidin* (aqueles que persistem).⁴⁸⁵ A *adab al-sujoun* (literatura de prisão) é expressão importante dessa prática. Em meio a condições degradantes, as presas políticas não apenas atuam para ampliar sua educação, mas ainda seguem a recorrer à poesia como forma de resistência.

Sob ocupação, *sumud* aponta para forte determinação em não deixar a terra e sobrepujar todas as dificuldades impostas pela ocupação israelense na afirmação cotidiana da vida, seja replantando uma oliveira derrubada ou recusando-se a deixar a terra mesmo que sua casa seja demolida, seja tentando viver apesar do *apartheid*, sem contudo normalizar essa situação.⁴⁸⁶ Na diáspora, implica não permitir que sua identidade seja apagada, mas manter vínculos com suas raízes e sentimento de pertencimento, propugnando o direito inalienável e inegociável ao retorno aos refugiados.

⁴⁸³ RIJKE, Alexandra & van Teeffelen, Toine. To Exist is to Resist: Sumud, Heroism and the Everyday. *Jerusalem Quarterly*, n. 59, 2014. Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/To_Exist_to_Resist_JQ_59_0.pdf.

Acesso em: 12 de dezembro de 2021, p. 86.

⁴⁸⁴ Ibidem, p. 86.

⁴⁸⁵ Ibidem, p. 86.

⁴⁸⁶ *Sumud*, como indicado aqui, é o contrário de projetos neoliberais que têm sido apresentados atualmente pela Autoridade Palestina como de desenvolvimento econômico e voltados à autossuficiência em meio à ocupação israelense, o que está longe de ser verdade, uma vez que a nova classe capitalista formada no seio da Autoridade Palestina como resultado dos Acordos de Oslo, firmados em setembro de 1993 entre a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e o Estado de Israel, atrela seus próprios negócios à ocupação e não há qualquer autonomia econômica de fato. *Sumud* também não se vincula a projetos de empreendedorismo de ONGs que tentam dar um ar de aceitabilidade ou normalidade à vida sob ocupação. A utilização desse conceito nesses casos é, no meu modo de ver, uma apropriação e distorção de seu real sentido simbólico. Sobre essa análise, ver HUBERMAN, Bruno. **A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel**. Tese de Doutorado em Relações Internacionais (Unesp/Unicamp/PUC-SP), 17 de dezembro de 2020, p. 298. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/202339>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

A literatura de mulheres palestinas e seu realismo, como se evidenciou neste trabalho, reflete essa prática. *Sumud* ressoa as vozes e narrativas. Najwa Kawar Farah traz, em uma das obras analisadas, o simbolismo das oliveiras através do protagonista Abu Ibrahim. E Samira Azzam apresenta em suas obras personagens inspiradas no cotidiano de pessoas comuns, com destaque para mulheres como protagonistas, muitas vezes sem citar sua origem e lugar, mas retratando vilarejos, cidades e sociedade palestinas. Assim, sua literatura da diáspora mantém o vínculo com a terra, numa conjunção entre memória e criatividade.

Embora as escritoras palestinas não estejam alheias às ideologias dominantes em sua época, seria simplista explicar esse engajamento à causa de seu povo a partir de sua produção literária completamente atrelado a tais ideologias. Deve-se a sua própria experiência e elevação de consciência em decorrência da tragédia que impactou todos os aspectos da vida dessa sociedade. E segue a impactar.

Dos *salons* aos primórdios da literatura de resistência, as mulheres foram partícipes fundamentais e seu legado serve de inspiração às gerações futuras. Embora não seja objeto deste trabalho, vale destacar que esse protagonismo se manteve durante as *intifadas* (levantes populares, em árabe) de 1987-1991 e de 2000-2005. Segue até os dias atuais, com uma vanguarda de jovens mulheres à frente que tem denunciado e protestado contra não apenas o imperialismo e sionismo, mas também os regimes árabes e as elites palestinas, os mesmos inimigos poderosos identificados por Ghasan Kanafani que levaram à derrota da revolução de 1936-1939.

Ao tempo em que finalizo esta tese, uma delas, considerada a “voz da Palestina”, acaba de ser executada por um *sniper* israelense: a jornalista Shireen Abu Akleh (1971-2022), correspondente da *Al Jazeera*, nascida em al-Quds, que serviu de inspiração para muitas das jovens mulheres. Sua morte deliberada com um tiro na cabeça, no dia 11 de maio de 2022, mesmo devidamente identificada com jaleco de imprensa, quando cobria mais uma “operação militar” em Jenin, na Cisjordânia, e o ataque ao seu funeral, com agressões das forças de ocupação inclusive a quem transportava seu caixão em al-Quds, chocaram o mundo e ganharam as manchetes. Não obstante, a limpeza étnica segue, sob a omissão e

cumplicidade internacionais reinantes. Apenas 20 dias após a morte de Shireen Abu-Akleh, a também jornalista Ghufraan Harun Warasneh (1991-2022) foi assassinada pelas forças de ocupação sionistas no campo de refugiados de al-Arroub, na região de Al-Khalil (Hebron), na Cisjordânia.

Mas, assim como se nota em relação às protagonistas elencadas ao longo deste trabalho, de fins do século XIX aos anos 1950 e 1960, as mulheres herdeiras dessa rica trajetória ecoam a “voz da Palestina”, não raro unindo ativismo e produção literária.

Embora outros gêneros, como contos e romances, tenham ganhado espaço, popularidade e importância a partir da literatura de resistência – que abrange também a literatura de prisão –, a poesia segue sendo o principal meio de expressão de massa.

Com as novas tecnologias, jovens mulheres palestinas têm cada vez mais recorrido à mídia social para ampliar o alcance de seus versos, um brado por liberdade e justiça em meio a dupla opressão: machista e colonial.

É certo que a arte tem suas próprias leis e autonomia. Não obstante, pode-se afirmar que desde os anos 1960 e 1970 até os dias atuais também para essas jovens escritoras a regra tem sido o *sumud* – resistência todos os dias e sob todos os meios possíveis. A produção literária é um deles.

Como uma mulher palestino-brasileira – que enxergou ainda em tenra idade a terra de origem pelos olhos de meu pai, um sobrevivente da *Nakba* cujas memórias são acompanhadas de versos populares –, o sentimento de pertencimento à Palestina se coaduna com a consciência de que o conhecimento pode se converter em importante instrumento para ajudar a transformar a realidade. Assim, penso que este trabalho se insere nessa mesma prática cultural. Comprovar a hipótese de que o protagonismo das mulheres é histórico, das letras aos campos de batalha, assim retirando-o das sombras, é também *sumud*.

Nessa trajetória, retratar a vida e obras de muitas mulheres é afirmação de uma memória e história que não se dissociam da resistência como existência.

Na poesia de Fadwa Tuqan,

E minha vida continua –
o vento me funde com meu povo
no terrível caminho de pedras e espinhos.
Mas atrás do rio, florestas escuras de lanças
balançam e se intensificam; o rugir da tempestade
desvenda o mistério,
dando ao dragão emudecido
o poder das palavras.⁴⁸⁷

⁴⁸⁷ Trecho final do poema *Face lost in the Wilderness* (Rosto perdido no deserto), de Fadwa Tuqan, publicado em TUQAN, Fadwa. *A Mountainous Journey – A Poet's Autobiography*. Tradução do poema do árabe para o inglês, no livro, por Naomi Shihab Nye, com ajuda da editora Salma Khadra Jayyusi (Minnesota: Graywolf Press, 1990), p. 229.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDEL-MALEK, Anouar. Orientalism in Crisis. *Diógenes*, v. 11, n. 44, 1963

ABDO, Nahla. *Captive Revolution – Palestinian Women’s Anti-Colonial Struggle Within the Israeli Prison System* (London: Pluto Press, 2014)

ABDU, Janan. National Self in the Work of Palestinian Female Arts. Disponível em: <http://www.alraidajournal.com/index.php/ALRJ/article/view/115/114>. Acesso em: 12 de fevereiro de 2021.

ABDULHADI, Faiha (ed.). *Living Memories – Testimonies of Palestinians’ displacement in 1948*. Tradução (árabe-inglês): Eid Batarseh (Ramallah: Al Rowat for Studies and Research, 2017)

ABDULHADI, Faiha. *The Political Role of Palestinian Women in the 1930s* (Ramallah: The Palestinian Women’s Research & Documentation Center, fevereiro de 2015). Tradução (árabe-inglês): Nitham Sais

ABU BAKER, Gazi (Director). *The Man and The Clock – Story by Samira Azzam*, 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ah1Xuz7SIOA>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

ABU-HEJLEH, NORMA Ismail. **Fadwa Tuqan: A poetisa palestina**. Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Língua, Literatura e Cultura Árabes da USP. Orientador: Professor-doutor Michel Sleiman, 2014. Disponível em: https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8159/tde-14032014-102737/publico/2013_NormalmailAbuHejleh.pdf. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. Tradução: Francisco Cleiton Vieira Silva do Rego e Leandro Durazzo. *Equatorial*, v. 5, n. 8, Natal, janeiro-junho de 2018, p. 194.

_____. As mulheres muçulmanas precisam realmente de salvação?. Tradução: João Henrique Amorim. *Revista Estudos Feministas*, 20 (2), Florianópolis, maio-agosto de 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2012000200006>. Acesso em: 22 de janeiro de 2021

_____. *Veiled Sentiments: Honor and Poetry in a Bedouin Society* (New York: Oxford University Press, 1986)

_____. *Remaking Women: Feminism and Modernity in The Middle East* (Cairo: American University in Cairo Press, 1998)

_____. *Do Muslim Women Need Saving?*, 3^a edição (Cambridge, Massachusetts & London, England: Harvard University Press, 2015)

ABU-MANNEH, Bashir. *The Palestinian Novel from 1948 to the Present*. Tradução: Mus’ab Hayatli (Cambridge: Cambridge University Press, 2016)

ABU-GHAZALEH, Adnan. Arab Cultural Nationalism during the British Mandate. *Journal of Palestine Studies*, vol. 1, n°3, Spring 1972

ABU-SAAD, Ismael e CHAMPAGNE, Duane. A historical context of Palestinian Arab Education, 2006, pp. 1035-1051. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/263086093_A_Historical_Context_of_Palestinian_Arab_Education. Acesso em: 5 de fevereiro de 2021.

ABU SITTA, Salman. Atlas of Palestine 1917-1966 (London: Palestine Land Society: 2010)

ADALAH – The Legal Center for Arab Minority Rights in Israel. Disponível em: <https://www.adalah.org/en/law/index>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

ADEL, Samah. Seção cultural – Samira Azzam. “عزّام سميرة” .. أدبي أهتمام بلا عاشت ..! النكسة وقتلتها المخيمات من تكذب وكأنها فلسطينية المدنية و صورت <https://bit.ly/3J27AET>.. Tradução para esta tese (inglês): Victorios Shams

AHMED, Leila. Women and Gender in Islam: Historical Roots of a Modern Debate (New Haven and London: Yale University, 1992)

AL-JABARTI, Abd al-Rahman. Napoleon in Egypt: al-Jabarti's chronicle of the French occupation, 1798. Expanded Edition in Honor of Al-Jabarti's 250th Birthday. Tradução: Shmuel Moreh (Princeton NJ: Markus Wiener Publishers, 2004)

¹ AL JAZEERA. Karimeh Abbud: um carro e uma câmera documentando a vida diária da Palestina durante o mandato britânico. Disponível em: <https://doc.aljazeera.net/%D8%AA%D9%82%D8%A7%D8%B1%D9%8A%D8%B1/%D8%B9%D8%A7%D8%B4%D9%82%D8%A9-%D8%A7%D9%84%D8%B6%D9%88%D8%A1-%D9%83%D8%B1%D9%8A%D9%85%D8%A9-%D8%B9%D8%A8%D9%88%D8%AF-%D8%B3%D9%8A%D8%A7%D8%B1%D8%A9-%D9%88%D9%83%D8%A7%D9%85%D9%8A%D8%B1%D8%A7/>. Acesso em: 22 de maio de 2022.

ALL 4 PALESTINE. Samira Abu Ghazaleh. Disponível em: <http://www.all4palestine.com/ModelDetails.aspx?gid=13&mid=1523&lang=en>

AMIN, Qasim. The Liberation of Women / The New Women – Two Documents in The History of Egyptian Feminism, 2^a edição (Egypt: Dar el Kutub, 2001)

ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999 (Cairo and New York: The American University in Cairo Press, 2008)

AL-JAZEERA. “May Ziade: The Life of An Arab Feminist Writer”. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z4oAf7HivKg>. Acesso em: 20 de janeiro de 2021.

_____ . Flores do Crisântemo) ال ذكبة ق بيل سرية ن سويدة منظمة ..ال فلسطينية "الأقحوان زهرة". Tela pintada por Moheeba Khorsheed em 1955, já no refúgio no Egito. Disponível em: <https://bit.ly/3hOn0ks>. Acesso em: 18 de setembro de 2021.

ALSHAER, Atef (ed.). A Map of Absence – An Anthology of Palestinian Writing on The Nakba (Londons: Saqi Books, 2019)

ALSH3R.COM. طوبى رزق اسمى الشاعره. Foto de Asma Tubi. Disponível em: <https://www.alsh3r.com/poets/view/4070>. Acesso em: 3 de fevereiro de 2021.

ARABLIT & ARABLIT QUARTERLY. Born on This Days: 7 Poems by Fadwa Tuqan. Foto de Fadwa Tuqan. Disponível em: <https://arablit.org/2020/03/01/born-on-this-day-7-poems-by-fadwa-tuqan/>. Acesso em: 28 de setembro de 2021.

_____. Foto May Ziadeh ao piano. Disponível em: <https://arablit.org/2012/02/11/a-google-doodle-for-may-ziadeh/>. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

_____. Sunday Classics: Samira Azzam, whose “Relative Obscurity today is a Grave Injustice”, August 23 2020. Disponível em: <https://arablit.org/2020/08/23/sunday-classics-samira-azzam-whose-relative-obscurity-today-is-a-grave-injustice/>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

ARANGUREN, Teresa; BARRILARO, Sandra; MANSOUR, Johnny; KHADER, Bichara. Contra el olvido – Una memoria fotográfica de Palestina antes de la Nakba, 1889-1948, 2ª. edição (Guadarrama/Madrid: Ediciones del Oriente y del Mediterraneo: 2016)

AZZAM, Samira. Bread of Sacrifice. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Anthology of Modern Palestinian Literature. Tradução (árabe-inglês): Kathie Piselli and Dick Davies (New York: Columbia University Press, 1992), pp. 389-399.

_____. Man and his Alarm Clock. Tradução: Wen-Chin Ouyang, Michael Beard e Nora E. Parr. Em Middle Eastern Literatures, vol. 18, n. 1, pp. 86-92. Taylor & Francis, SOAS Research Online, 2015. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/1475262X.2015.1067011>. Acesso em:

_____. Tears for Sale. Em JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Modern Arab Fiction – An Anthology. Tradução (árabe-inglês): Lena Jayyusi e Elisabeth Fernea (New York: Columbia University Press, 2005), pp. 210-214.

CAMPBELL, Joseph. As máscaras de Deus – Mitologia primitiva. Tradução: Carmen Fischer (São Paulo: Palas Athena, 1992)

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura e outros ensaios. Ed. Abel Barros Baptista (Coimbra: Angelus Novus, 2005)

_____. Literatura e sociedade, 9ª. edição (Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul: 2006)

COPIA, Isis. *Fleurs de Rêve*. Bibliotheque Sainte-Genevieve, 1911.

COHEN-MOR, Dalva (ed.). *Arab Women Writers – An Anthology of Short Stories* (Albany: State University of New York Press).

COSTA, Parpolov Renata. A poesia de resistência das mulheres palestinas. Da poesia de Fadwa Tuqan e Salma Jayyusi. *Revista Criação e Crítica Especial*, 4 de setembro de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.1984-1124.v0ispep51-68>. Acesso em: 3 de novembro de 2021.

DAVIS, Rochelle. *The Grown of The Western Communities, 1917-1948*. In TAMARI, Salim (ed.), *Jerusalem 1948 – The Arab Neighbourhoods and their Fate in the War*. Jerusalem: The Institute of Jerusalem Studies; Bethlehem: Badil Resource Center, 2002

DAR AL-TIFEL AL-ARABI. Acervo: Dar al-Tifel Al-Arabi. Disponível em: <http://www.dartifl.org/en/en>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

DI-CAPUA, Yoav. *Nahda, The Arab Project of enlightenment*. Em REYNOLDS, F. Dwight (ed.). *The Cambridge Companion to Modern Arab Culture* (Cambridge: Cambridge University Press, 2015)

DIRBAS, Sahera (Director). *138 Pounds in My Pocket: The Story of Hind al-Husseini – Women, War and Welfare in Jerusalem, 2009*. Disponível em: <https://www.cultureunplugged.com/documentary/watch-online/play/9861/138-Pounds-in-My-Pocket--The-Story-of-Hind-Al-Husseini---Women--War-and-Welfare-in-Jerusalem>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

EAGLETON, Terry. *As ilusões do pós-modernismo*. Tradução: Elizabeth Barbosa (Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998)

_____. *Ideologia: uma introdução*. Tradução de Silvana Vieira e Luís Carlos Borges. (São Paulo: Editora Unesp/Boitempo), 1997

_____. *Teoria da literatura: Uma introdução*. Tradução: Waltensir Dutra, 6ª. edição (São Paulo: Martins Fontes: 2006)

EL-SAADAWI, Nawal. *A face oculta de Eva – As mulheres do mundo árabe*. Tradução: Sarah Giersztel Rubin, Therezinha Ebert Gomes e Elisabeth Mara Pow (São Paulo: Global Editora, 2002)

ENTREVISTA COM HASAAN (WhatsApp). Sobre Nariman Khoorsheed.

FANON, Frantz. *Los condenados de la tierra*. Tradução de Julieta Campos, 3ª. edição (México: FCE, 2001)

FARAH, Kawar Najah – *Personal Voyage*. Disponível em: <http://www.najwafarah.com/pics.htm>. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

FARAH, Qa'war Najwa. *The Worst of Two Choices; or, The Forsaken Olive Trees*. JAYYUSI, Khadra Salma (ed.), *Anthology of Modern Palestinian Literature*. Tradução: Ruth Lenox and Thomas G. Ezzy (New York: Columbia University Press, 1992), pp. 434-441

FARSOUN, Samih K.; ARURI, Naseer H. *Palestine and Palestinians: A Social and Political History*, 2ª edição (London: Routledge, 2006)

FERNEA, Warnock Elizabeth; BEZIRGAN, Qattan Basima. *Middle Eastern Muslim Women Speak* (Austin and London: University of Texas Press, 1977)

FLEISCHMANN, Ellen. *The Emergence of the Palestinian Women's Movement, 1929-39*. Disponível em: <http://www.palestine-studies.org/ps/fulltext/40801>. Acesso em: 2 de dezembro de 2020

_____. *The Nation and its New Woman: The Palestinian Women's Movement, 1920-1948* (Berkeley and Los Angeles, Califórnia/London: University of California Press, 2003)

GIBRAN, Kalil. *Asas partidas*. Tradução: Emil Farhat, Tárík de Souza Farhat, 1ª edição (Rio de Janeiro: Editora Record, 2021)

GLANVILLE, Jo (ed.). *Qissat – Short Stories by Palestinian Women* (London/San Francisco: Telegram, 2006)

HADDAD, Yazbeck Yvonne; ESPOSITO, L. John (eds.). *Islam, Gender; and Social Change* (New York/Oxford: Oxford University Press, 1998)

HAFEZ, Sabry. *Cultural Journals and Modern Arabic Literature: A Historical Overview*. *Alif: Journal of Comparative Poetics*, n. 37, *Literature and Journalism*, 2017, pp. 9-49. Published By: Department of English and Comparative Literature, American University in Cairo. Disponível em: https://www.jstor.org/stable/26191813?read-now=1&refreqid=excelsior%3A576a17171bd4ee6f35764e1ce86722c4&seq=2#page_scan_tab_contents. Acesso em: 21 de fevereiro de 2021.

HAJJ, Samir. *Asma Tubi e o poema "Meu grande amor"*. Disponível em <https://bit.ly/3Bv6U6w>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021. Tradução (árabe-ínglês): Victorios Shams.

_____. "Sobre seu aniversário de 92 anos: Samira Azzam, uma das pioneiras do iluminismo na Palestina". Trecho de "A mulher entre duas eras", *Al Quds Al Arabi*, 20 de setembro de 2019. Disponível em: <https://bit.ly/3GQaOte>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

HALL, Stuart. *Cultura e representação*. Tradução: William Oliveira e Daniel Miranda (Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016)

HAMMAD, Suheir. Poema “Nem seu erótico, nem seu exótico”, declamado no ano de 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xarc5PFknfw>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

HANDAL, Nathalie (ed.). *The Poet of Arab Women – A Contemporary Anthology* (Brooklin-New York: Interlink Books, 2001)

HARLOW, Barbara. *Resistance Literature* (Great Britain: Methuen & Co., 1987)

HARHASH, Nadia Issam. *The Growth and Development of The Palestinian Women’s Movement in Jerusalem during the British Mandate (1920-1940)*. Tese de doutorado. Universidade de Al Quds. Orientador: Salim Tamari. Disponível em: https://www.academia.edu/35604300/The_Growth_and_Development_of_the_Palestinian_Women_s_Movement_in_Jerusalem_During_the_British_Mandate_1920s-1940s

HERZL, Theodor. *O Estado judeu*. Tradução de David José Perez (Rio de Janeiro: Garamond, 1998)

HILL, Peter. *Utopia and Civilisation in the Arab Nahda* (London: Cambridge University Press, 2020)

HOBBSAWN, Eric. *A era das revoluções: 1789-1848*. Tradução: Maria Tereza Teixeira e Marcos Penchel, 25ª. edição revista (São Paulo: Editora Paz e Terra, 2012)

_____. “Etnia e nacionalismo na Europa de hoje” em BALAKRISHNAN, Gopal. *Um mapa da questão nacional*. Tradução: Vera Ribeiro (Rio de Janeiro: Contraponto, 2000)

_____. *Nações e nacionalismo desde 1780*. Tradução: Maria Célia Paoli e Ana Maria Quirino (Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990)

HOURANI, Albert. *Uma história dos povos árabes*. Tradução: Marcos Santarrita (São Paulo: Companhia das Letras, 2006)

HUBERMAN, Bruno. **A colonização neoliberal de Jerusalém após Oslo: desenvolvimento, pacificação e resistência em Palestina/Israel**. Tese de Doutorado em Relações Internacionais (Unesp/Unicamp/PUC-SP). Orientador: Professor-doutor Reginaldo Mattar Nasser, 17 de dezembro de 2020. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/202339>>. Acesso em: 14 de dezembro de 2021.

HUMPHRIES, Isabelle & KHALILI, Laleh. *Gender of Nakba Memory*. Em SA’DI, Ahmad H. & ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba – Palestine, 1948, and The Claims of Memory* (New York: Columbia University Press, 2007)

IMAM, Huda. *A Journey through Sheikh Jarrah*, junho de 2021. Disponível em: <https://thisweekinpalestine.com/a-journey-through-sheikh-jarrah/>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

INSIDE ARABIA – Voice of The Arab People. May Ziadeh: Arab Romantic Poet and Feminist Pioneer. Disponível em: <https://insidearabia.com/may-ziade-arab-romantic-poet-feminist/>. Acesso em: 15 de novembro de 2020.

JAD, Isla. From Salons to the Popular Committees: Palestinian Women 1919-89. Em PAPPÉ, Ilan (ed.). *The Israel/Palestine Question* (London and New York: Routledge: 1999)

JADALIYYA. May Ziada, a Profile from the Archives. Disponível em: <https://www.jadaliyya.com/Details/30793>. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021.

JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). *Anthology of Modern Palestinian Literature* (New York: Columbia University Press, 1992)

_____. *Modern Arabic Fiction: An Anthology* (New York: Columbia University Press, 2005)

JEBREAL, Rula. *A estrada das flores de Miral*. Tradução: Fabiana Colasanti. (Rio de Janeiro-São Paulo: Editora Record, 2013)

JUNG, C. G. *Os arquétipos e o inconsciente coletivo*. Tradução: Maria Luiza Appy e Dora Mariana R. Ferreira da Silva (Petrópolis: Vozes, 2000)

KALEIDOSCOPE. About Kulthum Odeh. Disponível em: <https://nousha.wordpress.com/2011/12/05/about-kulthum-odeh/>. Acesso em: 13 de outubro de 2020.

KANAFANI, Ghasan. *A revolta de 1936-1939 na Palestina* (São Paulo: Editora Sundermann, 2016)

_____. *Resistance Literature in Occupied Palestine 1948-1966* (Cyprus: Rimal Publications, 23 de julho de 2013). Tradução da Introdução e do Capítulo 1 para esta tese (árabe-inglês): Victorios Shams.

KASSEM, Fatma. *Palestinian Women: Narrative Histories and Gendered Memory* (London and New York: Zed Books, 2011)

KHALDI, BOUTHEINA. *Egypt Awakening in the Early Twentieth Century: Mayy Ziadah Intellectual Circles* (Middle East Today). English Edition (USA: Palgrave Macmillan, 2012). E-book / Kindle.

_____. *Microcosming the Nahdah: May Ziyadah's Salon as Hybrid Space*. Em *Journal of Arabic Literature* 41 (2010)

KHALIDI, 'Anbara Salam. *Memoirs of an Early Arab Feminist*. Tradução do árabe para o inglês: Tarif Khalidi (London: Pluto Press, 2013)

KHALIDI, Rashid. *The Hundred Years' War on Palestine: A History of Settler Colonial Conquest and Resistance* (Great Britain: Profile Books/USA: Metropolitan Books, 2020)

KHALIDI, Rashid. *The Iron Cage – The Story of The Palestinian Struggle for Statehood* (Oxford: Oneworld Publications: 2007)

KHALIDI, Walid (ed.). *All That Remains – The Palestinian Villages Occupied and Depopulated by Israel in 1948* (Washington: Institute for Palestine Studies: 2006)

KHALIDI, Walid. *Antes de su diáspora – Uma historia de los palestinos atraves de la fotografia, 1876-1948*. Tradução espanhola: Esther Benítez (Paris: Les Editions de la Revue d'études palestiniennes: 1987)

KHALIL-HABIB, Nejme. *Al Awda. The Theme of Return in Contemporary Arabic Literature: A Case Study of Samira Azzam*, pp. 88-97. Nebula, June 2008.

Disponível em:

https://www.academia.edu/24278254/Al_Awda_the_Theme_of_Return_in_Contemporary_Arabic_Literature_a_Case_Study_of_Samira_Azam. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

_____. *Samira Azzam (1926-1967): Memory of The Lost Land*.

Disponível em: <http://www.nobleworld.biz/images/samiraazzam.pdf>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

KLIGLER, I. J. *Study on The Epidemiology of Typhoid Fever*. *The Journal of Hygiene*, vol. 27, n. 1, November 1927, pp. 14-31, Published by: Cambridge University Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/4626724>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *A noção de estrutura em etnologia – Raça e história. Totemismo hoje* (São Paulo: Ed. Victor Civita, 1984)

LUKÁCS, György. *O romance histórico*. Tradução: Rubens Enderle (São Paulo: Boitempo: 2011)

_____. *Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels*. Em MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Cultura, arte e literatura – Textos escolhidos*. Ed. José Paulo Netto e Miguel Makoto Cavalcanti Yoshida (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2012)

MAPAM – United Workers Party. Disponível em: <https://en.idi.org.il/israeli-elections-and-parties/parties/mapam/>. Acesso em: 22 de setembro de 2021.

MARX, Karl. *Contribuição para a crítica da economia política* (São Paulo: Expressão Popular, 2008)

MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. *A ideologia alemã* (São Paulo: Boitempo, 2010)

MARX, Karl e FRIEDRICH, Engels. *Cultura, arte e literatura: textos escolhidos* (São Paulo: Editora Expressão Popular, 2ª. edição, 2012)

MASALHA, Nur. El problema de los refugiados palestinos sesenta años después de la Nakba. Documento de Trabajo n. 8, febrero de 2011, p. 5. Casa Árabe e Instituto Internacional de Estudios Árabes y Del Mundo Musulman (Ieam). Traducción: Paloma Monleón Alonso. Disponível em: <https://www.nodo50.org/csca/agenda11/palestina/pdf/dtca008-masalha.pdf>. Acesso em: 15 de junho de 2022.

_____. Expulsão dos palestinos – O conceito de “transferência” no pensamento político sionista, 1882-1948. Tradução: Leo Misleh e Teresa Bosco Ferreira (São Paulo: Editora Sundermann: 2021)

_____. Palestine – Four Thousand year of History, 1^a. edição (London: Zed Books, 2018). E-book / Kindle

_____. El problema de los refugiados palestinos sesenta años después de la *Nakba*. Casa Árabe, Documento de Trabajo n. 8, febrero de 2011, pp. 5-6. Disponível em: <https://www.yumpu.com/es/document/read/14121532/el-problema-de-los-refugiados-palestinos-sesenta-anos-nodo-50>. Acesso em: 10 de setembro de 2021.

Mc NICHOLAS, A. Shark al-Adna: British Covert Radio and the Development of Arab Broadcasting. University of Forward Thinking Westminster, 2020, 33 páginas. Disponível em: <https://westminsterresearch.westminster.ac.uk/download/89ac921fd0ca9335e96e04b42031abda4e7b9e0564203b808fe1d9df0befbcb/159487/Sharq%20al-Adna%20for%20MJCC.pdf>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

MEARI, Lena. The Roles of Palestinian Peasant Women: The case of al-Birweh village, 1930-1960. Em KANNANEH, Ann Rhoda and NUSAIR, Isis (eds.). *Displaced at Home – Ethnicity and Gender among Palestinians in Israel* (Albany: State of University of New York Press, 2010)

MERNISSI, Fatima. *The Veil and The Male Elite – A Feminist Interpretation of Women’s Rights in Islam*, 1^a. edição. Tradução: Mary Jo Lakeland (USA: Addison-Wesley Publishing Company, 1991)

MILLS, E. *Census of Palestine 1931 – Population of Villages, Towns and Administrative Areas* (Jerusalem: Greek Convent & Goldberg Presses, 1932)

MIR, Salim. Palestinian Literature: Occupation and Exile. *Arab Studies Quarterly*, vol. 35, n. 2, Spring 2013, pp. 110-129. Published by: Pluto Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/pdf/10.13169/arabstudquar.35.2.0110.pdf>. Acesso em: 26 de outubro de 2021.

_____. Political Engagement: The Palestinian Confessional Genre. *Arab Studies Quarterly*, vol. 35, n. 4, Fall 2013, pp. 360-377. Disponível em: <https://doi.org/10.13169/arabstudquar.35.4.0360>. Acesso em: 12 de março de 2021.

MISLEH, Soraya. *Al Nakba – um estudo sobre a catástrofe palestina* (São Paulo: Editora Sundermann, 2016)

MOGANNAM, Matiel. *The Arab Women and The Palestine Problem* (London: Herbert Joseph Limited., 1937)

MONITOR DO ORIENTE MÉDIO. Dia da Naksa marca a ocupação ilegal do restante da Palestina, em 1967. Disponível em: <https://www.monitordooriente.com/20200605-dia-da-naksa-marca-a-ocupacao-ilegal-do-restante-da-palestina-em-1967/>. Acesso em: 13 de junho de 2022.

MONITORING ISRAELI COLONIZATION ACTIVITIES IN THE PALESTINIAN TERRITORIES. Disponível em: <http://poica.org/2003/08/baga-al-sharqia-a-palestinian-village-isolated-by-the-segregation-wall/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2022.

MOORE, Lindsey. *Arab, Muslim, Woman: Voice and Vision in Postcolonial Literature and Film* (London and New York: Routledge, 2008)

MROWAT, Ahmad. Karimeh Abbud – Early Woman Photographer (1896-1955). Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/31_abbud_1_0.pdf, pp. 72-78. Acesso em: 4 de março de 2021.

MUSSA, Albert (ed.). *Os poemas suspensos – Al Muallaqat. Introdução* (São Paulo: Record: 2006)

NAOURI, Issa I. *The Arab Contemporary Literature in the Hashemite Kingdom in Jordan*. Disponível em: <https://www.um.edu.mt/library/oar/bitstream/123456789/39410/1/JFA%2C%203%283%29%20-%20A1.pdf>, pp. 165-178. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021

NOVACK, George. *Introdução à lógica marxista. Tradução de Anderson R. Félix.* (São Paulo: Editora Instituto José Luis e Rosa Sundermann, 2005)

ODEH, Huda and LABAN, Peter. *Folklore Tales and Other Oral Expressions in Palestine, 2019. European Union Funded Project “My Heritage! My Identity”*. Disponível em: https://www.myheritage.ps/cached_uploads/download/2019/07/12/report-orality-final-version-1562956235.pdf. Acesso em: 10 de fevereiro de 2021.

ONG Shashat. *Fadwa a Tale of a Palestinian Poetess*. Disponível em: <http://www.shashat.org/en/article/339/Fadwa-A-Tale-of-a-Palestinian-Poetess>. Acesso em: 5 de outubro de 2021.

PISELLI, Kathyanne. *Samira Azzam: Author’s Work and Vision*. *International Journal of Middle East Studies*, vol. 20, n. 1, Cambridge University Press, 1988, pp. 93-108. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/163587>. Acesso em: 16 de outubro de 2021.

PLO – Palestine Liberation Organization. *Nakba – The Untold History of a Cultural Catastrophe*. Negotiations Affairs Department (West Bank, Palestine: Al Bawaba: 2012)

_____. The Struggle of Palestinian Women. Palestine National Assembly. Research Center, Beirut, September 1975. Disponível em: <http://www.palestinianconference.org/wp-content/uploads/2013/02/PLO-PalestinianWomen.pdf>. Acesso em: 20 de dezembro de 2019.

PALESTINE REMEMBERED. Acre. Disponível em: <https://www.palestineremembered.com/Acre/Acre/index.html>

_____. Jaffa. Disponível em: <https://www.palestineremembered.com/Jaffa/Jaffa/index.html>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

_____. Haifa. Disponível em: <https://www.palestineremembered.com/Haifa/Haifa/index.html>

PASSIA – Palestinian Academic Society for the Study of International Affairs. Personalities – Odeh, Kulthum (1892-1962). Disponível em: <http://passia.org/personalities/607>. Acesso em: 22 de janeiro de 2021.

_____. PALESTINIAN AUTHORS AND THEIR NOVELS AND MEMOIRS. Disponível em: http://passia.org/media/filer_public/8e/d0/8ed022da-b440-4b2d-920d-cd5e4d3a780c/palestinian_authors_and_their_novels_and_memoirs.pdf. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

_____. Personalities – Tubi, Asma (1905-1983). Disponível em: <http://passia.org/personalities/807>. Acesso em 3 de fevereiro de 2021.

_____. Personalities – Ziadeh, May (1886-1941). Disponível em <http://www.passia.org/personalities/848>. Acesso em: 26 de janeiro de 2021.

PAPPÉ, Ilan. A limpeza étnica da Palestina. Tradução: Luiz Gustavo Soares. (São Paulo: Editora Sundermann: 2016)

_____. História da Palestina moderna – uma terra, dois povos. Tradução: Ana Saldanha (Lisboa: Ed. Caminho: 2007)

_____. The Forgotten Palestinians – A History of the Palestinians in Israel (New Haven and London: Yale University: 2011)

PARMENTER, Barbara M. *Giving voice to stones: place and identity in Palestine literature* (Austin: University of Texas), 1994

RADAI, Itamar. Qatamon, 1948: The Fall of a Neighborhood. Jerusalem Quarterly, Issue 46, Summer 2011. Disponível em: Institute for Palestine Studies (<https://www.palestine-studies.org/en/node/78418>). Acesso em: 26 de maio de 2022.

RAILWAY WONDERS OF THE WORLD – Palestine. Mapa disponível em: <https://www.railwaywondersoftheworld.com/palestine.html>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

RIJKE, Alexandra & van Teeffelen, Toine. To Exist is to Resist: Sumud, Heroism and the Everyday. *Jerusalem Quarterly*, n. 59, 2014. Disponível em: https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/To_Exist_to_Resist_JQ_59_0.pdf. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

ROGAN, Eugene. *Los Arabes – Del Imperio Otomano a la actualidad*. Traducción castellana: Tomás Fernández Aúz y Beatriz Eguibar (Barcelona: Crítica, 2010)

RUSSELL, Mona. *Creating the New Egyptian Woman: Consumerism, Education, and National Identity, 1863-1922* (New York: Palgrave Macmillan, 2004)

SA'ADI H., Ahmad. Catastrophe, Memory and Identity: Al-Nakbah as a Component of Palestinian Identity. *Israel Studies*, Bloomington, vol. 7, n. 2, Summer 2002, pp. 175-198. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30245590>. Acesso em: 13 de setembro de 2021.

SA'ADI H, AHMAD e ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba – Palestine, 1948, and the Claims of Memory*. (New York: Columbia University Press), 2007

SAID, Edward. *A questão da Palestina*. Tradução: Sonia Midori (São Paulo: Editora Unesp, 2012)

_____. *Orientalismo – O Oriente como invenção do Ocidente*. Tradução: Rosaura Eichenberg (São Paulo: Companhia das Letras, 2007)

SADIQ, Mervat. Zahrat al-Uqhuwan (Flores de Crisântemo). "زهرة الأفيون" الفلسطينية.. منظمة نسوية سرية قبيل النكبة. *Al Jazeera*. Disponível em: <https://bit.ly/3hOn0ks>. Acesso em: 18 de setembro de 2021. Tradução para esta tese: Victorios Shams

SAFFIEDINI, Hisham (ed.). *Arab Marxism and National Liberation – Select Writings of Mahdi Amel*. Tradução: Angela Giordani (Leiden: Brill, 2021). E-Book

SELIM, Samah. *Popular Fiction, Translation and the Nahda in Egypt* (Switzerland: Palgrave Macmillan: 2019)

SAND, Shlomo. *A invenção do povo judeu*. Tradução: Eveline Boutelier. (São Paulo: Benvirá, 2011)

SÁNCHEZ Vasquez, Adolfo. *Las ideas estéticas de Marx* (México: Biblioteca Era, 1979)

SAYIGH, Rosemary. Gender, Sexuality, and Class in National Narrations: Palestinian Camp Women Tell Their Lives. *Frontiers: A Journal of Women Studies*, vol. 19, n. 2, *Varieties of Women's Oral History* (1998), pp. 166-185. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/3347164>. Acesso em: 23 de janeiro de 2021.

_____. "Palestinian Camp Women as Tellers of History". *Journal of Palestine Studies* XXVII, n. 2 (Winter 1998), pp. 42-58. Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/attachments/jps-articles/Rosemary%20sayigh.pdf>. Acesso em: 29 de novembro de 2021.

_____. *Palestinians, from Peasants to Revolutionaries: A People's History* (London: Zed Press, 1979)

_____. "Women's Nakba Stories". Em SA'DI, Ahmad H. e ABU-LUGHOD, Lila (eds.). *Nakba, Palestine 1948, and the Claims of Memory* (New York: Columbia University Press, 2007)

SHA'RAWI, Huda. *The Harem Years – The Memoirs of an Egyptian Feminist*. Tradução para inglês: Margot Badran (New York : Feminist Press at the City University of New York, 1987)

SOLIMAN, Lotfallah. *Por uma história profana da Palestina*. (São Paulo: Editora Brasiliense, 1990)

TAHA, Hamdan. *Ethnography of Death in Palestine*. *Journal of Historical Archaeology & Anthropological Sciences*, vol. 3, Issue I, 2018, pp. 143-148. Disponível em: DOI: [10.15406/jhaas.2018.03.00076](https://doi.org/10.15406/jhaas.2018.03.00076). Acesso em: 24 de outubro de 2021.

TALIÉ, Farid. *The Medical Services of The Arab Legion*, 1º. de agosto de 1953. *Revista Médica de Pós-Graduação*, pp. 400-403. Disponível em: <https://pmj.bmj.com/content/postgradmedj/29/334/400.full.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

TAMARI, Salim. *Adele Azar: Public Charity and Early Feminism*. *Jerusalem Quarterly*, n. 74, Summer 2018, pp. 104-119. Disponível em: <https://www.palestine-studies.org/sites/default/files/jq-articles/Pages from JQ 74 - Tamari 0.pdf>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

TAMIMI, Iqbal. *La Palestina Kulthum Odeh (1892-1965), la primera mujer profesora universitaria del mundo árabe*, 8 de outubro de 2008. Tradução do inglês para o Rebelión: Beatriz Morales Bastos. Disponível em: <https://www.palestinalibre.org/articulo.php?a=10146>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2021.

THE ARAB WOMEN'S UNION IN JERUSALEM. *Historical Background*. Site da Sociedade de Mulheres Árabes em Jerusalém. Disponível em: <http://www.awu-jer.org/en/aboutus.shtml>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

THE NATIONAL LIBRARY OF ISRAEL. *About Al Muntada Newspaper*. Disponível em: <https://jrayed.org/en/newspapers/almuntada?&e=-----en-20--1--img-txIN%7ctxTI-----1>. Acesso em: 22 de outubro de 2021.

THE PALESTINIAN MUSEUM. Biography Asma Tubi. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/6583/asma-tubi>. Acesso em: 5 de setembro de 2021.

_____. Biography Hind al-Husseini. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14219/hind-al-husseini>. Acesso em: 15 de setembro de 2021. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

_____. Biography Kulthum Odeh. <https://www.paljourneys.org/en/biography/9739/kulthum-odeh>). Acesso em: 12 de novembro de 2020.

_____. Biography Sadiyah Nassar. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadiyah-nassar>. Acesso em: 24 de julho de 2021.

_____. Biography Samira Azzam. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/biography/6567/samira-azzam>. Acesso em: 12 de outubro de 2021.

_____. Death of the Storyteller, birth of the Theater – The Dramatic Arts in Palestine, 1900 to 1948. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/9561/death-storyteller-birth-theater>. Acesso em: 4 de abril de 2021.

_____. Early Mandate Period, 2 November 1917 to 15 April 1936. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/timeline/overallchronology?>. Acesso em 22 de julho de 2021.

_____. From the Archive of Palestinian Writer Kalthoum Odeh. Foto encontrada na Coleção Tawfiq Ziyad. Disponível em: <https://palarchive.org/item/112513/from-the-archive-of-palestinian-writer-kalthoum-odeh/>. Acesso em: 3 de março de 2021.

_____. Palestinian Photographers before 1948 – Documenting Life in a Time of Change. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/timeline/highlight/10522/palestinian-photographers-1948>. Acesso em: 12 de dezembro de 2020.

_____. Palestinians under Military Rule in Israel. <https://www.paljourneys.org/en/timeline/highlight/14340/palestinians-under-military-rule-israel>. Acesso em: 27 de outubro de 2021.

_____. Purse song and gun. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/13812/purse-song-and-gun>. Acesso em: 3 de março de 2021.

_____. The Road to the 1936 Revolt. Disponível em: <https://www.paljourneys.org/en/story/14321/road-1936-revolt>. Acesso em: 15 de fevereiro de 2021.

TUQAN, Fadwa. *A mountainous Journey – A Poet's Autobiography*. Tradução do árabe: Olive Kenny / Poemas: Naomi Shihab Nye com ajuda de Salma Khadra Jayyusi (ed.), 1ª. edição (London: The Women's Press, 1990)

UNESCO – United Nations Educational, Scientific And Cultural Organization. Old City of Acre. Disponível em: <https://whc.unesco.org/en/list/1042/>

UNITED NATIONS. General Assembly. Resolução 302 (IV). Assistance to Palestine Refugees, 8 December 1949. Disponível em: <https://unispal.un.org/unispal.nsf/0/AF5F909791DE7FB0852560E500687282>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

_____. The Question of Palestine. UNRWA Celebrates International Women's Day. The Legacy of Hind al-Husseini – UNRWA Press Release. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-206217/>. Acesso em: 15 de setembro de 2021.

UNIVERSES ART. Karimeh Abbud, foto feita em um estúdio em Haifa, Palestina. Disponível em: <https://universes.art/en/nafas/articles/2017/karimeh-abbud/photos/photo-1> (Cortesia de Darat al Funun e coleção de Ahmad Mrowat)

VISIT PALESTINE. Hind al-Husseini – Personal Info. Disponível em: <http://visitpalestine.ps/palestinian-personalities/hind-al-husseini/>. Acesso em: 14 de setembro de 2021.

WADI, Shahd. **Feminismos de corpos ocupados: as mulheres palestianas entre duas resistências**. Dissertação de Mestrado em Estudos Feministas. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Orientadora: Professora-doutora Adriana Conceição Silva Pereira Bebiano de Nascimento, 2009. Disponível em: https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/13354/1/Tese_mestrado_Shahd%20Wadi.pdf. Acesso em: 2 de fevereiro de 2021.

WALTER, Wiebke. *Women In Islam: From Medieval to Modern Times*. Tradução do alemão: C.S.V Salt (New York: Markus Wiener Publishing Princeton, 1992)

WOLFE, Patrick. *Settler Colonialism and the transformation of Anthropology – The Politics and Poets of Ethnographic Event* (London and New York: Cassel, 1999)

WOLLSTONECRAFT, Mary. *A Vindication of The Rights of Women* (Buffalo, N.Y.: Prometheus Books: 1989)

WORLD HISTORY COMMONS. Fundraising for Palestinian Families in Jerusalem," in World History Commons. Disponível em: <https://worldhistorycommons.org/fundraising-palestinian-families-jerusalem>. Acesso em: 7 de dezembro de 2021

ZEIDAN, Joseph. Arab Novelists Women: The Formative Years and Beyond (Albany: State University of New York Press, 1995)

ZIADEH, Rafeef. Poema “Nós ensinamos vida”, declamado em Londres no mês de novembro de 2012. Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=asOFQqaMiHw>. Acesso em: 12 de novembro de 2021.

ANEXO

LISTA DE ESCRITORAS PALESTINAS: ANOS 1960 ATÉ OS DIAS ATUAIS

OBRAS TRADUZIDAS (INCLUSIVE PARA PORTUGUÊS)

OU ESCRITAS EM INGLÊS

ADANIA SHIBLI (1974-) – vive em Ramallah. Publicou contos e ensaios literários em várias revistas. Entre seus romances estão *Touch* (2002), vencedor do Prêmio Jovem Escritor da Fundação A. M. Qattan, *We Are All Equally Far from Love* (2004; 2012) e *Detalhe menor* (2021), traduzido para o português por Safa Jubran.

AMINA KAZAK (1960-) – palestina-neozelandesa. Autora de poemas traduzidos pelo Projeto de Tradução de Literatura Árabe (Prota), reunidos em *Anthology of Modern Palestinian Literature* (1992).

ANNEMARIE JACIR (1974-) – nasceu em Betlehem. Além de cineasta, é escritora. Seus poemas têm sido publicados em jornais literários e antologias, como *The Poetry of Arab Women: A Contemporary Anthology* (2001).

BASIMA AL-TAKROURI (1982-) – nasceu em al-Quds. Escritora de romances e contos. Entre os últimos, *Tales from the Azzinar Quarter – 1984-1987* foi publicado na antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

DAREN TATOUR (1982-) – nasceu na aldeia de al-Rina, no distrito de al-Nasra. Recita poemas no *Youtube* e publica em seu *website*. Por *Resist My People Resist Them* (2015), foi mantida por meses em prisão domiciliar e chegou a ser detida em cárcere sionista, o que culminou em campanha internacional pela liberdade de expressão, além de tradução de seu poema para mais de 20 idiomas. Somente em 2018 foi solta. No ano seguinte publicou o livro *My Dangerous Poem*, em que relata sua experiência na prisão imposta pela ocupação.

DIMA YOUSEF (1986-) – nasceu no campo de refugiados de Yarmouk, na Síria, e chegou a ser presa por duas semanas pelo regime sírio em 2014, o que a impediu de publicar sua primeira coleção de poesias. Ela vive hoje na Argélia. Além de suas poesias, traduzidas para o inglês por Fawaz Azem e publicadas nas redes sociais, Dima escreveu diário da prisão relatando as torturas que sofreu.

DUNYA AL-AMAL ISMA'IL (1971-) – nasceu em Gaza e estudou no Cairo, onde trabalhou como jornalista. Ao retornar, publicou obra de não ficção com suas impressões de Gaza, intitulada *Ra'aytu fi Ghazza (Eu vi em Gaza)*, 1995). Também é autora de livros de poesia e de contos, entre os quais *Dates and Bitter Coffee*, publicado na antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

FAIHA ABDULHADI (1951-) – nasceu em Nablus, é feminista, poeta e pesquisadora. Tem quatro livros e dezenas de artigos e estudos publicados, entre os quais um sobre modelos de mulheres heroínas no romance palestino (1997), disponível somente em árabe. É membro da União de Mulheres Palestinas, responsável pelo Comitê Cultural Regional do Cairo.

GHADA KARMI (1939-) – nasceu em al-Quds e mudou-se para Londres em 1948. Entre suas obras estão *In Search of Fatima: A Palestinian Story* (2002), em que narra sua infância, o romance *Married to Another Man: Israel's Dilemma in Palestine* (2007) e *Return: A Palestinian Memoir* (2015).

HALIMA ALAIYAN (1948-) – nasceu na aldeia de 'Ibdis e se tornou refugiada na *Nakba*, tendo vivido no Egito, Arábia Saudita e Alemanha, em cuja capital, Berlim, reside atualmente. Entre seus livros está *A Constant Longing: Memoirs of a Palestinian Woman* (2014).

HANAN ASHRAWI (1946-) – nasceu em Ramallah, Cisjordânia. Foi membro da União Geral de Mulheres Palestinas de 1967 a 1972 e da União de Estudantes Palestinos em Beirute de 1967 a 1970. Sua autobiografia é intitulada *This Side of Peace: A Personal Memoir* (1996). Tem poemas publicados pelo Prota, reunidos em *Anthology of Modern Palestinian Literature* (1992).

HUZAMA HABAYEB (1965-) – nasceu no Kuwait. Recebeu prêmios e indicações por seus escritos. Entre seus contos está *A Thread Snaps*, publicado na antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

IBTISAM BARAKAT (1964-) – nasceu em Bayt Hanina, al-Quds. É poeta, tradutora, educadora. O primeiro de seus livros é *Tasting the Sky: A Palestinian Childhood* (2007), que recebeu vários prêmios.

JEAN SAID MAKDISI (1940-) – nasceu em al-Quds e vive em Beirute. É irmã de Edward Said, autora dos livros autobiográficos *Beirut Fragments: A War Memoir* (1989) e *Teta, Mother, and Me: Three Generations of Arab Women* (2005).

KATHRYN K. ABDUL-BAKI (?-) – palestino-americana. Entre suas obras estão os romances *Tower of Dreams* (1995), *Ghost Songs – A Palestinian Love Story* (2000) e *A Marriage in Four Seasons* (2018).

KHULUD KHAMIS (1975-) – palestino-eslovaca. Ativista feminista e poeta, vive hoje em Haifa. Seu primeiro romance é *Haifa Fragments* (2015).

LAILA AL-ATRASH (1948-2021) – nasceu em Bayt Sahour, leste de Bethlehem. Autodenominava-se uma escritora feminista. Tem vários livros publicados, entre eles *A Woman of Five Seasons* (1990), e diversos prêmios literários.

LAILA AL-SA'IB (1936-) – sua primeira coleção de poemas é *Dafatir almatar* (Cadernos da chuva, 1979). Tem poemas traduzidos para o inglês pelo Prota, reunidos em *Anthology of Modern Palestinian Literature* (1992).

LAILA EL-HADDAD (1978-) – nasceu no Kuwait. É autora de *Gaza Mom: Palestine, Politics, Parenting, and Everything In Between* (2010).

LEILA ABDELRAZAQ (1992-) – palestino-americana. É membro do Coletivo de Artistas Populares e cofundadora da Al-Misra, que promove arte e cultura árabes em Chicago. Entre suas obras está o romance gráfico *Baddawi* (2015), selecionado para o Prêmio Livro da Palestina no ano de lançamento.

LENA JAYYUSI (?-) – nasceu em Amman, Jordânia. É uma das revisoras do Prota, para o qual fez traduções para quatro antologias de literatura árabe moderna. Tem alguns de seus poemas traduzidos em *Anthology of Modern Palestinian Literature*, editado por sua mãe, Salma Khadra Jayyusi.

LINA MERUANE (1970-) – palestino-chilena. É autora das obras de não ficção *Tornar-se Palestina* (2014), *Viajes Virales* (2012) e *Contra os filhos* (2018), além dos romances *Póstuma* (2000), *Cercada* (2000), *Fruta podrida* (2007) e *Sangue no olho* (2015), bem como a antologia de contos *Las Infantas* (1998). Seus livros foram traduzidos para vários idiomas e já venceu diversos prêmios.

LIYANA BADR (1950) – nasceu em al-Quds e hoje vive em Tunis. Participou de organizações de mulheres palestinas na Jordânia e nos campos de refugiados de Sabra e Chatila, no Líbano. Foi editora da seção cultural do jornal *Al Hurriyya*. Essas experiências inspiraram seu primeiro romance, publicado em árabe no ano de 1979 e traduzido para o inglês sob o título *The Sundial* (1989). Publicou duas coleções de contos e outra de três romances curtos intitulada *Balcony Over the Fakahani* (1983), que descrevem o massacre de palestinos por falangistas no campo de Tel al-Zaatar, em 1976, no Líbano.

MAY SAYIGH (1940-) – nasceu em Gaza e vive na Jordânia. É membro do Conselho Nacional da OLP desde 1973 e integrou a União Geral de Mulheres Palestinas de 1971 a 1986. É autora, entre outras coletâneas de poesias, de *Iklil al-shawq* (A coroa de espinhos, 1969), além de seu livro de memórias da invasão israelense do Líbano de 1982 intitulado *al-Hisar* (O cerco, 1988). Tem poemas traduzidos pelo Prota, reunidos em *Anthology of Modern Palestinian Literature* (1992).

MARYAM QASIM AL-SA'D (?-) – vive nos Estados Unidos. É autora da seleção de poemas *A Handful of Earth* (1993).

NAJLA SAID (1974-) – palestino-americana, além de escritora, é atriz e dramaturga. É filha do intelectual Edward Said (1935-2003), autora da autobiografia *Looking for Palestine: Growing Up Confused in an Arab-American Family* (2014).

NAJWAN DARWISH (?-) – nasceu em al-Quds. Sua produção literária inclui a coletânea de poesias *Exhausted on the Cross* (2021).

NAOMI SHIHAB-NYE (1952-) – palestino-americana. Tem três coletâneas de poesia publicadas, a primeira delas, *Different Ways to Pray* (1980), venceu o Prêmio do Instituto de Letras do Texas. A segunda, *Hugging the Jukebox* (1982), foi indicada ao prêmio das Séries de Poesia Nacional e considerada um dos livros notáveis pela Associação Americana de Livros. Autora e/ou editora de mais de 20 obras, também traduziu muitos poemas e seleções de prosa para quatro das antologias realizadas pelo Prota. É ainda autora do premiado romance *Habibi* (1999), além de *Sitti's Secrets* (1997), baseado na vida de sua avó em uma pequena aldeia palestina.

NATHALIE HANDAL (?-) – nasceu no Haiti, de uma família palestina de Bethlehem. Seu mais recente livro de poesias, *Life in a Country Album* (2019), recebeu o Prêmio Livro Palestino.

NIBAL THAWABTEH (?-) – nasceu em Bayt Fajar, no distrito de Bethlehem. Foi a primeira mulher eleita para o Conselho Municipal de sua aldeia. Entre seus contos está *My Shoe Size and Others People's Views on the Matter*, publicado na antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

NUHA SAMARA (1944-1992) – nasceu em Tulkarm. Escritora de contos. Um deles, *The Tables Outlived Amin*, consta da antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

RAEDA TAHA (1965-) – nasceu em al-Quds. Atriz e escritora, um de seus contos, *A Single Metre*, foi publicado na antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

RAFEEF ZIADAH (1979-) – nasceu em campo de refugiados no Líbano. Reúne seus poemas recitados em álbuns digitais como *We Teach Live* (2015) e *Three Generations* (2020).

RANDA ABDEL FATTAH (1979-) – palestino-australiana. Atuou em diversas organizações, entre as quais a Campanha Palestina de Direitos Humanos, o Conselho Árabe-Australiano e o Centro de Recursos para Migrantes de Vitória (Austrália). Tem sete livros publicados, entre eles *Where the Streets Had a Name* (2010).

RANDA JARRAR (1978-) – palestino-americana. Romancista aclamada, entre seus livros está *A map of home* (2009).

RAYMONDA HAWA-TAWIL (1940-) – nasceu em Akka e mudou-se para a Jordânia em 1957, renunciando à cidadania árabe-israelense. Retornou à Palestina ocupada, mas para Nablus, onde atuou na União de Mulheres Árabes. Passou a publicar a revista *Al-Awda* (O retorno) em 1978. Foi presa várias vezes por suas atividades políticas e jornalísticas. Após sofrer atentados a sua vida, mudou-se para Paris com seu marido em 1980. Sua filha Suha é viúva de Yasser Arafat. Além de poesias, escreveu a autobiografia *My Home, My Prison* (1980).

RULA JEBREAL (1978-) – nasceu em Haifa e cresceu no orfanato de Dar El Tifl após a morte de sua mãe. Entre seus romances está *A estrada das flores de Miral* (2009), traduzido para o português por Fabiana Colasanti, o qual combina personagens fictícios e reais, como Hind Al-Huseini.

SAHAR HAMOUDA (?-) – nasceu no Egito. Entre seus principais livros está o romance *Once Upon a Time in Jerusalem* (2010).

SAHAR KHALIFEH (1941-) – nasceu em Nablus, onde fundou o Centro de Assuntos das Mulheres local. Seu primeiro romance foi escrito em 1974. Venceu vários prêmios literários, como a Medalha de Ouro Qassem por Escritos Feministas e a Medalha Naguib Mahfouz. Entre suas obras estão *Wild Thorns* (1975), *The Sunflower* (1980), *The Inheritance* (1997), *The End of Spring* (2008), *Of Noble Origins: A Novel* (2012) e *My First and Only Love* (2021).

SALLY BAHOUS (1939-) – nasceu na aldeia de al-Tabgha, na região de Ṭabarīyā (Tiberias). Seu livro de memórias é intitulado *Under Olive Trees: The Odyssey of a Palestinian-American Family* (2010). Também é autora do livro infantil *Sitti and the Cats: A Tale of Friendship* (1997).

SALMA KHADRA JAYYUSI (1926?-) – nasceu no leste da Jordânia. Viveu sua infância em Akka e Al Quds. Fundou o Prota em 1980. Publicou suas poesias e escritos críticos em muitos jornais. Sua primeira coleção de poemas é *ʿAwda min al-nabi al-halim* (Retorne da fonte dos sonhos, 1960). Alguns de seus poemas estão reunidos em inglês em *Anthology of Modern Palestinian Literature* (1992), editado por ela.

SAMAH AL-SHAYKH (1980-) – nasceu na Arábia Saudita e hoje vive em Gaza. Um de seus contos, *At the Hospital*, consta da antologia *Qissat: Short Stories by Palestinian Women* (2006).

SAMIA NASIR KHOURY (1933-) – nasceu em Yafa. É autora da autobiografia *Reflections from Palestine – A Journey of Hope* (2014).

SELMA DABBAGH (1970-) – palestino-britânica, foi por duas vezes finalista do Prêmio Fish de Contos Paris-Beirute (2005) e Aubergine (2004). Seu primeiro romance, *Out of it: A Novel* (2012), foi aclamado com o Prêmio Opera em Spoleto (2019) e também considerado Livro Guardiã do Ano. Também reúne publicações de contos.

SONIA NIMR (1955-) – nasceu em Jenin. É autora de romances juvenis, entre eles *Wondrous Journey in Strange Lands* (2020).

SUAD AMIRY (1951-) – nasceu em Damasco, na Síria. Entre suas obras, está o romance *Sharon e minha sogra* (2004), traduzido para o português por Angela Maria Zenório Zucchi.

SUHEIR HAMMAD (1973-) – palestino-americana. Além de escritora, é atriz, tendo interpretado a protagonista Soraya no filme de ficção *O sal desse mar* (2008). Seu primeiro livro de poemas é *Born Palestinian, Born Black & The Gaza Suit* (1996). É autora ainda de *Breaking Poems* (2009), entre outras produções literárias.

SULAF AL-HIJAWI (1934-) – nasceu em Nablus. Publicou diversos estudos, sendo o mais importante deles sobre poesia de resistência na Palestina ocupada (1982). Também verteu para o árabe poemas do espanhol Federico García Lorca (1898-1936). Publicou o livro de poesias *Ughniyat Filistin* (*A canção da Palestina*, 1977) e tem poemas traduzidos para o inglês pelo Prota, reunidos em *Anthology of Modern Palestinian Literature*.

SUMAYA FARHAT NASER (1948-) – nasceu em Birzeit. Atuou como gerente do Centro para Mulheres de al-Quds de 1997 a 2001. Entre seus livros, está *Daughter of the Olive Trees – A Palestinian Woman's Struggle for Peace* (2003).

SUSAN ABULHAWA (1970-) – nasceu em um campo de refugiados em Al Quds e hoje vive na Pensilvânia (EUA). É ativista de direitos humanos, sendo engajada à campanha de Boicote, Desinvestimento e Sanções a Israel (BDS) e fundadora da ONG Playgrounds pela Palestina. Entre seus romances estão *A cicatriz de David* (2006) e *O azul entre o céu e a água* (2017), traduzidos para o português respectivamente por Maria Alice Máximo e Jeane D. Clack.

SUSAN MUADDI DARRAJ (?-) – palestino-americana. Escritora de livros infantis, como a coleção *Farah Rocks* (2020-2021).

WAFI DARWISH (1963-) – nasceu em Al Quds. Professora de Literatura da Universidade de Birzeit, é autora do livro autobiográfico *Not Done With Life Yet* (2014), lançado no Museu Mahmoud Darwish, em Ramallah.

YASMINE ZHRAN (1933-) – nasceu em Ramallah e vive em Paris. Trabalhou para a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco). Entre seus romances estão *A Beggar at Damascus Gate* (1995) e *Lament for Jerusalem* (2013).

SOMENTE EM ÁRABE

ADIYA ABDUHADI (192?) – nasceu na aldeia de ´Arraba, na região de Jenin. Entre seus livros estão o romance *Ghaliya (Amada, 1988)* e a coletânea de poesias *Ma´na fi-l-qimma (Juntos no cume, s.d.)*.

´AISHA AL´-RAZIM (1952-) – nasceu no campo de refugiados al-Nuway´ma, em Jericó, e vive em Amman. Tem uma coleção de ensaios críticos sobre o trabalho do poeta palestino Samih al-Qasim e é autora, entre outros, dos livros de contos *al-Asir (O prisioneiro, 1985)* e de poesias *Junud al-Aqsa (Soldados de al-Aqsa, 1986)*.

ANISA DARWISH (1941-) – nasceu na aldeia de al-Maliha, distrito de al-Quds. Entre suas coletâneas de poesias está *Sitr al-layl (A cortina da noite, 1994)*.

ASIYA SHIBLI (?-) – nasceu na aldeia de al-Shibli, Palestina ocupada em 1948. Autora de poesias e romances, entre eles *Safinat nub (Arca de Noé, 1994)*.

ASMA´ TANNUS (1946-) – nasceu em al-Makar, Palestina ocupada em 1948. Autora de livros de poesias, entre os quais *Bustan al-aghani (Jardim da canção, 1993)*.

´AYDA KHATIB (?-) – nasceu em Shafa Amr´, Palestina ocupada em 1948. Entre seus livros de poesias está *Hamama muntasaf al-layl (A pomba da meia-noite, 1994)*.

CECILE KAHILI (1958-) – nasceu em Tarshiha, Palestina ocupada em 1948. Sua produção literária inclui coletâneas de poesias como *al-Zill (A sombra, 1983)* e *Takwin (Criação, 1992)*.

DA´D AL-KAYYALI (1935-) – nasceu em Ramle e depois da *Nakba* refugiou-se com a família em Gaza, posteriormente passou a viver no Kuwait. Sua produção literária inclui o livro de poesias *Wa lima tamturi ya ghuyum (Nuvens, porque chovem, 1970)*.

DIMA AL-SAMMAN (196?) – nasceu em al-Quds. É membro da União de Autores e Escritores Palestinos. Entre suas produções literárias está o romance *al-Qafila (A caravana, 1993)*.

FATHIYA AL-QALLA (1942-) – nasceu em Safad e refugiou-se com a família na Síria após a *Nakba*. Depois de se casar, mudou-se para Doha, Qatar. Sua produção literária inclui o romance *Kan yushbihuni (Ele se parecia comigo, 1997)*.

FATIMA DHIYAB (1951-) – nasceu na aldeia de al-Tamra. Suas obras incluem literatura infantil e contos como *Rihla fi qitar al-madi (Uma jornada no trem do passado, 1972)*.

GHADA AL-SHAFI´I (1977-) – nasceu em Akka. Autora do livro de poesias *al-Mashhad yukhabbi´ sahilan (A cena esconde um relincho, 1999)*.

GHADA DAHLA (1964-) – nasceu na aldeia de Qar´na, Palestina ocupada em 1948. Publicou a coletânea de poesias *al Bahth fi-l-`uyun al-sahira (Em busca de olhos despertos, 1983)*.

GHUSUN RAHHAL (?-) – Autora do romance *Muzayik (Mosaico, 1999)*.

HADIYA SALALIHA (1968-) – nasceu em Bayt Jann, Palestina ocupada em 1948. É autora do romance *Ajras al-rahil (Sinos da partida, 1989)*.

HALA BITAR NASHIF (1932-) – nasceu em Ramle. Entre outras obras, é autora do livro de contos *Urid huwwiya (Eu quero uma identidade, 1993)* e da novela *al-Ruju´ (O retorno, 1996)*.

HANAN ´AWWAD (1951-) – nasceu em al-Quds. É poeta, presidente da regional palestina da Liga Internacional de Mulheres para a Paz e Liberdade. Publicou diversos estudos críticos, incluindo um sobre o impacto da *Nakba* no trabalho de Samira Azzam e um sobre a poesia de mulheres palestinas.

HIYAM RAMZI AL-DURDUNJI (1942-) – nasceu em Yafa e vive em Amman, sendo membro da Liga de Escritores da Jordânia. Publicou um estudo sobre Fadwa Tuqan, além de várias coletâneas de poesias, entre as quais *Zahrat fi rabi´ al-`umr (Flores na primavera da vida, 1966)*, e romances como *Ila-l-liqa´ fi Yafa (Adeus em Yafa, 1970)*.

´ITAF SA´ID JANIM (1953-) – nasceu em Baqa, perto de Tulkarm, e vive em Irbid, Jordânia. Entre seus livros de poesias está *Li-zaman sayaji´ (Por um tempo que virá, 1983)*.

ILHAM ABU GHAZALA (1939-) – nasceu em Yafa. Atua em organizações de defesa dos direitos das mulheres. Entre seus livros, estão o de contos intitulado *Nisa´ mim al-sant (Mulheres do silêncio, 1997)* e o infantil *Lawza Tughani li-l-shajar (Lawza canta para as árvores, 1998)*.

IMAN BASIR (?-) – nasceu em al-Tiba, perto de Ramallah. Entre seus livros de contos está *Marfa´ farah (Doca da alegria, 1994)*.

IMTITHAL JUWAYDI (194?-) – nasceu em Yafa e refugiou-se com a família no Líbano após a *Nakba*. É autora do romance *Shajarat al-subbayr (O cacto, 1972)*.

JACQUELINE HADDAD (1965?-) – nasceu em al-Jishsh, Palestina ocupada em 1948. É autora do livro de contos *Khutut al-suf (Linhas de lã, 1997)*.

KHULUD MUHAMMAD NAZZAL (1969-) – Autora do livro de poesias *Tafasil al-hum al-qadim (Detalhes do sonho antigo, 1998)*.

LAMIS KANA´ANA (1961-) – nasceu em al-Nasra. É autora de *Qasa´id sadiqa (Poemas sinceros, 1992)*.

LAYALI BADR (1957-) – nasceu em Jericó. É irmã de Liyana Badr, escritora de livros infantis e cineasta.

LAYLA ´ALLUSH (1948-) – nasceu e vive em al-Quds. Sua primeira coleção de poesias é *Buhar ´ala al-Jurh al-Maftul (Pimentas na ferida aberta, 1971)*, seguida de *Sinin al-qabt ya qalbi (Anos de seca, meu coração, 1972)*. Na mesma década e na seguinte, ela publicou ainda quatro outros livros.

LAYLA AL-SAYIH (1936-) – nasceu em Haifa e vive no Kuwait. Autora de poesias e contos, entre os quais *´Awdat al-banafsaja (Retorno da violeta, 1990)*.

LILY KAMIL KARNIK (1939-) – nasceu em Tulkarm. Entre seus livros de poesias está *Ajnibat al-qamar (As asas da lua, 1973)*.

MANAL AL-NUJUM (1972-) – nasceu em al-Quds. É autora do livro de poesias *Wujub wa maraya (Rostos e espelhos, 1998)*.

MUNIRA MISBAH (?-) – nasceu em Beirute. Além de literatura infantil, publicou coletâneas de poesias como *Sayyidat al-bara ´im (Mulher das flores, 1988)*.

MUNIRA QAHWAJI (1947) – nasceu em Ṭabarīyā (Tiberias) e vive em Irbid, na Jordânia. Além de literatura infantil, é autora de contos e romances, entre estes últimos *Nafidhatan ´ala-l-watan (Duas janelas na pátria, 1989)*.

MUNIRA SHURAYH (1955-) – vive em Amman. Autora de literatura infantil e da peça de teatro *Lahzat Intibah (Um momento de atenção, 1989)*.

MUNYA SAMARA (195?-) – Poeta, autora de obras como *Kitab al-nahr wa-l-hahr wa ma baynahuma (O livro do rio e do mar – e o que repousa entre eles, 1992)*.

NADIRA ´ABD AL-HAYY (1973-) – nasceu em al-Tira. Publicou um livro de poesias intitulado *Zami´a al-shawq (Paixão árida, 1995)*.

NADIRA SURURI (1940-) – nasceu em Nablus. Autora do livro de poesias *Makhad imra ´a (Dores do parte de uma mulher, 1976)*.

NAJLA´ MUHAMMAD SHAHWAN (1960-) – nasceu em al-Quds. Publicou dois estudos de literatura infantil. Autora de livros de poesias, entre os quais *Filistin ya taw´am am al-rub (Palestina, o espírito gêmeo, 1990)* e *´Abiq al-yasamin (Perfume de jasmin, 1995)*.

NAYFA ´AWAD (1959-) – nasceu em Kafr Yasif. Atriz de teatro e poeta, entre seus livros estão *al-Bahth ´an safar al-rijal (Olhe para o livro dos homens, 1986)* e *Rijal hawl shams al-nahar (Homens em dias de sol, 1987)*.

NAZIK SAHA YARID (1928-) – nasceu em al-Quds. Publicou muitos estudos sobre poesia árabe moderna e clássica. É membro da Aliança de Pesquisadoras e da Aliança de Defesa da Mulher contra a Violência. Em 1999 recebeu da Associação de Escritores Libaneses o Prêmio Melhor Ficção Juvenil. Entre seus romances está *Kan al-ams ghadan* (*Ontem era amanhã*, 1988).

NIDA´ KHURI (1959-) – nasceu na aldeia de Fassuta, Palestina ocupada em 1948. Sua produção literária inclui a coletânea de poesias *U´lin lak samti* (*Declaro a você meu silêncio*, 1987).

NIHAY DAMUNI (1953-) – nasceu em Shafa Amr´, Palestina ocupada em 1948. Entre seus livros de contos está *Sira´ ma´a al-zaman* (*Um conflito com o tempo*, 1994).

NI´MAT KHALID (1958-) – nasceu na Síria. É autora de estudos críticos, romances e contos. Entre os últimos está *Nisa´* (*Mulheres*, 1999).

NUHA ZA´RUB QA´WAR (1936-) – nasceu em al-Nasra. É dramaturga e autora de coletâneas de poesias como *Shajarat al-majd* (*Árvore da glória*, 1995).

RAJA´ ABU GHAZALA (1942-1995) – nasceu em Beirute, Líbano. Além de escritora, era fotógrafa, pintora, jornalista e tradutora. Entre suas obras estão os livros de poesias *Ma´ak astati´ igbitiyal al-zaman* (*Com você posso matar o tempo*, 1977) e de contos *al-Mustarada* (*A caçada*, 1988).

RAJA BAKRIYA (1970-) – nasceu na Galileia. Entre suas obras está o romance *´Uwa´ al-dhakira* (*Uivo da memória*, 1995).

RAJWA ´ASSAF (1948-) – nasceu em Jenin. Publicou o livro de poesias *al-Khubz fi baladi* (*O pão em meu país*, 1969).

RANA NAZZAL (1969-) – É autora de um estudo não publicado intitulado *Qasidat al-nathr wa Unsi al-Hajj*, sobre a produção literária do poeta libanês Unsi al-Hajj (1937-2014), e do livro de poesias *Fima kan* (*Desde que era*, 1998).

RIM HARB (1959-) – nasceu em Gaza, refugiada de 1948. Entre seus livros de poesias está *Thamarat li-l-´ishq* (*Tâmaras para o amor*, 1999).

RUQAYA ZAYDAN (1958?-) – nasceu na aldeia de Yamma, na Palestina ocupada em 1948. Entre seus livros de poesias está *Dakhalt hada´iq ummati* (*Entre no jardim da minha nação*, 1986).

SALMA LAHHAM (1942-) – nasceu em Haifa e refugiou-se com a família na Síria após a *Nakba*. É autora de *al-Intizar* (*Espera*, s.d.) e *A´wad al-thiqab* (*Palitos de fósforo*, 1971).

SALWA AL-BANNA (1948-) – nasceu em Yafa. Romancista e escritora de contos, é membro da União de Escritores e Jornalistas Palestinos e da União de Autores Árabes. Entre suas obras estão os romances *ʿAruf khalf al-nahr* (*Uma ponte além do rio*, 1970) e *al-Ati min al-masafat* (*Vindo de longe*, 1977), além do conto *Kawabi al-farah* (*Pesadelos de alegria*, 1984).

SALWA SAʿID (1945-) – nasceu em Jenin. Entre suas coletâneas de poesias está *Nawaris bila ajniba* (*Gaivotas sem asas*, 1992).

SAMIRA AL-KHATIB (1948-) – nasceu em al-Quds e vive nos Estados Unidos. Publicou alguns de seus trabalhos sob o pseudônimo Layla al-Maqdisiya. É autora do livro de poesias *al-Qariya al-zaniya* (*A aldeia impertinente*, 1971).

SAMIRA AL-SHARBATI (1943-) – nasceu em al-Khalil (Hebron). Escreveu diversos romances e poemas que não foram publicados. Entre as coletâneas publicadas está *Kalimat li-l-zaman al-ati* (*Palavras para a próxima era*, 1977).

SAMIYA ʿATʿUT (1958-) – nasceu em Nablus e vive em Amman. É membro da Liga de Escritores da Jordânia, da qual recebeu prêmio por obra ficcional em 1986. Entre seus livros de contos está *Tuqus untha* (*Um ritual de mulher*, 1990).

SANAʿAL-SAʿID (?-) – nasceu em al-Nasra. É autora dos livros de poesias *Lan aqul wadaʿan* (*Não direi adeus*, 1986) e *Lana nuqush ʿala janahay farasha* (*Inscritos nas asas da borboleta*, 1988).

SHADIYA SANBAR (?-) – poeta autora de *El Dar* (1978)

SHAHLA AL-KAYYALI (1941-) – nasceu em al-Lydd e se refugiou em Amman após a *Nakba*. Sua produção literária inclui coletâneas de poesias, entre elas *Kalimat fi-l-jurb* (*Palavras feridas*, 1985).

SHAWQIYA ʿURUQ (1957-) – nasceu em al-Nasra. Poeta e escritora de contos, entre os quais *Imra ʿa bila ayyam* (*Uma mulher sem dias*, 1979).

SHUROOQ DOGHMOSH'S (1999-) – nasceu em Gaza. Autora do romance *Laqad wajadt juthati* (*Encontrei meu cadáver*, 2020).

SIHAM ʿARIDA (1947-) – nasceu em Haifa e hoje vive em Jenin. Entre suas obras estão os livros de contos *Durub al-shatat wa qisas ukbra* (*Os caminhos da diáspora e outras histórias*, 1995) e *Famal al-Mahamil* (*O camelo*, s.d.).

SIHAM ʿAYTUR SHAHIN (?-) – nasceu em Haifa e vive na Síria. Autora do livro de poesias *al-lbhar fi-l-mawasim al-saʿba* (*A navegação em tempos difíceis*, s.d.).

SIHAM DAWUD (1952-) – nasceu em Ramle. Entre suas coletâneas de poesias está *Hakadha ughanni* (*Assim é como eu canto*, 1979).

SUAD QURMAN (?-) – nasceu na aldeia de Ibtin, região de Haifa. É autora do livro de poesias *Hanin al-hazar* (*Saudade do rouxinol*, 1995).

THERESE FARID HADDAD (1948-) – nasceu em Amman. É dirigente do Comitê de Mulheres do Sindicato dos Jornalistas da Jordânia. Entre seus contos está *Hatta naltaqi* (*Até nos encontrarmos*, 1973).

UMAYMA RAFIQ JABBARIN (1967-) – nasceu em Umm al-Fahm, Palestina ocupada em 1948. É autora do livro de poesias *Imra'at al-rih* (*Mulher do vento*, 1994);

WIDAD AL-BARGHUTHI (1958-) – nasceu em Kubar, no distrito de Ramallah. Entre seus livros está a coletânea de poesias *Suqut al-zill al-'ali li-l-fuqara' faqat* (*Queda da sombra alta – apenas para os pobres*, 1991) e o romance *Dhakira la takhun* (*Memória não mente*, 1999).

ZAHA BAHLUL (1946-) – nasceu em Haifa. Publicou o livro de poesias *Mama li-alf tiftl* (*Mãe de mil crianças*, 1985)

ZAHIRA ZAQTAN (195?-) – nasceu no campo de refugiados 'Aqbat Jabr. Membro da Liga de Escritores da Jordânia. Autora de contos e romances, entre os últimos *al-Mawa'id* (*Apontamentos*, s.d.).

ZAYNAB HABASH (1941) – nasceu em Bayt Dajan, distrito de Yafa, e vive em Ramallah. Entre seus livros está o de contos *Qalat li al-zanhaqa* (*O lírio me disse*, 1993).

ZAYDA 'ATSHA (1964-) – nasceu em Daliyat al-Karmel, perto de Haifa. Publicou o livro de poesias *al-Dumu' al-bakiya* (*Lágrimas caindo*, 1995).

ZINAT ABU SHUMAYS (1948-) – nasceu em Yafa e hoje vive em Amman. Publicou o livro de contos *Abjadiya 'ala jidar al-qalb* (*Um alfabeto nos muros do coração*, 1989).

Fontes:

ASHOUR, Radwa; GHAZOUL, Ferial J.; REDA-MEKDASHI, Hasna (eds.). *Arab Women Writers – A Critical Reference Guide, 1873-1999* (Cairo and New York: The American University in Cairo Press, 2008)

GLANVILLE, Jo (ed.). *Qissat – Short Stories by Palestinian Women* (London/San Francisco: Telegram, 2006)

HANDAL, Nathalie (ed.). *The Poet of Arab Women – A Contemporary Anthology* (Brooklyn-New York: Interlink Books, 2001).

HASSAN, BUDOUR. The end of the world: poet Dima Yousef's Journey from yarmouk to Algiers, 29 de outubro de 2016. Disponível em: <https://arablit.org/2016/10/29/the-end-of-the-world-poet-dima-yousefs-journey-from-yarmouk-to-algiers/>. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

JAYYUSI, Khadra Salma (ed.). Anthology of Modern Palestinian Literature (New York: Columbia University Press, 1992)

MERUANE, Lina. Tornar-se Palestina. Tradução: Mariana Sanchez (Belo Horizonte: Relicário, 2019)

PASSIA, The Palestinian Academic Society for the Study of International Affairs. PALESTINIAN AUTHORS AND THEIR NOVELS AND MEMOIRS. Disponível em: http://passia.org/media/filer_public/8e/d0/8ed022da-b440-4b2d-920d-cd5e4d3a780c/palestinian_authors_and_their_novels_and_memoirs.pdf. Acesso em: 12 de dezembro de 2021.

Websites das escritoras palestinas:

ABDUL-BAKI, Kathrin K.: <https://kathrynabdulbaki.com/>

HAMMAD, Suheir: <http://suheirhammad.blogspot.com/>

HANDAL, Nathalie: <https://www.nathaliehandal.com/>

JARRAR, Randa: <https://randajarrar.com/>

TATOUR, Dareen: <http://dareen-tatour.net/>

ZIADAH, Rafeef: <https://www.rafeefziadah.net/>